



JOSEPH CONRAD

O Coração das Trevas



LANDMARK

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS / INGLÊS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

JOSEPH CONRAD

O CORAÇÃO DAS TREVAS

EDIÇÃO BILÍNGUE

HEART OF THE DARKNESS



2011

Copyright © 2011 by EDITORA LANDMARK LTDA.

Todos os direitos reservados à EDITORA LANDMARK LTDA.

Primeira edição: J. M. Dent & Sons Ltd. : Londres, 1902.

Publicado inicialmente na Blackwood Edinburgh Magazine entre fevereiro e abril de 1899.

Texto adaptado à nova ortografia da língua portuguesa Decreto no 6.583, de 29 de setembro de 2008

Diretor editorial: Fabio Cyrino

Diagramação e Capa: Arquetipo Design+Comunicação

Tradução e Notas : Fabio Cyrino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

CONRAD, Joseph (1857-1924)

O CORAÇÃO DAS TREVAS - Heart of the Darkness

Joseph Conrad; (tradução e notas Fabio Cyrino)

São Paulo : Editora Landmark, 2011.

Título Original: Heart of the Darkness

Edição bilíngue : inglês / português

ISBN 978-85-88781-95-5

e-ISBN 978-85-88781-96-2

1. Ficção inglesa I. Título. II . Título: Heart of the Darkness

11-01954 / CDD - 823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura inglesa 823

Textos originais em inglês de domínio público.

Reservados todos os direitos desta tradução e produção.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia microfilme, processo

fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora Landmark, conforme Lei n° 9610, de 19/02/1998.



EDITORALANDMARK

Rua Alfredo Pujol, 285 - 12° andar - Santana

02017-010 - São Paulo - SP

Tel.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-mail: editora@editoralandmark.com.br

www.EDITORALANDMARK.com.br

Impresso em São Paulo, SP, Brasil

Printed in Brazil

2011

As três histórias deste volume não pretendem possuir um propósito artístico unificado. O único laço existente entre elas é a época em que foram escritas. Elas pertencem ao período imediatamente posterior à publicação d’“O Negro abordo do Narciso” e precedem à concepção de “Nostromo”, dois livros que, para mim, aparentam estar afastados um do outro dentro do corpo de minha obra. É também a época durante a qual contribuí para “Maga”[2]; um período dominado por “Lorde Jim” e associado dentro da mais agradável lembrança da útil bondade e do encorajamento prestados pelo finado senhor William Blackwood.

“Juventude” não foi a minha primeira contribuição para “Maga”. Foi a segunda. Mas aquela história marca a primeira aparição no mundo de Marlow, o personagem com o qual minhas relações cresceram em intimidade ao longo dos anos. As origens daquele cavalheiro (ninguém até onde eu sei sequer suspeitou que ele fosse algo menor do que isto) – as origens dele – tenho o prazer de dizer – foram temas de algumas especulações literárias de qualidades bem amigáveis.

Alguém poderia pensar que somente eu poderia apropriadamente lançar certa luz sobre a questão, mas, na verdade, mas descobri que não é assim tão fácil. É prazeroso lembrar que ninguém o acusou de possuir propósitos fraudulentos ou ter olhado para ele com superioridade como se ele fosse um charlatão apesar de ele ter sido classificado com todo tipo de adjetivos: um filtro engenhoso, um mero instrumento, um “impostor”, um espírito familiar, um “demônio” murmurante. Eu mesmo sou suspeito de integrar um plano premeditado para a captura dele.

Mas não é assim. Eu não tinha feito nenhum planejamento. O homem Marlow e eu nos encontramos de modo casual, como aqueles conhecidos de balneários que muitas vezes se tornam grandes amigos. Nossa amizade amadureceu. Apesar de toda a positividade dele com relação a certas opiniões ele não é uma pessoa revoltada. Ele assombra as minhas horas de solidão, quando, no silêncio, nós deitamos as nossas cabeças juntos com grande conforto e harmonia, mas quando nos despedimos ao final de um conto nunca podemos ter certeza de que não será a última vez. Ainda que eu não acredite que qualquer um de nós pudesse sobreviver ao outro. No caso dele, de qualquer modo, a ocupação dele continuaria e ele sofreria daquela extinção, pois suspeito que ele seja de algum modo vaidoso. Não me refiro à vaidade em um sentido salomônico. De todas as minhas criações ele é o único que nunca me perturbou o espírito. Um homem compreensivo e na maioria das vezes discreto...

Mesmo antes de ser publicado no formato de livro “Juventude” foi muito bem recebido. Ele depende de mim para confessar o mínimo, e este é um lugar tão bom para ele quanto para qualquer outro, o melhor lugar que tive em minha vida – em minhas duas vidas – o filho adotado e mimado da Grã-Bretanha e mesmo do Império, pois a Austrália foi quem me deu o meu primeiro comando. Eu subdivido esta declaração não por causa de uma tendência oculta à megalomania, mas, ao contrário, por ser um homem que não tem muitas ilusões insignes sobre si mesmo. Eu sigo os instintos do orgulho e da humildade natural de toda a humanidade. Pois é muito difícil negar que não são pelos seus próprios

méritos que os homens se orgulham, mas particularmente pela sua sorte extraordinária e por sua fortuna maravilhosa: orgulhosos por tudo aquilo que em suas vidas são sacrificadas e oferecidas graças sobre os altares de deuses inescrutáveis.

“O Coração das Trevas” também recebeu certa atenção a princípio; e sobre a sua origem algo precisa ser dito: é bem sabido que os homens curiosos se lançam a toda sorte de lugares (onde não se possui qualquer vínculo) e saem de lá com todo tipo de espólio. Esta história e uma outra, que não fazem parte deste volume, são os despojos que eu trouxe das regiões centrais da África, onde na verdade eu não possuía qualquer vínculo. Mais ambicioso em seu escopo e maior em sua narrativa, “O Coração das Trevas” é tão autêntico quanto aos seus fundamentos quanto “Juventude”. Obviamente é escrito de outra maneira. Não vou descrever o estilo precisamente, mas qualquer pessoa pode ver que ele possui qualquer coisa menos um estilo repleto de melancolia e de ternura remanescente.

Uma outra observação pode ser adicionada. “Juventude” é uma proeza de recordação. É um registro de vivência; mas aquela vivência, em seus fatos, sua intimidade e sua tonalidade exterior, começa e termina em mim mesmo. “O Coração das Trevas” também é uma vivência, mas é uma vivência um pouco alterada (e somente um pouco) para além dos fatos reais do caso de uma legitimidade perfeita – assim acredito – com o propósito de torná-la reconhecível às mentes e anseios dos leitores. Não há nela nada mais que uma questão de sincera coloração. No geral, ela era como qualquer outra forma de arte. Àquele tema sombrio tinha que ser dado uma ressonância sinistra, uma tonalidade em todo particular, uma vibração contínua que, eu esperava, permanecesse no ar e ecoasse aos ouvidos após a última nota ser tocada.

Após dizer tanto, ainda resta o último conto do livro, ainda intacto. “O Fim da Corrente” é uma história sobre a vida no mar apresentada de um modo muito especial; é a observação mais próxima que eu posso dizer sobre ele, pois tendo vivido aquela vida completamente, por entre homens, pensamentos e sensações, descobri ser possível, sem o mais leve temor, com toda a sinceridade de coração e paz de consciência, conceber a existência da personalidade do capitão Whalley e relacioná-la de alguma maneira ao seu fim. Esta declaração adquiriu certa força a partir das circunstâncias existentes nas páginas daquela história – uma boa parte do livro – pois também é o produto de uma vivência. Aquela vivência pertence (como no caso de “Juventude”) aos tempos anteriores quando eu sequer imaginava transmitir algo com minha pena para o papel. O quanto dela é “realidade”, cabe aos leitores determinar. Alguém poderá conseguir capturar alguns fatos aqui e acolá. Os mais hábeis poderão torná-los mais reais e, com isso, toda a composição mais interessante. Mas neste ponto nos aproximamos da região oculta dos valores artísticos, uma região imprópria e de fato muito perigosa para eu ingressar. Examinei as provas, corriji um ou dois erros de impressão, alterei uma ou outra palavra... isso foi tudo. Não é muito provável que eu releia “O Fim da Corrente” novamente. Nada mais precisa ser dito. Ele se harmoniza perfeitamente com os meus sentimentos ao se separar do capitão Whalley através de um silêncio afetuosos.

[1] A presente “Nota do Autor” foi elaborada por Joseph Conrad em 1917 como parte integrante da edição conjunta de três de seus contos, publicada em 1923. Naquela edição em conjunto das obras “O Coração das Trevas”, “Juventude: Uma narrativa” (publicada inicialmente em 1898) e “O Fim da Corrente” (publicado em 1902), Conrad apresenta os pontos que o nortearam na elaboração de suas histórias.

[2] “Maga” ou mais formalmente conhecida “Blackwood’s Edinburgh Magazine” foi uma das mais importantes revistas literárias da Inglaterra, publicada entre 1817 e 1980. A mistura de sátiras, resenhas e críticas, ao mesmo tempo grosseiras e significativas, a tornaram extremamente popular. Publicou trabalhos dos românticos Percy Shelley, Samuel Coleridge e William Wordsworth e recebeu contribuições de George Eliot, John Buchan e Joseph Conrad, onde o mesmo publicaria a versão original de “O Coração das Trevas” em três capítulos mensais, entre fevereiro e abril de 1899.

O “Nellie”, um veleiro de cruzeiro, lançou sua ancora sem, contudo, sacudir suas velas, e ficou parado. A maré tinha subido e o vento praticamente havia parado e, uma vez que descia rio abaixo, a única coisa que podia ser feita era descansar e esperar a maré abaixar.

O estuário do Tâmis se estendia diante de nós como o início de um interminável canal. Ao largo, o mar e o céu se uniam, sem que houvesse uma junção, e as velas dos barcos, amareladas pelo sol, que eram levados pela corrente pareciam imóveis, agrupadas em lonas vermelhas, pontuadas severamente com o brilho dos mastros envernizados. Uma neblina repousava sobre as terras baixas que corriam para o mar em uma planície que desaparecia aos poucos. O ar foi tomado pela penumbra logo acima de Gravesend e um pouco antes dela ainda parecia condensado em uma melancolia desoladora, lançando uma imobilidade sobre a maior e mais grandiosa cidade do mundo.

O Diretor das “Companhias” era nosso capitão e nosso anfitrião. Nós quatro olhávamos com grande carinho para as suas costas enquanto ele permanecia de pé na proa do navio olhando para o lado da praia. Em todo rio não havia nada que parecesse tão náutico. Ele se assemelhava a um prático o que para um marinheiro era a personificação da confiança. Era difícil perceber que o trabalho dele não estava lá fora, no estuário reluzente, mas atrás dele, dentro da melancolia desoladora.

Entre nós havia, e isso eu já disse em algum outro lugar, certa ligação com o mar. Além de manter os nossos corações unidos através de longos períodos de separação, ele tinha o efeito de nos tornar tolerantes com as histórias – e as convicções – de cada um de nós. O Advogado – o melhor de nossos velhos companheiros – por causa de sua idade e de suas inúmeras virtudes possuía a única almofada do tombadilho e estava deitado sobre a única manta de viagem. O Contador tinha trazido uma caixa de dominós e estava brincando com eles, montando estruturas arquitetônicas com as peças de marfim. Marlow sentava-se com as pernas cruzadas diante da popa, recostado ao mastro de mezena. Ele tinha as bochechas afundadas, uma compleição amarelada, as costas muitas eretas, um aspecto ascético e, com os braços cruzados, com as palmas voltadas para dentro, fazia lembrar a imagem de um ídolo. O Diretor, assegurando-se de que a âncora havia sido bem lançada, retornou em direção à popa e sentou-se entre nós. Nós trocamos poucas palavras, estas mesmas cheias de preguiça. Depois de um tempo, um silêncio se apoderou de todo o veleiro. Por alguma razão ou outra, nós não começamos a jogar dominó. Ficamos meditando, lançados a mais nada além do que a plácida contemplação. O dia estava terminando com uma serenidade de um fulgor calmo e delicado. As águas brilhavam calmamente; o céu, sem uma nódoa sequer, era de uma imensidão benigna de luz purificada. A névoa característica dos pântanos de Essex se assemelhava a um tecido transparente e radiante, depurado nas elevações arborizadas de terra à dentro e drapeando os baixios do litoral com pregas translúcidas. Somente a escuridão vinda do oeste, derramando-se sobre o curso superior do rio, tornava-se mais sombria a cada minuto, como se ela se irritasse com a aproximação do sol.

E por fim, em sua queda curvada e imperceptível, o sol mergulhou logo abaixo, e de um branco radiante transformou-se em um vermelho desbotado, sem raios e sem calor, como se estivesse pronto para desaparecer de repente, tocado de morte pela garra daquela escuridão que se estendia sobre a multidão dos homens.

Logo em seguida, uma mudança se apoderou das águas e a serenidade tornou-se menos brilhante, mas muito mais profunda. O velho rio em suas amplidão descansou serenamente no declínio do dia, após eras de bons serviços realizados à raça daquelas pessoas que habitavam suas margens, derramando-se na dignidade tranquila de um canal que conduzia aos confins mais extremos da terra. Olhávamos para aquela corrente de água venerável, não sob a luz que vividamente fluía através do curto dia que vinha e ia como sempre, mas sob a augusta luz de lembranças permanentes. E, na verdade, nada é mais fácil para um homem que tem, como diz o adágio, “seguido o mar” com reverência e afeição, que evocar o grande espírito do passado que habita os baixios das margens do Tâmis. O fluxo das marés tem subido e descido em seu incansável serviço, coroando as lembranças de homens e navios por elas transportadas para o descanso dos lares ou para as batalhas dos mares. Conheceu e serviu a todos os homens de quem a nação se orgulha, de sir Francis Drake a sir John Franklin, cavaleiros todos, com ou sem títulos – os grandes cavaleiros – errantes do mar. Transportou todos os navios, cujos nomes são como jóias cintilantes na noite do tempo, desde o *Golden Hind*, retornando com as suas muradas transbordando de tesouros, sendo visitado por Sua Alteza, a Rainha, e assim passando para a enormidade da história, até o *Erebus* e o *Terror*, ligados a outras conquistas e que nunca retornaram [1]. Conheceu os navios e os homens. Eles velejaram partindo de Deptford, de Greenwich e de Erith – os aventureiros e os colonos; navios de reis e navios de homens a trabalho; capitães, almirantes, “atravessadores” sombrios do comércio com o Oriente e os “generais” comissionados das frota das Índias Orientais. Caçadores de tesouros ou perseguidores da fama, todos eles percorreram aquelas águas, portando suas espadas e seus archotes, mensageiros do poder na terra, portadores de uma centelha do fogo sagrado. Que grandeza não flutuou sobre a maré baixa daquele rio em direção ao mistério de uma terra desconhecida! Os sonhos de homens, a semente de nações, os princípios de impérios.

O sol se pôs; o anoitecer estendeu-se sobre as águas e as luzes começaram a surgir ao longo da costa. O farol de Chapman, uma criatura de três pernas erigida sobre o lodaçal, brilhava com toda força. As luzes das embarcações moviam-se à distância – um grande rodopio de luzes que ia e vinha. E mais ao oeste, na parte mais superior do curso do rio o local da monstruosa cidade ainda era marcado de modo ameaçador sobre o céu, uma escuridão refletida contra o brilho do sol, uma claridade tenebrosa sob as estrelas.

“E mesmo assim”, disse Marlow de repente, “tem sido um dos lugares mais sombrios do mundo”.

Ele era o único homem entre nós que ainda “seguia o mar”. O pior que poderia ser dito sobre ele era que ele não representava a sua classe. Ele era um

marinheiro, mas ele era também um andarilho, enquanto que a maioria dos marinheiros leva, se alguém pode se expressar desse modo, uma vida sedentária. Suas mentes são do tipo caseiro e os seus lares estão sempre junto deles – o navio; e do mesmo modo os seus países – o mar. Um navio é muito parecido um com os outros; e o mar é sempre o mesmo. Na imutabilidade de suas cercanias, os litorais estrangeiros, os rostos estrangeiros, a imensidão mutável da vida, o passado fugidio, encoberto não por um senso de mistério, mas por uma leve ignorância desdenhosa; pois não há nada de misterioso para um marinheiro além do próprio mar que é o senhor de sua existência e tão impenetrável quanto o Destino. Para o descanso, após suas horas de trabalho, uma caminhada casual ou um divertimento casual no litoral são suficientes para lhe desvelar o segredo de um continente inteiro e geralmente ele descobre que o segredo não vale a pena ser descoberto. As histórias dos marinheiros possuem uma simplicidade direta, o todo do seu significado cabendo dentro de uma casca de uma noz partida. Mas Marlow não era típico (se pudermos deixar de lado sua propensão em contar histórias), e para ele o significado de um episódio não estava dentro tal qual uma semente, mas sim, do lado de fora, envolvendo o conto que o revelava, tal qual o brilho que escapa da neblina, do mesmo modo que os halos enevoados que às vezes se tornavam visíveis pela iluminação espectral da luz do luar.

Seu comentário não era de todo surpreendente. Era algo típico de Marlow e foi aceito em silêncio. Ninguém sequer teve o trabalho de resmungar algo; e, neste instante, ele disse, vagarosamente:

“Estava pensando nos velhos tempos, quando os primeiros romanos vieram para cá dezenove séculos atrás, justo outro dia... a luz emanava do rio, desde então – talvez Cavaleiros? Sim, mas ela é como as labaredas que correm pela planície, como o relâmpago nas nuvens. Nós somos a luz que tremula – que ela possa durar tanto quanto o mundo continue girando! Mas a escuridão estava por aqui ontem. Imagine os sentimentos de um comandante de um belo – como podemos chamar mesmo? – trirreme no Mediterrâneo ao ordenar repentinamente que seguisse para o norte; cruzar apressadamente a terra dos gauleses; por uma dessas naus ao cargo de um desses legionários – que maravilhoso grupo de trabalhadores eles devem ter sido também – acostumados a construir, aparentemente por centenas deles, em um mês ou dois, se acreditarmos naquilo que lemos. Imagine-o aqui – nos extremos do fim do mundo, um mar com a cor do chumbo, um céu com a cor da fumaça, um barco tão firme quanto uma concertina – subindo este rio com mercadorias ou ordens militares ou com o que você desejar. Bancos de areia, pântanos, florestas e bárbaros – muito pouco o que se comer, adequado para um homem civilizado, nada além da água do Tâmis para se beber. Sem o vinho da Falernia por aqui; sem desembarcar. Aqui e acolá um campo militar nas pradarias, tal qual uma agulha perdida no meio do palheiro – frio, neblina, tempestades, doenças, exílio e morte – a morte espregitando-se pelo ar, nas águas e florestas. Eles deviam morrer como moscas por aqui. Ah sim, eles conseguiram sim. E fez muito bem, também, sem dúvida e, tampouco, sem pensar muito sobre tudo isso, exceto tempos depois, talvez para se vangloriar do que ele tinha feito através de sua época. Eles eram homens o suficiente para encerrar a escuridão. E talvez ele fosse encorajado pela perspectiva de uma oportunidade de uma breve promoção para a frota em Ravena, se ele tivesse bons amigos em Roma e sobrevivesse ao

horrível clima. Ou imaginem um jovem e honrado cidadão de toga – talvez muito ligado aos dados, como vocês sabem – vindo para cá na comitiva de algum pretor, de um cobrador de impostos ou mesmo de algum mercador, para melhorar suas fortunas. Desembarcando em um pântano, marchando através dos bosques e, em algum entreposto do interior, sentir que a selvageria, a selvageria primitiva, o havia circundado – toda aquela vida misteriosa que há na vastidão e que se mistura às florestas, nas selvas e nos corações dos homens selvagens. Não há uma iniciação a esses mistérios, tampouco. Ele tem que viver no meio do que é incompreensível e, ao mesmo tempo, detestável. E há também uma fascinação que vem trabalhar sobre ele. A fascinação pela abominação, como vocês bem sabem. Imaginem os arrependimentos cada vez maiores, o desejo de fuga, a repulsa impotente, a capitulação e a ira”.

Ele fez uma pausa.

“Imaginem”, ele começou novamente, libertando um dos braços a partir do cotovelo, a palma da mão para fora, e assim, com suas pernas dobradas diante dele, assemelhando-se a um Buda que pregava, vestindo roupas europeias e a uma flor-de-lótus, “Imaginem que nenhum de nós sentiria exatamente como era isso. O que nos salva é a eficiência – a devoção à eficiência. Mas esses camaradas não era grande coisa, a final. Eles não eram colonizadores; eu suspeito que a administração deles fosse meramente uma forma de extorsão e nada mais. Eles eram conquistadores e para tal você precisa apenas de força bruta – nada para se vangloriar, quando se a possui, uma vez que sua força seja apenas um acidente surgido a partir da fraqueza dos outros. Eles se apoderavam do que conseguiam tomar, apenas pelo fato de estar ali para ser tomado. Tudo era apenas roubo com violência, agravado pelos assassinatos em larga escala, e homens avançando às cegas – como é bem apropriado àqueles que enfrentam a escuridão. A conquista da terra, que na maioria das vezes significa toma-la daqueles que possuem um aspecto diferente ou narizes levemente mais achatados que os nossos, não é algo bonito quando você o olha mais de perto. O que nos redime é a ideia em si. Uma ideia que existe por detrás disso – não um pretensão sentimento, mas sim uma ideia. E uma crença altruísta na ideia – algo que você possa elevar, se curvar diante e oferecer sacrifícios para...”

Ele parou de falar. Labaredas surgiram no rio, pequenas labaredas esverdeadas, labaredas avermelhadas, labaredas embranquecidas, prosseguindo, unindo-se, sobrepondo-se, cruzando umas às outras – e então se separando rápida ou vagarosamente. O tráfego da grande cidade continuava na profundidade da noite por sobre o rio insone. Nós observávamos, esperando pacientemente – não restava mais nada a se fazer até o fim da maré alta; mas foi somente após um longo silêncio, quando ele disse, com uma voz hesitante, “suponho que os meus companheiros se lembrem que eu também já fui um marinheiro de primeira viagem, que nos demos conta de que estávamos destinados a ouvir umas das experiências inconclusivas de Marlow, pelo menos até que a maré baixa começasse a vaziar”.

“Não desejo aborrecer-lhes muito com o que aconteceu comigo pessoalmente”, começou ele, mostrando com esta observação a fraqueza de muitos dos contadores de histórias que parecem tão frequentemente ignorarem o que aqueles que o estavam ouvindo desejavam realmente ouvir; “ainda assim, para entenderem o efeito daquilo sobre mim vocês devem saber como eu cheguei lá, o que eu vi, como eu subi o rio até o ponto aonde eu viria a encontrar o pobre diabo. Era o ponto mais distante de navegação e o ponto culminante de

minha experiência. Parecia que de algum modo uma luz particular era lançada em tudo que havia em torno de mim – e em todos os meus pensamentos. Também era tudo muito sombrio – e patético – de algum modo pouco extraordinário – nem muito claro tampouco. Não, nada muito claro. E ainda assim, parecia irradiar algum tipo de luz”.

“Eu tinha por aquela época, como vocês se lembram, acabado de retornar à Londres após uma volta pelo oceano Índico, pelo Pacífico, pelos mares da China – uma dose considerável de Oriente – seis anos ou mais, e estava vagabundeando por aí, importunando-os, meus camaradas, em seus trabalhos e invadindo as suas casas, como se eu possuísse uma missão divina de lhes civilizar. Tudo isso foi muito bom por um tempo, mas após um tempo, eu realmente me cansei de descansar. Então eu comecei a procurar por um navio – acredito que seja o trabalho mais difícil que há no mundo. Mas os navios não estavam interessados em mim. E acabei me cansando daquele jogo também”.

“Vejam bem, quando eu era apenas um pirralho, eu tinha uma verdadeira paixão por mapas. Eu ficava olhando por horas para a América do Sul, para a África, ou para a Austrália, e perdia-me em todas as glórias da exploração. Aquele tempo havia muitos espaços em branco no mundo e quando eu via um desses espaços particularmente convidativo em um mapa (apesar de todos parecerem assim) eu logo punha o meu dedo sobre ele e dizia, ‘Quando eu crescer eu irei para lá’. O pólo norte era um desses lugares, isso eu bem me lembro. Bem, eu ainda não estive lá, e não tentarei ir para lá agora. O glamour se esvaiu. Outros lugares se estendiam ao longo do Equador e em toda parte, em toda latitude por ambos os hemisférios. Eu estive em alguns deles, e... bem, eu não lhes contarei sobre isso. Mas ainda havia um – o maior deles, o mais vazio de todos, por assim dizer – que eu ainda ansiava”.

“Verdade seja dita, que nessa altura ele não era mais um espaço vazio. Desde minha infância, ele tinha sido preenchido com rios e lagos e nomes. Ele tinha deixado de ser um espaço vazio, mistério delicioso – uma mancha em branco para um menino que sonhava gloriosamente sobre ele. Ele tinha se tornado um lugar de escuridão. Mas lá havia um rio em particular, um poderoso e enorme rio que, ao se olhar no mapa, se assemelhava a uma imensa cobra desenrolada com sua cabeça junto ao mar, seu corpo em descanso se alongando por sobre a vastidão do país, e com a cauda perdida nas profundezas da terra. E assim que eu vi um mapa dele na vitrina de uma loja, ele me hipnotizou como uma cobra faz com um passarinho – um pequeno passarinho tolo. Então eu me lembrei que havia uma grande empresa comercial, uma Companhia que comercializava naquele rio. Maldição! Pensei comigo mesmo, eles não podem comercializar se não tiverem algum tipo de embarcação naquele monte de água fresca – barcos a vapor! Por que eu não procurava me empregar em algum deles? Eu segui para a Rua Fleet, mas não parava de pensar nessa ideia. A cobra tinha me hipnotizado”.

“Vocês compreendem que aquela sociedade comercial era uma empresa com sede no continente?; mas eu tenho um monte de conhecidos meus que vivem no continente, pois é mais barato que aqui e não parece ser tão sujo quanto parece, pelo menos é o que dizem”.

“Devo, contudo, admitir que comecei a preocupá-los. Aquilo era um novo expediente para mim. Eu não estava acostumado a obter coisas daquela maneira, como vocês bem sabem. Eu sempre percorri o meu próprio caminho e

através de minhas próprias pernas, até onde a minha mente me levava. Eu mesmo não acreditava em mim; mas, vejam, que eu tinha que chegar lá a qualquer custo. Mas vocês acreditariam que eu tentei tudo isso através das mulheres? Eu, Charlie Marlow, coloquei as mulheres para trabalhar, para que me conseguissem um emprego. Mas céus! Bem, vejam vocês, esse pensamento me guiou. Eu tinha uma tia, uma querida e entusiástica alma. Ela me escreveu: 'Será um prazer. Eu já estou pronta para tentar qualquer coisa, qualquer coisa por você. É uma ideia gloriosa. Conheço a esposa de uma pessoa muito importante na Administração, e também um homem que tem muita influência com...'; e etc. e etc. Ela estava determinada a fazer o barulho que fosse necessário para conseguir-me uma indicação como comandante de um navio fluvial a vapor, se esse fosse o meu desejo”.

“Eu consegui a minha nomeação – é claro; e a consegui muito rápido, por sinal. Parece que a Companhia tinha recebido a notícia de que um de seus capitães tinha sido morto em uma disputa com os nativos. Aquela era a minha oportunidade e tudo isso me tornou mais ansioso ainda para partir. Foi somente meses e meses depois, quando tentei resgatar o que sobrava do corpo que ouvi que a querela original resultara de um desentendimento a respeito de algumas galinhas. Sim, duas galinhas pretas. Fresleven – este era o nome do camarada, um dinamarquês – achou que havia algo de errado com a barganha e foi ao litoral, onde começou a golpear o chefe do vilarejo com um pedaço de pau. Oh, não me surpreendi em nada com o que eu ouvi, mesmo quando me contaram que Fresleven era a mais gentil e tranquila criatura que já caminhou sobre duas pernas neste mundo. Sem dúvida alguma de que ele o era; mas já fazia um bom par de anos que ele estava envolvido com essa nobre causa, como vocês bem sabem, e ele provavelmente sentiu necessidade afinal de afirmar o seu respeito próprio de algum modo. Desse modo, ele golpeou o velho negro sem qualquer misericórdia, enquanto uma grande multidão o observava, sem acreditar no que viam, até que um outro homem – disseram-me que era o filho do chefe – desesperado por ouvir os gritos do velho, tentou afastar aquele homem branco com uma lança e, é claro, perfurou-o facilmente por entre as omoplatas. Toda a população do vilarejo fugiu para a floresta, diante da expectativa de toda sorte de calamidades, enquanto, ao mesmo tempo, o vapor que era comandado por Fresleven também partia em pânico, sob as ordens do engenheiro de bordo, acredito eu. Depois de tudo isso, ninguém parecia se importar com os restos mortais de Fresleven, até que eu aparecesse e tomasse o seu lugar. Eu não poderia deixá-lo lá, afinal; mas quando surgiu uma oportunidade afinal de encontrar o meu predecessor, a grama que crescia por entre as suas costelas já estava alta o suficiente para lhe esconder os ossos. Eles estavam todos lá. O ser sobrenatural não havia sido tocado desde que tombara. E o vilarejo estava deserto, as choupanas enegrecidas, apodrecendo, e tudo arruinado dentro das cercas caídas. Uma calamidade se abatera sobre o local, sem dúvida alguma. As pessoas tinham desaparecido. Um terror alucinado tinha se abatido sobre eles, homens, mulheres e crianças se lançaram à floresta e nunca mais retornaram. O que foi feito das galinhas também não consegui descobrir. Suponho que a causa do progresso as tenha capturado, de qualquer forma. Contudo, por meio desse glorioso negócio, obtive minha nomeação, antes mesmo de ter nutrido alguma esperança de obtê-la”.

“Eu corri como um louco para me aprontar e em menos de 48 horas já estava cruzando o Canal para me apresentar pessoalmente aos meus

empregadores e assinar o contrato de trabalho. Em algumas poucas horas, cheguei à cidade que sempre me fazia lembrar um tûmulo branco. Preconceito, sem dúvida alguma. Não tive dificuldade em encontrar os escritórios da Companhia. Era a maior construção da cidade e todo mundo com quem me encontrava se orgulhava muito dela. Eles estavam se preparando para se tornar um império ultramarino e estavam ganhando rios de dinheiro com o negócio”.

“Uma rua, estreita e deserta, lançada em profundas sombras, casas altas, inúmeras janelas com venezianas, um silêncio mortal, a grama brotando por entre as pedras, imponentes passagens arcadas para as carruagens, tanto à direita quanto à esquerda, imensas portas duplas ponderadamente entreabertas. Deslizei-me por uma dessas aberturas, subi por uma escada limpa e sem quaisquer enfeites, tão árida quanto um deserto, e abri a primeira porta que encontrei. Duas mulheres, uma gorda e outra magra, sentadas em cadeiras de palha, tricotando com lã preta. A mais magra se levantou e caminhou diretamente até mim, ainda tricotando com os olhos baixos – e somente quando eu comecei a pensar em sair de seu caminho, como você faria diante de um sonâmbulo, ela parou e levantou os olhos. Seu vestido era tão simples quanto uma capa de guarda-chuva e, voltando-se sem dizer uma palavra sequer, dirigiu-me até uma sala de espera. Eu lhe forneci o meu nome e olhei em volta. Uma mesa de pinho no meio, cadeiras de espaldar alto ao redor junto das paredes, e por fim um mapa enorme e resplandecente, marcado com todas as cores de um arco-íris. Havia uma quantidade enorme de pontos em vermelho – fáceis de serem vistos em qualquer tempo, pois qualquer um sabe que algum trabalho de verdade é feito lá, uma boa parte de pontos em azul, um pouco de verde, algumas áreas em laranja, e, na Costa Oriental, trechos em roxo, mostrando onde os alegres pioneiros do progresso bebiam a deliciosa cerveja alemã. Entretanto, eu não iria para nenhum desses lugares. Eu estava indo para as áreas amarelas. Bem para o meio delas. E o rio estava lá – fascinante – mortalmente fascinante – como uma cobra. Finalmente, uma porta se abriu, uma cabeça de secretário com cabelos encanecidos, que apresentava uma expressão cheia de compaixão, apareceu e um indicador magricelo chamou-me para dentro do santuário. A luz era turva e uma escrivadinha pesada se estendia no meio da sala. Por detrás daquela estrutura, surgiu uma imagem pálida e gordurosa, vestindo sobrecasaca. O todopoderoso em pessoa. Ele tinha cerca de um metro e setenta, pelo que pude ver, e o seu aperto de mão tinha o peso de milhões. Cumprimentamo-nos; ele murmurou algo e pelo que percebi ficou satisfeito com o meu francês. *Bon voyage*”.

“Aproximadamente quarenta e cinco segundos depois, encontrei-me novamente na sala de espera em companhia do secretário misericordioso que, cheio de desolação e simpatia, fez com que eu assinasse um documento. Acredito que me comprometi, entre outras coisas, a não revelar nenhum segredo comercial. Bem, eu não pretendia fazê-lo”.

“Comecei a me sentir um pouco desconfortável. Vocês sabem que não costumo ser muito de cerimônias e havia algo de ameaçador no ar. Era exatamente como se eu tivesse sido levado para dentro de alguma conspiração –

não sei bem – algo que de certa forma não era correto; e fiquei feliz em sair de lá. Na sala anterior, as duas mulheres tricotavam a lã preta com grande fervor. Algumas pessoas chegaram e a mais nova delas andava de um lado para o outro, apresentando-os. A mais velha delas permanecia sentada em sua cadeira. Suas pantufas de pano liso apoiavam-se sobre um aquecedor para os pés e um gato dormia em seu colo. Ela usava um pano branco engomado sobre sua cabeça, tinha uma verruga em uma de suas bochechas e óculos de aros prateados equilibravam-se na ponta de seu nariz. Ela olhou para mim por cima dos óculos. A placidez suave e indiferente daquele olhar me perturbou. Dois jovens com aparência tola e sorridente estavam sendo introduzidos ali e ela lhes lançou o mesmo olhar ágil de sabedoria indiferente. Ela parecia saber tudo a respeito deles e de mim também. Um sentimento assustador se apoderou de mim. Ela parecia misteriosa e funesta. Por várias vezes, já longe dali, pensei naquelas duas como guardiãs das portas da Escuridão, tricotando a lã preta como se fosse uma dura mortalha, uma delas conduzindo e conduzindo continuamente para o desconhecido e a outra escrutinando os rostos tolos e sorridentes com os seus velhos olhos indiferentes. *Ave! Velha tricoteira de lã preta. Morituri te salutant*[2]. Muitos destes que ela contemplou não foram capazes de vê-la novamente – nem a metade deles, se tanto”.

“Ainda deveria realizar uma visita ao médico. ‘Uma simples formalidade’, assegurou-me o secretário, com um ar de quem compartilhava imensamente parte de todas as minhas dores. Logo em seguida, um jovem indivíduo, usando um chapéu que lhe cobria a sobrançelha esquerda – algum funcionário, eu supus, pois deveria haver alguns funcionários no negócio apesar da edificação estar tão em silêncio quanto um mausoléu na cidade dos mortos – surgiu de algum lugar, vindo dos andares superiores para me conduzir. Tinha um aspecto surrado e descuidado, com manchas de tinta nas mangas de seu casaco e com uma *écharpe* grande e encapelada atada sob um queixo que mais lembrava a ponta de uma bota velha. Ainda era um pouco cedo para o médico chegar e, deste modo, sugeri tomarmos algo e por causa disso ele se mostrou mais animado. Enquanto nos entregávamos aos vermes, ele glorificava os negócios da Companhia e, aos poucos, expressei casualmente minha surpresa por ele nunca ter ido até lá. De repente, ele tornou-se muito frio e contido. ‘Não sou tão tolo quanto pareço, disse Platão aos seus discípulos’, afirmou ele laconicamente, esvaziando o seu copo com grande resolução e se levantando”.

“Um médico idoso tomou-me o pulso, evidentemente pensando em qualquer outra coisa, enquanto isso. ‘Bom, bom para lá’, ele murmurou e então, com certo entusiasmo perguntou-me se ele poderia tirar as medidas de minha cabeça. Meio tomado de surpresa, respondi que sim, no que ele pegou um instrumento, semelhante a um compasso de calibre e tirou as dimensões da frente e do fundo e as demais também, fazendo anotações minuciosas de tudo. Ele era um homem baixo, com barba por fazer, usando um jaleco esfarrapado de gabardina, com os pés metidos em pantufas, o que lhe dava um aspecto meio tolo, inofensivo até. ‘Sempre peço para me deixarem tirar as medidas do crânio daqueles que vão para lá, no interesse da ciência’, disse ele. ‘E quando eles

retornam também?”, perguntei-lhe. ‘Oh, eu nunca mais os vejo’, observou ele; ‘e, além disso, as mudanças acontecem nas partes internas, como você deve saber’. Ele sorriu, como se isso fosse algum tipo de piada. ‘Então, você está indo para lá. Excelente. Interessante também’. Ele olhou atentamente para mim, e fez outra anotação. ‘Há algum sinal de insanidade em sua família?’, perguntou-me, de um modo trivial. Senti-me muito incomodado com isso. ‘Essa pergunta também é pelo interesse da ciência?’. Sem demonstrar qualquer irritação, ele disse, ‘Seria interessante para a ciência observar as mudanças mentais dos indivíduos em situações difíceis, mas...’. ‘Você é um alienista?’[3], eu o interrompi. ‘Todo médico deveria ser... um pouco’, respondeu-me aquele ser tão original, sem nem sequer se perturbar com aquilo. ‘Eu tenho uma teoria que vocês, *messieurs*, que vão para lá devem me ajudar a provar. Esta é a minha participação nas vantagens auferidas pelo meu país pela posse de tal colônia magnífica. A mera riqueza eu deixo para os outros. Perdoe-me as minhas perguntas, mas você é o primeiro inglês que eu posso examinar...’. Apressei-me em assegurar-lhe que eu era uma pessoa muito comum. ‘Se eu fosse especial’, disse eu, ‘não estaria conversando com você nesses termos’. ‘O que você diz é bastante profundo e provavelmente muito equivocado’, disse ele, gargalhando. ‘Evito me irritar mais do que me expor ao sol. *Adieu*. Ou como dizem vocês ingleses, *Good-bye*. Ah, *Good-bye*, *Adieu*. Nos trópicos devemos, antes de qualquer coisa, manter a calma’... E ergueu o indicador em sinal de advertência... ‘*Du calme, du calme, Adieu*’”.

“Ainda restava uma coisa a ser feita – dizer adeus à minha excelente tia. Achei-a triunfante. Tomei uma xícara de chá – a última xícara de chá decente em muitos dias – e, em uma sala, cuja aparência tranquilizadora era o que se deveria esperar de uma sala de estar de uma dama, tivemos uma longa e calma conversa ao pé da lareira. Ao longo dessas confidências, ficou bastante claro para mim que eu tinha sido indicado para a esposa de um alto dignitário, e sabei-se lá para quantas outras pessoas mais, como sendo uma criatura abençoada e excepcional – uma peça de boa ventura para a Companhia – um homem que não se conseguia encontrar todos os dias. Por Céus! E eu estaria assumindo um barco fluvial a vapor de meros dois centavos e meio com um apito de um centavo! Entretanto, parecia que eu seria um dos Trabalhadores, com T maiúsculo, vocês sabem. Algo semelhante a um emissário da luz, ou a um tipo menor de apóstolo. Havia muito desse tipo de sandice circulando àquela época, tanto impresso quanto falado, e uma excelente mulher, vivendo corretamente no meio de tanto engodo, acabou por deixar-se levar. Ela falou tanto em ‘livrar aqueles milhões de ignorantes daqueles horríveis vícios’, que, acreditem, deixaram-me muito desconfortável. Cheguei mesmo a insinuar-lhe que a Companhia buscava apenas lucros, isso sim”.

“‘Você se esquece, meu querido Charlie, que o trabalhador vale pelo que recebe’, ela disse cheia de orgulho. É extraordinário o quanto as mulheres estão à parte da verdade. Elas vivem em um mundo próprio e nunca houve nada como isso nem nunca poderá haver. Mas no geral, isso é muito bonito e se fosse revelado elas se despedaçariam antes do primeiro pôr-do-sol. Qualquer fato

embaraçoso com o qual nós homens vivemos com satisfação desde os dias da criação arrancaria de suas bases e derrubaria a coisa toda”.

“Após esse encontro, fui abraçado, orientado a usar roupas quentes, escrever frequentemente e outras coisas mais... e parti. Na rua, não sei bem o porquê, um sentimento estranho se apoderou de mim, como se eu fosse um impostor. Curiosamente eu que me acostumara a estar preparado para partir para qualquer parte do mundo vinte e quatro horas após o aviso, com menos preocupação que a maioria dos homens ao atravessar uma rua, tive um momento, não diria de hesitação, mas de uma pausa cheio de temor diante daquele assunto tão corriqueiro. A melhor maneira de lhes explicar isto é dizendo que, por um segundo ou dois, eu me senti como se estivesse pronto para me dirigir para o centro da terra, ao invés de me dirigir para o centro de um continente”.

“Eu parti em um vapor francês e esse parou em cada porto amaldiçoado que eles tinham por lá, pelo que pude ver, com o único propósito de desembarcar soldados e oficiais alfandegários. Observei a costa. Observar a orla enquanto esta desliza ao lado de um navio é como refletir sobre um enigma. Ela permanece diante de vocês, sorridente, carrancuda, convidativa, grandiosa, perversa, insípida ou selvagem e, na maioria das vezes, calada com um ar de quem suspira, ‘venha e me decifre’. Aquela era quase sem sinais particulares, como se estivesse em formação, com um aspecto de uma crueldade monótona. As margens de uma selva colossais, de um verde tão escuro que quase era negro, debruadas com ondas brancas, corria reta, como uma linha traçada por uma régua, bem ao longo de um mar azul, cujo brilho era diminuído por uma névoa rasteira. O sol era violento, a terra parecia resplandecer e gotejar com o vapor. Aqui e acolá, pontos brancos e acinzentados surgiam, agrupados dentro das ondas brancas, talvez como uma bandeira que tremulava do alto. Assentamentos com alguns séculos de idade e que ainda não eram maiores que uma cabeça de alfinete colocados sobre a extensão intocável daquele pano de fundo. Nós éramos sacudidos, parávamos, desembarcávamos soldados; continuávamos, desembarcávamos oficiais alfandegários para cobrar impostos do que parecia uma vastidão esquecida por Deus, apenas com um galpão de telhas de zinco e um mastro de bandeira; desembarcávamos mais soldados – para tomar conta dos funcionários das aduanas, provavelmente. Alguns, pelo o que eu ouvi, se afogavam na arrebentação; mas se era ou não verdade, ninguém parecia realmente se importar. Eles simplesmente eram largados lá e depois prosseguíamos. O litoral parecia o mesmo, dia após dia, como se nós não tivéssemos nos movido; entretanto, passamos por vários lugares – pontos de comércio – com nomes como Gran’Bassam e Little Popo, nomes que pareciam pertencer a alguma sórdida farsa, encenada diante de uma cortina sinistra. A indolência de um passageiro, meu isolamento entre todos aqueles homens com os quais não tive nenhum contato, o mar lânguido e escorregadio, a uniforme melancolia do litoral, pareciam me manter afastado da verdade das coisas, dentro do duro trabalho de uma ilusão estúpida e desolada. O barulho das ondas, ouvido de vez em quando, era o único prazer positivo, como o discurso de um

irmão. Era algo natural que tinha sua própria razão e significado. De vez em quando, um escaler vindo do litoral nos trazia um contato momentâneo com a realidade. Era remado por nativos negros. Podia-se ver de longe a brancura de seus olhos cintilando. Eles gritavam e cantavam; de seus corpos corria transpiração; os rostos desses camaradas eram como máscaras grotescas, entretanto, eles tinham ossos, músculos e vitalidade selvagens, uma intensa energia de movimento que era tão natural e verdadeira como a arrebenção ao longo da costa. Não precisavam de nenhuma desculpa por estarem ali. Era uma grande satisfação olhar para eles. Por um momento, eu me senti como se ainda pertencesse a um mundo verdadeiramente justo, entretanto, este sentimento não durou muito tempo. Algo surgiria para espantá-lo. Lembro-me uma vez que nos encontramos com uma nau de guerra fundeada na costa. Não havia sequer um barracão ali, mas ela bombardeava a selva. Parecia que os franceses estavam em guerra por aquelas paragens. Suas insígnias pendiam como trapos de seus mastros; as bocas dos grandes canhões de oito polegadas se lançavam por todo o casco inferior; a maré enlameada e oleosa o erguia e o abaixava indolentemente, oscilando os seus finos mastros. Ele ficava ali, incompreensivelmente disparando contra o continente, diante da imensidão vazia da terra, do céu e da água. Disparando por um de seus canhões de oito polegadas; uma pequena labareda era lançada e desaparecia, uma pequena nuvem branca se dissipava, um pequeno projétil lançava um chiado franzino – e nada acontecia. Nada poderia acontecer. Havia um toque de insanidade naquele procedimento, um sentimento cômico e lúgubre naquela visão toda; e que não se dissipou quando alguém a bordo me assegurou seriamente que lá havia um acampamento de nativos... ele os chamou de inimigos... escondidos ali em algum lugar fora de nossa visão”.

“Entregamos as cartas a eles destinadas (ouvi que os homens daquela embarcação solitária estavam morrendo de febre dentro de uma média de três por dia) e prosseguimos. Passamos por alguns outros lugares com nomes estranhos, aonde a alegre dança da morte e do comércio prosseguia sob uma atmosfera inerte e terrosa como se fosse uma catacumba escaldante; ao longo daquele litoral sem forma, emoldurado por ondas perigosas, como se a própria Natureza tentasse repelir os intrusos; entrando e saindo de rios com correntezas mortais, mesmo em vida, cujas margens apodreciam sob o lodo, cujas águas, engrossadas com o limo, invadiam mangues deformados que pareciam se contorcer diante de nós ao cabo de um desespero impotente. Não paramos tempo suficiente em lugar nenhum para obtermos alguma impressão detalhada, mas o sentimento geral de um espanto vago e opressivo crescia dentro de mim. Era como uma peregrinação fatigante por entre caminhos repletos de pesadelos”.

“Levou mais de trinta dias antes de eu conseguir ver a foz do grande rio. Fundeamos próximo à sede do governo. Mas meu trabalho não começaria senão a mais de trezentos e vinte quilômetros dali. Deste modo e assim que eu pude, comecei a jornada até uma localidade 48 quilômetros mais acima”.

“Eu tinha uma passagem em um pequeno navio a vapor de alto-mar. Seu capitão era um sueco e, ao descobrir que eu era um marinheiro, convidou-me à ponte de comando. Ele era um homem jovem, magro, belo e de poucas palavras, com cabelos ralos e um andar arrastado. Assim que deixamos aquele pequeno cais miserável, fez um gesto cheio de desdém com a cabeça em

direção ao litoral. 'Esteve morando ali?', perguntou-me. Respondi-lhe que sim. 'Esses camaradas do governo são gente boa, não são?', prosseguiu ele, falando em um inglês com grande precisão e considerável amargura. 'É engraçado o que alguns pessoas fazem por uns poucos francos por mês. Imagino que tipo de pessoas se tornam quando vão para o interior'. Respondi-lhe que eu logo veria. 'Éééé!', ele exclamou, enquanto se arrastava até o outro lado, sempre vigilante. 'Não esteja tão certo disso', continuou. 'Outro dia eu apanhei um homem que se enforcou na estrada. Ele era sueco também'. 'Enforcou-se! Mas por que, em nome de Deus?', exclamei. Ele continuou a olhar para fora atentamente. 'Quem sabe? Talvez o sol tenha sido demais para ele ou quem sabe a região'".

"Por fim, chegamos a um braço aberto. Um penhasco rochoso apareceu, montes de terra reviradas sobre o litoral, casas sobre um morro, outras, com tetos de metal, por entre os restos de uma escavação ou dependuradas em um declive. Um ruído contínuo das corredeiras acima pairava sobre aquela cena de devastação habitada. Um grande número de pessoas, a maioria negras e nuas, movia-se como formigas. Um ancoradouro se projetava para dentro do rio. Uma luz do sol ofuscante mergulhava tudo aquilo, de tempos em tempos, em uma repentina renovação de claridade. 'Eis o seu entreposto da Companhia', disse o sueco, apontado para três barracões de estrutura de madeira em uma inclinação rochosa. 'Vou pedir para que descarreguem as suas coisas. Quatro caixas você disse? Muito bem então. Adeus'".

"Deparei-me com uma caldeira deleitando-se sobre a relva, até encontrar um caminho que me conduziu morro acima. Ele contornava um maciço de rochas, bem como um vagão de estrada de ferro, de tamanho menor que o habitual, que estava jogado de lado com as rodas voltadas para o ar. Faltava uma roda ali. A coisa toda parecia tão morta quanto uma carcaça de um animal qualquer. Passei por mais algumas peças de maquinário deterioradas, uma pilha de trilhos enferrujados. À esquerda, uma massa de árvores produzia uma mancha sombria, onde coisas enegrecidas pareciam se mover com fraqueza. Pisquei os olhos, pois a trilha era íngreme. Uma sirene soou à direita e eu vi os negros correrem. Uma detonação pesada e entorpecente sacudiu o chão, uma fumaçada saiu dos rochedos e isto foi tudo. Nenhuma mudança pode ser notada nas faces da rocha. Eles estavam construindo uma estrada de ferro. O rochedo não estava no caminho da via ou de qualquer outra coisa, mas a explosão sem propósito era o único trabalho a ser feito".

"Um leve tilintar atrás de mim fez com que eu virasse minha cabeça. Seis negros avançavam em fila, escalando a trilha. Eles caminhavam eretos e devagar, equilibrando pequenos cestos cheios de terra em suas cabeças, e o tilintar marcava o passo deles. Tapos pretos estavam enrolados em torno de seus quadris e as pontas caídas para trás, balançavam de um lado para o outro como se fossem rabos. Eu podia ver cada uma das costelas, as juntas de seus membros pareciam nós de uma corda; cada um deles possuía um colar de ferro no pescoço e todos aqueles estavam unidos por meio de uma corrente, cujos elos balançavam entre eles, em um tilintar ritmado. Outro aviso vindo do rochedo me fez lembrar de repente do navio de guerra que eu vira disparar contra o continente. Era o mesmo tipo de voz ameaçadora, mas esses homens não possuíam o mínimo de imaginação para serem classificados como inimigos. Eram chamados de criminosos e a lei ultrajante, como mariscos despedaçados, havia se abatido sobre eles, em um mistério insolúvel oriundo de além-mar. Todos os peitos magros arfavam ao mesmo tempo, as narinas violentamente

dilatadas tremiam, os olhos fitavam com dureza colina acima. Eles passaram a menos de quinze centímetros de mim, sem ao menos, me olhar, com aquela completa indiferença moral dos selvagens infelizes. Por detrás daquela matéria bruta, um dos regenerados, o produto das novas forças do trabalho, seguia indolentemente, carregando uma espingarda pelo meio. Usava um casaco de uniforme com um botão faltando e, ao ver um homem branco pelo caminho, colocava sua arma em seu ombro com diligência. Era uma simples questão de prudência, pois os homens brancos eram todos parecidos à distância e ele não poderia afirmar quem eu poderia ser. Ele rapidamente se acalmou e com um sorriso forçado, largo, branco e perverso e um olhar de relance para o seu fardo, pareceu tomar-me como parceiro de sua exaltada confiança. Afinal, eu também fazia parte da grande causa daqueles nobres e justos procedimentos”.

“Ao invés de continuar subindo, virei e desci pela esquerda. Minha ideia era deixar aquele grupo de acorrentados fora de minha visão antes de subir a colina. Vocês sabem que eu não sou particularmente delicado com certas coisas: eu já tive que bater e tive que me defender. Eu resisti e ataquei algumas vezes – pois, às vezes, é o único meio de se resistir – sem contar o custo exato de acordo com as exigências do tipo de vida em que eu me metera. Eu já testemunhei o diabo da violência e o diabo da ganância, além do diabo do desejo ardente, mas, por todas as estrelas do céu, aqueles eram demônios de olhos vermelhos, fortes e robustos que governam e conduzem os homens... mas homens, isso posso lhes dizer. Mas, de pé ali naquela ribanceira, eu antes que, sob a luz ofuscante do sol naquela terra, eu conheceria um demônio flácido, dissimulado, de olhos débeis de uma estupidez opressora e cruel. O quão insidioso ele também poderia ser, eu somente descobriria alguns meses mais tarde e a milhares de quilômetros dali. Por um momento, eu parei horrorizado, como se tocado por uma advertência. Finalmente, desci a colina, pela diagonal, em direção às árvores que eu havia visto”.

“Evitei passar por um grande buraco artificial que alguém havia cavado na ladeira, cujo propósito, julguei impossível de se adivinhar. De qualquer forma, não era nem uma pedreira nem um poço de areia. Era apenas um buraco. Poderia estar ligado ao desejo filantrópico de dar aos criminosos algo para se fazer. Não sei bem. Logo depois, eu quase despenquei em uma ravina estreita, praticamente uma cicatriz na encosta da colina. Descobri que muitos dos canos de tubulação para drenagem importados para o assentamento tinham sido lançados lá. Não havia um sequer que não estivesse quebrado. Era uma destruição vergonhosa. Por fim, cheguei sob as árvores. Meu propósito era o de passear um pouco pela sombra, contudo, logo parecia que eu havia adentrado a algum dos círculos sombrios do Inferno. As corredeiras estavam ali perto e um ruído ininterrupto, uniforme, rápido e precipitado preenchia a desoladora imobilidade do bosque, onde nenhuma brisa se agitava, nenhuma folha se movia, com um som misterioso como se o ritmo lacrimajante da terra rasgada de repente se tornasse audível”.

“Formas negras se agachavam, se recostavam e se sentavam entre as árvores, recostando-se contra os troncos, agarrando-se à terra, metades visíveis, metades apagadas dentro da penumbra, todas elas em atitudes de dor, de abandono e de desespero. Outra mina no penhasco explodiu, seguida por um leve tremor no solo sob meus pés. O trabalho continuava. O trabalho! É este era o lugar onde alguns dos ajudantes tinham sido lançados para morrer”.

“Eles estavam morrendo lentamente – isso era bem claro. Eles não

eram inimigos, eles não eram criminosos, eles não eram nada mais na terra, além de sombras negras de doenças e fome, lançados de maneira confusa dentro de trevas esverdeadas. Trazidos de todos os recessos da costa, dentro de toda legalidade de contratos temporários, perdidos nas cercanias incompatíveis, alimentados com uma comida desconhecida, eles adoeciam, tornavam-se ineficientes e, então, lhes era permitido rastejar até ali e descansar. Essas formas moribundas eram livres como o ar e, tão transparentes quanto ele. Comecei a distinguir o brilho dos olhos sob as árvores. Então, ao olhar para baixo, vi um rosto perto de minha mão. Os ossos negros se reclinavam por completo com um dos ombros apoiados contra a árvore e, lentamente, as pálpebras se ergueram e os olhos fundos me encararam, enormes e vazios, iguais a um tipo de cegueira, uma leve centelha nas profundezas das órbitas que morria lentamente. O homem parecia ser jovem – quase um menino – mas vocês sabem como é difícil se determinar isto. Não soube o que fazer além de lhe oferecer um dos biscoitos do navio do bom suco que ainda mantinha em um dos meus bolsos. Os dedos se fecharam lentamente em torno do biscoito e o seguraram – não houve qualquer outro movimento, nem qualquer outro olhar. Ele tinha atado um pedaço de lã branca em torno de seu pescoço – Por quê? Onde ele tinha conseguido isso? Era um sinal, um ornamento, um amuleto, um ato propiciatório? Haveria algum propósito em tudo que estivesse ligado a ele? Era impressionante aquele pedaço de lã branca vindo de além-mar atado em torno de seu pescoço negro”.

“Próximo da mesma árvore, mais dois montes de ângulos agudos se sentavam com suas pernas encolhidas. Um deles, com o queixo apoiado sobre os seus joelhos, olhava para o vazio de um modo intolerável e pavoroso; seu irmão fantasmagórico descansava sua testa como se tomado por uma grande fraqueza; e todos os demais estavam espalhados na mesma posição de um colapso contorcido, como em uma imagem atingida por um massacre ou por uma peste. Enquanto eu permanecia ali, horrorizado, uma daquelas criaturas se ergueu, e apoiado-se sobre suas mãos e joelhos, prosseguiu de quatro até o rio para beber de suas águas. Ele lambeu a água de suas mãos e, então, sentou-se sob o sol, cruzando suas pernas diante do corpo; depois de um tempo, deixou sua cabeça de carapicho cair sobre seu peito”.

“Não quis mais me demorar ali nas sombras e segui apressadamente para o entreposto. Próximo dos edifícios, eu encontrei um homem branco, com uma elegância no se vestir tão inesperada que, em um primeiro momento, julguei-me tomado por uma visão. Eu vi um colarinho alto e engomado, punhos brancos, um casaco de alpaca leve, calças brancas como a neve, uma gravata limpa e botas engraxadas. Sem chapéu. Cabelos divididos ao meio, escovados e untados, sob uma sombrinha com alinhavados verdes, segurada por uma grande mão branca. Ele era impressionante e tinha um portacaranetas atrás de sua orelha”.

“Cumprimentei aquela maravilha e descobri que ele era o contador-chefe da Companhia e que toda a contabilidade era feita nesse entreposto. Ele havia acabado de sair por um momento, como me afirmou, ‘para tomar um pouco de ar fresco’. A expressão pareceu-me maravilhosamente curiosa, por sugerir uma vida sedentária por detrás de uma escrivaninha. Eu nem sequer mencionaria a presença daquele sujeito a vocês se não fosse dos lábios deles que eu ouvia pela primeira vez o nome do homem que está tão indissolúvelmente associado às lembranças daquele tempo. Além disso, eu respeitava aquele sujeito. Sim, eu respeitava aqueles colarinhos, seus punhos largos, seu cabelo

escovado. Sua aparência era certamente a de um manequim de cabeleireiros, mas diante da grande degradação da terra, ele mantinha uma aparência alinhada. Demonstrava determinação. Seu colarinho engomado e o peitilho elegante eram demonstrações de caráter. Já fazia três anos que ele estava ali, aproximadamente; e, mais tarde, não pude me conter e lhe perguntei como ele conseguia se manter tão alinhado. Ele ficou por um momento um pouco encabulado e disse, modestamente, 'eu tenho ensinado uma das nativas que trabalha no entreposto. Foi difícil, pois ela tinha certo desgosto pelo trabalho'. Este homem verdadeiramente havia conseguido algo. E era devotado aos seus livros, mantidos na mais perfeita organização".

"Tudo o mais no entreposto estava em uma bagunça – homens, coisas e instalações. Filas de negros empoeirados com seus pés chatos chegavam e partiam; uma série de produtos manufaturados, peças de algodão cru, colares de contas e pulseiras de latão que seguiam para as profundezas das trevas e, em troca, se obtinha preciosos filetes de marfim".

"Tive que esperar no entreposto por dez dias – uma eternidade. Morei em um barracão no pátio, mas para fugir do caos, muitas vezes me refugiava no escritório do contador. Este era construído com pranchas horizontais de madeira, tão porcamente encaixadas, que o contador, ao se inclinar sobre o balcão, ficava marcado da cabeça aos pés com finas linhas formadas pela luz do sol. Não havia necessidade de se abrir a grande persiana. Lá também era muito quente; grandes mosquitos voavam zunindo satanicamente e esses não picavam, apunhalavam. Costumava me sentar no chão, enquanto que ele, com uma aparência impecável (e mesmo levemente perfumado), se empoleirava no alto de uma banquetta, escrevendo, escrevendo sem parar. Às vezes, ele se levantava para se esticar. Quando uma maca, com um doente (algum agente inválido oriundo de algum lugar do interior) foi colocada lá, ele demonstrou certo aborrecimento moderado. 'Os gemidos desta pessoa doente', dizia ele, 'distraem a minha atenção. E sem esta, é extremamente difícil evitar algum erro na contabilidade com este clima'".

"Certo dia, sem sequer levantar a cabeça, comentou, 'Com certeza, você encontrará o senhor Kurtz no interior'. Ao perguntar-lhe quem era o senhor Kurtz, ele me respondeu que se tratava de um agente de primeira-classe; e percebendo o meu desapontamento quanto àquela informação, complementou, vagarosamente, enquanto deitava sua pena, 'Ele é uma pessoa notável'. Perguntas posteriores extraíram dele que o senhor Kurtz estava atualmente a cargo de um entreposto comercial, um dos mais relevantes, na importante região do marfim, bem 'nos confins do território. Ele despacha tanto marfim quanto todos os demais juntos...' Ele voltou a escrever. O homem doente estava enfermo demais para gemer. As moscas zumbiam em grande paz".

"De repente, ouvimos um grande e crescente murmurar de vozes e um grande bater de pés. Uma caravana havia chegado. Um violento balbuciar de sons grosseiros oriundos do outro lado das pranchas de madeira. Todos os carregadores estavam falando ao mesmo tempo e, em meio à baderna, ouvia-se a voz lamuriosa do chefe dos agentes 'entregando os pontos' dolorosamente pela vigésima vez naquele dia... Ele levantou-se devagar. 'Que discussão assustadora', disse ele, cruzando a sala e olhando gentilmente para o homem doente e, ao retornar, disse para mim, 'Ele não ouve'. 'O quê? Morreu?', perguntei aterrorizado. 'Não, ainda não', respondeu com grande compostura. E, indicando com um meneio de cabeça o tumulto no pátio do entreposto, disse 'Quando alguém tem que fazer os lançamentos corretos na contabilidade, com certeza

deve odiar esses selvagens – odiar a ponto de matá-los’. Ele permaneceu pensativo por um momento. ‘Quando você se encontrar com o senhor Kurtz’, continuou, ‘diga-lhe de minha parte que tudo aqui’, olhando para o balcão, ‘continua muito satisfatório. Eu não gosto de lhe escrever – pois, com mensageiros como os nossos, nunca sabemos o que se pode acontecer com as nossas cartas... ao chegar ao entreposto central’. Ele ficou me encarando por um momento com seus olhos suaves e arregalados. ‘Oh, ele irá longe, muito longe’, começou novamente. ‘Ele será alguém na administração logo, logo. Eles, lá, no Conselho, na Europa, como você bem sabe, pretendem que ele seja”’.

“Ele retornou para o seu trabalho. O barulho do lado de fora havia terminado e, naquele instante, ao sair, detive-me à porta. No constante zumbido das moscas, o agente que se dirigia de volta à pátria estava deitado, corado e insensível; o outro, inclinado sobre seus livros, estava produzindo alguns registros corretos de algumas transações perfeitamente corretas; e uns quinze metros abaixo dos degraus da porta eu pude ver os tranquilos topos das árvores do bosque da morte”.

“No dia seguinte, eu afinal deixei aquele entreposto, com uma caravana de sessenta homens para uma viagem de uns 320 quilômetros”.

“Nem vou lhes dar muitos detalhes sobre a viagem. Trilhas e mais trilhas por toda parte; uma rede de trilhas estampadas e espalhadas na terra vazia, através da relva alta, através da relva queimada, através dos bosques cerrados, subindo e descendo ravinas assustadoras, subindo e descendo colinas pedregosas, incandescentes com o calor; e, uma solidão, uma solidão... ninguém... nem uma casinha sequer. A população havia se retirado dali já há muito tempo. Bem, se um grupo de negros misteriosos armados com todo tipo de armas aterrorizadoras, de repente decidisse viajar pela estrada entre Deal e Gravesend, obrigando os camponeses a torto e a direito a carregarem fardos pesados para eles, também imagino que cada fazenda e cabana por aquelas paradas ficariam desertas rapidamente. Só que ali mesmo as habitações tinham desaparecido também. Também passei por diversos vilarejos abandonados. Havia certa infantilidade patética nas ruínas daquelas paredes de palha. Dia após dia, com o trote e o arrastar de sessenta pares de pés descalços atrás de mim, cada par sob trinta quilos de carga. Acampar, cozinhar, dormir, levantar acampamento, marchar. De vez em quando, um carregador morto pelo excesso de trabalho, jazendo na relva alta próxima da trilha, com uma cabaça vazia e sua longa vara estendida ao seu lado. Um grande silêncio por todos os lados. Talvez em alguma noite mais tranquila o bater de tambores distantes, diminuindo, crescendo, grandes e pequenas batidas; um som estranho, suplicante, sugestivo e selvagem – e talvez com uma profundidade tão significativa quanto o som de sinos em uma região cristã. Vez ou outra, um homem branco revestido com seu uniforme desabotoado, acampava ao longo da trilha com uma escolta armada de zanzibaris altos, muito hospitaleiros e festivos, para não dizer bêbados. Estava ali para cuidar da manutenção da estrada, assim ele declarou. Não posso dizer que tenha visto alguma estrada ou mesmo alguma manutenção, a não ser que o corpo de um negro de meia-idade, com um buraco de bala bem no meio da testa, com o qual tropecei literalmente uns quatro quilômetros mais à frente, possa ser considerada como uma melhoria permanente. Eu também tinha um companheiro branco nessa empreitada, um bom camarada de qualquer modo, um tanto gorducho e com o hábito irritante de desmaiar nos barrancos ensolarados, a quilômetros de qualquer sombra ou água. Vocês sabem o quanto é irritante ficar segurando o

nosso próprio casaco, como uma sombrinha, sobre a cabeça de um homem enquanto ele não se recupera. Não pude deixar de lhe perguntar, uma das vezes, o que diabos ele estava fazendo ali afinal. ‘Para se ganhar dinheiro, certamente. O que mais poderia ser?’, disse ele, com grande desdém. Foi quando ele teve febre e precisou ser carregado em uma rede presa a uma vara. Como ele pesava mais que dezesseis pedras, minhas discussões com os carregadores não tinham fim. Eles se afastavam, fugiam, se evadiam com os seus carregamentos no meio da noite – praticamente um motim. Então, numa noite, fiz um discurso em inglês recheado com gestos que não passaram despercebidos pelos sessenta pares de olhos diante de mim, e na manhã seguinte ordenei que a rede seguisse à nossa frente. Uma hora mais tarde, encontrei toda a composição lançada no meio dos arbustos – o cidadão, a rede, os gemidos, os cobertores... um horror. A vara pesada havia despelado o nariz do coitado. Ele estava ansioso para que eu matasse alguém, mas não havia nem sombra dos carregadores por ali. Lembrei-me do velho doutor, ‘Seria interessante para a ciência observar as mudanças mentais dos indivíduos, frente às situações difíceis’. Senti que estava me tornando cientificamente interessante. Entretanto, tudo isso na verdade não importava. Quinze dias depois do início de nossa jornada, avistei novamente o grande rio e cambaleei até o entreposto central. Ele ficava junto a um pequeno manguezal, cercado por caniços e pela floresta, com uma bela margem de lodo malcheiroso de um dos lados e os demais três lados cercados por uma cerca mal-construída feita de juncos. Uma brecha mal cuidada era o único acesso que ele possuía e olhando o lugar pela primeira vez pude ver que o diabo daquele gorducho estava a cargo de tudo aquilo. Homens brancos com longas varas em suas mãos apareceram languidamente entre os edifícios, surgindo para dar uma boa olhada em mim e, então, se retiraram para algum lugar fora de vista. Um deles, um sujeito grandalhão, um camarada agitado com bigodes pretos, informou-me com grande tagarelice e muitas evasivas, tão longo eu lhe contei quem era eu, que o meu vapor se encontrava no fundo do rio. Fiquei estupefato. O que, como, por quê? Oh, mas estava ‘tudo bem’. O ‘gerente em pessoa’ estava ali. Tudo muito correto. ‘Todos se comportaram esplendidamente! Esplendidamente!’ Ele ainda me disse, do alto de sua agitação, ‘você precisa seguir e se encontrar com o gerente geral, o quanto antes. Ele está lhe esperando!’”.

“Em um primeiro momento, não compreendi muito bem qual o verdadeiro significado daquele naufrágio. Talvez agora eu perceba, mas, mesmo assim, não com tanta certeza. Certamente o ocorrido deveria ter sido algo estúpido demais – quando se pensa nele – para ter sido algo natural. Mesmo assim... mas naquele momento, parecia simplesmente que era um inconveniente embaraçoso. O vapor havia afundado. Dois dias antes, eles tinham zarpado, rio acima, com o gerente a bordo, sob mando de um comandante voluntário e, antes que se passassem três horas, rasgaram o fundo da nave em algumas pedras e o afundaram próximo da margem sul do rio. Cheguei a me perguntar o que eu estava fazendo ali, uma vez que agora o meu barco estava perdido. Na realidade, tinha muito a ser feito para pescar o objeto do meu comando do fundo do rio. Tinha que começar já no dia seguinte. Tudo aquilo e os reparos, quando consegui trazer as partes para o entreposto, levaram alguns meses”.

“Minha primeira entrevista com o gerente foi bem curiosa. Ele não pediu para que eu me sentasse mesmo após uma caminhada de quase trinta quilômetros àquela manhã. Possuía aparência, gestos, maneiras e voz bem normais. Sua altura era mediana e sua constituição bem comum. Seus olhos, de

um azul sem nada especial, eram consideravelmente frios e, com certeza, ele era capaz de lançar um olhar tão penetrante e pesado quanto um machado. Mas mesmo naqueles tempos, o restante de sua pessoa parecia rechaçar tal intenção. Por outro lado, havia somente uma expressão débil e indefinível sobre os seus lábios, algo furtivo – um sorriso – não, um sorriso não – lembro-me agora, mas não sei bem explicar. Era algo inconsciente, tal sorriso, embora se intensificasse por uns instantes logo após ele dizer algo. Ele surgia sempre ao final de seus comentários, como um selo aplicado sobre as palavras de modo a produzir, no significado da mais comum das frases, uma aparência absolutamente inescrutável. Ele era um comerciante comum, trabalhando naquelas paragens desde a juventude – nada mais. Ele era obedecido, ainda que não inspirasse nem amor, nem temor, nem mesmo respeito. Ele inspirava constrangimentos. Era isso! Constrangimentos. Não uma desconfiança definitiva – apenas constrangimentos – nada mais. Vocês não têm ideia de como uma... uma... qualidade como esta pode ser. Ele não era nenhum gênio na organização, em iniciativas ou mesmo em dar ordens. O que era evidente pelo estado deplorável do entreposto. Ele não possuía nem estudo, nem inteligência. Seu cargo fora dado a ele, não conquistado... e por quê? Talvez porque ele nunca tivesse ficado doente... Ele tinha servido três temporadas de três anos cada bem ali naquele lugar... Porque uma saúde triunfante, entre a miríade geral de constituições, talvez seja um tipo de poder, afinal. Quando ele se dirigia para casa, ao desembarcar, criava grande confusão – pomposamente. Um marinheiro em terra – com uma diferença apenas – em sua aparência. Podia se notar por sua conversa informal. Ele não conseguia criar absolutamente nada, mantendo apenas a rotina funcionando – isso era tudo. Mas de qualquer forma, era grandioso. Era grandioso por apenas um detalhe, ou seja, era impossível descobrir o que era capaz de controlar aquele homem. Ele nunca chegou a divulgar aquele segredo. Talvez não houvesse nada por dentro dele... vazio. Tal suspeita era o que nos intrigava – uma vez que ali não havia qualquer sinal exterior. Quando, numa ocasião, várias doenças tropicais se abateram sobre quase todos os agentes do entreposto, podia-se ouvi-lo dizer, ‘Os homens que vêm para cá não deveriam ter entranhas’. E selava a expressão com aquele seu sorriso peculiar, como se tivesse aberto uma porta para a escuridão que habitava dentro do seu ser. Vocês poderiam pensar que estivessem vendo coisas – mas a marca estava lá. Quando se irritou com as constantes discussões dos brancos à hora das refeições sobre quem se serviria primeiro, ordenou que uma imensa mesa redonda fosse feita, para qual uma construção especial também teve que ser construída. Era o refeitório do entreposto. Aonde ele se sentasse era o lugar principal – os restantes não possuíam lugar determinado. Percebia-se que aquela era uma de suas convicções inabaláveis. Não era nem gentil, nem descortês. Era simplesmente calado. Ele permitia que o seu ‘menino’ – um jovem negro e gorducho trazido do litoral – se relacionasse com os homens brancos, bem diante de seus olhos, com uma insolência provocadora”.

“Ele começou a falar assim que pôs os olhos sobre mim. Eu tinha me demorado demais e ele não poderia mais esperar. Teve que começar sem mim. Os postos, rio acima, tinham que ser substituídos. Havia atrasos demais já que ele não sabia quem estava morto ou quem estava vivo, e como estavam sobrevivendo – e assim por diante, e assim por diante. Ele não prestou atenção em minhas explicações, e, manuseando entre os dedos um bastão de lacre, repetiu por várias vezes que a situação era ‘muito grave, muito grave’. Havia rumores que um dos mais importantes postos estivesse em perigo e que o seu

chefe, senhor Kurtz, estava doente. Esperava-se que não fosse verdade. ‘Senhor Kurtz era...’, senti-me cansado e irritado. O que me importa o senhor Kurtz, pensei. Eu o interrompi dizendo que já ouvira falar do senhor Kurtz no litoral. ‘Ah! Então eles falam dele por aquelas bandas’, murmurou consigo mesmo. Então, reiniciou, assegurando-me que o senhor Kurtz era o melhor dos agentes que ele tinha, um homem excepcional, de grande importância para a Companhia; foi aí que eu pude entender a sua ansiedade. Ele disse que ele estava ‘muito, mas muito, apreensivo’. E ajeitando-se desconfortavelmente em sua cadeira, como se algo o incomodasse, exclamou, ‘Ah, o senhor Kurtz!’, quebrando o bastão de lacre e parecendo espantado com o acontecido. Em seguida ele quis saber ‘quanto tempo levará para...’, sendo que eu o interrompi novamente. Estando com fome, e como vocês já sabem, estando ainda de pé, comecei a ficar irritado. ‘Como eu posso lhe dizer isso’, disse, ‘se eu ainda nem pude ver o desastre ainda... alguns meses, sem dúvida’. Toda essa conversa sem sentido parecia tão fútil para mim. ‘Alguns meses...’, ele repetiu. ‘Bem, vamos dizer que três meses, antes que possamos começar algo. Sim, deve ser o suficiente para resolver o assunto’. Eu corri daquele lugar (ele vivia sozinho em uma choupana de barro amassado com uma espécie de varanda), murmurando comigo mesmo a opinião que tinha tido dele. Ele era um idiota falastrão. Mais tarde, acabei mudando minha visão, quando descobri, de uma forma assustadora, a extrema exatidão com que ele estimara o tempo necessário para a solução do ‘negócio’”.

“Comecei a trabalhar no dia seguinte, dando às costas aos assuntos do entreposto, por assim dizer. Somente daquele modo, eu poderia manter minha atenção voltada para os fatos que redimem a vida. Ainda assim, às vezes devemos olhar ao redor; e, então, eu vi aquele entreposto, aqueles homens vagando pelo pátio, sem um objetivo sob o sol. Perguntava-me às vezes qual era o propósito daquilo tudo. Eles zanzavam de um lado para outro com suas varas absurdamente grandes às suas mãos, como um bando de peregrinos incrédulos enfeitados dentro de um cercado apodrecido. A palavra ‘marfim’ vagava pelo ar, era murmurada, era suspirada. Vocês poderiam pensar que eles estavam rezando diante dela. Uma mácula de uma brutalidade imbecil soprava através de tudo aquilo, como o odor exalado de algum cadáver. Em nome de Deus! Eu nunca havia visto algo tão irreal em toda minha vida. E fora dali, o silêncio da floresta que cercava aquele entreposto perdido no mundo se abatia sobre mim como algo grande e invencível, como o mal ou a verdade, esperando pacientemente pela morte desta fantástica invasão”.

“Oh, mas que meses! Bem, não importam afinal. Diversas coisas aconteceram. Em uma noite, um barracão feito de sapé, repleto de morim, de algodão estampado, colares de contas e sei mais lá o que, irrompeu em chamas tão de repente que vocês pensariam que a terra teria se aberto para deixar que as labaredas vingadoras consumissem tudo que fosse desnecessário. Estava fumando meu cachimbo sossegadamente, ao lado do meu vapor desmantelado, e vendo todos aqueles saltos mordazes contra a luz, com os braços levantados, quando o sujeito grandalhão bigodudo chegou até o rio, lacrimejando, com um balde de lata nas mãos, e me assegurando que todo mundo estava se ‘comportando esplendidamente, esplendidamente’, apanhando aproximadamente um quarto de água e correndo de volta novamente. Notei que havia um furo no fundo de seu balde”.

“Caminhei devagar até lá em cima. Não havia pressa. Vejam vocês que

a coisa toda queimou qual uma caixa de fósforos. Não havia nada a ser feito, desde o início. O fogo saltou a grande altura, pondo todo mundo para correr, e consumindo tudo – e, logo depois, se extinguiu. O barracão já tinha se transformado violentamente em um monte de brasas incandescentes. Um dos negros, perto dali, estava apanhando. Diziam que tinha sido ele que causara, de algum modo, o incêndio; seja como for, dava gritos terríveis. Eu o vi mais tarde, e por vários dias, sentado sob a sombra, aparentando estar muito doente e tentando se recuperar: logo depois, ele se levantou e saiu – e a floresta, sem emitir um som sequer, o tomou entre as suas entranhas novamente. Aproximando-me da claridade, vindo de um trecho mais escuro, deparei-me com dois homens conversando. Ouvi o nome de Kurtz sendo pronunciado e, então, as palavras, ‘tomar vantagem deste infeliz incidente’. Um dos homens era o gerente. Eu lhe desejei boa noite. ‘Você por acaso já viu algo como isso antes, hein? É incrível’, disse ele e se afastou. O outro homem ficou por ali. Ele era um agente de primeira classe, jovem, muito distinto, um pouco reservado, com uma barba repartida ao meio e um nariz aquilino. Ele se mantinha afastado dos demais agentes e, por causa disso, todos diziam que ele era um espião do gerente. De minha parte, eu dificilmente lhe dirigira a palavra antes. Começamos a conversar e, aos poucos, nos afastamos das ruínas sibilantes. Foi quando ele me convidou para o seu quarto, que se localizava no edifício principal do entreposto. Ele acendeu um fósforo e foi quando eu percebi que este jovem aristocrata não possuía apenas um estojo de toucador com moldura prateada, mas também possuía uma vela com castiçal só para ele. Aquele tempo, o gerente era o único homem que poderia ter o direito de ter velas. Esteiras feitas pelos nativos cobriam as paredes de barro; uma coleção de lanças, azagaia, escudos e facas estava pendurada como troféus. A tarefa confiada àquele camarada era a fabricação de tijolos – como me informaram mais tarde; mas não havia um só fragmento de tijolo em nenhuma parte do entreposto e já fazia mais de um ano que ele estava ali – esperando. Parecia que ele não podia produzir os tijolos sem alguma coisa, não sei bem o que – palha talvez; De qualquer modo, não se podia encontrar aquilo por lá e, como parecia que não podia ser mandado da Europa, não era claro para mim o que ele estava esperando afinal. Por um ato da criação especial, talvez. Entretanto, todos eles estavam esperando por algo – todos os dezesseis ou vinte peregrinos; e, dou-lhes minha palavra, não parecia ser uma ocupação das mais desagradáveis do modo que eles encaravam, se bem que a única coisa que chegou até eles, foi algum tipo de doença – pelo o que eu pude ver. Eles passavam o tempo focofocando e fazendo intriga uns contra os outros da maneira mais tola que pudesse existir. Havia um ar de conspiração por todo o entreposto, mas nada acontecia ali, é claro. Era tão irreal quanto tudo o mais – como a pretensa filantropia da empreitada, como a conversa deles, como o governo deles, como o trabalho que faziam. O único sentimento real era o desejo de ser indicado para um entreposto comercial aonde houvesse marfim, para que pudessem ganhar alguma porcentagem com isso. Eles faziam intriga, difamavam e odiavam uns aos outros apenas por causa disso – mas para se erguer efetivamente um dedinho sequer... oh, não. Por céus! Deve haver algo mais no mundo que permita um homem roubar um cavalo enquanto outro sequer olha para o cabresto. Roubar um cavalo, com toda determinação. Muito bem. Ele tinha feito isso. Talvez ele possa cavalgá-lo. Mas há um meio de se olhar para um cabresto, de um modo que fizesse com que o mais caridoso dos santos desse um pontapé”.

“Eu não tinha ideia do porquê de tanta sociabilidade por parte dele, mas

na medida em que conversávamos, ocorreu-me que o camarada estivesse tentando conseguir alguma coisa – de fato, estava me sondando completamente. Constantemente ele se referia à Europa e às pessoas que eu poderia conhecer lá – fazendo perguntas diretas sobre os meus contatos na cidade sepulcral, e por aí em diante. Seus olhos miúdos brilhavam como discos de mica – cheios de curiosidade – embora ele tentasse manter um pouco de superioridade. A princípio, fiquei surpreso, mas logo em seguida fui tomado de uma curiosidade sem tamanho para ver o que ele descobriria de mim. Não podia sequer imaginar o que haveria em mim que valesse a pena por sua vez. Era bonito de se ver como ele ficava desnortado com tudo isso, pois na verdade a única coisa que ele descobriria é que meu corpo estava tomado de calafrios e, em minha mente, não havia nada além dos assuntos relacionados com o acidente do meu vapor. Era evidente que ele me tomava por um perfeito e desavergonhado prevaricador. Por fim, acabou se irritando e para disfarçar um movimento de irritação furiosa, bocejou. Levantei-me. Foi quando eu notei um pequeno desenho a óleo sobre tela, representando uma mulher vendada e envolta em drapeados, carregando um archote aceso. O fundo era sombrio, quase preto. A postura da mulher era grandiosa e o efeito da iluminação do archote sobre o rosto era sinistro”.

“Detive-me por causa do quadro e ele, por educação, pôs-se ao lado, segurando uma garrafa de um quarto de litro de champanhe (um agrado medicinal, sem dúvida) com uma vela enfiada nela. À minha pergunta, ele respondeu que o senhor Kurtz havia pintado o quadro – naquele mesmo entreposto há mais de um ano – enquanto esperava por um meio de prosseguir para o seu entreposto comercial. ‘Diga-me, por obséquio’, disse, ‘quem é este senhor Kurtz?’”

“‘O chefe do entreposto do interior’, respondeu-me quase sussurrando e desviando o olhar. ‘Muito obrigado’, disse, sorrindo. ‘E você é o oleiro do entreposto central. Todo mundo sabe disso’. Ele ficou em silêncio, por um momento. ‘Ele é um prodígio’, disse afinal. ‘Ele é um emissário da misericórdia, da ciência, do progresso e quem sabe mais do quê. Precisamos’, começou a declamar de repente, ‘para nos guiar para a causa a qual fomos confiados pela Europa, por assim dizer, de uma inteligência superior, ampla compreensão e uma simplicidade de propósitos’. ‘Quem disse isso?’, perguntei. ‘Muitos deles’, ele respondeu. ‘Alguns chegam mesmo a escrever sobre isso; então *ele* veio para cá, um ser especial, como você deve bem saber’. ‘Por que eu deveria?’, eu o interrompi, cheio de surpresa. Ele não prestou atenção no que eu dissera. ‘Sim. Hoje ele é o chefe do melhor entreposto, no próximo ano ele será o gerente-assistente, mais dois anos e ele será... bem, eu ousou dizer o que você já deve saber sobre o que ele será daqui a dois anos. Você é novo no grupo – em nosso grupo da virtude. As mesmas pessoas que o recomendaram para cá também enviaram o senhor Kurtz. Oh, não diga que não. Confio no que me mostram os meus olhos’. Foi nesse momento que compreendi tudo. Os conhecidos influentes de minha querida tia estavam produzindo um efeito inesperado sobre aquele jovem homem. Não consegui segurar a risada. ‘Você leu a correspondência confidencial da Companhia?’, perguntei-lhe. Ele não disse uma palavra sequer.

Tudo era muito divertido. ‘Quando o senhor Kurtz’, continuei cruelmente, ‘for o gerente geral, você não terá mais oportunidade de fazê-lo’.”

“Ele assoprou a vela de repente e seguiu para fora. A lua estava se elevando. Figuras negras perambulavam com indiferença, jogando água no braseiro o que produzia o som de um assobio; o vapor subia contra a luz da lua, enquanto se ouvia os gritos do negro espancado vindos de algum lugar. ‘Que alarde aquele selvagem faz’, disse o infatigável homem com bigodes, surgindo de repente junto de nós. ‘Fez-lhe bem. Transgressão – punição – pauladas! Sem piedade, sem piedade. É o único jeito. Isto irá prevenir todas as tentativas semelhantes no futuro. Eu estava justamente dizendo isso ao gerente...’ Foi quando ele notou o meu companheiro e tornou-se desapontado de repente. ‘Ninguém ainda para a cama’, disse ele, com um tipo de cordialidade servi; ‘isso é tão natural. Há! Perigo – agitação’. Ele desapareceu. Segui pela margem do rio e o outro veio me seguir. Ouvi um murmúrio lastimador perto de meu ouvido, ‘Montes de fracassados – veja só’. Os peregrinos podiam ser vistos, em bandos, gesticulando, discutindo. Muitos deles ainda portavam suas varas nas mãos. Eu realmente acreditava que eles levavam aqueles bastões junto com eles para a cama. Além do cercado, a floresta permanecia com um ar fantasmagórico à luz do luar e, no meio de todo aquele tumulto sombrio, no meio de todos os sons distantes oriundos do pátio lastimável, o silêncio da terra penetrava fundo no coração de cada um – o seus mistérios, a sua grandeza, a fantástica realidade de sua vida oculta. O negro ferido gemia com fraqueza em algum lugar próximo dali e, produzindo um profundo suspiro, fez-me apertar o passo e me retirar logo de lá. Senti uma mão tomando o meu braço. ‘Meu caro senhor’, disse o camarada, ‘Não quero ser mal interpretado, especialmente por você, que se encontrará com o senhor Kurtz antes que eu tenha esta satisfação. Não desejaria que ele tivesse uma falsa ideia de meu caráter...’”.

“Deixei-o continuar, aquele Mefistófeles de papel machê, e pareceu para mim que, se eu tentasse atravessá-lo com o meu polegar, talvez não encontrasse nada dentro dele além de um pouco de terra frouxa. Ele, não sei se vocês perceberam, planejava ser gerente-assistente, ainda sobre o comando do atual gerente, e pude ver que a chegada daquele Kurtz tinha muito aborrecido a ambos. Ele havia se precipitado ao falar e procurei não interrompê-lo. Eu estava recostado contra os destroços do meu vapor, rebocado margem acima como a carcaça de algum grande animal fluvial. O cheiro de lodo, de um lodo primordial – em nome de Deus! – tomava as minhas narinas e a grande imobilidade da floresta primitiva preenchia os meus olhos; havia manchas luminosas no manguezal escuro. A lua derramava, sobre tudo que havia ali, uma fina camada prateada – sobre o capim espesso, sobre o lodo, sobre a muralha de vegetação desbotada, mais alta do que a parede de um templo, sobre o grande rio que eu podia ver através de uma brecha sombria, resplandecendo, resplandecendo, enquanto fluía de um modo geral sem um ruído sequer. Tudo isso era grandioso, expectante, quieto, enquanto que o homem não parava de dizer coisas sem sentido sobre si mesmo. Cheguei a imaginar se a imobilidade sobre a face da imensidão que olhava para nós dois significava um apelo ou uma ameaça. O que era que nós tínhamos enganado ali? Poderíamos tocar aquela coisa taciturna ou ela que nos tocaria? Senti o quão imenso, o quão confuso e imenso, era aquilo que não podia falar e que, provavelmente, também era surda. O que era aquilo que estava ali? Eu podia ver um pouco de marfim chegando de lá e cheguei a ouvir que o senhor Kurtz estava lá. Eu já ouvira o suficiente sobre tudo aquilo, bem

sabe Deus! Ainda que, de alguma forma, nenhuma imagem viesse acompanhada com isso – mesmo que se me dissessem que um anjo ou um demônio estivesse lá. Eu acreditei do mesmo modo que qualquer um de vocês pudesse acreditar que havia habitantes no planeta Marte. Conheci uma vez um marinheiro escocês que tinha certeza, uma certeza mortal, que existiam pessoas em Marte. Se vocês lhe perguntassem se ele tinha alguma ideia de como eles se pareciam e como se comportavam, ele se acanhava e murmurava algo como ‘eles caminham de quatro’. Se vocês por acaso esboçassem algum sorriso, ele brigaria com vocês, mesmo sendo um homem de seus sessenta anos. Eu não iria tão longe na defesa de Kurtz, mas quase cheguei a mentir por ele. Vocês sabem o quanto eu odeio isso, detesto, e não mantenho uma mentira, não por eu ser um homem mais correto que os demais, mas simplesmente porque isso me aterroriza. Há uma mancha mortal, um sabor de mortalidade nas mentiras que é exatamente o que eu mais detesto e odeio no mundo – o que eu gostaria de esquecer. A mentira me torna miserável e doente, como se mordêsemos alguma coisa podre. Suponho que seja algo do meu temperamento. Bem, eu cheguei bem próximo de mentir ao deixar que aquele jovem tolo acreditasse em qualquer coisa que ele gostaria de imaginar referente à minha influência na Europa. Tornei-me num instante tão pretensioso quanto o restante dos peregrinos enfeitados. Assim simplesmente, porque acreditava que de algum modo isto seria útil ao tal do Kurtz que à época não conhecia ainda – vocês compreendem? Ele era apenas um nome para mim. Eu não conhecia o homem por detrás do nome mais do que vocês. Vocês entendem? Estão acompanhando a história? Estão acompanhando alguma coisa? Parece que estou tentando contar-lhes um sonho – fazendo uma vã tentativa, porque nenhum relato de sonho pode transportar-nos à sensação do sonho, aquela mistura de absurdo, surpresa e atordoamento em meio a um tremor de incontida revolta, aquela noção de ser capturado pelo incrível que não é nada mais do que a precisa essência dos sonhos...”.

Ele permaneceu em silêncio por um momento.

“...Não, é impossível; é impossível transportar-nos à sensação vital de qualquer época determinada da existência de alguém – com a qual se produz a sua verdade e o seu significado, seu tema e sua essência penetrante. É impossível. Nós vivemos do mesmo modo que sonhamos... sozinhos...”

Ele parou novamente como se estivesse refletindo, logo depois, complementou, “Claro que com relação a isto, vocês, meus camaradas, veem mais do que eu podia então. Vocês podem me ver e vocês me conhecem...”.

A noite havia se tornado tão escura que nós, os ouvintes, dificilmente víamos uns aos outros. Já há muito tempo que ele, sentando-se à parte, já era para nós nada mais do que uma voz. Não se ouvia uma só palavra de ninguém. Os outros podiam mesmo estar dormindo, mas eu estava acordado. Eu escutava e escutava, atento a cada sentença, a cada palavra que pudesse me fornecer a ponta do novelo para aquele débil mal-estar, inspirado por esta narrativa que parecia se moldar por si mesma, sem lábios humanos, no pesado ar noturno junto ao rio.

“...Sim, deixei-o matraquear”, Marlow começou novamente, “e lucubrar à vontade sobre os poderes que estavam ocultos por detrás de mim. Deixei-o de fato! E não havia nada por detrás de mim! Não havia nada além daquele navio a vapor arruinado, velho e mutilado, no qual eu estava recostado,

enquanto ele tagarelava fluentemente sobre a ‘necessidade de cada homem em evoluir’. ‘E quando alguém é enviado para cá, você bem sabe, não é para ficar admirando a lua’. O senhor Kurtz era um ‘gênio universal’, mas mesmo um gênio sabe que é muito mais fácil se trabalhar com as ‘ferramentas adequadas e com homens de inteligência’. Ele não produzia nenhum tijolo, porque havia uma impossibilidade física no processo – como eu mesmo pude constatar; e se ele fizera trabalho de secretário para o gerente era porque ‘nenhum homem sensível pode rejeitar de forma petulante a confiança depositada por seus superiores’. Se eu entendi? Sim, entendi. O que mais eu precisava? Por Deus, o que eu realmente precisava era de rebites! Rebites. Para continuar com o meu trabalho, para consertar o buraco. Rebites era o que eu queria. Havia caixas deles lá embaixo no litoral – caixas – pilhas deles – estouradas – transbordando! Vocês chutavam um rebite perdido a cada dois passos no pátio daquele entreposto junto à colina. Rebites rolavam para dentro do bosque da morte. Vocês podiam encher os seus bolsos com rebites apenas se abaixando para pegá-los – e lá não havia um rebite sequer quando mais precisávamos deles. Tinhamos as placas necessárias, mas nada para fixá-las. E cada semana, o mensageiro, um negro solitário, sacola de cartas nos ombros e vara à mão, deixava nosso entreposto em direção ao litoral. E muitas vezes ao longo da semana, uma caravana oriunda do litoral chegava carregada com mercadorias para comercialização – um morim, um encerado medonho que nos fazia estremecer só de se olhar, contas de vidros no valor aproximado de quatro centavos o quilo, uns malditos lenços de algodão estampado. Mas nenhum rebite. Três carregamentos poderiam trazer tudo o que me era necessário para fazer aquele vapor flutuar”.

“Ele estava se tornando mais íntimo agora, mas eu imagino que a minha atitude indiferente deva tê-lo irritado ainda mais, pois julgou que fosse necessário informar-me que ele não temia nem a Deus nem ao Diabo, muito menos a qualquer simples homem. Respondi-lhe que podia ver isso perfeitamente bem, mas o que eu desejava de verdade era certa quantidade de rebites – e rebites era o que realmente o senhor Kurtz desejava, como se fosse possível para ele saber disso. A partir daquilo, cartas e mais cartas seguiam para o litoral toda a semana... ‘Meu caro senhor’, ele exclamava, ‘Escrevo-lhe por ditado. Exijo rebites’. Havia um modo, para um homem inteligente. Ele modificou as suas maneiras; tornou-se muito distante e de repente começou a falar sobre um hipopótamo; imaginou que se eu dormisse a bordo do vapor (apeguei-me ao meu salvamento noite e dia) não seria perturbado. Havia apenas um velho hipopótamo que tinha o mau hábito de sair para as margens e perambular noite a fora pelo terreno do entreposto. Os peregrinos costumavam surgir todos juntos e descarregar cada espingarda disponível que lhes havia a mão sobre o pobre coitado. Alguns chegaram mesmo a espreitá-lo durante várias noites. Contudo, toda aquela energia era usada à toa. ‘Aquele animal tinha uma vida protegida por encantamento’, ele me disse; ‘mas você pode dizer isso apenas com relação às feras deste país. Nenhum homem – você está me entendendo? – nenhum homem aqui possui uma vida protegida por encantamento’. Ele permaneceu ali, de pé, por um momento sob a luz da lua com seu delicado nariz aquilino, um pouco torto para o lado, e com seus olhos brilhantes como a mica, sem nem ao menos piscar; e, logo depois, com um breve ‘boa-noite’, se retirou. Pude perceber que ele estava perturbado e consideravelmente intrigado, o que fez com que eu me sentisse mais esperançoso do que já havia me sentido durante vários dias. Era muito reconfortante poder deixar aquele camarada de lado e poder retornar ao meu influente amigo, o meu espancado, deformado e arruinado vapor feito de

lata. Empoleirei-me a bordo. Ele rangia sob os meus pés como uma lata de biscoitos Huntley & Palmer vazia[4] chutada para um bueiro; sua estrutura não era nada sólida e muito menos bonito ainda com relação ao seu formato, mas eu já havia trabalhado duro o suficiente nele, o que me fez amá-lo. Nenhum amigo, por mais influente que fosse, me serviria melhor. Ele tinha me fornecido a oportunidade de me expor um pouco – de descobrir o que eu poderia fazer. Não, eu não gostava de trabalhar – nenhum homem gosta – mas eu gosto do que existe no trabalho em si – a oportunidade de descobrir. A sua própria realidade – aquela destinada a você e não aos outros – o que nenhum outro homem pode sequer descobrir. Outros podem somente ver um simples espetáculo sem, contudo, perceber o que realmente ele significa”.

“Não me surpreendi ao ver alguém sentado, em direção à popa, sobre o convés, com as pernas balançando sobre o lodo. Você sabem que eu preferiria fazer amizade com os poucos mecânicos que houvesse ali naquele entreposto, os quais eram naturalmente desprezados pelos outros peregrinos – talvez pelas suas maneiras imperfeitas, eu suponho. Era o contramestre – um caldeireiro por ofício – um bom trabalhador. Era um homem alto, ossudo, de tez amarelada, com grandes e intensos olhos. Sua feição era de estar sempre preocupado e sua cabeça era tão sem pelos quanto a palma de minha mão; mas o seu cabelo ao cair parece que se prendera ao queixo e prosperado fartamente ali naquela nova posição, pois sua barba crescia até a sua cintura. Ele era viúvo, pai de seis jovens filhos que havia deixado sob os cuidados de uma irmã sua antes de partir para lá, e, a grande paixão de sua vida eram as corridas de pombos. Ele era um entusiasta e um grande expertise. Ele se empolgava com pombos. Após horas de trabalho, ele costumava sair de sua cabana para uma longa conversa sobre os seus filhos e sobre os seus pombos; no trabalho, quando ele tinha que rastejar no lodo sob o casco do navio, ele prendia aquela sua barba com um tipo de guardanapo branco que ele sempre trazia para este fim. O pano tinha alças que eram presas atrás de suas orelhas. Ao anoitecer, podia ser visto agachado junto das margens, enxaguando aquele invólucro no riacho com grande cuidado e, depois, estendendo-o com grande solenidade sobre um arbusto para secar”.

“Bati-lhe às costas e gritei, ‘Nós agora teremos rebites!’’. Ele saltou, ficando de pé, exclamando, ‘Não! Rebites! Quase não acredito no que acabo de ouvir’. Então, quase sussurrando, ‘Você... eh?’ Eu não sei por que estávamos nos comportando como loucos. Coloquei o dedo sobre o nariz, acenei a cabeça misteriosamente. ‘Muito bem!’’, ele gritou, batendo com os dedos sobre sua cabeça e levantando um dos pés. Comecei a dançar. Nós saltávamos sobre o convés de ferro. Um horripilante barulho saiu de dentro daquele casco e a floresta virgem na outra margem do riacho o ecoou como se fosse um cilindro enorme sobre o entreposto adormecido. Ele deve ter feito com que alguns dos peregrinos saltassem dentro de suas barracas. Uma figura sombria obscureceu o vão da porta iluminada da choupana do gerente, desaparecendo então, um segundo ou mais depois; o próprio vão da porta desapareceu também. Paramos e o silêncio que fugira do estampido de nossos pés retornou rapidamente dos recantos daquela terra. A grande muralha de vegetação, uma exuberante e confusa massa de troncos, galhos, folhas, ramos, grinaldas, imóveis sob a luz do luar, era como a invasão amotinada da vida insondável, um ondulante vagalhão de plantas, empilhadas, encrespadas, prontas a desmoronar sobre o riacho, a varrer cada um de nós de sua parca existência. No entanto, ela não se movia. Um estrondo amortecido de poderosos passos sobre a água e respingos nos

chegava, vindo de longe, como se um ictiossauro estivesse tomando um banho reluzente no grande rio. 'Afinal', disse o caldeireiro em um tom lógico, 'por que não deveríamos conseguir esses rebites?' Verdade, por que não? Eu não conhecia nenhuma razão que justificasse tal coisa. 'Eles chegarão em três semanas', disse-lhe confidencialmente".

"Mas eles não chegaram. Ao invés dos rebites, chegou uma invasão, uma punição, uma visitação. Chegou aos poucos durante as próximas três semanas, cada leva encabeçada por um asno, carregando um homem branco vestindo roupas novas e sapatos engraxados, cheio de rapapés, à direita e à esquerda, destinados aos impressionados peregrinos. Um bando de barulhentos negros, com os pés feridos, seguia de perto os asnos; um monte de tendas, banquetas de armar, caixas de latas, malas brancas, fardos marrons foram descarregados no pátio e o ar de mistério aprofundou-se aos poucos sobre o caos do entreposto. Cinco desses deslocamentos chegaram, com o absurdo ar de uma fuga desordenada com os despojos de inúmeros entrepostos e lojas de provisões, de tal modo que qualquer um poderia pensar que estavam sendo levados, após o assalto, para a floresta para ser feita uma divisão equitativa. Era uma massa insolúvel de coisas, decentes por si só, mas que a tolice humana poderia julgar como o produto de algum roubo".

"Aquela trupe devotada se autodenominava como a Expedição Exploradora Eldorado e acredito que tivessem algum segredo entre eles. Seu discurso, entretanto, era o discurso de sórdidos bucaneiros: eram temerários sem audácia, insaciáveis sem ousadia e cruéis sem coragem; não havia um átomo sequer de perspicácia ou de intenções sérias em todo grupo e eles não pareciam cientes de que estas coisas são necessárias para se trabalhar o mundo. Arrancar tesouros das entranhas da terra era o seu desejo, com nenhum propósito moral por detrás daquilo que não aquele que ladrões possuem ao arrombar um cofre. Quem financiava as despesas de tão nobre empreitada, não sei dizer, mas o tio de nosso gerente era o líder daquele grupo".

"Sua aparência era a de um açougueiro de uma vizinhança pobre e os seus olhos possuíam uma aparência de esperteza sonolenta. Ele portava a sua grande barriga com ostentação, apoiada sobre suas pernas curtas e, durante o tempo em que sua trupe infestou o entreposto, somente conversava com o seu sobrinho. Vocês podiam vê-los, aqueles dois, ruminando o dia todo, com as suas cabeças próximas uma das outras em uma confabulação interminável".

"Eu havia desistido de me preocupar com os rebites. A capacidade que alguém tem com relação a uma loucura como esta é mais limitada do que vocês podem supor. Simplesmente disse, 'O que me importa!' e deixei as coisas de lado. Eu tinha tempo de sobra para meditar e, de vez em quando, dedicava alguns dos meus pensamentos a Kurtz. Eu não estava muito interessado nele. Não. Ainda que eu estivesse curioso para ver se aquele homem, que partira equipado com princípios morais de algum tipo, atingiria o topo depois de tudo isso e como ele realizaria seu trabalho quando estivesse lá".

circum-navegação do globo, saqueando embarcações espanholas e portuguesas durante sua jornada; foi lançado às águas em 1577 e partiu com 100 homens, retornando em 1580 com apenas 56 tripulantes a bordo; apesar de seus saques e botins, a rainha Elizabeth I foi a bordo em sua chegada à Londres e sagrou Drake como cavaleiro no próprio tombadilho do navio. O Erebus e o Terror foram dois navios científicos que conduziram expedições britânicas à Antártica e mais tarde ao Ártico; desapareceram em sua viagem de exploração ao Ártico, em agosto de 1845, ocasionando a morte de toda sua tripulação, inclusive do líder da expedição, sir John Franklin.

[2] “Aqueles que vão morrer o saúdam”: conhecida e tradicional frase proferida pelos gladiadores diante do Imperador de Roma, durante os combates realizados nas arenas dos jogos da cidade; a origem da frase é incerta, sendo que a primeira menção da mesma aparece na obra do historiador Suetônio, em sua obra *A Vida dos Doze Césares*, no volume dedicado ao Imperador Cláudio.

[3] No século 19, um alienista seria um médico mais próximo do que consideraríamos hoje um psiquiatra, uma vez que não havia sido constituída definitivamente a psiquiatria como uma especialidade determinada. Os estudos de Philippe Pinel, Jean-Martin Charcot, Theodor Meynert, Alois Alzheimer e Sigmund Freud contribuíram para a consolidação da especialidade.

[4] A empresa de biscoitos Huntley & Palmer foi uma das pioneiras na fabricação de biscoitos; eram exportados para o mundo todo em belas e resistentes latas decoradas. Fundada em 1822, Huntley & Palmer ganhou tanto prestígio na Inglaterra que a cidade de Reading, localizada a 65 quilômetros a oeste de Londres, ficou conhecida como a “cidade do biscoito”.

“Uma noite enquanto eu estava estirado sobre o convés de meu vapor, ouvi vozes se aproximando – e lá estavam o sobrinho e seu tio perambulando pela margem do rio. Deitei novamente a cabeça sobre o meu braço e já tinha praticamente me rendido a um novo cochilo, quando alguém disse próximo de meu ouvido, como se estive bem ali ao lado: ‘Sou tão inofensivo quanto uma criancinha, mas eu não gosto que me digam o que eu deva fazer. Afinal, eu sou ou não sou o gerente? Eu recebi ordens de enviá-lo para lá. É incrível’... Percebi que os dois estavam de pé nas margens do rio diante da proa do vapor, bem ao lado de minha cabeça. Não me movi; não me ocorreu fazer qualquer movimento: estava dormindo. ‘É *de fato* desagradável’, grunhiu o tio. ‘Foi ele que pediu à Administração para que fosse enviado para lá’, disse o outro, ‘com a intenção de demonstrar o que ele poderia fazer; e eu fui instruído deste modo. Imagine a influência que esse homem deve ter. Não é assustador?’ Ambos concordaram que era muito assustador, então fizeram várias observações estranhas: ‘Chova ou faça tempo bom... alguém... o Conselho... precisamente’, trechos de sentenças absurdas que consegui retirar de dentro de minha sonolência; já estava quase próximo de minha plena consciência quando o tio disse, ‘O clima pode resolver essa dificuldade para você. Ele está sozinho lá?’. ‘Sim’, foi o que respondeu o gerente, ‘ele enviou o seu assistente rio abaixo com um bilhete para mim com os seguintes termos: ‘Livre-se deste pobre diabo da região e não se incomode em enviar alguém do mesmo tipo. Prefiro ficar sozinho a ter os tipos de homens que você pode dispor para mim’. Isso faz mais ou menos um ano. Pode imaginar algo mais imprudente?’ ‘Algo mais desde então?’, perguntou o outro, rousamente. ‘Marfim’, disparou o sobrinho, ‘montanhas de marfim, de primeira qualidade, muitos... muito desagradável da parte dele’. ‘E além disso?’, perguntou o pesadão. ‘As notas de débitos’, foi a resposta disparada, supostamente. E então, silêncio. Eles estavam falando sobre Kurtz”.

“Já estava completamente acordado àquela hora, mas, deitado perfeitamente e à vontade, permaneci assim, não tendo nenhum motivo para mudar de posição. ‘Como todo esse marfim chegou até aqui?’, murmurou o mais velho deles, aparentando estar muito atormentado. O outro explicou que o marfim chegou a bordo de uma esquadra de canoas sob o comando de um mestiço inglês, funcionário que Kurtz mantinha junto a ele; que Kurtz aparentemente pretendia vir ele mesmo, uma vez que o entreposto àquela época já se encontrava sem mantimentos e provisões, mas, depois de ter percorrido uns 480 quilômetros, de repente decidiu retornar, o que fez sozinho em uma pequena canoa escavada numa árvore com quatro remadores, deixando o mestiço continuar rio abaixo com o marfim. Os dois camaradas pareciam completamente impressionados com a ousadia de alguém que agia assim. Não tinham a menor noção dos motivos daquilo. Para mim, parecia que estava vendo Kurtz pela primeira vez. Foi um vislumbre muito distinto: a piroga, os quatro

remadores selvagens e o solitário homem branco dando as costas inesperadamente para o quartel-general, para sua licença, para os pensamentos concernentes ao lar, talvez, voltando em direção às profundezas da floresta, em direção ao seu entreposto vazio e desolado. Eu não tinha ideia dos motivos. Talvez ele fosse apenas um bom camarada, apegado ao seu trabalho, para o seu desenvolvimento. Vejam bem, o seu nome não foi pronunciado uma vez sequer. Ele era ‘aquele homem’. O mestiço, que, pelo menos no que eu pude ver, tinha conduzido uma difícil viagem com grande prudência e coragem, era constantemente mencionado como sendo ‘aquele patife’. O ‘patife’ havia relatado que o ‘homem’ tinha estado muito doente, mas que não tinha se recuperado totalmente... Os dois, abaixo de mim, se afastaram por alguns passos e perambularam de um lado para outro a pouca distância. Ouvi, ‘Posto militar... médico... uns 320 quilômetros... praticamente sozinho agora... atrasos inevitáveis... nove meses... sem notícias... estranhos rumores’. Eles se aproximaram novamente, bem no momento quando o gerente disse, ‘Ninguém, pelo que eu saiba, a não ser um comerciante andarilho, um sujeito pestilento que saqueia marfim dos nativos’. Quem seria aquele de quem estavam falando? Pelo que eu entendi aos poucos aquele tal era algum homem que deveria se encontrar no distrito de Kurtz e que, pelo jeito, o gerente não aprovava. ‘Não estaremos livres dessa competição injusta até que um desses camaradas seja enforcado para servir de exemplo’, disse ele. ‘Certamente’, grunhiu o outro; ‘enforcá-lo! Por que não? Qualquer, qualquer coisa pode ser feita nesta terra. É por isso que eu digo: ninguém por aqui – você me compreende? – por *aqui*, pode por em risco a sua posição. E por quê? Você suporta o clima, você sobrevive a todos eles. O perigo está na Europa; mas lá, antes de eu partir, tomei as providências necessárias para...’ Eles se afastaram e sussurravam; de repente suas vozes se exaltaram novamente. ‘A extraordinária série de atrasos não é minha culpa. Eu fiz o possível’. O homem gordo suspirou, ‘É muito triste’. ‘E a absurda pestilência de seu discurso’, continuou o outro, ‘chegou a me enojar quando esteve por aqui: “Cada entreposto deveria ser como uma baliza nas estradas em direção a coisas melhores, um centro comercial é claro, mas também um centro para a humanização, desenvolvimento e instrução”. Imagine só... aquele petulante! E ainda quer ser gerente! Não, é...’ Nesse momento, ele foi tomado por uma excessiva indignação e eu ergui minha cabeça um pouco mais. Surpreendi-me ao ver o quão próximo eles estavam... bem ao meu lado. Poderia mesmo babar sobre os seus chapéus. Eles estavam olhando para o chão, absortos em seus pensamentos. O gerente estava batendo na sua perna com uma varinha; seu parente mais perspicaz ergueu a cabeça. ‘Você tem se sentido bem desde que veio para cá da última vez?’, ele perguntou. O outro se exaltou. ‘Quem? Eu? Oh! Maravilhosamente, maravilhosamente. Mas com relação aos outros... ah, meu Deus! Completamente doentes. Eles morrem tão rapidamente que nem tenho tempo de lhes mandar embora da região – é incrível!’ ‘Hummm, deve ser mesmo’, grunhiu o tio. ‘Ah! Meu rapaz, confie nisto, é o que eu lhe digo, confie nisto’. Eu o vi esticar aquele seu bracinho, como uma nadadeira, num gesto como se abraçasse a floresta, o manguezal, o lodo, o rio... como se parecesse atrair, através de um floreio desavergonhado diante da iluminada face da terra, um

apelo traiçoeiro para a morte que espreitava, para o mal oculto, para a escuridão profunda daquilo tudo. O gesto foi tão impressionante que me pus de pé e me virei para as margens da floresta, como se esperasse por uma resposta de algum tipo para aquela sinistra demonstração de segurança. Vocês sabem como temos algumas noções tolas às vezes. A suprema imensidão confrontou aquelas duas figuras com sua paciência ameaçadora, esperando pela passagem de uma fantástica invasão”.

“Falavam mal em voz alta, os dois juntos – para disfarçar o medo, acredito eu – e, então, fingindo nada saber da minha presença ali, voltaram para o entreposto. O sol estava se pondo; e inclinados, lado a lado, pareciam puxar dolorosamente, morro acima, suas duas ridículas sombras de comprimentos desiguais que seguiam atrás deles vagarosamente por sobre a relva alta sem curvar um simples talo sequer”.

“Alguns dias depois, a Expedição Eldorado penetrou na paciente floresta que se fechou por sobre ela do mesmo modo que o mar se fecha por sobre um mergulhador. Logo depois, chegaram notícias informando que todos os asnos tinham morrido. Não fiquei sabendo nada sobre o destino daqueles animais menos valiosos. Eles, sem dúvida, como o restante de nós, encontraram o que mereciam. Não indaguei sobre o fato. Naquele momento, encontrava-me bem ansioso com a possibilidade de me deparar com Kurtz em breve. Quando eu digo ‘em breve’, faço-o de maneira comparativa. O encontro ocorreu dois meses depois do dia que deixamos o manguezal, quando chegamos à margem logo abaixo do entreposto de Kurtz”.

“Navegar aquele rio acima era como retornar aos mais longínquos primórdios do mundo, quando a vegetação dominava a terra e as grandes árvores eram soberanas. Uma corrente de rio vazia, um grande silêncio, uma floresta impenetrável. O ar era morno, denso, pesado, indolente. Não havia alegria no esplendor da luz do sol. As longas extensões de correnteza corriam desertas para dentro da obscuridade das distâncias escurecidas. Nos bancos de areia prateados, hipopótamos e crocodilos se esquentavam ao sol lado a lado. As águas, cada vez mais vastas, fluíam através de inúmeras ilhas cobertas de galhos; vocês poderiam perder a direção naquele rio, do mesmo modo que em um deserto; íamos de encontro a bancos de areia ao longo de todo o dia, tentando descobrir um canal de passagem, até que vocês pensassem estar enfeitiçados e cortassem os laços para sempre de tudo que uma vez vocês conhecessem, algum lugar mesmo que distante e em outra existência talvez. Havia momentos quando o passado retornava, como algumas vezes acontece quando não se tem um momento dedicado só para nós, mas surgia na forma de um sonho agitado e barulhento, lembrado com espanto entre a estupefante realidade deste estranho mundo de plantas, água e silêncio. E esta imobilidade de vida não se assemelhava, contudo, a qualquer indício de paz. Era a quietude de uma força implacável meditando sobre uma intenção inescrutável. Ela o encarava com uma aparência vingativa. Acabei por me acostumar com ela mais tarde; nem mesmo a via mais; não tinha mais tempo. Tinha que permanecer atento ao canal; tinha que discernir, na

maioria das vezes por inspiração, os sinais de bancos de areia escondidos; procurava por pedras submersas; estava aprendendo a cerrar os meus dentes com rapidez para evitar que meu coração saltasse fora, quando raspávamos por acaso em alguma velha saliência infernal de algum tipo que poderia sacar fora a vida do vapor barato e afogar todos os peregrinos; tinha que manter-me atento aos sinais de troncos mortos que tínhamos que cortar durante a noite para o próximo dia de navegação. Quando vocês têm que estar atentos a coisas desse tipo, aos meros incidentes da superfície, a realidade... a realidade – vejam bem vocês – perde sua força. A verdade mais profunda permanece oculta – felizmente, felizmente. Mas eu a sentia do mesmo modo; sentia frequentemente sua quietude misteriosa observando-me através dos meus truques baratos, assim como ela os observa, meus caros, caminhando sobre as suas respectivas cordas-bambas por... quanto mesmo? Meia-coroa [\[1\]](#) por cambalhota...”.

“Tente ser civilizado, Marlow”, rosnou uma voz e foi quando eu percebi que havia pelo menos mais um ouvinte acordado além de mim mesmo.

“Desculpe-me. Esqueci-me do pesar que compõe o restante do valor. E, de fato, o que importa o valor, se o truque é bem executado? Vocês executam os seus truques muito bem. E eu não o realizei de todo mal, uma vez que trabalhei para que o meu vapor não afundasse em minha primeira viagem. Até hoje eu me assombro com isso. Imaginem um homem vendado que foi colocado para dirigir um carroção em uma péssima estrada. Eu suei e tremi consideravelmente sobre aquela tarefa, posso lhes dizer. Depois de tudo, para um marinheiro, raspar a toda hora o fundo daquilo que está sob os seus encargos, e que supostamente deveria flutuar, é um pecado imperdoável. Talvez ninguém venha a perceber, mas vocês nunca se esquecem da pancada, não é? Uma bofetada bem no meio do coração. Vocês se lembram dela, sonham com ela, acordam no meio da noite e não param de pensar nela – mesmo anos depois – e se cobre inteiro de calafrios. Não pretendo dizer que o vapor flutuou o tempo todo. Mais de uma vez ele precisou ser rebocado um pouco, com vinte canibais empurrando e chapinhando na água. Háviamos alistado algum desses camaradas pelo caminho para fazer parte da tripulação. Bons camaradas – os canibais – desde que em seus devidos lugares. Eram homens com quem se podia trabalhar e sou muito grato a eles. E, afinal, eles não comeram uns aos outros bem diante de mim: eles trouxeram uma provisão de carne de hipopótamo, meio apodrecida, que fez com que o mistério da floresta fedesse dentro de minhas narinas. Blargh! Ainda posso senti-lo. Eu levava o gerente a bordo e três ou quatro peregrinos com seus bastões... todos completos. Às vezes, chegávamos a um entreposto próximo da margem, agarrado às bordas do desconhecido, e homens brancos corriam apressadamente das cabanas prestes a desmoronar, com grandes gestos de alegria e surpresa e boas-vindas, o que parecia muito estranho, pois tinham a aparência de serem mantidos lá cativos por algum encantamento. A palavra marfim mantinha-se no ar por um tempo – e lá íamos novamente de volta ao silêncio, ao longo de trechos vazios, em volta de curvas caladas, entre as altas muralhas de nosso caminho contorcido, reverberando em palmas ocas as ponderadas batidas da roda de pás da popa. Árvores, árvores, milhões de árvores,

sólidas, imensas, estendendo-se para as alturas; e aos seus pés, abraçando a margem contra a correnteza, arrastava-se o pequeno vapor encardido, como um indolente besouro que se rastejava sobre o piso de um pórtico imponente. Isso fazia com que nos sentíssemos muito pequenos, muito perdidos, ainda que esse sentimento não nos deixasse deprimidos. Afinal, mesmo pequeno, o besouro encardido continuava em frente e era exatamente o que queríamos que ele fizesse. Para onde os peregrinos imaginavam que ele se rastejaria, não sei lhes dizer. Para algum lugar aonde eles esperavam obter alguma coisa, aposto! Para mim, ele se rastejava em direção a Kurtz – unicamente; mas quando os tubos de vapor começaram a vaziar, nós rastejamos bem devagar. Braços de rio se abriam diante de nós para se fechar logo depois, como se a floresta avançasse vagorosamente através do rio para impedir o caminho de nosso retorno. Nós penetramos cada vez mais, para o fundo, para dentro do coração das trevas. Lá tudo era muito quieto. Durante a noite, algumas vezes, o rufar dos tambores por detrás da cortina de árvores corria rio acima e permanecia prolongadamente e bem fraco, como se flutuasse no ar sobre as nossas cabeças até os primeiros momentos da aurora. Se aquilo significava guerra, paz ou alguma forma de oração, não podíamos dizer. As auras eram anunciadas pelo cair de uma quietude fria; os lenhadores dormiam, como o fogo baixo daslareiras; o estalido de um pequeno galho faria com que vocês se sobressaltassem. Nós estávamos vagando por uma terra pré-histórica, sobre uma terra que se apresentava com o aspecto de um planeta desconhecido. Podíamos nos imaginar como os primeiros homens a tomar posse de uma herança amaldiçoada, a serem subjugados sob o custo de uma profunda angústia e de um trabalho excessivo. Mas, de repente, assim que vencíamos uma curva, nos deparávamos com o vislumbre de paredes mal construídas, de telhados pontiagudos de sapé, um romper de gritos, um rodopiar de braços negros, uma massa de mãos aplaudindo, de pés batendo, de corpos oscilando, de olhos rodopiando, sob a sombra de folhagens pesadas e sem movimentos. O vapor avançava vagorosamente ao largo de um furor negro e incompreensível. O homem pré-histórico estava nos amaldiçoando, orando por nós, dando-nos as boas-vindas – quem poderia dizer? Estávamos distantes da compreensão do que nos cercava; nós deslizávamos como assombrações, fascinados e secretamente aterrorizados, como homens sadios diante de uma rebelião entusiástica em um hospício. Não compreendíamos, pois estávamos muito distantes e não podíamos lembrar, pois viajávamos na noite das primeiras eras, daquelas eras que se foram e que dificilmente deixaram algum sinal, mormente uma lembrança”.

“A terra parecia sobrenatural. Nós nos acostumamos a olhar sobre a forma acorrentada de um monstro conquistado, mas lá, lá podíamos olhar para algo monstruoso e livre. Era sobrenatural e os homens eram... não, eles não eram humanos. Bem, como vocês bem sabem, isso seria pior – essa suspeita de eles não serem humanos. Aquilo vinha surgindo aos poucos. Eles uivavam, pulavam e rodopiavam, fazendo horríveis caretas; mas o que nos aterrorizava era justamente a ideia da humanidade deles – como a de vocês – a ideia do distante parentesco com aquela selvagem e apaixonada baderna. Horrível. Sim, era

horrível o suficiente; mas se vocês fossem homens o suficiente, admitiriam para vocês mesmos que havia em cada um o mais leve traço de resposta à terrível sinceridade daquele barulho, uma fraca suspeita de haver naquilo um significado que vocês – vocês que se encontram tão distantes da noite das primeiras eras – pudessem compreender. E por que não? A mente do homem é capaz de qualquer coisa, porque tudo se encontra dentro dela, todo o passado assim como todo o futuro. O que havia lá, então? Alegria, medo, dor, devoção, coragem, cólera – o que mais poderia ser dito? – além da verdade, a verdade despida dos mantos do tempo. Deixai que o tolo fique boquiaberto e estremeça – o homem a conhece e pode observar sem mesmo piscar. Mas o homem precisa pelo menos ser tão homem quanto aqueles homens nas margens. Deve encontrar aquela verdade com a sua própria verdade, com a sua própria força inerente. Princípios? Princípios não bastam. Aquisições, roupas, belos farrapos, farrapos estes que voariam para longe à primeira boa sacudidela. Não; precisa-se de uma crença proposital. Há um apelo para mim naquela desordem demoníaca? Muito bem; eu ouço; eu admito, mas também possuo uma voz e para o meu bem-estar, seja ele bom ou mau, é o discurso que não pode ser silenciado. Claro que um tolo, com seu medo absoluto e nobre sentimentos, está sempre a salvo. Quem está resmungando? Vocês imaginam se eu desembarquei para uivar e dançar? Bem, não, claro que não. Nobres sentimentos, vocês entendem? Malditos e nobres sentimentos. Não tinha tempo. Estava perdendo tempo com alvaiade e tiras de cobertor de lã, ajudando a colocar bandagens naqueles tubos de vapor que vazavam, como já lhes disse. Tinha que ficar de olho na direção e esquivar-me daquelas saliências e cuidar daquela lata a qualquer custo. Havia uma superfície verdadeira o suficiente naquelas coisas para salvar o mais sábio dos homens. E, entre tudo isso, eu tinha que ficar de olho no selvagem que servia de caldeireiro. Ele era um tipo melhorado: podia alimentar o fogo de uma caldeira vertical. Ele estava bem abaixo de mim e, dou-lhes minha palavra, olhar para ele era tão edificante quanto ver um cão em uma paródia, um cão que estivesse vestindo calções e um chapéu com penas e que andasse sobre suas pernas traseiras. Alguns meses de treinamento realmente transformaram aquele bom camarada. Ele olhava com atenção o medidor de pressão e o medidor de água com um esforço evidente de coragem – e tinha polido os dentes, o pobre diabo, raspado o encaracolado de sua cabeça em estranhos formatos e três cicatrizes ornamentais em cada uma de suas bochechas. Deveria estar batendo palmas e sapateando sobre seus pés na margem, mas ao invés disso ele trabalhava duro, um cativo de estranha bruxaria, repleto de conhecimento aperfeiçoado. Ele era útil porque tinha sido instruído; e o que ele sabia era isso: que quando a água na coisa transparente desaparecesse, o espírito do mal dentro da caldeira ficaria bravo por causa da grandiosidade de sua sede e se vingaria terrivelmente. E, por isso, ele suave e alimentava o fogo e observava o vidro com grande temor (com um amuleto improvisado, feito de farrapos, atados ao seu braço e com um pedaço de osso polido, tão grande quanto um relógio, enfiado com a parte achatada para baixo passando por seu lábio inferior), enquanto que as margens cobertas de mata passavam lentamente por nós, o barulho era deixado para trás, aos intermináveis quilômetros de silêncio, e nós nos rastejávamos na direção de

Kurtz. Mas as saliências eram densas, a água era traiçoeira e rasa, a caldeira parecia de verdade ser a morada de um demônio rabugento e, por isso, nem o caldeireiro nem eu tínhamos tempo de contemplar os nossos pensamentos horripilantes”.

“A uns oitenta quilômetros abaixo do Entreposto Interior, encontramos com uma choupana de juncos, um mastro inclinado e melancólico, com uns farrapos irreconhecíveis do que um dia tinha sido uma bandeira de algum tipo e uma pilha de madeira arrumada com todo o esmero. Aquilo era inesperado. Fomos à margem e sobre a pilha de lenha encontramos um pedaço de prancha com algumas letras esmaecidas escritas à mão. Quando as deciframos, dizia ‘Madeira para vocês. Rápido. Aproximem-se com cuidado’. Havia uma assinatura, mas estava ilegível – mas não era Kurtz – uma palavra muito maior. ‘Rápido’, Para onde? Rio acima? ‘Aproximem-se com cuidado’. Não tínhamos agido assim. Mas o aviso não poderia se referir ao local onde ele poderia ser encontrado após aproximação. Havia alguma coisa errada mais acima. Mas o que e quanto? Aquela era a questão. Comentamos com contrariedade sobre a imbecilidade daquele estilo telegráfico. A floresta, em torno, nada dizia e não deixava tampouco que vissemos muito longe. Uma cortina esfarrapada de sarja vermelha pendia no vão da porta da choupana e ondulava melancolicamente diante de nossos rostos. A habitação estava desmontando, mas podíamos ver que um homem branco havia vivido ali não muito tempo atrás. Restava ali uma mesa rústica – uma prancha sobre duas estacas, montes de lixo colocados num canto escuro; próximo da porta, apanhei um livro. Ele tinha perdido suas capas e as páginas tinham sido folheadas até que se transformassem em algo de uma maciez extremamente suja; mas a lombada tinha sido cuidadosamente alinhavada de fresco com cordão de algodão branco que ainda parecia limpo. Foi um achado extraordinário. Seu título era ‘Uma investigação sobre algumas questões de navegação’, por um homem chamado Tower, Towson – algo assim – mestre da Marinha de Sua Majestade. O conteúdo parecia ser de uma leitura muito enfadonha, com diagramas ilustrativos e repulsivas tabelas de figuras; a cópia tinha uns sessenta anos. Segurei aquela maravilhosa antiguidade com a maior delicadeza possível, para que ela não se dissolve em minhas mãos. Nele, Towson ou Towser tratava com muita seriedade sobre a resistência à ruptura de correntes e instrumentos de navios, além de outros temas. Não era um livro muito cativante; mas, à primeira vista, vocês poderiam ver que ali havia uma simplicidade de intenção, uma preocupação honesta com o modo correto de fazer as coisas funcionarem, trazidas àquelas humildes páginas com uma luminosidade distante de certo profissionalismo, apesar de terem se passado tantos anos. Aquele simples e velho marinheiro, com seu discurso sobre correntes e equipamentos, fez com que eu me esquecesse da selva e dos peregrinos, através de uma deliciosa sensação de ter descoberto alguma coisa inequivocamente real. Um livro daquele tipo bem ali era algo simplesmente maravilhoso, mas ainda mais surpreendentes eram as anotações escritas nas margens e repletas de referências sobre o texto. Não podia acreditar em meus olhos! Elas estavam cifradas! Sim, pareciam com uma escrita cifrada.

Imaginem um homem carregando um livro daquele tipo para aquele lugar perdido no mundo e estudá-lo – e fazendo anotações – em código como aquele! Era um mistério extravagante”.

“Tinha me atentado levemente para um tipo de ruído preocupante e, quando levantei meus olhos, vi que a pilha de madeira havia sumido e que o gerente, auxiliado por todos os peregrinos, estava gritando para mim da beirada do rio. Escondi o livro em meu bolso. Asseguro-lhes que abandonar a leitura era como se me separasse do abrigo de uma velha e sólida amizade”.

“Dei partida no maquinário defeituoso. ‘Deve ser aquele comerciante miserável – aquele intrometido’, exclamou o gerente, olhando cheio de más intenções para o lugar que acabáramos de deixar. ‘Ele deve ser inglês’, disse. ‘Isso não o impedirá de se meter em encrenca se ele não se cuidar’, murmurou o gerente, sombriamente. Observei com uma inocência dissimulada que nenhum homem estava livre de problemas naquele mundo”.

“A correnteza estava mais rápida agora, o vapor parecia dar os seus últimos suspiros, a roda de pás golpeava languidamente e peguei-me escutando atentamente a próxima batida do barco, pois, na verdade, esperava que aquela coisa miserável se desse por vencida a qualquer momento. Era como testemunhar as últimas centelhas de uma vida. Mas, mesmo assim, continuamos rastejando. Algumas vezes mantinha o meu olhar fixo em alguma árvore um pouco mais à frente para medir o nosso progresso na direção de Kurtz, mas invariavelmente a perdia de vista antes que nós a alcançássemos. Manter os olhos fixos tanto tempo em uma coisa era algo demais para a paciência humana. O gerente apresentava uma resignação belíssima. Eu me preocupava e me irritava e discutia comigo mesmo se eu deveria ou não falar abertamente com Kurtz, mas, antes que eu chegasse a alguma conclusão, ocorreu-me que o meu discurso ou o meu silêncio, ou mesmo qualquer ação de minha parte, seria uma mera futilidade. O que importava se alguém sabia ou ignorava? O que importava quem era o gerente? Às vezes percebemos as coisas em um lampejo de percepção. A essência daquele assunto permanecia bem abaixo da superfície, além do meu alcance, e além do meu poder de bisbilhotice”.

“Próximo do anoitecer do segundo dia, julgamos que estivéssemos a uns treze quilômetros do entreposto de Kurtz. Eu queria prosseguir, mas o gerente olhou-me seriamente e disse-me que a navegação rio acima era tão perigosa que seria aconselhável que, uma vez que o sol já se encontrava muito baixo, aguardássemos onde estávamos até a manhã seguinte. Além disso, observou que se o aviso para que nos aproximássemos com cautela fosse seguido, deveríamos nos aproximar à luz do dia e não ao anoitecer ou na escuridão da noite. Na verdade, aquilo era muito sensato. Treze quilômetros representavam aproximadamente umas três horas de navegação para nós e eu também já podia ver umas ondulações suspeitas na parte superior do fim daquele braço do rio. Todavia, irritei-me com o nosso atraso para além do que meras palavras poderiam expressar, ainda que não houvesse lógica naquilo tudo, pois uma noite a mais não representaria nada diante de tantos meses. Como tínhamos bastante

lenha, e cautela era a palavra de ordem, atraquei no meio do rio. Aquele trecho do rio era estreito, reto, com barrancos altos como os cortes feitos por ferrovias. O crepúsculo chegou se deslizando até ali muito tempo antes que o sol se pusesse. A correnteza seguia suave e ligeira, mas uma imobilidade calada se lançava contra as margens. As árvores cheias de vida, amarradas umas às outras por trepadeiras e todo tipo de arbusto que crescia da vegetação rasteira, pareciam que tinham se transformado em pedra, do ramo mais delgado até a mais leve das folhas. Não estavam em repouso – parecia algo artificial, como se estivessem em um estado de transe. Nem o mais fraco dos sons de qualquer tipo podia ser ouvido. Olhávamos com atenção e começávamos a suspeitar que estávamos surdos e, então, a noite caiu tão de repente que pareceu que ficamos cegos de vez. Lá pelas três da madrugada, algum peixe grande saltou e o forte barulho da pancada na água fez-me sobressaltar, como se uma arma fosse disparada. Quando o sol nasceu, apareceu uma névoa branca, morna e muito pegajosa, e mais ofuscante do que a noite. Não se movimentava nem se elevava, ficando apenas ali, imóvel, nos rodeando como algo sólido. Lá pelas oito ou nove horas, talvez, ela se ergueu como se ergue uma persiana. Tivemos um deslumbre da grande massa elevada de árvores, da imensa floresta espessa, com a bolinha relutante do sol pendurada sobre ela – tudo perfeitamente imóvel – e, então, a persiana branca desceu novamente, suavemente, como se ela deslizasse em ranhuras lubrificadas. Ordenei que a corrente que já estava começando a ser levantada, fosse baixada novamente. Antes que ela parasse de correr com uma pancada abafada, um grito, um grito muito alto, como que tomado por uma infinita desolação, elevou-se lentamente pelo ar nebuloso. Parou. Um clamor queixoso, modulado em dissonâncias selvagens, preencheu os nossos ouvidos. O completo e inesperado de tudo aquilo fez com os meus cabelos arrepiassem por debaixo do meu gorro. Não sei como aquilo afetou os demais: para mim, parecia como se a própria neblina tivesse gritado, como se aquele ruído, tão turbulento e desolador, tivesse surgido repentinamente e aparentemente de todos os cantos ao mesmo tempo. Culminou em uma rápida erupção de gritos excessivos, quase intoleráveis, que rapidamente pararam, deixando-nos petrificados em uma variedade de atitudes tolas e ouvindo obstinadamente até atingir em cheio o excessivo e aterrador silêncio. ‘Bom Deus! O que significa...?’, gaguejou ao meu lado um dos peregrinos – um homenzinho gordo, com cabelos cor de areia e suíças ruivas, calçando galochas de borracha e pijama cor-de-rosa enfiado dentro das meias. Dois outros permaneceram boquiabertos por um minuto inteiro, lançando-se, então, para dentro da pequena cabina, e correndo de volta incontinente, olhos assustados e arregalados e com as ‘winchesters’ preparadas em suas mãos. Tudo o que podíamos ver era exatamente o vapor onde nos encontrávamos, com suas linhas gerais borradas como se tivesse atingindo o ponto de desintegração e uma faixa enevoadada de água, talvez com uns sessenta centímetros de largura em torno dele – isso era tudo. O restante do mundo não se encontrava ali, pelo menos no que se referia aos nossos olhos e ouvidos. Simplesmente não existia. Perdido, desaparecido; varrido sem deixar um murmúrio ou uma sombra sequer atrás”.

“Segui para a proa e ordenei que a corrente fosse levantada um pouco, de maneira que a âncora pudesse ser recolhida e o vapor pudesse partir se fosse necessário. ‘Eles atacam!’, sussurrou uma voz aterrorizada. ‘Nós seremos massacrados neste nevoeiro’, murmurou outra. Os rostos aterrorizaram-se com a tensão, as mãos tremendo levemente, os olhos esquecendo-se de piscar. Foi muito curioso testemunhar o contraste das expressões dos brancos e dos negros da nossa tripulação que eram tão estranhos àquela parte do rio quanto nós, embora morassem a apenas uns mil e duzentos quilômetros dali. Os brancos, com uma descompostura evidente, exibiam ainda um olhar curioso aflightivamente chocados com tal horrenda situação. Os outros mantinham-se em alerta, com uma expressão naturalmente de interesse, entretanto seus rostos estavam essencialmente tranquilos, mesmo aqueles um ou dois que, dando risadas, erguiam a corrente. Muitos outros trocavam frases curtas, quase rosadas, que pareciam esclarecer o interesse de sua satisfação. O líder deles, um jovem negro, com peito largo, rigorosamente trajando roupas ornadas com franjas azul-escuras, com narinas ferozes e cabelos arrumados em cachos besuntados, arrumados de modo engenhoso, ficou plantado ao meu lado. ‘Aha!’, disse, apenas pelo bem do bom companheirismo. ‘Pega *eles*’, ele rosou, com um olhar largo, injetado de sangue, e um lampejo dos seus dentes afiados, ‘Pega *eles*. Dá *eles pra nós*’. ‘Para vocês, é?’, perguntei, ‘e o que vocês variam com eles?’. ‘*Comê eles!*’, ele respondeu de forma curta e, apoiando os cotovelos na murada, olhou diretamente para o nevoeiro com uma atitude profundamente pensativa e repleta de dignidade. Sem dúvida, eu teria ficado completamente horrorizado se não tivesse me ocorrido que ele e os seus camaradas deveriam estar com muita fome; que a fome deles deveria ter crescido progressivamente pelo menos do último mês para cá. Já fazia seis meses que eles estavam contratados (não acredito que um deles sequer tenha uma clara noção de tempo como nós a possuímos, ao término de nossas incontáveis eras. Eles ainda pertenciam aos primórdios do tempo – não tinham uma experiência herdada que os ensinasse, por assim dizer), e claro, enquanto houvesse um pedaço de papel escrito de acordo com alguma lei burlesca ou outra qualquer criada rio abaixo, não entraria na cabeça de ninguém a preocupação de como eles viviam. Certamente, eles tinham trazido com eles alguma carne de hipopótamo apodrecida, que não duraria muito de qualquer forma, mesmo se os peregrinos não tivessem, em meio a um grande tumulto, atirado uma quantidade considerável daquela carne barco a fora. Parecia com um procedimento arrogante, mas era, na verdade, um caso de legítima autodefesa. Não se pode respirar hipopótamo morto ao acordar, ao dormir e ao comer e manter um controle precário sobre a existência, ao mesmo tempo. Além disso, era dado para eles, a cada semana, três pedaços de arame de latão, cada um com uns 22 centímetros de comprimento; o propósito disso seria para que eles comprassem provisões com aquela ‘moeda’ nos vilarejos à beira do rio. Vejam como *aquilo* tudo funcionava. Ou não havia vilarejo algum, ou as pessoas eram hostis ou o diretor, que como o restante de nós se alimentava dos nossos enlatados, além do acompanhamento de carne de bode velho, ocasionalmente, não desejava que o vapor parasse por alguma razão mais ou menos oculta. Daquele modo, ao menos que eles comessem o arame ou

fizessem com ele alguns anzóis para capturar peixes, não vejo que tipo de serventia aquele salário extravagante poderia ter para eles. Mas devo dizer que ele era pago com uma regularidade digna das maiores e mais honradas companhias comerciais. No mais, a única coisa para comer – embora não parecesse palatável de qualquer modo – que eu podia ver que mantinham com eles, era alguns poucos pedaços de algo parecido com uma massa mal assada, de um tom púrpuro meio sujo, mantidos embrulhados em folhas; de vez em quando, eles engoliam um pedaço que de tão pequeno que eram pareciam feitos mais para a aparência da coisa em si do que para algum propósito mais sério de sustento. O porquê, em nome de todos os demônios torturantes da fome, eles não partiam para cima de nós – eles eram trinta contra cinco – e se empanturravam de uma vez, ainda hoje me espanta quando paro para pensar sobre aquilo. Eles eram homens grandes e potentes, sem grande capacidade de medir consequências, corajosos, com muita força, mesmo que a pele já não apresentasse o mesmo viço e os músculos já não fossem tão firmes. E eu via que alguma coisa os impedia, um daqueles segredos humanos que desafiam a probabilidade que para ali tinha se deslocado. Olhei para eles com um breve interesse crescente – não porque tivesse ocorrido a mim que pudesse ser devorado por eles muito em breve, embora, juro para vocês, só tivesse percebido naquele momento – através de uma nova perspectiva como aquela – o quanto os peregrinos pareciam pouco saudáveis; e eu esperava, sim, positivamente esperava, que o meu aspecto não fosse tão – como poderei dizer? – tão – pouco apetitoso: um toque de vaidade fantástica que combinava bem com a sensação onírica que impregnava todos os meus dias àquela época. Talvez eu também tivesse um pouco de febre. Não se pode viver com o dedo a tomar o pulso eternamente. Frequentemente, eu tinha ‘um pouco de febre’ ou mesmo um pouco de alguma outra coisa – palmadas divertidas da floresta, coisas bobas preliminares que antecederiam o ataque mais sério que chegaria no devido tempo. Sim; eu olhava para eles como vocês olhariam para qualquer ser humano, com uma curiosidade sobre seus impulsos, motivos, capacidades e fraquezas, que são trazidos a teste diante de uma inexorável necessidade física. Comedimento! Que comedimento seria possível? Seria superstição, repulsa, paciência, medo ou algum tipo de honra primitiva? Nenhum medo pode se interpor à fome, nenhuma paciência é capaz de esgotá-la; repulsa simplesmente não existe onde existe fome; e quanto à superstição, crenças e o que mais vocês possam chamar de princípios, são menos que palha lançada ao vento. Vocês não têm noção da diabrura da fome prolongada, sua deprimente e exasperante ferocidade. Bem, eu a conheço. Ela leva o homem a se valer de todas as suas forças inatas para combatê-la apropriadamente. Na verdade, é mais fácil encerrar a provação, a desonra e a perdição de nossa alma do que esse tipo de fome prolongada. Triste, porém verdadeiro. E aqueles camaradas não tinham nenhuma razão imaginável para ter qualquer tipo de escrúpulo. Comedimento! Eu simplesmente poderia esperar alguma forma de comedimento de uma hiena que rondasse por entre os cadáveres de um campo de batalha. Mas ali estava o fato diante de mim, um fato estonteante a ser visto, como a espuma das profundezas do mar, como uma ondulação sobre um enigma insondável, um

mistério maior ainda – quando eu penso nele – do que o estranho e inexplicável tom de pesar desesperado daquele clamor selvagem que passara por nós nas margens do rio, por detrás da brancura ofuscante do nevoeiro”.

“Dois peregrinos batiam boca com rápidos sussurros em qual margem estávamos. ‘Esquerda’. ‘Não, não; como você pode saber? Direita, direita, é claro’. ‘É muito sério’, disse o gerente logo atrás de mim; ‘Ficaria desolado se algo acontecesse ao senhor Kurtz antes que chegássemos’. Olhei para ele e não tive dúvida nenhuma de sua sinceridade. Ele era exatamente o tipo de homem que desejaria manter as aparências. Aquele era o comedimento dele. Mas quando ele murmurou algo com referência a prosseguirmos de uma vez, não tive nenhum problema em responder-lhe. Eu sabia, e ele também sabia, que isso era impossível. Se perdêssemos por completo o controle do fundo, nós estaríamos absolutamente perdidos, no ar. Não poderíamos ser capazes de dizer para onde estaríamos indo – se para cima ou para baixo do rio, ou mesmo para os lados – até que nos chocássemos contra uma das margens e, tão pouco, saberíamos em qual das margens estaríamos. Claro que não fiz nenhum movimento. Não tinha pretensão nenhuma de colidir. Vocês não poderiam imaginar um lugar mais mortal como aquele para um naufrágio. Se afundássemos de uma vez ou não, certamente pereceríamos de um modo ou de outro. ‘Eu o autorizo a correr todos os riscos’, disse ele, após um breve silêncio. ‘Eu me recuso a tomá-los’, respondi sucintamente, e aquela era exatamente a resposta que ele esperava, embora a entonação pudesse ter lhe surpreendido. ‘Bem, devo render-me ao seu julgamento. Você é o capitão’, disse ele, como uma civilidade notável. Virei meu ombro para ele em sinal de meu apreço e olhei para o nevoeiro. Quanto tempo mais ele duraria? Era uma vigília sem esperança. A aproximação até aquele Kurtz, que se roçava em busca de marfim naquela selva desprezível era cercada por tantos perigos como se ele fosse uma princesa encantada dentro de um castelo de fábulas. ‘Você acha que eles atacam?’, perguntou o gerente, em um tom de confidência”.

“Não acreditava que eles atacariam por algumas razões muito óbvias. Aquele nevoeiro denso era uma delas. Se eles deixassem as margens em suas canoas eles poderiam se perder, do mesmo modo que nós nos perderíamos se tentássemos nos mover. Ainda assim, acreditava que a selva em ambas as margens era bem impenetrável, mesmo que houvesse olhos por dentro dela, olhos que podiam nos ver. A mata ribeirinha era com certeza muito densa, mesmo que a mata rasteira por detrás dela fosse evidentemente penetrável. Contudo, durante o breve momento no qual o nevoeiro tinha se dissipado, eu não tinha visto nenhuma canoa em nenhuma parte do rio, pelo menos não ao lado do vapor. Mas o que fazia com que a ideia de um ataque fosse inconcebível para mim era a natureza daquele barulho, dos gritos que tínhamos ouvido. Eles não possuíam a característica violenta que prenuncia uma intenção hostil imediata. Inesperado, selvagem e violento como tinha sido, dera-me uma irresistível impressão de pesar. A visão do vapor tinha, por alguma razão, dado àqueles selvagens um sofrimento irrefreável. O perigo, se houvesse, conforme esclareci, era oriundo de nossa proximidade com uma grande comoção humana

desenfreada. Mesmo um extremo sofrimento pode em uma última análise transformar-se em violência, mas muito geralmente toma a forma de apatia...”

“Vocês precisavam ver como os peregrinos encaravam aquilo tudo! Eles não tinham ânimo nem para forçar um sorriso, ou mesmo para me criticar; acredito, entretanto, que eles pensavam que eu tinha enlouquecido, talvez com o medo. Proferi uma palestra bem pontual. Meus caros, não havia necessidade de nos perturbarmos. Manter a vigilância? Bem, vocês podem imaginar que eu continuei a olhar para o nevoeiro em busca de sinais de que ele se dissiparia, do mesmo modo que um gato vigia um rato; mas para tudo mais, nossos olhos eram tão inúteis para nós, como se estivéssemos enterrados sob quilômetros de montes de algodão. Parecia exatamente isso: sufocante, quente e abafado. Além disso, tudo o que eu tinha dito, embora parecesse extravagante, era a mais absoluta verdade dos fatos. O que mais tarde aludimos como um ataque era, na verdade, uma tentativa de nos repelir. A ação estava muito distante de ser agressiva, não era nem mesmo defensiva, em um sentido usual: foi realizada sob a tensão do desespero e a sua essência era puramente de proteção”.

“Poderia dizer que se desenvolveu por si mesma umas duas horas após o nevoeiro ter se levantado em um local, grosso modo, localizado a aproximadamente dois quilômetros e meio abaixo do entreposto de Kurtz. Acabávamos de patinar e lutar para vencer uma curva no rio, quando vi uma ilha, um simples monte de areia coberto de capim de um brilho verde, bem no meio do rio. Era algo inusitado, mas na medida em que avançamos mais, percebi que se tratava da frente de um grande banco de areia, ou melhor, de uma série de trechos rasos que se estendia pelo meio do rio abaixo. Eram desbotados, praticamente no nível d’água, e todo o conjunto era visto sob a água exatamente como a espinha dorsal de um homem é vista correndo por debaixo da pele no meio de suas costas. Ora, até onde eu podia ver, poderia prosseguir passando pela direita ou pela esquerda dele. Eu não conhecia aquele ou o outro canal, é claro. As margens se pareciam bem o suficiente, a profundidade aparentava ser a mesma, mas, uma vez que me informaram que o entreposto ficava na margem oeste, naturalmente segui pela passagem ocidental”.

“Logo que entramos o suficiente por ele, percebi que era muito mais estreito do que eu supunha. À nossa esquerda, havia um grande e ininterrupto banco de areia e, à direita, uma escarpa alta coberta com uma vegetação de moitas fechadas. Por cima das moitas, as árvores se mantinham em fileiras cerradas. Os galhos saltavam sobre a correnteza, espessamente, e, de tempos em tempos, um grande ramo de alguma árvore se projetava rigidamente por sobre o rio. Já era bem de tarde, o rosto da floresta estava escurecido e uma grande faixa de sombras já caía por sobre a água. Era naquela sombra que navegávamos, bem devagar, como vocês podem imaginar. Mantive o vapor bem próximo da margem – a água era mais profunda próxima da borda, como a vara para medir profundidade me informava”.

“Um dos meus amigos famintos e contidos estava sondado a profundidade, inclinando bem diante de mim. O vapor era exatamente como

uma barça coberta. No convés, havia duas pequenas construções feitas de teca, com portas e janelas. A caldeira ficava na proa e o maquinário bem atrás. Por sobre tudo aquilo, havia uma cobertura leve, apoiada sobre balaústres. A chaminé projetava-se através daquele teto e, em frente da chaminé, uma pequena cabina construída com pranchas leves servia de cabina para o timoneiro. Nela havia uma poltrona, duas banquetas de armar, um Martini-Henri[2] carregado em um dos cantos, uma mesinha e a roda do leme. Tinha ainda uma porta estreita na frente e amplas venezianas de cada lado. Tudo aquilo estava sempre aberto, é claro. Passava os meus dias empoleirado lá na extremidade dianteira do telhado, diante da porta. À noite, eu dormia na poltrona, ou pelo menos eu tentava. Um negro atlético, pertencente a alguma tribo do litoral e instruído pelo meu pobre predecessor, era o timoneiro. Ele ostentava um par de brincos de latão, vestia uma espécie de roupão azul que se estendia da cintura até os tornozelos e imaginava que o mundo lhe pertencia. Ele era o mais instável pateta que eu já conheci. Pilotava com uma fanfarronice sem fim, enquanto estávamos por perto, mas se ele nos perdesse de vista, se tornava instantaneamente prisioneiro de um terror ignóbil e deixava rapidamente aquela fraqueza tomar o controle do vapor”.

“Olhava para a vara de sondagem e, sentia-me bastante aborrecido de ver que a cada medição um pouco mais da vara ficava para fora da água; foi quando percebi que o negro que a manjava de repente abandonou a tarefa e se lançou, deitado contra o convés, sem nem mesmo se preocupar em puxar a vara para dentro. De qualquer forma, ele continuou segurando-a e a arrastou pela água. No mesmo instante, o caldeireiro, que também podia ver bem abaixo de mim, sentou-se abruptamente à frente da fornalha e abaixou sua cabeça. Fiquei espantado. Foi quando eu olhei rapidamente para o rio, pois havia uma protuberância logo à frente. Gravetos, pequenos gravetos, voavam por todos os lados, abundantemente: eles zuniam diante do meu nariz, caindo aos meus pés e golpeando a cabina do timoneiro bem atrás de mim. Durante todo aquele tempo, o rio, as margens e as árvores estavam muito quietas, perfeitamente quietas. Conseguia ouvir apenas o pesado bater da roda de pás contra a água e o ruído daquelas coisas. Desembaraçamo-nos da protuberância com muita dificuldade. Flechas, por Deus! Estávamos sob ataque! Corri rapidamente para fechar a janela da veneziana que dava para o lado da margem. O timoneiro pateta, com suas mãos nos raios do timão, erguia os joelhos para o alto, batendo os pés e trincando os dentes, como um cavalo puxado pelas rédeas. Aos diabos com ele! Estávamos nos arrastando a uns três metros da margem. Tive que me esticar para fora para fechar a pesada veneziana e vi um rosto por entre as folhas à altura do meu, olhando fixamente para mim com grande ferocidade; e de repente, como se um véu tivesse sido retirado de meus olhos, distingi, nas profundezas da escuridão emaranhada, peitos nus, braços, pernas e olhos reluzentes – a floresta estava repleta de membros humanos em movimento, reluzindo com suas cores de bronze. Os galhos balançavam, oscilavam e farfalhavam; flechas eram disparadas de dentro deles e então a veneziana se fechou. ‘Pilote diretamente à frente’, disse ao timoneiro. Ele mantinha a sua

cabeça rígida, com o rosto voltado para frente, mas seus olhos não paravam de se mexer, seus pés se erguiam e se abaixavam lentamente e sua boca espumava um pouco. 'Fique quieto! ', disse, furioso. Seria mais fácil ordenar a uma árvore que não balançasse ao vento. Lancei-me para fora. Logo abaixo de mim, uma grande confusão de pés sobre o convés de aço; exclamações confusas; uma voz gritou, 'Não podemos voltar? '. Foi quando percebi uma ondulação em formato de V logo à frente nas águas. O quê? Outra protuberância! Fogo cerrado explodiu sob os meus pés. Os peregrinos atiravam com seus Winchesters, apenas desperdiçando chumbo naquela floresta. Um desgraçado de um rolo de fumaça subiu e se dirigiu lentamente para frente. Amaldiçoei aquilo. Agora eu não podia ver nem a ondulação nem a protuberância. Permaneci de pé no vão da porta, espreitando e com as flechas vindo em enxames. Elas provavelmente estavam envenenadas, mas pareciam, contudo, não serem capazes de matar um gato. A mata começou a uivar. Os nossos cortadores de lenha deram um brado pronto para a batalha; o disparo de um rifle logo atrás de mim me ensurdeceu. Olhei por trás de meu ombro e a cabina do timoneiro ainda estava cheia de barulho e fumaça, quando me lancei para o timão. O negro idiota havia largado tudo para abrir a veneziana e disparar com o Martini-Henry. Ele permaneceu diante da abertura, com os olhos arregalados, enquanto eu gritava para que ele voltasse, ao mesmo tempo em que corrigia uma súbita guinada daquele vapor. Não havia lugar para manobrar mesmo que eu quisesse, a protuberância estava em algum lugar bem próximo e à frente naquela confusão enfumaçada e não havia tempo a perder, por isso, espremi o vapor contra a margem direita, onde eu sabia que a profundidade da água era maior”.

“Rasgamos lentamente a mata que se lançava sobre o rio em uma confusão de galhos partidos e folhas voando. O fogo cerrado logo abaixo terminou, como eu havia previsto, assim que a munição acabou. Joguei a cabeça para trás diante de um zumbido agudo que atravessou a cabina do timoneiro, entrando por um buraco na veneziana e saindo por outro. Olhando para além daquele timoneiro louco, que estava sacudindo o rifle vazio e gritando para a margem, vi vagas formas de homens que corriam inclinados, saltando, deslizando, distintos, incompletos, desaparecidos. Algo grande surgiu no ar diante da veneziana, o rifle foi jogado para a água e o homem deu um passo para trás rapidamente e, olhando-me por sobre o ombro de um modo extraordinário, profundo e familiar, tombou aos meus pés. O lado de sua cabeça bateu contra o timão por duas vezes e a extremidade de algo que parecia com um grande bastão rolou, fazendo barulho e derrubando uma das pequenas banquetas. Parecia que após puxar com violência aquela coisa de alguém que estava na margem, havia perdido o equilíbrio com a tentativa. A densa fumaça havia se dissipado e estávamos desvencilhados da protuberância e, olhando para frente, pude ver que já estaríamos livres para desviar para fora daquela margem a mais ou menos uns noventa metros; mas os meus pés se sentiam tão quentes e molhados que tive que olhar para baixo. O homem havia se virado sobre suas costas e olhava diretamente para mim; suas mãos agarradas com força naquele bastão. Era o

cabo de uma lança que, ou atirada ou empurrada através da abertura, tinha lhe atingido na lateral do corpo, bem embaixo das costelas; a lâmina tinha desaparecido de vista, após produzir uma ferida assustadora; meus sapatos estavam encharcados; uma poça de sangue se espalhava imóvel, reluzindo vermelho-escuro sob a roda do leme; seus olhos cintilavam com um brilho surpreendente. O fogo cerrado começara novamente. Ele olhava para mim ansiosamente, agarrado à lança como se fosse algo precioso, com um semblante assustado, como se eu fosse tentar retirar aquilo dele. Tive que fazer um grande esforço para desvencilhar-me do olhar dele e prestar atenção à navegação. Com uma das mãos, tateei sobre minha cabeça em busca do cordão do apito do vapor e, com gestos bruscos, soei e soei apressadamente. O tumulto da ira e dos gritos de guerra deteve-se instantaneamente e então, das profundezas da floresta, chegou um pranto de medo desolador e desespero absoluto, tão trêmulo e prolongado como aquele que poderia ser imaginado após a fuga da última esperança sobre a terra. Houve uma grande comoção na mata; a chuva de flechas parou, alguns poucos disparos perdidos foram ouvidos agudamente e, então, o silêncio, com o qual a lânguida batida da roda de pás do vapor, chegava claramente aos meus ouvidos. Pus com dificuldade o leme em direção a estibordo no momento em que o peregrino com pijama cor-de-rosa, agitado e muito acalorado, surgiu pelo vão da porta. ‘O gerente me enviou...’, disse ele com uma tonalidade muito oficial e parou por um momento. ‘Bom Deus!’, disse ele, encarando o homem ferido”.

“Nós dois, brancos, permanecemos sobre ele e seu olhar, brilhante e inquiridor, tomou conta de nós. Declaro que parecia que pensei que ele poderia nos fazer alguma pergunta em alguma língua incompreensível; mas ele morreu sem pronunciar som algum, sem um movimento dos lábios, sem um estremecimento de um músculo qualquer. Somente em seus momentos finais, talvez em resposta a algum sinal que não pudéssemos ver, a algum sussurro que não pudéssemos ouvir, ele franziu as sobrancelhas pesadamente e aquele franzir deu à sua máscara mortuária negra uma expressão melancólica sombria e ameaçadora, de um tom inconcebível. O brilho daquele olhar inquiridor desapareceu suavemente até um vazio sem expressão. ‘Você consegue navegar?’, perguntei ao agente com ansiedade. Ele olhou para mim cheio de dúvidas, mas agarrei-o com força pelo braço e ele compreendeu, de uma vez por todas, que eu pretendia que ele navegasse sabendo ou não. Para lhes ser bem franco, eu estava morbidamente ansioso para trocar os meus sapatos e minhas meias. ‘Ele está morto’, murmurou o camarada, imensamente impressionado. ‘Sem dúvida disto’, disse eu, arrancando como um louco os cordões dos sapatos. ‘E, a propósito, suponho que o senhor Kurtz também esteja morto esta hora”’.

“Por um momento, aquele foi o pensamento dominante. Havia um sentimento de extremo desapontamento, como se eu tivesse descoberto que estava me empenhando por algo completamente sem substância. Não poderia haver algo mais repulsivo uma vez que eu tinha percorrido todo aquele caminho com apenas um propósito que era o de conversar com o senhor Kurtz. Conversar com... Arremessei um dos sapatos para fora do barco e percebi que aquilo era

exatamente o que eu estava esperando – conversar com Kurtz. Vocês sabem que eu fizera a estranha descoberta de que eu nunca o havia imaginado fazendo nada além de discursar? Não dizia para mim mesmo, ‘Agora eu nunca mais o verei’, ou ‘Agora, eu nunca poderei lhe cumprimentar’, mas sim, ‘Agora eu nunca poderei ouvi-lo’. O homem se apresentava por si só como uma voz. Claro que eu o associava também a algum tipo de ação. Não tinha sido informado, com todos os tipos de inveja e admiração, que ele tinha coletado, trocado, burlado ou roubado mais marfim do que qualquer outro agente junto? Não era isso o que importava. A questão era que havia nele uma criatura dotada e, de todas as suas dádivas, a que era mais predominante, que carregava com ele um sentimento de presença real, era a sua habilidade em falar, as suas palavras – o dom da expressão, a perplexidade, a iluminação, a mais exaltada e a mais desprezível, o emocionante facho de luz ou fluxo enganador oriundo do coração de uma escuridão impenetrável”.

“O outro sapato seguiu voando para dentro do deus-demônio daquele rio. Pensei, ‘Por Deus! Está tudo terminado. Nós chegamos muito tarde; ele se foi – o dom se foi, tomado por alguma lança, flecha ou porrete. Eu nunca ouvirei aquele camarada falar afinal’, e o meu pesar tinha uma emoção assustadoramente extravagante, a mesma que eu tinha percebido no lamento enorme daqueles selvagens na mata. Não podia me sentir mais tomado por algum tipo de desolação solitária, do que se eu tivesse sido subtraído de uma crença ou tivesse perdido a razão de meu viver... Por que vocês todos suspiram desta maneira bestial? Absurdo? Bem, absurdo com certeza. Bom Deus! Será que um homem não pode jamais... Hei, alguém me dê um pouco de tabaco...”

Seguiu-se uma pausa de um profundo silêncio, então um fósforo foi aceso e o rosto magro de Marlow surgiu, cansado, vazio, marcado por rugas profundas e pálpebras caídas, com um aspecto de atenção concentrada; e na medida em que ele dava vigorosas baforadas em seu cachimbo, parecia retrair e avançar para fora da noite com as centelhas pontuais da diminuta chama. O fósforo foi apagado.

“Absurdo!”, ele gritou. “Esta é a pior parte quanto a se tentar contra... Aqui estão todos vocês, cada um amarrado a dois bons endereços, como um casco de navio com duas âncoras, um açougueiro logo na esquina, um policial próximo da outra, desejos excelentes e temperatura normal – ouviram? – normal ao longo do ano todo. E mesmo assim vocês dizem, ‘Absurdo!’ Absurdo que se dane! Absurdo! Meus caros, o que se pode esperar de um homem que fora de si, nervosamente, acabara de atirar para fora do barco um par de sapatos novos. Agora que estou pensando naquilo, é impressionante que eu não tivesse me debulhado em lágrimas. Estou, de um modo geral, orgulhoso de minha coragem. Fui atingido até o âmago pela ideia de ter perdido o inestimável privilégio de ouvir o talentoso Kurtz. Claro que eu estava errado. O privilégio ainda esperava por mim. Ah sim, eu ouvira mais que o suficiente. E eu estava certo, também. Uma voz. Ele era um pouco mais do que uma voz. Eu ouvi... a ele... a ela... aquela voz... outras vozes... todas elas eram nada mais que meras vozes... e a

lembança daquele tempo por si só se prolonga em torno de mim, intocável, como uma vibração agonizante de uma imensa bobagem, de uma tolice atroz, sórdida, bárbara ou simplesmente cruel, sem o menor sentido. Vozes, vozes... até mesmo a garota por si mesma... agora..."

Ele permaneceu em silêncio por um bom tempo.

"Enterrei o fantasma de suas dádivas, afinal, com uma mentira", ele começou de repente. "Garota! O quê? Eu mencionei uma garota? Ah, ela está fora disto – completamente. Elas – as mulheres, quero dizer – estão fora disso... deveriam estar fora disto. Nós devemos ajudá-las a se manter dentro daquele belo mundo de suas próprias existências, para que a nossa própria não fique pior. Oh, ela tinha que ficar fora disso. Vocês precisavam ter ouvido o corpo exumado do senhor Kurtz dizendo, 'Minha Prometida'. Vocês teriam percebido imediatamente o quanto ela estava fora daquilo tudo, então. E a fronte soberba do senhor Kurtz! Dizem que os cabelos continuam a crescer por algum tempo, mas aquele... espécime?... era espantosamente calvo. A selva tinha lhe atingido em cheio a cabeça e, acreditem, ela era como uma bola – uma bola de bilhar; a floresta o tinha acariciado, e – vejam! – ele havia murchado; ela o tinha tomado em seus braços, amado, abraçado, penetrado em suas veias, consumido a sua carne e aprisionado a sua alma ao próprio destino dela através de inconcebíveis cerimônias de alguma iniciação demoníaca. Ele era o seu favorito, mimado e corrompido. Marfim? Eu deveria ter acreditado nisso. Montes deles, pilhas dele. O velho casebre de barro estava repleto dele. Vocês pensariam que não haveria uma única presa que havia sido deixada acima ou abaixo do solo em toda a região. 'A maioria fóssil', constatou o gerente com desprezo. Aquilo não era mais fóssil do que eu mesmo, mas eles assim o chamavam, quando eram retirados da terra. Parece que aqueles negros, de fato, enterravam as presas às vezes, mas evidentemente eles não poderiam enterrar aquela quantidade profunda o suficiente para salvar o talentoso senhor Kurtz de seu destino. Enchemos o vapor com o marfim e ainda tivemos que empilhar grande parte dele sobre o convés. Assim ele pôde ver e desfrutar enquanto pudesse ver, pois o apreço por sua generosidade permaneceu com ele até o fim. Vocês precisavam ouvi-lo dizer, 'Meu marfim'. Oh sim, eu o ouvi. 'Minha Prometida, meu marfim, meu entreposto, meu rio, meu...', tudo pertencia a ele. Aquilo fez com que eu prendesse a respiração na expectativa de ouvir a selva romper em uma prodigiosa gargalhada estrondosa que estremeceria as estrelas fixas em suas órbitas. Tudo pertencia a ela, contudo, aquilo não tinha importância alguma. O fato era saber a quem ele pertencia, quantos poderes das trevas o reivindicavam para si. Aquela era a reflexão que os tomariam de pavor por completo. Era impossível, e também não era de bom termo, tentar imaginar. Ele havia tomado um lugar privilegiado entre os demônios da terra e digo isso literalmente. Vocês não entenderiam. Como poderiam? Com um sólido calçamento sobre os seus pés, cercados por vizinhos gentis, prontos para encorajá-los ou criticá-los, progredindo delicadamente entre o açougueiro e o policial em meio à sagrada e aterradora infâmia, à força e ao asilo de loucos – como poderiam imaginar a qual região em particular das primeiras eras os pés desimpedidos do homem poderiam levá-

lo para dentro dos caminhos da solidão – a solidão absoluta sem um policial – pelos caminhos do silêncio, silêncio absoluto, onde nenhuma voz de alerta de um vizinho gentil pode ser ouvida a sussurrar-lhe a opinião pública? São essas pequenas coisas que fazem toda a grande diferença. Quando elas se vão, devemos nos voltar para as nossas próprias forças naturais, para a nossa própria capacidade de dedicação. Claro que vocês podem ser tolos o bastante para se enganarem, estúpidos demais até para saberem que estão sendo tomados pelas forças das trevas. Percebam que nenhum tolo já barganhou com o diabo por sua própria alma: o tolo ou é muito tolo, ou o diabo é muito diabo, não sei bem qual o certo. Ou vocês podem ser criaturas tão poderosamente nobres que se julgam surdas e cegas a tudo o mais que não sejam visões e sons celestiais. A terra seria, portanto, apenas um lugar para se estar, e se formos assim deste modo para que percamos ou ganhemos, não lhes pretenderei dizer. Mas a maioria de nós não é nem deste modo, nem daquele. A terra para nós é um lugar para se viver, onde devemos preencher com pontos de vistas, com sons, com aromas também, por Deus! Respirar hipopótamo morto e não ser contaminado com isso, por assim dizer. E ali..., percebem? A força de vocês aflora, a fé em sua capacidade de cavar buracos imperceptíveis para enterrar a coisa toda... o poder de devoção, não a si mesmos, mas a um obscuro e massacrante negócio. E essa é a parte difícil. Vejam vocês, eu não estou tentando desculpar ou mesmo explicar... estou tentando prestar contas a mim mesmo sobre... sobre... o senhor Kurtz.. sobre a sombra do senhor Kurtz. Aquele espectro iniciado, oriundo dos confins de lugar nenhum, honrou-me com sua impressionante confiança antes de desaparecer por completo. Talvez porque ele pudesse falar em inglês comigo. O Kurtz original havia sido educado em parte na Inglaterra e – como ele mesmo teve a bondade de me dizer – suas afinidades estavam no lugar certo. Sua mãe era meio-inglesa, seu pai era meio-francês. Toda a Europa contribuíra para tornar Kurtz quem ele era; e, aos poucos, compreendi que, apropriadamente, a Sociedade Internacional para a Supressão dos Costumes Selvagens havia instruído-o a produzir um relatório para sua futura orientação. E ele o havia escrito. Eu o vi. Eu o li. Era eloquente, vibrando com eloquência, porém tenso demais, acredito eu. Dezessete páginas de letras miúdas para as quais ele havia encontrado tempo! Mas isto deve ter ocorrido antes que os seus – digamos assim – nervos se perdessem e os levasse a presidir certas danças à meia-noite que terminavam com cerimônias repulsivas que, até onde eu pude recolher com relutância, a partir do que pude ouvir por diversas vezes, eram oferecidas a ele... vocês compreendem? – oferecidas ao próprio senhor Kurtz. Todavia aquele relatório era uma bela peça escrita. O parágrafo inicial, entretanto, à luz de informações posteriores, parece-me agora um tanto ameaçador. Ele começou com o argumento de que nós, os brancos, a partir do ponto de desenvolvimento que tínhamos atingido, ‘devemos necessariamente parecer para eles [os selvagens] com a natureza de seres sobrenaturais – aproximando-nos deles com os poderes de uma divindade’, e assim continuava e continuava. ‘Pelo simples exercício de nossa vontade, nós podemos exercer uma força praticamente ilimitada para o bem’, etc., etc. A partir daquele ponto, ele se elevou e levou-me com ele. O epílogo era magnífico, embora seja-me difícil de lembrá-lo, vocês entendem. Deu-me a noção de uma

imensidão exótica governada por uma augusta Benevolência. Fez com que eu vibrasse de entusiasmo. Aquele era o ilimitado poder da eloquência, das palavras, de nobres palavras incandescentes. Não havia nenhuma indicação prática que interrompesse a corrente mágica de frases, ao menos que um tipo de nota de rodapé na última página, rabisçada evidentemente muito tempo depois, por uma mão trêmula, pudesse ser compreendido como a exposição de um método. Era tudo muito simples, e ao término daquele apelo emocionante a todo sentimento altruísta, fulgurava, luminoso e aterrador, como um lampejo de um relâmpago sobre um céu sereno: 'Exterminem todos os selvagens!'. A parte curiosa é que ele aparentemente tinha se esquecido por completo daquele valioso *postscriptum*, pois, mais tarde, quando ele, de certo modo, voltou a si, repetidamente implorou-me para cuidar bem do 'meu panfleto' (como ele se referia), como se fosse certo que tivesse uma boa influência sobre a sua carreira no futuro. Fui plenamente informado sobre todas aquelas coisas, e, ademais, como tudo se desenrolou, acabei por ser o guardião de suas lembranças. Fiz o suficiente por elas para dar-me o indiscutível direito de lançá-las, se assim eu quisesse, no repouso perpétuo da lata de lixo do progresso, entre todos os detritos e, figurativamente falando, entre todos os gatos mortos da civilização. Mas, vejamos, eu não tive escolha. Ele não será esquecido. Não importa o que ele tenha sido, ele não era uma pessoa comum. Ele tinha o poder de encantar ou aterrorizar almas rudimentares, levando-as a uma irritante dança enfeitiçada em sua honra; ele também podia preencher as pequenas almas dos peregrinos com temores atrozes: apesar disso tudo, ele tinha um amigo devotado, cuja alma conquistada no mundo não era nem rudimentar nem maculada pelo egoísmo. Não; eu não podia me esquecer dele, embora não esteja preparado para afirmar que aquele camarada valia cada vida que perdêramos, precisamente, para chegarmos até ele. Senti terrivelmente a falta do meu finado timoneiro – já sentia sua falta, enquanto o seu corpo estava estendido na cabina do timoneiro. Talvez, vocês achem muito estranho este sentimento por um selvagem que não valia mais que um grão de areia de um Saara negro. Bem, vocês não percebem que ele tinha feito alguma coisa, ele tinha pilotado; durante meses, eu o mantive junto de mim – um ajudante – um instrumento. Era uma espécie de sociedade. Ele pilotava por mim – eu tinha que ficar de olho nele, preocupava-me com as suas deficiências, e assim um sutil laço foi criado, do qual só tive consciência, quando se rompeu repentinamente. E a profundidade íntima daquele olhar que me lançou, quando foi ferido, permanece até hoje em minha memória, como um clamor de um parentesco distante reconhecido em um momento supremo”.

“Pobre tolo! Se ao menos ele tivesse deixado a veneziana em paz. Ele não tinha nenhum comedimento, nenhum comedimento – exatamente como Kurtz – uma árvore agitada ao vento. Assim que eu calcei um par de chinelos secos, eu o arrastei para fora, logo depois de ter arrancado a lança de seu flanco, operação que confesso ter realizado com os olhos bem fechados. Seus calcanhares saltaram por sobre a soleira da porta; seus ombros estavam pressionando o meu peito; eu o segurava por trás desesperadamente. Oh, como ele era pesado, mais pesado que qualquer homem no mundo, cheguei mesmo a

imaginar. Então sem muita demora, eu o arremessei para fora do barco. A correnteza o apanhara como se ele fosse um punhado de capim e vi o corpo rolar por duas vezes antes de perdê-lo de vista por completo. Todos os peregrinos e o gerente estavam reunidos no convés coberto próximo da cabina do timoneiro, tagarelando uns com os outros, como um bando de gralhas excitadas; houve um murmúrio escandalizado sobre a diligência insensível. Não posso imaginar para que eles desejavam manter aquele corpo pendurado ali. Embalsamá-lo, talvez. Mas eu também tinha ouvido um outro murmúrio, um muito sinistro, vindo do convés inferior. Meus amigos, os cortadores de lenha, estavam do mesmo modo escandalizados, e com uma razão muito mais razoável, embora admita que a razão fosse completamente inadmissível. Absolutamente! Eu tinha decidido que se o meu finado timoneiro tivesse que ser comido que os peixes o fizessem sozinhos. Ele tinha sido um timoneiro de segunda-classe enquanto esteve vivo, mas agora que ele estava morto ele poderia ter se tornado uma tentação de primeira-classe e, possivelmente, seria a causa de problema assustador. Além disso, estava ansioso para retomar o controle do leme, uma vez que o homem com pijama cor-de-rosa mostrava-se um completo fracasso para a tarefa”.

“Aquilo eu fiz imediatamente após o término do singelo funeral. Estávamos seguindo a meia velocidade, mantendo-nos bem no meio do rio, quando escutei uma conversa sobre mim. Eles tinham desistido de Kurtz, eles tinham desistido do entreposto; Kurtz estava morto e o entreposto tinha sido queimado – e por aí a diante e a diante. O peregrino ruivo estava transfigurado com o pensamento de que pelo menos o pobre Kurtz havia sido apropriadamente vingado. ‘Digam! Nós devemos ter feito um massacre glorioso na floresta, não? O que vocês acham? Digam!’ Ele dançava categoricamente, aquele bastardinho ruivo e sanguinário. E olhem que ele praticamente tinha desmaiado quando viu o homem ferido! Não pude me conter ao dizer, ‘Vocês fizeram um glorioso monte de fumaça, isso sim’. Eu tinha visto, pelo modo que a copa das árvores farfalhava e voava, que praticamente todos os tiros tinham sido dados altos demais. Não se pode atingir nada ao menos que se mire e atire com a arma apoiada no ombro, mas aqueles camaradas disparavam da cintura e com os olhos fechados. A debandada – foi o que eu observei, e estava certo quanto a isso – foi causada pelo uivo do apito do vapor. Diante disso, eles se esqueceram de Kurtz e começaram a uivar contra mim com protestos indignados”.

“O gerente permaneceu ao lado do leme, murmurando confidencialmente sobre a necessidade de descermos o quanto pudéssemos o rio, antes que escurecesse, ainda naquele dia, quando vi, à distância, uma clareira à margem e os contornos de algum tipo de construção. ‘O que é aquilo?’, perguntei. Ele bateu palmas, maravilhado. ‘O entreposto!’, gritei. Continuei avançando lentamente, ainda a meia velocidade”.

“Com os meus binóculos, avistei o declive de uma colina, entremeada com algumas poucas árvores e perfeitamente liberada de qualquer vegetação rasteira. Uma construção comprida e decadente no alto da colina estava parcialmente submersa no mato alto; à distância, grandes buracos na cobertura

pontiaguda se pareciam com bocas negras; o matagal e a floresta compunham o fundo da paisagem. Não havia nem fechamento ou cerca de qualquer tipo; mas aparentemente deve ter havido uma, pois próximo da casa, meia dúzia de estacas finas permaneciam alinhadas, toscamente aparadas e ornamentadas, na parte superior, com esferas esculpidas. As grades, ou o que quer que seja que houvesse entre elas, tinham desaparecido. Claro que a floresta circundava tudo. A margem do rio estava livre e, à beira do rio, vi um homem branco, sob um chapéu parecido com uma roda de carroção, agitando persistentemente o seu braço estendido. Examinando as margens da floresta acima e abaixo daquele ponto, quase tive certeza de poder ver movimentos – formas humanas deslizando por todos os lados. Com prudência, naveguei ao largo, então parei as máquinas e deixei que o vapor fosse levado pela correnteza. O homem na margem começou a gritar, encorajando-nos a desembarcar. ‘Fomos atacados’, gritou o gerente. ‘Eu sei... eu sei. Está tudo bem’, respondeu o outro, com uma alegria que os deixariam animados. ‘Venham. Está tudo bem. É uma satisfação’.

“Sua fisionomia lembrava-me algo que eu já tinha visto – algo engraçado que eu tinha visto em algum lugar. Enquanto eu manobrava para atracar, ficava me perguntando, ‘Com o que esse sujeito se parece?’. Foi quando, de repente, dei-me conta. Ele se parecia com um arlequim. Suas roupas tinham sido feitas com alguma coisa, provavelmente um linho marrom, mas estavam completamente cobertas com remendos, remendos claros, azuis, vermelhos e amarelos – remendos na parte da frente, remendos atrás, remendos nos cotovelos e nos joelhos; retalhos coloridos em seu casaco, bainhas escarlates na barra de suas calças; e a luz do sol fazia com que ele aparentasse um olhar extremamente alegre e, além disso, maravilhosamente elegante, pois se podiam ver quão belos os remendos tinham sido feitos. Um rosto imberbe e juvenil, muito belo, sem marcas a lhe alterar, o nariz despelandu, pequenos olhos azuis, sorrisos e olhares sérios perseguindo uns aos outros, com um semblante tão franco como a luz do sol e as sombras fazem em uma planície exposta ao vento. ‘Tome cuidado, capitão!’, ele gritou; ‘há uma saliência que ficou presa aqui noite passada’. O quê! Outra saliência? Confesso que eu praguejei sem vergonha alguma. Quase abri um buraco em meu companheiro deficiente apenas para dar um fim àquela viagem tão encantadora. O arlequim na margem virou o seu pequeno nariz arrebitado em minha direção. ‘Você? Inglês?’, ele perguntou, todo sorriso. ‘Você é?’, gritei por detrás do leme. O sorriso desapareceu e ele balançou a cabeça como se lamentasse pelo meu desapontamento. Mas se animou logo em seguida. ‘Não importa!’, ele gritou de modo encorajado. ‘Chegamos a tempo?’, perguntei. ‘Ele está lá em cima’, retrucou, com um movimento brusco da cabeça em direção à colina e ficando de repente deprimido. Seu rosto era como o céu de outono, nublado em um momento e cheio de luz no momento seguinte”.

Quando o gerente, acompanhado pelos peregrinos, todos armados até os dentes, prosseguiram em direção à casa, aquele camarada veio a bordo. ‘Veja, eu não gosto disto. Aqueles nativos estão na floresta’, eu disse. Ele assegurou-me com toda honestidade que estava tudo bem. ‘Eles são pessoas simples’, adicionou; ‘bem, fico feliz que você tenha chegado. Tomou-me muito tempo para mantê-los afastados’. ‘Mas você disse que estava tudo certo’, gritei. ‘Oh, eles não representam nenhuma ameaça’, disse ele; mas como eu o encarava, corrigiu-se, ‘Geralmente não’. Então continuou alegremente. ‘Céus, a sua cabina precisa de

uma limpeza!'. No instante seguinte, ele aconselhou-me a manter vapor suficiente nas caldeiras para soar o apito no caso de algum problema. 'Uma boa soada fará mais por vocês do que as suas espingardas. Eles são pessoas simples', ele repetiu. Ele tagarelava com tal velocidade que me deixava estupefado. Ele parecia tentar compensar os longos silêncios e, de fato, chegou a insinuar, rindo, que seria esse o caso. 'Você não conversa com o senhor Kurtz?', disse. 'Você não conversa com aquele homem – apenas o ouvimos', ele exclamou com profunda exaltação. 'Mas agora...!', ele agitou o braço e, num piscar de olhos, foi tomado pelo mais profundo desânimo. No momento seguinte, animou-se novamente com um salto, tomando-me minhas mãos e sacudindo-as continuamente, enquanto tagarelava, 'Irmão marinheiro... honra... prazer... deleite... apresentar-me... russo... filho de um arcepreste... governador de Tambov[3]... O quê? Tabaco! Tabaco inglês, o excelente tabaco inglês! Agora, isso sim é cordialidade. Fuma? Claro, onde já se viu um marujo que não fuma?'"

"O cachimbo o tranquilizou e, aos poucos, compreendi que ele tinha fugido da escola, ganhando o mar em um navio russo; fugiu novamente; serviu algum tempo em navios ingleses; agora estava reconciliado com o arcepreste. Salientou aquele fato. 'Mas quando se é jovem, deve-se ver coisas, ganhar experiência, ideias; ampliar a mente'. 'Aqui!', eu o interrompi. 'Não se pode dizer! Aqui encontrei-me com o senhor Kurtz', disse ele, com uma solenidade juvenil e repreensiva. Depois daquilo, procurei me controlar. Parecia que ele tinha convencido uma casa comercial holandesa localizada no litoral a supri-lo com provisões e mercadorias e seguira para o interior com o coração desarmado e nenhuma ideia, além daquelas que poderiam ser comuns a ele e a um bebê. Ele vagou ao longo daquele rio aproximadamente por dois anos, sozinho, isolado de todos e de tudo. 'Eu não sou tão jovem quanto pareço. Tenho vinte e cinco anos', ele disse. 'No começo, o velho Van Shuyten me mandara para o inferno', narrava ele com um prazer entusiasmado, 'mas eu o importunei, e falava e falava até que, por fim, acabei vencendo-o pelo cansaço, e por causa disso ele me deu alguns produtos baratos e algumas armas e disse-me que esperava nunca mais me ver novamente. O bom e velho holandês, Van Shuyten. Eu lhe enviei um lote pequeno de marfim ano passado, para que ele não pudesse me chamar de ladrãozinho quando eu retornasse. Espero que ele tenha recebido. Quanto ao restante, não me importa. Tenho um pouco de lenha empilhada para você. Aquela era a minha antiga casa. Você a viu?'"

"Dei-lhe o livro de Towson. Ele fez menção de me beijar, mas se conteve. 'O único livro que eu tive e pensei que o tivesse perdido', ele disse, olhando cheio de entusiasmo para o livro. 'Você sabe que tantos acidentes podem acontecer com um homem que está seguindo sozinho. Canoas às vezes viram... e, às vezes, você precisa se deslocar tão às pressas quando esta gente se enfurece'. Ele folheou as páginas. 'Você fez anotações em russo?', perguntei. Ele concordou com a cabeça. 'Pensei que elas estavam escritas em algum código', disse. Ele riu e depois ficou sério. 'Eu tive tanto problema em manter essa gente afastada', ele disse. 'Eles queriam lhe matar?', perguntei. 'Oh, não!', ele disse mas, então, se conteve. 'Por que eles nos atacaram?', insisti. Ele hesitou, e então disse tomado pela vergonha. 'Eles não queriam que ele fosse embora'. 'Eles não queriam?', disse, com curiosidade. Ele concordou com a cabeça de um modo repleto de mistério e sabedoria. 'Veja bem', continuou ele, 'este homem abriu minha mente'. Ele abriu totalmente os braços, encarando-me com os seus olhinhos azuis perfeitamente redondos".

[1] Uma coroa é uma medida monetária da Inglaterra, cujo valor até 1971 correspondia a 25 xelins e após essa data a 25 pence. A partir de 1990, uma coroa passou a valer cinco libras esterlinas.

[2] Martini-Henri foi um modelo de rifle produzido entre 1877 e 1891; foram produzidos aproximadamente 1 milhão de unidades e foi sinônimo do Imperialismo Britânico, permanecendo em operação no exército daquela nação até a Primeira Guerra Mundial.

[3] Tambov é uma cidade russa, capital da província de mesmo nome, localizada na confluência dos rios Tsna e Studnets, a 480 quilômetros ao sudeste de Moscou.

III

“Olhei para ele, tomado de admiração. Lá estava ele, bem diante de mim, coberto de retalhos, como se ele tivesse escapado de uma trupe de mímicos, entusiasmado, fabuloso. Sua própria existência era improvável, inexplicável e plenamente desconcertante. Ele era um problema insolúvel. Era inconcebível como ele tinha sobrevivido, como ele tinha obtido sucesso em chegar tão longe, como ele tinha conseguido permanecer – o porquê dele não ter desaparecido instantaneamente. ‘Eu prosseguia um pouco de cada vez’, disse ele, ‘e aí um pouquinho mais, até que eu cheguei tão longe que não sei mais como voltar. Não importa. Há muito tempo para isso. Eu posso dar um jeito. Leve Kurtz embora, depressa, depressa, ouça o que eu lhe digo’. O encanto da juventude envolvia os retalhos multicoloridos da roupa dele, a privação, a solidão e a desolação essencial de suas perambulações sem valor. Por meses, por anos, a vida dele não valia nada; e ali ele se sentia vivo, de um modo galante e despreocupado, vivo com toda sua indestrutível aparência apenas por causa da virtude de seus poucos anos e de sua audácia irrefletida. Estava seduzido por algo como admiração e inveja. Aquele encanto o encorajava e o mantinha incólume. Ele claramente não desejava nada da floresta, além de espaço para respirar e, com isso, seguir à diante. Sua necessidade era a de escapar e de prosseguir em direção ao maior perigo possível e com o máximo de privação. Se aquele espírito de aventura, absolutamente puro, arbitrário e pouco prático já chegou a governar um ser humano, com certeza governava aquele jovem remendado. Eu praticamente invejava o seu controle de tal chama tão modesta e clara. Ela parecia que consumira todos os pensamentos daquele ser tão completamente que, mesmo enquanto ele conversava com você, esquecíamos que ela na verdade era ele – o homem diante de seus olhos – que havia passado por todas aquelas coisas. Contudo, não invejava a sua devoção a Kurtz. Ele não tinha meditado sobre isso. Simplesmente, veio até ele e ele a tinha aceitado com um pouco de fatalismo ansioso. Devo dizer-lhes que para mim ela se apresentava como sendo uma das coisas mais perigosas pela qual ele já tinha passado até então”.

“Eles tinham se aproximado, inevitavelmente, como dois navios com o maquinário parado que se aproximavam um do outro e que, eventualmente, se esbarravam. Suponho que Kurtz desejasse pessoas que o ouvissem, pois, em certa ocasião, quando se encontravam acampados na floresta, eles conversaram a noite toda, ou mais provavelmente Kurtz falava. ‘Nós conversamos sobre tudo’, disse ele, praticamente arrebatado pela lembrança. ‘Esqueci que havia algo como o descanso. A noite não pareceu ter durado mais que uma hora. Sobre tudo! Sobre tudo! Inclusive sobre o amor’. ‘Ah, ele conversou com você sobre o amor!’, disse, muito entretido. ‘Não é o que você está pensando’, exclamou, quase apaixonadamente. ‘Mas em linhas gerais. Ele fez com que eu pudesse compreender certas coisas... coisas’”.

“Ele jogou os braços para cima. Estávamos no convés naquela ocasião e o líder dos meus cortadores de lenha, que descansava ali próximo, lançou sobre ele os seus olhos duros e cintilantes. Olhei ao redor... não sei o porquê, mas posso lhes assegurar que nunca, nunca antes, aquela terra, aquele rio, aquela selva, mesmo a abóbada daquele céu flamejante, pareceram-me tão sem esperança e tão sombrios, tão impenetráveis ao pensamento humano, tão impiedosos à fraqueza humana. ‘E, desde então, você tem estado com ele, por certo?’, disse a ele”.

“Pelo contrário. Parece que o relacionamento entre eles havia sido interrompido por diversas razões. Ele tinha, como me informou orgulhosamente, conseguido cuidar de Kurtz por duas ocasiões, quando esteve doente (ele se referia a aquilo como vocês se refeririam a alguma façanha arriscada), mas, por via de regra, Kurtz perambulava sozinho para dentro das profundezas da floresta. ‘Frequentemente, ao chegar ao entreposto, eu tinha que esperar dias e dias antes que pudesse vê-lo novamente’, disse ele. ‘Ah, mas valia a pena esperar! Às vezes’. ‘O que ele estava fazendo? Explorando ou algo do gênero?’, perguntei. ‘Oh, sim, claro’. Ele tinha descoberto um monte de vilarejos, um lago também... ele não sabia bem exatamente em qual direção; era perigoso fazer muitas perguntas, mas, na maioria das vezes, as suas expedições eram em busca de marfim. ‘Mas ele não possuía nenhuma mercadoria para trocar por marfim naquela época’, objetei. ‘Ainda havia uma boa quantidade de munição que restara’, ele respondeu, desviando o olhar. ‘Falando francamente, ele tomou de assalto o território’, disse eu. Ele concordou. ‘Certamente, não sozinho!’. Ele murmurou alguma coisa sobre os vilarejos em torno do lago. ‘Kurtz conseguiu que a tribo o seguisse, foi isso?’, sugeri. Ele se incomodou um pouco com isso. ‘Eles o adoraram’, ele disse. O tom daquelas palavras era tão extraordinário que eu olhei para ele com um olhar inquiridor. Era curioso ver o ímpeto que ele possuía misturado à relutância ao falar de Kurtz. O homem preencheria a sua vida, ocupara os seus pensamentos, influenciara os seus sentimentos. ‘O que poderíamos esperar?’, irrompeu de repente; ‘ele veio até eles com o trovão e o relâmpago, você bem sabe, e eles nunca tinham visto nada como aquilo e foi algo terrível. Ele poderia ser realmente terrível. Não julgue o senhor Kurtz como você faria com um homem comum. Não, não, não! Veja – apenas para lhe dar uma ideia – e não me importo em lhe dizer – um dia, ele também quis atirar em mim, mas, mesmo assim, eu não o julguei’. ‘Atirar em você!’, exclamei. ‘Mas por quê?’ ‘Bem, eu tinha um pequeno lote de marfim que o chefe daquele vilarejo próximo de minha casa havia me dado. Veja bem, eu costuma abater alguns animais de caça para eles. Bem, ele desejava o marfim e não se importava com as minhas razões. Ele afirmou que atiraria em mim, ao menos que eu lhe desse o marfim e que partisse do território, pois ele faria isso realmente e, estava muito inclinado a fazê-lo, e não havia nada no mundo que o impediria de matar quem lhe bem aprouvesse. E isso era bem verdade. Eu lhe dei o marfim. Não me importava! Mas eu não fui embora. Não, não. Eu não poderia deixá-lo. Eu tinha que ser cuidadoso, durante certo tempo, é claro, até que nós fôssemos amigos novamente. Foi quando ele adoeceu pela segunda vez

Depois disso, tive que me manter fora do caminho, mas eu não me importava. Ele estava vivendo na maior parte do tempo junto daqueles vilarejos no lago. Quando ele descia o rio, às vezes ele vinha até mim, e às vezes era melhor que eu fosse cuidadoso. Este homem sofreu muito. Ele odiava tudo aquilo, mas de algum modo não conseguia se afastar. Quando eu tive uma oportunidade, eu lhe implorei para tentar partir enquanto houvesse tempo; cheguei a me oferecer para acompanhá-lo. E ele dizia que sim, mas continuava aqui; partia em outra busca por marfim; desaparecia por semanas; esquecia-se entre aquela gente, esquecia-se por completo, você entende?'. 'Por quê? Ele é louco', respondi. Ele protestou, tomado de indignação. O senhor Kurtz não poderia ser louco. Se eu o tivesse ouvido falar, há apenas dois dias, não ousaria sugerir tal coisa... tomei os meus binóculos, enquanto conversávamos, e olhei para a margem, calculando os limites da floresta de cada lado da casa, bem como pelos fundos. A ciência de que havia pessoas naquela selva, tão silenciosa e quieta – como o silêncio e a quietude da casa arruinada na colina – me deixava desconfortável. Não havia nenhum sinal sobre a face da natureza daquela história impressionante que não era tão vívida quanto me era sugerida pelas exclamações vazias, complementadas por encolher de ombros, em frases interrompidas, em sugestões terminadas com suspiros profundos. A mata estava imóvel como uma máscara... pesada como uma porta fechada de uma prisão... ela olhava com um ar de conhecimento oculto, de expectativa paciente, de silêncio inacessível. O russo estava me explicando que fazia pouco tempo que senhor Kurtz tinha decido o rio, trazendo com ele todos os guerreiros daquela tribo do lago. Ele tinha se ausentado por vários meses – enquanto era venerado, suponho – e de repente, ele descera o rio, com a clara intenção aparente de fazer uma incursão ou à outra margem do rio ou descendo a correnteza. Evidentemente o apetite por mais marfim triunfara sobre – como poderei dizer? – as aspirações menos materiais. Entretanto, ele havia piorado muito de repente. 'Ouvi que ele estava prostrado sem auxílio algum e então eu vim para cá... arrisquei-me', disse o russo. 'Oh, ele está mal, muito mal'. Mirei a casa com os meus binóculos. Não havia nenhum sinal de vida, além da cobertura arruinada, da longa parede de barro, despontando acima do mato, com três pequenas janelas quadradas, nenhuma do mesmo tamanho; tudo aquilo ao alcance de minha mão, como de fato estava. E, então, eu fiz um movimento brusco e uma das estacas remanescentes da cerca desaparecida saltou diante do campo de visão de meus binóculos. Vocês se lembram que eu lhes disse que havia fico impressionado, mesmo que à distância, com certas tentativas de ornamentação, fora do comum diante do aspecto arruinado do lugar. Agora, e repentinamente, eu tinha uma visão mais próxima e o primeiro resultado disso fez com que minha cabeça fosse lançada para trás como diante de um golpe. Foi quando cuidadosamente fui de estaca a estaca com os meus binóculos que percebi o meu equívoco. Aquelas esferas redondas não eram ornamentais, mas sim simbólicas; elas eram significativas, estarrecedoras, impressionantes e perturbadoras – alimento para a imaginação e também para os abutres se houvesse algum olhando dos céus; todavia, aqueles acontecimentos alimentariam todas as formigas diligentes o suficiente que escalassem a estaca. Aquelas cabeças espetadas nas estacas seriam ainda mais impressionantes se não

estivessem viradas para a casa. Apenas uma, a primeira que eu avistara, estava voltada na minha direção. Não fiquei tão impressionado quanto vocês podem supor. Na realidade, o sobressalto que eu tinha dado nada mais era que um movimento de surpresa. Vejam bem vocês, eu esperava ver uma esfera de madeira ali. Voltei deliberadamente para a primeira que eu havia visto... lá estava ela, enegrecida, seca, adormecida, com as pálpebras fechadas, uma cabeça que parecia dormir sobre a ponta da estaca e com os lábios secos e contraídos, mostrando uma estreita linha branca dos dentes, que pareciam sorrir, sorrindo continuamente de algum sonho jocosos e sem fim dentro daquele repouso eterno”.

“Eu não havia descoberto nenhum segredo comercial. De fato, o gerente disse mais tarde que os métodos do senhor Kurtz tinham arruinado o distrito. Eu não tinha nenhuma opinião àquele ponto, mas quero que vocês entendam claramente que não havia nada exatamente de proveitoso no fato daquelas cabeças estarem ali. Elas apenas demonstravam que o senhor Kurtz carecia de comedimento quanto à satisfação de seus vários desejos... que havia alguma coisa em falta nele, alguma coisa menor que, quando confrontada com a pressão, não podia ser encontrada sob a sua eloquência magnífica. Se ele tinha ciência daquela sua deficiência, não sei lhes dizer. Acredito que o conhecimento daquilo lhe foi revelado no fim, apenas no fim. Mas a floresta o encontrara logo no início e lhe impusera uma terrível vingança por sua fantástica invasão. Acredito que ela lhe tenha sussurrado coisas sobre ele mesmo que ele ainda não sabia, coisas que ele não tinha a mínima noção até que tivesse contato com aquela grande solidão... e o murmúrio demonstrou-se irresistivelmente fascinante. Ele ecoou de maneira vociferante dentro dele, pois ele era completamente vazio... Abaixei os binóculos e a cabeça que tinha surgido tão próxima, a ponto de eu mesmo poder conversar com ela, parecia de imediato ter saltado para longe de mim até uma distância inacessível”.

“O admirador do senhor Kurtz ficou um pouco deprimido. Com uma voz indistinta e apressada, ele começou a me assegurar que não ousara retirar aqueles... digamos, símbolos. Ele não tinha medo dos nativos; eles não se movimentariam até que o senhor Kurtz desse a ordem. A dominação dele era extraordinária. Os campos daquela gente circundavam o lugar e os chefes vinham todos os dias para vê-lo. Eles se rastejavam... ‘Não desejo saber nada das maneiras que eles usavam para se aproximar do senhor Kurtz’, gritei. Curioso aquele sentimento que eu tinha de que tais detalhes seriam mais intoleráveis do que aquelas cabeças secando no topo daquelas estacas sob a janela do senhor Kurtz. Afinal, aquilo era somente uma visão selvagem, enquanto eu parecia estar prestes a ser transportado para dentro de alguma região mais tenebrosa de sutis horrores, onde a pura e elementar selvageria era um consolo positivo, como se fosse algo que tivesse o direito de existir tão obviamente sob a luz do sol. O jovem olhou-me com surpresa. Suponho que não tivesse lhe ocorrido que o senhor Kurtz não era um ídolo para mim. Ele se esquecera que eu não tinha ouvido nada daqueles esplendidos monólogos sobre... – sobre o que mesmo? – sobre amor, justiça, conduta de vida, ou o que mais fosse. Se tivesse que se rastejar diante do

senhor Kurtz, ele rastejaria tanto quanto o mais natural de todos aqueles selvagens. Eu não tinha ideia das condições, ele me disse: aquelas cabeças eram as cabeças de rebeldes. Eu o surpreendi excessivamente ao rir. Rebeldes! Qual seria a próxima definição para aquilo que eu estava ouvindo? Havia inimigos, criminosos, trabalhadores... agora aqueles eram rebeldes. Aquelas cabeças rebeldas olhavam para mim muito submissas do alto das estacas. 'Você não tem ideia de como uma vida como esta pode testar um homem como ele', exclamou o derradeiro discípulo de Kurtz. 'Bem e você tem?', eu disse. 'Eu? Eu? Eu sou um homem simples. Eu não tenho grande imaginação. Eu não quero a admiração de ninguém. Como você pode me comparar com...?' Os sentimentos dele eram tantos que não podia falar e, de repente, ele sucumbiu. 'Eu não entendo', ele suspirou. 'Eu tenho feito o melhor possível para mantê-lo vivo e isso é o suficiente. Eu não tenho nenhuma mão para isto. Não tenho nenhuma habilidade. Não tive uma gota sequer de remédio ou uma porção de comida que prestasse durante meses aqui. Ele foi vergonhosamente abandonado. Um homem como este, com tais ideias. Vergonhoso! Vergonhoso! Eu... eu... faz pelo menos dez noites que eu não durmo...'"

"A voz dele se perdeu na calmaria do entardecer. As longas sombras da floresta que se espalhavam colina abaixo enquanto conversávamos, tinham agora se afastados do barracão em ruínas, para longe da fileira das estacas simbólicas. Tudo aquilo estava na escuridão, enquanto que nós, lá embaixo, ainda estávamos sob a luz do sol e o braço do rio em frente à clareira, cintilava em um tranquilo e ofuscante esplendor, com uma curva melancólica e sombria acima e abaixo. Nenhuma viva alma era vista na margem. A mata não farfalhava".

"De repente, próximo do canto da casa, um grupo de homens apareceu, como se eles tivessem surgido de dentro da terra. Eles atravessavam com dificuldade, afundados até a cintura na relva, em um bloco compacto, enquanto carregavam uma padiola improvisada. Num piscar de olhos, no vazio da paisagem, um grito irrompeu tão estridentemente que perfurou o ar imóvel como uma flecha afiada voando diretamente até o coração da terra; e, como por encantamento, levadas de seres humanos, de seres humanos desnudos, com lanças nas mãos, com arcos, com escudos, com olhares cintilantes e movimentos selvagens, transbordavam para dentro da clareira pela floresta pensativa e de fisionomia sombria. O matagal se agitou, a relva ondulou por um tempo e então tudo ficou parado dentro de uma atenta imobilidade".

"'Agora, se ele não disser a coisa certa para eles, nós estaremos completamente perdidos', disse o russo bem ao meu lado. O grupo de homens com a padiola parou também, a meio caminho do vapor, como se estivesse petrificado. Eu vi o homem na padiola se sentar, esquálido e com um dos braços levantados, acima dos ombros dos carregadores. 'Esperemos que o homem que consegue falar tão bem sobre o amor, em geral, encontre alguma razão em particular para nos poupar desta vez', disse eu. Ressentia-me amargamente com o absurdo perigo de nossa situação como, estar sob a misericórdia daquele fantasma atroz, fosse uma necessidade desonrosa. Não conseguia ouvir um som

sequer, mas, através dos meus binóculos, eu vi um braço magro estendido, comandando; a mandíbula inferior se movendo; os olhos da aparição brilhando sombriamente nas profundezas de sua cabeça ossuda que se inclinava com movimentos grotescos. Kurtz, Kurtz... significa ‘curto’ em alemão, não é? Bem, o nome era tão verdadeiro quanto tudo o mais em sua vida, bem como diante de sua morte. Ele parecia possuir pelo menos uns dois metros de comprimento. Sua coberta havia caído e o seu corpo emergiu, patético e pavoroso, como se saltasse de uma mortalha. Eu podia ver o formato de suas costelas, todas se agitando, os ossos de seu braço em movimento. Era como se uma imagem animada da morte, esculpida em marfim velho, sacudisse sua mão com ameaças em direção a uma multidão imóvel de homens feitos de bronze escuro e cintilante. Eu o vi abrir bem sua boca, o que lhe dava um aspecto estranhamente voraz, como se desejasse engolir todo o ar, toda a terra e todos os homens diante dele. Mesmo fraca, uma voz profunda alcançou-me. Ele deveria estar gritando. De repente, ele caiu para trás. A padiola sacudiu, enquanto os carregadores se balançavam novamente para frente e, praticamente ao mesmo tempo, percebi que a multidão de selvagens havia desaparecido sem qualquer movimento perceptível de retirada, como se a floresta, que tinha expulsado aqueles seres tão repentinamente, os tivesse recolhido novamente como o ar que é inalado após uma longa respiração”.

“Alguns dos peregrinos por detrás da padiola carregavam as armas dele – duas espingardas, uma carabina pesada e um revolver-carabina leve – os relâmpagos daquele Júpiter patético. O gerente se curvou sobre ele, sussurrando na medida em que caminhava ao lado da cabeça dele. Eles o colocaram em uma das pequenas cabanas – apenas um cômodo com uma cama e uma banqueta de armar ou duas, entendem? Nós tínhamos trazido a sua correspondência atrasada e uma pilha de envelopes rasgados e cartas abertas entulhavam a sua cama. A mão dele vagava debilmente por entre aqueles papéis. Eu me surpreendi com o calor de seus olhos e a languidez contida de seu semblante. Não era tanto pela exaustão da doença. Parecia que ele não sentia dor. Aquela sombra parecia saciada e calma, como se, para aquele momento, estivesse satisfeita de todas as emoções”.

“Ele folheava uma das cartas e, olhando diretamente para o meu rosto disse, ‘Muito prazer...’. Alguém já tinha lhe escrito sobre mim. Aquelas recomendações especiais apareciam novamente. O tom de sua voz, que ele emitia sem esforço, quase sem dificuldade para movimentar os lábios, impressionou-me. Uma voz! Uma voz! Era grave, profunda, vibrante, enquanto que o homem aparentava não ser capaz nem de um sussurro. Todavia, havia uma força suficiente nele, dissimulada sem dúvida, muito próxima de dar fim em nós, como vocês perceberão logo mais”.

“O gerente apareceu silenciosamente pelo vão da porta; saí ao mesmo tempo e ele fechou a cortina logo após. O russo, observado curiosamente pelos peregrinos, estava olhando para a margem do rio. Segui a direção de seu olhar”.

“Escuras formas humanas podiam ser percebidas à distância, passando

rápida e indistintamente contra a sombria borda da floresta e, próximas do rio, duas figuras de bronze, apoiadas sobre lanças altas, permaneciam sob a luz do sol, envergando fantásticos toucados de pele malhada, prontas para a guerra e, ainda assim, tais figuras estavam lançadas em um repouso tão estático quanto o de estátuas. E, da direita para a esquerda, ao longo da margem iluminada, movia-se uma selvagem e vistosa aparição de uma mulher”.

“Ela caminhava com passos controlados, drapejada com roupas ornadas com franjas e listras, pondo os pés sobre a terra com orgulho, com um leve tilintar de ornamentos bárbaros. Ela mantinha a cabeça elevada; seus cabelos estavam arrumados no formato de um elmo; tinha perneiras de bronze até os joelhos, pulseiras feitas com fios de bronze até os cotovelos, um sinal carmesim sobre as bochechas pardas, incontáveis colares de contas de vidro no pescoço; coisas bizarras, amuletos, presentes de feiticeiros que pendiam dela, reluzindo e balançando a cada passo. Ela ostentava o valor de várias presas de elefante sobre o corpo. Ela era selvagem e maravilhosa, magnífica, com olhos arregalados; havia algo de ameaçador e majestoso em seu avanço deliberado. E no silêncio que se abatera repentinamente sobre toda aquela terra pesada, a imensa floresta, o colossal corpo da vida fecunda e misteriosa, parecia contemplá-la, pensativa, como se estivesse olhando para a sua própria alma, tenebrosa e apaixonada”.

“Ela seguiu diretamente para diante do vapor, parando ali e nos encarando. A sua longa sombra se esparramava sobre a margem da água. O seu rosto tinha um aspecto trágico e feroz, um sofrimento selvagem, uma dor caída, mesclado com o temor de alguma determinação mal formada e esforçada. Ela permaneceu olhando para nós, sem se mexer, e, como a própria floresta, possuía um ar de meditação sobre um propósito impenetrável. Passou-se um minuto todo e então ela deu passo para frente. Havia um tilintar baixo, um brilho de metal dourado, um gíngado de tecido com franjas, e ela parou como se o seu coração tivesse lhe falhado. O jovem ao meu lado rosou. Os peregrinos murmuraram atrás de mim. Ela olhou para nós como se a sua vida dependesse da estabilidade inabalável de seu olhar. De repente, ela estendeu os seus braços desnudos e lançou-os petrificados acima de sua cabeça, como se fosse tomada por um incontrolável desejo de tocar o céu e, ao mesmo tempo, sombras ligeiras arremessaram-se sobre a terra, arrastando-se em torno do rio, unindo-se ao vapor dentro de um abraço tenebroso. Um silêncio formidável pairava sobre a cena”.

“Ela se virou lentamente, caminhou, seguindo a margem do rio e penetrou na floresta, à esquerda. Uma única vez, os seus olhos resplandeceram em nossa direção, de dentro das trevas da mata fechada, antes de desaparecer”.

“Se ela tivesse demonstrado que viria a bordo, eu acho realmente que teria que atirar nela”, disse o homem dos retalhos, tomado por nervosismo. ‘Eu arrisquei a minha vida todos os dias das últimas duas semanas para mantê-la afastada da casa. Ela conseguiu entrar um dia e criou um tumulto por causa daqueles tapetes miseráveis que eu tinha conseguido no depósito com os quais

remendaria as minhas roupas. Eu estava indecente. Pelo menos deveria ser isso, pois ela conversou com Kurtz por uma hora toda, tomada de fúria, vez ou outra apontando para mim. Eu não entendo o dialeto dessa tribo. Felizmente para mim, supus que Kurtz estivesse muito adoentado naquele dia para se importar com aquilo, ou teria havido uma grande confusão. Eu não entendo... Não... isso é demais para mim. Ah, bem, mas agora isso tudo acabou”.

“Naquele momento, ouvi a voz cavernosa de Kurtz por detrás da cortina, ‘Salve-me!... Salvar o marfim, você quer dizer. Não me diga. Salve a *mim*! Por que eu deveria lhe salvar. Você está interrompendo os meus planos. Doente! Doente! Não tão doente quanto você julga. Não importa. Eu ainda porei em práticas as minhas ideias... eu voltarei. Eu lhe mostrarei o que pode ser feito. Você, com sua percepção de vendedor... você está me atrapalhando. Eu voltarei. Eu...”

“O gerente saiu. Deu-me a honra de tomar o meu braço e me levar para o lado. ‘Ele está muito fraco, muito fraco’, disse ele. Considerou ainda a necessidade de suspirar, mas menosprezou a utilização de um pesar consistente. ‘Nós fizemos tudo o que foi possível para ele, não foi? Mas não havia como mascarar o fato de que o senhor Kurtz tinha causado mais prejuízo do que lucro para a Companhia. Ele não tinha percebido que não era época de se agir com vigor. Sempre com cautela, com cautela... este é o meu princípio. Devemos ser cautelosos ainda. O distrito está fechado para nós por um tempo. Deplorável! De um modo geral, o comércio que irá sofrer. Não nego que há uma quantidade considerável de marfim, a maioria fossilizada. De todo modo, devemos resgatá-la, mas veja como a nossa posição é precária... e por quê? Porque o método não é correto’. ‘Você’, eu disse, olhando para a margem do rio, ‘chamaria isso de *método incorreto*?’. ‘Sem dúvida’, ele exclamou ardentemente. ‘Você não chamaria...? Mas não há método nenhum’, murmurei depois de um tempo. ‘Exatamente’, ele exultou. ‘Eu já estava esperando isso. Demonstra uma completa falta de julgamento. É meu dever apontar a quem compete’. ‘Oh’, disse eu, ‘aquele camarada... qual mesmo o nome dele?... o oleiro, fará um relatório minucioso para você’. Ele pareceu estar confuso por um momento. Parecia para mim que eu nunca tivera respirado uma atmosfera tão desprezível e voltei o meu pensamento para Kurtz, em busca de alívio... positivamente em busca de alívio. ‘Todavia, acho o senhor Kurtz um homem admirável’, disse com ênfase. Ele se sobressaltou, lançando-me um olhar frio e pesado e dizendo com muita serenidade, ‘Ele *era*’, e deu-me as costas. Meu tempo de gentileza tinha terminado; encontrei-me associado à Kurtz, como um partidário de certos métodos não adequados para a ocasião: eu era imperfeito! Ah! Mas pelo menos significava alguma coisa ter uma variedade de opções em meio aos pesadelos”.

“Eu tinha me voltado para a floresta, na verdade, não para o senhor Kurtz que eu já considerava como praticamente sepultado. E, por um momento, pareceu para mim que eu também estivesse enterrado em uma enorme sepultura, repleta de segredos inconfessáveis. Senti um peso intolerante oprimindo-me o peito, o cheiro de terra úmida, a presença invisível da corrupção

vitoriosa, a escuridão de uma noite impenetrável... o russo bateu-me no ombro. Eu o ouvi murmurando e gaguejando algo como 'irmão marinheiro... não poderia ocultar... conhecimento dos assuntos que afetaria a reputação do senhor Kurtz'. Eu aguardei. Para ele, o senhor Kurtz evidentemente não estava em seu leito de morte; suspeitei que para ele, o senhor Kurtz era um dos imortais. 'Bem!', disse por fim, 'que seja. No final das contas, sou amigo do senhor Kurtz, de certo modo'".

"Ele declarou com uma boa parcela de formalidade que se não tivéssemos 'a mesma profissão', ele manteria o assunto apenas para si mesmo, sem considerar as consequências. 'Ele suspeitava que houvesse uma má vontade contra ele por parte daqueles brancos que...'. 'Você está certo', respondi, lembrando de certa conversa que tinha ouvido por alto. 'O gerente acha que você deveria ser enforcado'. Ele mostrou-se preocupado com aquela informação, o que me divertiu a princípio. 'Eu não posso fazer mais nada por Kurtz no momento e eles logo descobririam alguma desculpa. O que os impediria? Havia um posto militar a uns quinhentos quilômetros daqui'. 'Bem, dou-lhe minha palavra', exclamei, 'talvez seja melhor que você se vá, se você tiver alguns amigos entre os selvagens da redondeza'. 'Tenho muitos', ele disse. 'Eles são pessoas simples e eu não desejo nada, como você sabe'. Ele ficou mordiscando os lábios, e completou, 'eu não desejo que nada de mal aconteça com os brancos daqui, mas, também, estou pensando na reputação do senhor Kurtz... mas você é um irmão do mar e...'. 'Tudo bem', disse-lhe, depois de um tempo, 'A reputação do senhor Kurtz está a salvo comigo', só não sabia quão verdadeira era essa informação".

"Ele me disse, abaixando a voz, que tinha sido Kurtz que ordenara o ataque que atingiu o vapor. 'Ele, muitas vezes, odeia a ideia de ser retirado daqui... e por isso... Mas eu não compreendo essas questões. Eu sou um homem simples. Ele pensou que isso os assustaria... que vocês desistiriam se achassem que ele estivesse morto. Não pude impedi-lo. Oh, eu passei por maus momentos neste último mês'. 'Muito bem', eu disse. 'Está tudo bem agora'. 'S-s-sim', ele resmungou, não plenamente convencido daquilo. 'Obrigado', eu disse; 'Vou manter os meus olhos abertos'. 'Mas silêncio, sim?', ele pediu ansiosamente. 'Seria terrível para a reputação dele se qualquer um aqui...'. Prometi discrição completa com grande seriedade. 'Eu tenho uma canoa e três camaradas negros esperando não muito longe daqui. Eu vou embora. Você poderia me dar um pouco de munição para Martini-Henry?' Eu podia e eu lhe dei, dentro do sigilo necessário. Serviu-se, piscando para mim, de um punhado do meu tabaco. 'Entre marinheiros... você sabe... o bom tabaco inglês'. Ao chegar à porta da cabina do leme, ele se virou, 'Você não teria um par de sapatos que você pudesse me dar?' e levantando uma das pernas, disse, 'Veja'. As solas estavam amarradas com barbantes de sandálias, habilmente atadas sob os pés descalços. Dei-lhe um par velho, que ele olhou com admiração antes de colocar sob o seu braço esquerdo. Um dos seus bolsos (vermelho-vivo) estava abarrotado com munição, o outro (azul-escuro) deixava à vista a 'Investigação de Towson, etc., etc.'. Ele parecia acreditar que estava muito bem equipado para um encontro renovado com a floresta. 'Ah! Eu nunca, mas nunca encontrarei um homem deste tipo

novamente. Você precisava ouvi-lo recitar poesia... e de sua própria lavra, como me disse. Poesia!” Ele ergueu os olhos ao se lembrar de tais prazeres. ‘Oh, ele ampliou a minha mente!’ ‘Adeus’, eu disse; cumprimentamo-nos e ele desapareceu na noite. Algumas vezes eu me perguntava se eu tinha realmente me encontrado com ele... se era possível se encontrar com algo tão extraordinário!...”

“Quando eu acordei, logo após a meia-noite, veio-me à mente a recomendação que ele me fizera, com a menção de perigo que havia nela, na escuridão estrelada, tão real que me fizera levantar com o propósito de dar uma volta ao redor. Na colina, uma grande fogueira queimava, iluminando irregularmente um dos cantos destruídos da casa do entreposto. Um dos agentes, com uma patrulha formada por alguns de nossos negros armados para tal, estava vigiando o marfim; mas nas profundezas da floresta, lampejos vermelhos que cintilavam, parecendo afundar e surgir a partir da terra, por entre formas colunares embaraçadas de intensa escuridão, mostravam a exata posição aonde os adoradores do senhor Kurtz mantinham a sua desconfortável vigília nos campos. A monótona batida de um grande tambor preenchia o ar com abalos abafados e uma prolongada vibração. O contínuo e monótono som de muitos homens entoando para si mesmos alguns encantamentos misteriosos surgia vindo da escura e chapada muralha de árvores como o zumbir de abelhas que saíam de sua colmeia e produzia um estranho efeito narcotizante sobre os meus sentidos meio adormecidos. Acredito que tivesse cochilado, apoiado em uma estaca, quando um súbito irromper de gritos, um devastador rompante de um frenesi contido e misterioso, despertou-me para dentro de um assombro desnorreado. Na verdade, ele foi bem curto, e o zumbido baixo prosseguiu com um efeito audível e um silêncio tranquilizador. Olhei casualmente para a pequena cabana. Uma luz ardia dentro dela, mas o senhor Kurtz não estava lá”.

“Acho que eu teria gritado se tivesse acreditado em meus olhos. Mas eu não acreditei neles a princípio – a coisa parecia tão impossível. O fato era que eu fiquei completamente sem coragem por um temor vazio e absoluto, um terror puro e abstrato, desconectado com qualquer forma distinta de perigo físico. O que fez com que aquela emoção fosse tão poderosa era... como poderia defini-la... o choque moral que eu recebi, como se algo completamente monstruoso, intolerável ao pensamento e detestável para a alma, tivesse se apoderado de mim inesperadamente. Aquilo durou, é claro, uma mera fração de segundo e, então, o sentimento usual de lugar-comum, de perigo mortal, a possibilidade de um súbito ataque ou massacre ou algo do tipo, que percebi iminente, foi positivamente bem vinda e apaziguante. Na verdade, esse sentimento me tranquilizou tanto que eu não soei nenhum alarme”.

“Havia um agente abotoado dentro de um sobretudo e que dormia em uma cadeira no convés a apenas um metro de mim. Os gritos não o acordaram; ele roncava muito levemente; Deixei-o descansar e pulei para a margem do rio. Eu não trairia o senhor Kurtz – estava decidido que eu não deveria nunca trair-lo – estava escrito que eu deveria ser leal ao pesadelo da minha escolha. Estava

ansioso para tratar com aquela sombra sozinho – e até este dia eu não sei por que eu estava tão receoso em dividir com alguém a peculiar escuridão daquela experiência”.

“Tão logo eu cheguei à margem eu vi uma trilha – uma trilha larga através da relva. Lembro-me do júbilo com o qual eu disse a mim mesmo, ‘Ele não consegue andar – ele está se rastejando – eu o peguei’. A relva estava molhada com o orvalho. Caminhei rapidamente com os punhos cerrados. Imagino que eu tinha alguma vaga noção de me lançar sobre ele e de lhe dar uma surra. Não sei. Eu tinha alguns pensamentos imbecis. A velha tricoteira com o gato irrompia em minha lembrança como a pessoa mais improvável de se encontrar, colocada na outra ponta de um negócio como aquele. Vi uma fileira de peregrinos disparando para o ar com seus Winchesters apoiados no quadril. Pensei que nunca retornaria ao vapor e me imaginei vivendo sozinho e desarmado no meio da mata até uma idade avançada. Essas coisas meio bobas, vocês compreendem? E lembro-me que confundi a batida do tambor com as batidas do meu coração e fiquei satisfeito com a tranquila regularidade dele”.

“Mantive-me ao longo da trilha e então parei para escutar. A noite estava muito clara: o espaço azul escuro, cintilando com orvalho e a luz das estrelas, no qual as coisas negras permaneciam imóveis. Pensei ter visto um tipo qualquer de movimentação logo a minha frente. Estranhamente, senti que tinha certeza de tudo àquela noite, tanto que deixei a trilha e corri por um grande semicírculo (acredito que rindo comigo mesmo de tudo aquilo), de modo que eu ficasse à frente daquele tumulto, daquele movimento que eu tinha visto... na verdade, eu não tinha visto nada. Eu estava me esquivando de Kurtz como se fosse uma brincadeira de criança”.

“Eu cheguei perto dele e, se ele não tivesse me ouvido chegando, eu teria caído sobre ele, mas ele se levantou a tempo. Ele se ergueu, cambaleando, alto, pálido, indistinto, como o vapor que exala da terra e que bruxuleia levemente, nebuloso e silencioso diante de mim; enquanto que atrás de mim, o fogo agigantava-se por entre as árvores e o murmúrio de muitas vozes emanava da floresta. Eu o havia interrompido com muita astúcia, mas quando o confronto de verdade ele pareceu se apoderar dos meus sentidos. Eu vi o perigo em suas devidas proporções. Ele não tinha terminado de jeito nenhum. Vocês devem supor que eu tivesse começado a gritar. Embora ele não pudesse se equilibrar muito bem, ele ainda possuía uma grande energia em sua voz. ‘Vá embora... esconda-se’, ele disse, com aquela entonação profunda. Era muito aterrador. Eu dei uma olhada para trás. Estávamos a uns trinta metros da fogueira mais próxima. Uma figura escura permanecia de pé, caminhando sobre as suas pernas longas e negras, agitando os seus longos braços negros, em direção ao fogo. Ele tinha chifres – chifres de antílope, eu acho – em sua cabeça. Algum tipo de feiticeiro, algum tipo de bruxo, sem dúvida; ele realmente se parecia com um demônio. ‘Você sabe o que você está fazendo?’, eu sussurrei. ‘Perfeitamente’, foi a resposta dada por ele, elevando a voz ao exclamar aquela única palavra. Ela soou-me longínqua, mas ainda assim, alta, como uma saudação emitida através

de um megafone. ‘Se ele partir para a luta, estamos perdidos’, pensei comigo mesmo. Certamente não era o caso para uma troca de socos, mesmo apesar da aversão natural que eu tinha em bater naquela Sombra – aquela coisa atormentada e perambulante. ‘Você se perderá’, eu disse, ‘se perderá completamente’. Às vezes, temos um lampejo de inspiração, sabem? Eu realmente disse a coisa certa, embora ele não pudesse se encontrar mais irreparavelmente perdido como ele já se encontrava naquele momento, quando as bases de nossa intimidade estavam sendo lançadas... de modo a resistir... a resistir... mesmo até o fim... para além de tudo aquilo”.

“‘Eu tinha grandes planos’, ele murmurou, repleto de hesitação. ‘Sim’, eu disse, ‘mas se você tentar gritar eu lhe esmagarei a cabeça com...’ Não havia ali por perto nem um bastão ou mesmo uma pedra. ‘Eu lhe esganarei, por certo’. Corrigi-me. ‘Eu me encontrava no limiar de grandes feitos’, ele se defendeu, com uma voz nostálgica e com uma tonalidade melancólica que vez com que o meu sangue congelasse. ‘E agora, chega este canalha estúpido...’. ‘O seu sucesso na Europa está assegurado de qualquer modo’, afirmei com firmeza. Eu não desejava ter que esganá-lo, vocês compreendem? E, de fato, aquilo seria de muita pouca valia para qualquer propósito prático. Eu tentei quebrar o feitiço – o feitiço pesado e obscuro da selva – que parecia drená-lo para o seu seio sem piedade através do despertar de instintos brutais e esquecidos, através da lembrança de paixões monstruosas e gratificantes. Estava convencido de que ela sozinha o tinha conduzido para as margens da selva, para a mata, em direção do clarão das fogueiras, da batida dos tambores, do zumbir de estranhos encantamentos; ela sozinha tinha seduzido a alma corrupta dele para além dos limites das aspirações permitidas. E, não sei se vocês perceberam, o terror da posição não estava em ser golpeado na cabeça – embora eu possuísse claramente aquele sentimento de perigo – mas na verdade ter que lidar com um ser a quem não se podia apelar em nome de nada mais alto ou mais baixo. Eu tinha, do mesmo modo que os negros, que invocá-lo – torná-lo ciente de sua própria incrível e exaltada degradação. Não havia nada acima ou abaixo dele, e eu sabia disso. Ele mesmo tinha se chutado para fora do mundo. Maldito seja! Ele tinha despedaçado o mundo a pontapés. Ele estava sozinho e eu, diante dele, não sabia se o prendia ao chão ou se me elevava ao ar. Eu tenho lhes contado o que nós dissemos – repetindo as frases que pronunciamos – mas, isso é o certo? Elas eram palavras comuns, cotidianas – sons familiares e vagos que trocamos a cada despertar, em cada dia da vida. Mas para que serviram? Elas estavam ocultas em minha mente, a terrível sugestão de palavras ouvidas em sonhos, de frases repetidas em pesadelos. Alma! Se alguém já lutou contra uma alma, eu sou este alguém. Mas tão pouco eu estava discutindo com um louco. Acreditem-me ou não, sua capacidade de compreensão era perfeitamente clara... concentrada, é claro, nela mesma com uma intensidade horripilante, mas ainda sim, clara. E naquilo residia a minha única chance, salvo é claro que eu o matasse ali e aquilo não seria tão bom, devido ao inevitável barulho. Entretanto, a sua alma estava alucinada. Estando sozinha dentro da floresta, ela havia olhado para dentro de si mesma e, por Deus, ela tinha enlouquecido. Eu tive – talvez por

causa dos meus pecados, suponho – que me submeter à prova de ter que olhar para dentro de mim mesmo. Nenhuma eloquência poderia ser tão embaraçosa para a crença de alguém na humanidade do que o seu definitivo rompante de sinceridade. Ele lutava contra si mesmo. Eu pude ver isso... eu ouvi isso. Eu compreendi o inconcebível mistério de uma alma que não conhecia nenhum comedimento, nenhuma fé e nenhum temor, ainda que lutasse cegamente contra ela mesmo. Consegui manter muito bem a calma, mas quando eu finalmente o coloquei sobre a cama, limpei a minha testa, enquanto minhas pernas tremiam sob mim como se eu tivesse carregado meia tonelada nas costas morro abaixo. Mesmo assim eu só o apoiei, com o seu braço esquelético em torno do meu pescoço... ele não era muito mais pesado que uma criança”.

“Quando no dia seguinte, partimos ao meio-dia, a multidão, cuja presença por detrás da cortina de árvores era-me perfeitamente consciente o tempo todo, fluiu da mata novamente, preenchendo a clareira, cobrindo a encosta da colina com uma massa de corpos cor de bronze, desnudos, ofegantes e agitados. Naveguei rio acima um pouco, e depois rio abaixo; dois mil olhos acompanharam as evoluções do feroz demônio do rio, chapinhando, espancando, batendo na água com a sua terrível cauda e derramando fumaça negra no ar. Diante da primeira fileira, ao longo do rio, três homens, cobertos com uma lama vermelho-brilhante desde a cabeça até os pés, empertigavam-se de um lado para o outro sem descanso. Quando nós nos aproximamos novamente, eles se viraram para o rio, batendo os pés, acenando as suas cabeças enfeitadas com chifres, balançando os corpos escarlates; eles sacudiam um punhado de penas pretas e uma pele asquerosa com um rabo pendurado, algo parecido com uma abóbora ressecada, contra aquele bárbaro demônio do rio; eles gritavam, periodicamente e todos juntos, uma série de palavras impressionantes que não se assemelhavam com quaisquer sons de linguagem humana; e os profundos murmúrios da multidão, interrompidos repentinamente, eram como a resposta a alguma oração satânica”.

“Nós tínhamos carregado Kurtz para dentro da cabina do leme: havia mais ar ali. Deitado sobre o colchão, ele olhava atentamente através da veneziana aberta. Houve um turbilhão dentro da massa de corpos humanos e a mulher com os cabelos em forma de elmo e com as bochechas pardas correu até a lateral do vapor. Ela estendeu as mãos, gritou alguma coisa e toda aquela multidão selvagem começou a gritar, produzindo um coro barulhento, com expressões articuladas, rápidas e ofegantes”.

“Você compreende tudo isto?”, perguntei”.

“Ele continuou a olhar através de mim, com olhos distantes e ardentes, com uma expressão misturada de ódio e melancolia. Ele não deu nenhuma resposta, mas vi que um sorriso, um sorriso de significado indefinível, aparecera em seus lábios sem cor, contorcendo-se logo depois convulsivamente. ‘Será que eu compreendo?’, ele disse vagarosamente, respirando profundamente como se as palavras fossem retiradas de dentro dele por algum poder sobrenatural”.

“Puxei a corda do apito e fiz isso porque vi os peregrinos no convés,

pegando as suas espingardas com um ar de um bom divertimento antecipado. Houve uma movimentação de terror abjeto no meio daquela massa de corpos apinhados frente ao repentino apito. ‘Não! Não os espante’, gritou alguém do convés, desconsolado. Puxei a corda mais uma vez e mais uma outra vez. Eles se separaram e correram, saltaram, se desviaram, se esquivaram diante do terror daquele som flutuante. Os três camaradas vermelhos caíram de cara no chão, rosto contra a margem como se eles tivessem sido atingidos pela morte. Somente aquela mulher, bárbara e soberba, não demonstrou um sinal sequer de hesitação, e esticou os seus braços desnudos tragicamente em nossa direção, por sobre o melancólico e reluzente rio”.

“E então aquela multidão imbecil desceu do convés atrás daquela pequena diversão e eu não pude ver mais nada por causa da fumaça”.

“A correnteza amarronzada fluía de dentro do coração das trevas, levando-nos em direção ao mar com uma velocidade duas vezes mais rápida do que o nosso progresso rio acima; e a vida de Kurtz corria rapidamente também, esvaindo-se, esvaindo-se de seu coração para dentro do mar do tempo inexorável. O gerente estava muito calmo, ele não demonstrava nenhuma inquietação vital, naquele momento; ele olhou para nós com um olhar compreensivo e satisfeito: o ‘assunto’ havia resultado tão bem quanto ele podia desejar. Percebi que se aproximava o tempo do qual eu seria deixado à parte dos partidários daquele ‘método ineficaz’. Os peregrinos olhavam para mim com desaprovação. Eu era, por assim dizer, contabilizado com os mortos. Era estranho como eu aceitei aquela parceria inesperada, aquela escolha de pesadelos imposta a mim naquela terra tenebrosa, invadida por aqueles fantasmas gananciosos e miseráveis”.

“Kurtz discursava. Uma voz! Uma voz! Ela soava profunda até o fim. Ela sobrevivia às suas forças para ocultar nas magníficas dobras da eloquência a estéril escuridão de seu coração. Oh, como ele lutava! Como ele lutava! As ruínas de sua mente devastada estavam agora assombradas por imagens tenebrosas – imagens de fortuna e fama revolvidas com submissão em torno de seu dom inextinguível de nobreza e de expressão arrogante. Minha Prometida, meu entreposto, minha carreira, minhas ideias – aquelas eram os temas dos discursos ocasionais de elevados sentimentos. A sombra do Kurtz original frequentava a cabeceira daquele simulacro esvaziado, cujo destino era o de ser enterrado naquele exato momento no lodo primordial da terra. Mas tanto o amor diabólico quanto o ódio sobrenatural de todos aqueles mistérios tinham penetrado dentro dele, lutando pela posse daquela alma saciada com emoções primitivas, ávida por uma fama mentirosa, por uma distinção simulada, por todos os aspectos de sucesso e poder”.

“Às vezes, ele era de uma infantilidade completamente desprezível. Ele desejava que reis o aguardassem nas estações ferroviárias quando do seu retorno daquele apavorante Lugar Nenhum, onde ele pretendia ter realizado grandes feitos. ‘Se demonstrarmos que temos algo realmente lucrativo, não haverá limites ao reconhecimento de nossas capacidades’, ele dizia. ‘Mas é claro que devemos

levar em conta os motivos... os motivos corretos... sempre'. Os longos braços do rio que percorríamos eram como se fossem sempre os mesmos, curvas monótonas que exatamente as mesmas, deslizando ao lado do vapor com as suas inúmeras árvores seculares que olhavam pacientemente para aquele imundo fragmento de outro mundo, para aquele precursor da mudança, da conquista, do comércio, dos massacres, das bênçãos. Eu olhava adiante... navegando. 'Feche a veneziana', disse Kurtz de repente, uma ocasião; 'Não consigo olhar para isso'. Eu assim o fiz. Tudo era silêncio. 'Oh, mas eu ainda vou arrancar-lhe o coração!'; ele disse para a selva invisível".

"Acabamos por quebrar, como eu já esperava, e tivemos que nos recolher para reparos na ponta de uma ilha. Aquele atraso foi a primeira coisa que abalou a segurança de Kurtz. Certa manhã, ele me deu um pacote com cartas e uma fotografia – o maço atado com um cordão de sapato. 'Guarda isso para mim', ele disse. 'Este idiota canalha' – referindo-se ao gerente – é capaz de vasculhar as minhas coisas quando eu não estiver olhando'. A tarde, fui vê-lo. Ele estava deitado com os olhos fechados... retirei-me em silêncio, mas o ouvi murmurar: 'Viver corretamente, morrer, morrer...', foi o que eu ouvi. Nada além daquilo. Era o ensaio de algum discurso em seu sono ou era um fragmento de alguma frase de algum artigo de jornal? Ele tinha escrito para alguns jornais e pretendia fazê-lo novamente, 'para a promoção de minhas ideias. É um dever'".

"Ele se encontrava em uma escuridão impenetrável. Eu olhava para ele como se encarasse um homem que estava situado no fundo de um precipício, onde o sol nunca ilumina. Mas não podia dispor de muito tempo com ele, porque estava auxiliando o maquinista a retirar as peças dos cilindros avariados, a regular um eixo de conexão entortado e em outras coisas do tipo. Vivia dentro de uma sujeira infernal de ferrugem, limalhas, porcas, ferrolhos, chaves-inglesas, martelos, arcos de puas... coisas que eu abominava, pois eu não sei lidar com essas coisas. Tomava conta da pequena forja que felizmente tínhamos a bordo; trabalhava sem descanso em um monte miserável de sucata... pelo menos enquanto as minhas pernas conseguissem me sustentar".

"Certa noite, caminhando com uma vela acesa, assustei-me ao ouvi-lo dizer um pouco trêmulo, 'Estou deitado aqui na escuridão, esperando pela morte'. A luz estava próxima de seus olhos. Forcei-me a murmurar, 'Oh, bobagem!' e permaneci cravado ao lado dele".

"Alguma coisa se aproximou dele que alterou a sua fisionomia, algo que eu nunca tinha visto antes e que espero nunca mais ver novamente. Oh, não estava com medo. Estava fascinado. Era como se fosse um véu que havia sido rasgado. Eu percebi sobre aquele rosto de marfim a expressão de orgulho melancólico, de poder brutal, de terror covarde, de um desespero intenso e sem esperança. Ele viveu a sua vida novamente em cada detalhe de desejo, de tentação e de rendição durante aquele supremo momento de completo conhecimento? Ele exclamou, sussurrando, para alguma imagem, para alguma visão... ele gritou por duas vezes um grito que nada mais era que um suspiro... 'O horror! O horror!'"

“Soprei a vela e deixei a cabina. Os peregrinos estavam jantando no refeitório e sentei-me no lado oposto ao do gerente que ao erguer os olhos deu-me um olhar inquisidor, que ignorei de forma bem sucedida. Ele se recostou, serenamente, com aquele sorriso peculiar que selava as profundezas inexprimíveis de sua mesquinhez. Uma enxurrada contínua de pequenas moscas corria para a lamparina, sobre a toalha, sobre nossas mãos e faces. O auxiliar do gerente, repentinamente, colocou a sua cabeça negra insolente pelo vão da porta e disse com uma tonalidade de desprezo mordaz na voz, ‘*Sinhô Kurtz.. ele morreu*’”.

“Todos os peregrinos correram para vê-lo. Eu permaneci em meu lugar e continuei com o meu jantar. Acredito que me consideraram brutalmente insensível. Todavia, não cheguei a comer muito. Havia uma lamparina lá... ou vela, não sei bem... e do lado de fora havia uma escuridão brutal, brutal. Não me aproximei mais daquele homem notável que tinha pronunciado um julgamento sobre as aventuras de sua alma naquela terra. A voz tinha partido. O que mais haveria ali? Apesar de eu estar ciente de que, no dia seguinte, os peregrinos enterrariam alguma coisa em um buraco lamacento, com certeza”.

“E, assim, estavam muito próximo de me enterrarem”.

“Entretanto, como vocês podem perceber, eu não me juntei a Kurtz nem ali e nem depois. Eu permaneci a sonhar o pesadelo até o final e a demonstrar sempre a minha lealdade para com Kurtz. Destino. Meu destino! A vida é uma coisa engraçada: um arranjo misterioso de lógica sem misericórdia para um propósito fútil. O máximo que se pode esperar dela é algum conhecimento de si mesmo... que chega tarde demais... um amontoado de arrependimentos inextinguíveis. Eu tenho lutado com a morte. É a competição mais tediante que vocês possam imaginar. Ela acontece numa mediocridade intangível, com nada sob os nossos pés, com nada em torno, sem espectadores, sem um clamor, sem glória, sem o grande desejo de vitória, sem o grande temor da derrota, dentro de uma atmosfera doentia de ceticismo morno, sem se acreditar no próprio direito e ainda muito menos quanto ao direito do adversário. Se for aquela a imagem da derradeira sabedoria, então a vida é um enigma maior do que alguns de nós poderiam sequer supor que seja. Eu estava à distância de um fio de cabelo da derradeira oportunidade para um pronunciamento e descobri, humilhado, que provavelmente eu não teria nada a dizer. Esta é a razão do porquê de eu afirmar que Kurtz era um homem impressionante. Ele tinha algo a dizer. E tinha dito. Desde o momento em que eu mesmo contemplara a beirada do precipício, eu compreendi melhor o significado de seu olhar, que não podia enxergar a chama da vela, mas era amplo o suficiente para dar conta de todo o universo, perfurante o suficiente para penetrar em todos os corações que batem na escuridão. Ele resumira tudo... ele julgara tudo. ‘O horror!’ Ele era um homem notável. Apesar de tudo, aquela era a expressão de algum tipo de crença; tinha sinceridade, tinha convicção, tinha uma nota vibrante de revolta naquele suspiro, tinha a face aterrorizada de uma verdade resplandecente – o estranho amalgama de desejo e ódio. E não é da

minha própria extremidade que eu me recordo melhor – uma visão da mediocridade sem forma, preenchida com a dor física e um desprezo negligente pelo desaparecimento de todas as coisas, mesmo com relação à própria dor. Não! É na extremidade dele que eu pareço ter vivido. A bem da verdade, ele tinha dado um último passo, ele tinha caminhado por sobre a beirada, enquanto que a mim, tinha-me permitido recuar com o meu pé hesitante. E talvez naquilo esteja toda a diferença; talvez toda a sabedoria, toda a verdade e toda a sinceridade estivessem comprimidas exatamente dentro daquele momento desprezível do tempo no qual cruzamos o limiar do invisível. Talvez! Gosto de pensar que o meu relato não tenha sido uma palavra de desprezo negligente. Melhor o seu clamor, muito melhor. Era uma afirmação, uma vitória moral paga através de inúmeras derrotas, através de abomináveis terrores, através de abomináveis satisfações. Contudo era uma vitória! É por isso que eu me mantive leal a Kurtz até o fim e, mesmo depois, quando muito tempo depois eu ouvi uma vez mais, não a sua própria voz, mas o eco de sua magnífica eloquência lançada a mim a partir de uma alma tão pura e translúcida quanto uma rocha de cristal”.

“Não, eles não tinham me enterrado, embora haja um período de tempo que eu vagamente me lembre, com um espanto estremecido, como uma passagem através de um algum mudo inconcebível que não possuía nem esperança nem desejo. Encontrei-me novamente na cidade sepulcral, ofendido com a visão de pessoas correndo pelas ruas, roubando um pouco de dinheiro um dos outros, devorando a sua vergonhosa culinária, engolindo em seco a sua cerveja insalubre, sonhando seus sonhos insignificantes e estúpidos. Eles invadiam os meus pensamentos. Eles eram intrusos cujo conhecimento da vida era uma pretensão irritante para mim, pois eu tinha a absoluta certeza de que eles não poderiam sequer saber as coisas que me foram conhecidas. O comportamento deles, que era simplesmente o comportamento dos indivíduos de lugares-comuns que prosseguiam com os seus afazeres na certeza de uma perfeita segurança, era tão ofensivo a mim como a mais ultrajante presunção de loucura em face de um perigo que não se pode compreender. Eu não tinha nenhum desejo em particular em esclarecê-los, mas tinha alguma dificuldade de me conter diante dos risos de seus rostos, tomados tão completamente por uma importância estúpida. Ouso dizer que eu não me sentia bem àquela época. Eu vagava pelas ruas – havia uma série de negócios a serem resolvidos – sorrindo amargamente para pessoas perfeitamente respeitáveis. Admito que o meu comportamento fosse indesculpável, mas entendam que a minha temperatura raramente era normal naqueles dias. Os empenhos de minha querida tia para ‘restabelecer as minhas forças’ pareciam completamente irrelevantes. Não eram as minhas forças que desejavam ser restabelecidas, era a minha imaginação que queria se suavizar. Eu mantive junto de mim o pacote de papéis dados por Kurtz, não sabendo exatamente o que fazer com ele. A mãe dele falecera recentemente, sob os cuidados, como me disseram, de sua Prometida. Um homem bem barbeado, com trejeitos oficiais e usando óculos com armação dourada, visitou-me certo dia e me interrogou, a princípio de forma indireta, logo depois um tanto insistente, sobre o que lhe aprazia denominar de certos ‘documentos’. Isso não me surpreendia, pois eu tivera duas discussões com o gerente sobre o assunto lá mesmo. Eu me recusara a dar-lhe um pedacinho sequer daquele pacote e foi a mesma atitude que eu tive para com o homem com óculos. Por fim, ele tornou-se ameaçador, de um modo assustador, e com

muita veemência argumentou que a Companhia tinha o direito a cada mínima informação sobre os seus 'territórios'. E, completou, 'O conhecimento do senhor Kurtz das regiões inexploradas era necessariamente extenso e peculiar, devido às suas grandes habilidades e às deploráveis circunstâncias nas quais ele se encontrava; além disso...' Assegurei-lhe que o conhecimento do senhor Kurtz embora extenso não se referia aos problemas comerciais ou administrativos. Ele invocou então o desenvolvimento da ciência. 'Seria uma perda incalculável se...', etc., etc. Eu lhe forneci o relatório sobre a 'Supressão dos Costumes dos Selvagens' com o postscriptum devidamente retirado. Ele o tomou rapidamente, mas terminou torcendo o nariz com um ar de desapontamento. 'Isto não é exatamente o que nós esperávamos', observou ele. 'Não esperem mais nada', respondi. 'São somente cartas particulares'. Ele saiu, ameaçando-me com providências legais e eu não o vi mais; mas um outro camarada, dizendo-se primo de Kurtz, apareceu uns dois dias mais tarde, e mostrou-se ansioso em ouvir todos os detalhes sobre os derradeiros momentos de seu querido parente. Acidentalmente, ele deu-me a entender que Kurtz tinha sido na verdade um grande músico. 'Ele teria feito um sucesso imenso', disse o homem, que era organista, creio eu, com cabelos lisos grisalhos caídos sobre um grande colarinho ensebado. Não tive motivo nenhum em duvidar de tal declaração; e, daquele dia em diante, eu era incapaz de dizer qual era a profissão de Kurtz, se chegou a ter alguma... qual era o maior de seus dons. Eu o havia tomado por um pintor que escrevia para jornais, ou mesmo um jornalista que pintava... mas mesmo o primo (que cheirava rapé durante a nossa conversa) não podia me dizer o que ele tinha sido exatamente. Ele era um gênio universal... naquele ponto eu concordei com o velho, que na ocasião assoou ruidosamente o nariz em um lenço grande de algodão e se retirou, tomado por uma agitação senil, levando consigo algumas cartas de família e algumas lembranças sem importância. Por fim, apareceu um jornalista ansioso por conhecer algo sobre o destino de seu 'querido colega'. Aquele visitante informou-me que o campo apropriado de Kurtz deveria ser a política, 'em sua face popular'. Ele tinha sobrancelhas retas e espessas, cabelos curtos e espetados, um monóculo preso a uma fita larga e, ficando mais à vontade, confessou-me sua opinião de que na verdade Kurtz não conseguia escrever nada... 'mas por Deus! Como aquele homem falava! Ele eletrizava grandes reuniões. Ele tinha fé... você compreende?... ele tinha fé. Ele era capaz de acreditar por ele mesmo em qualquer coisa... qualquer coisa. Ele teria sido um líder esplêndido de um partido extremista'. 'Qual partido?', perguntei. 'Qualquer partido', respondeu o outro. 'Ele era um... um... extremista'. Eu não pensava assim? Concordei. Eu saberia, perguntou ele, com um lampejo repentino de curiosidade, 'o que o tinha induzido a ir para lá?'. 'Sim', respondi, e logo em seguida, pus-lhe às mãos o famoso Relatório para publicação, se ele entendesse por bem. Ele o folheou, rapidamente, resmungando toda hora, e concluiu, 'eu o publicarei', e levou consigo aquele despojo".

"Fiquei, por fim, com um pacote fino de cartas e com o retrato da garota. Eu a achei uma beleza... quero dizer, ela possuía uma expressão belíssima. Sei bem que a luz do sol pode ser manipulada para nos iludir, ainda que se pudesse ver que nenhuma manipulação de luz e de postura tinha sido usada para conduzir a delicada forma de honestidade àqueles traços. Ela parecia pronta para ouvir sem qualquer reserva mental, sem qualquer suspeição, sem nem um pensamento sequer sobre si mesma. Concluí que eu mesmo deveria procurá-la e devolver-lhe o retrato e aquelas cartas. Curiosidade? Sim, e talvez também alguns outros sentimentos. Tudo o que pertencera a Kurtz tinha escapado de minhas

mãos: sua alma, seu corpo, seu entreposto, seus planos, seu marfim, sua carreira. Só restaram as suas lembranças e a sua Prometida... e eu desejava dar aquilo para o passado também, de certo modo... ao lhe entregar pessoalmente tudo o que restara dele comigo, para aquele esquecimento que é a última palavra de nosso destino em comum. Não estou me defendendo. Eu não possuía uma percepção clara do que eu realmente desejava. Talvez fosse um impulso de lealdade inconsciente ou a satisfação de uma dessas irônicas necessidades que espream os fatos da existência humana. Não sei. Não sei dizer. Mas fui”.

“Eu pensava que a lembrança dele era como as demais lembranças dos mortos que se acumulam ao longo da vida de cada homem, uma vaga impressão de sombras na mente que se abatem sobre ela em sua passagem final e ligeira; mas diante da alta e imponente porta, entre as altas casas de uma rua, imóveis e decoradas como uma bem conservada alameda de um cemitério, eu tive uma visão dele, sobre a padiola, abrindo sua boca insaciavelmente, como se fosse devorar toda a terra junto com toda a humanidade. Ali, ele reviveu diante de mim; ele estava tão vivo quanto eu já tinha vivido – uma sombra insaciável com um aspecto esplêndido, com uma realidade aterrozzante; uma sombra mais escura que a sombra da noite e drapejada nobremente nas dobras de uma eloquência magnífica. A visão parecia entrar na casa em minha companhia: a padiola, os carregadores fantasmas, a selvagem multidão de veneradores obedientes, a escuridão da floresta, o brilho dos braços dos rio por entre curvas melancólicas, o bater de tambores, regular e abafado como o bater de um coração... o coração de uma escuridão conquistada. Era um momento de triunfo para a floresta, uma vingativa e invasora investida que, parecia para mim, retornar sozinha para a salvação de uma outra alma. E a lembrança do que eu tinha ouvido dizer por ele lá longe, com as formas encimadas por chifres encarando-me pelas costas, no clarão das fogueiras, dentro da selva paciente, aquelas frases interrompidas, retornou para mim, ouvida novamente com toda a terrível e ameaçadora simplicidade. Lembrei-me de suas súplicas abjetas, de suas ameaças abjetas, da colossal escalada de seus desejos mais vis, da mesquinhez, da tormenta, da tempestuosa angústia de sua alma. E mais tarde, pareceu-me ver a sua postura lânguida e contida, ao me dizer num dia, ‘Esta pilha de marfim na verdade é minha agora. A Companhia não pagou por ela. Eu a reuni, sozinho, sob um grande risco pessoal. Eu temo que eles tentem reivindicá-la como sendo deles de qualquer forma. Hummm. É um caso difícil. O que você acha que eu deveria fazer? Resistir? Eh? Não quero nada mais que a justiça’... Ele desejava nada mais que a justiça... nada mais que a justiça... Eu toquei a campainha da porta de mogno no primeiro andar e, enquanto eu aguardava, pareceu-me que ele me encarava pelo painel de vidro da porta... encarava-me com aquele olhar, imenso e vasto, abraçando, condenando, odiando todo o universo. Parecia que eu ouvia o seu grito sussurrado, ‘O horror! O horror!’”.

“Estava anoitecendo. Tive que aguardar em uma sala de visita imponente, com três grandes janelas que iam do teto ao chão, parecendo três luminosas colunas drapejadas. As pernas torneadas e os espaldares, folheados a ouro, cintilavam com curvas indistintas. A lareira de mármore alta era de uma brancura fria e monumental. Um grande piano repousava pesadamente em um dos cantos, com lampejos sombrios sobre as superfícies lisas como um se fosse um sarcófago polido, tétrico. Uma porta alta se abriu e se fechou... Levantei-me”.

“Ela prosseguiu, toda de preto, com o rosto pálido, flutuando em minha direção, no anoitecer. Ela estava de luto. Fazia mais de um ano desde a morte dele, mais de um ano que as notícias chegaram; ela parecia que se lembraria e se lamentaria por ele por todo o sempre. Ela tomou as minhas mãos nas suas e murmurou, ‘Soube que você viria’. Reparei que ela não era muito jovem... quero dizer, não era uma menina. Ela tinha uma capacidade amadurecida para ser fiel, para acreditar, para sofrer. A sala parecia escurecer mais ainda, como se toda a melancólica luz daquela tarde nublada tivesse se refugiado dentro de sua fronte. Sua cabelos clara, sua aparência pálida, sua testa pura, pareciam cercados por uma auréola cinzenta, onde olhos negros pareciam me encarar. Seu olhar era sincero, profundo, confiante e verdadeiro. Ela carregava aquele semblante pesaroso como se ela tivesse orgulho daquele pesar, como se dissesse, ‘Eu... só eu sei como lamentar a morte dele como ele merecia’. Mas enquanto ainda estávamos de mãos dadas, um olhar de completa desolação cobriu-lhe a face, quando percebi que ela era uma daquelas criaturas que não são joguetes do Tempo. Para ela, ele havia morrido ontem. E, por Deus! A impressão era tão poderosa que para mim também pareceu que ele havia morrido no dia de ontem... não, naquele preciso minuto. Eu a vi, bem como a ele, no mesmo instante de tempo... a morte dele e as dores dela... Eu percebi a sua dor em cada momento da morte dele. Vocês compreendem? Eu os vi juntos... eu os ouvi juntos. Ela tinha dito, prendendo profundamente a respiração, ‘Eu sobrevivi’; enquanto que os meus ouvidos atentos pareciam ouvir distintamente, misturado com o seu tom de lamento desesperador, o sussurro que concluía a eterna condenação dele. Perguntei a mim mesmo o que eu estava fazendo ali, com uma sensação de pânico em meu coração como se eu tivesse cometido o erro estúpido de ter ingressado em um lugar de mistérios crueis e absurdos, incapazes de serem contemplados por seres humanos. Ela me conduziu até uma cadeira. Nós nos sentamos. Eu gentilmente coloquei o pacote sobre uma mesinha e ela colocou as mãos em cima dele... ‘Você o conhecia bem’, ela murmurou, após um momento repleto de luto silêncio”.

“A intimidade cresce rapidamente lá”, eu disse. ‘Eu o conhecia tão bem quanto é possível para um homem conhecer o outro”.

“E você o admirava”, ela disse. ‘Era impossível conhecê-lo e não admirá-lo. Não é?”

“Ele era um homem extraordinário”, eu disse, não muito certo daquilo. Então, diante daquele olhar fixo e apelativo, que parecia esperar a chegada de mais palavras vindas de meus lábios, prossegui, ‘Era impossível não...”

“Amá-lo”, ela terminou a frase rapidamente, lançando-me num silêncio chocante. ‘Verdade! É bem verdade! Mas quando se pensa que ninguém o conhecia tão bem quanto eu... Eu possuía toda a sua nobre confiança. Era eu que o conhecia melhor”.

“Você que o conhecia melhor”, eu repeti. E talvez fosse mesmo verdade. Mas, a cada palavra dita, a sala se tornava cada vez mais escura e somente a fronte dela, lisa e branca, permanecia iluminada por uma luz inextinguível de crença e de amor”.

“Você era amigo dele”, ela continuou. ‘Amigo dele’, ela repetiu, um pouco mais alto dessa vez. ‘Você devia ter sido, se ele lhe deu isto aqui e o mandou até mim. Eu sinto que eu posso falar com você... e, oh! Eu preciso falar. Eu quero que você... você que ouviu as suas últimas palavras... saiba que eu fui

merecedora dele... Não é uma questão de orgulho... Sim! Eu me orgulho de saber que eu o compreendia melhor que qualquer pessoa no mundo... ele mesmo me disse isso. E desde que a mãe dele morreu, eu não tive mais ninguém com quem... com quem...”.

“Eu a escutava. A escuridão era profunda. Eu não tinha muita certeza se ele tinha me dado o pacote certo. Eu cheguei a suspeitar que ele queria me entregar um outro maço de papéis que, após a sua morte, eu vi o gerente examinando sob a luz de uma lamparina. E a garota falava, aliviando a sua dor na certeza de minha simpatia; ela falava do mesmo modo que homens sedentos bebem. Ouvi que o seu compromisso com Kurtz tinha sido desaprovado por seus parentes. Ele não era rico o suficiente para tal coisa. E, de fato, não sei se ele teve sequer um centavo em toda a sua vida. Ele deu-me algumas razões para inferir que tinha sido a sua impaciência diante de uma pobreza comparativa que o conduzia para lá”.

“... Quem não seria amigo dele se pelo menos já não o tivesse ouvido falar?”, ela dizia. ‘Ele atraía homens em sua direção pelo que havia de melhor na vida deles’. Ela olhava para mim com intensidade. ‘É o dom da grandeza’, ela prosseguiu e o som de sua voz baixa parecia ser acompanhado de todos os demais sons, repletos de mistério, desolação e pesar, que eu já tinha ouvido: a correnteza do rio, o sussurrar de árvores oscilando ao vento, o murmúrio de multidões selvagens, o débil elo de palavras incompreensíveis ditas ao longe, o rumor de uma voz falando a partir do limiar de uma escuridão eterna. ‘Mas você o ouviu! Você sabe!’, ela exclamou”.

“Sim, eu sei”, eu disse com uma pontada de desespero em meu coração, mas inclinando minha cabeça diante da fé que havia nela, diante da grandiosa e limitada ilusão que reluzia com um brilho sobrenatural de dentro da escuridão, na triunfante escuridão da qual eu não poderia defendê-la... da qual nem mesmo eu poderia me defender”.

“Que perda para mim... para nós!’, ela se corrigiu com uma bela generosidade, para em seguida murmurar, ‘Para o mundo’. Pelos últimos lampejos do crepúsculo, pude ver o brilho de seus olhos, tomados pelas lágrimas... lágrimas que não rolavam”.

“Eu fui muito feliz... muito afortunada... tive muito orgulho’, ela prosseguiu. ‘Muito afortunada. Muito feliz por um breve momento. E agora, encontro-me infeliz por... por toda minha vida”.

“Ela se levantou; seus cabelos claros pareciam aprisionar todos os resquícios de luz dentro de um brilho dourado. Levantei-me também”.

“E de tudo isso’, ela prosseguiu, melancolicamente, ‘de toda a sua esperança, de toda a sua grandeza, de sua mente generosa, de seu nobre coração, nada mais resta... nada além de uma lembrança. Você e eu...”

“Devemos sempre nos lembrar dele’, disse, apressadamente”.

“Não!’, ela gritou. ‘É impossível que tudo isso esteja perdido... que uma vida como aquela tivesse sido sacrificada deixando nada... nada além de dores. Você conhecia os grandes planos que ele tinha. Eu também os conhecia... Talvez eu não os entendesse... mas outras pessoas os conheciam. Alguma coisa deve restar. As suas palavras, pelo menos, não morreram”.

“As palavras deles permanecerão’, disse”.

“E o exemplo dele’, ela sussurrou para si mesma. ‘Homens o procuravam... a bondade dele resplandecia dentro de cada ato. O exemplo dele...”

“‘É verdade’, eu disse; ‘o exemplo dele também. Sim, o exemplo dele. Eu havia me esquecido disto”.

“Mas eu não me esqueci. Não... não posso acreditar... não ainda. Não posso acreditar que eu nunca mais o verei novamente, que ninguém nunca mais o verá novamente, nunca mais, nunca mais”.

“Ela estendeu os braços como se buscasse uma imagem fugidia, estendendo-os negros e com as mãos pálidas entrelaçadas em direção do reflexo débil e estreito da janela. Nunca mais vê-lo! Eu o via bem claramente. Eu conseguirei ver aquele fantasma eloquente enquanto eu viver e verei também o dela, uma Sombra trágica e familiar, assemelhando-se naquele gesto à outra, igualmente trágica, e decorada com encantamentos impotentes, estendendo os braços morenos e desnudos por sobre o brilho de uma correnteza infernal, a correnteza das trevas. De repente, ela disse, muito baixo, ‘Ele morreu como viveu”.

“‘O seu fim’, eu disse, com uma raiva embotada que me agitava, ‘foi de todos os modos digno de sua vida”.

“‘E eu não estava ao lado dele’, ela murmurou. Minha raiva sucumbiu diante de um sentimento de infinita piedade”.

“‘Tudo que podia ser feito...’, murmurei”.

“‘Ah, mas eu acreditava nele mais do que em qualquer um no mundo... mais do que a própria mãe dele, mais do que... ele mesmo. Ele precisava de mim! De mim! Eu teria valorizado cada suspiro, cada palavra, cada sinal, cada olhar”.

“‘Senti como se um calafrio se apoderasse de meu peito. ‘Não’, eu disse, com uma voz abafada”.

“‘Perdoe-me. Eu... eu... tenho estado de luto durante tanto tempo e em silêncio... em silêncio... Você esteve com ele até o final? Eu penso na solidão dele. Ninguém próximo para compreendê-lo do mesmo modo que eu o compreendia. Talvez ninguém para ouvi-lo...”

“‘Até o fim’, disse, hesitante. ‘Eu ouvi cada uma de suas últimas palavras...’. Detive-me, assustado”.

“‘Repita-as’, ela disse com uma voz embargada. ‘Eu quero... quero... alguma coisa... alguma coisa... para... continuar a viver”.

“‘Estava prestes a gritar para ela, ‘Você não as ouviu?’. O pôr do sol as repetia em um sussurro persistente que nos envolvia, um sussurro que parecia ganhar forma ameaçadoramente como o primeiro sussurro de um vento crescente: ‘O horror! O horror!’”

“‘As últimas palavras dele... para continuar a viver’, ela murmurou. ‘Você não compreende que eu o amava... eu o amava... eu o amava!’”

“‘Eu me recompus e falei lentamente”.

“‘A última palavra que ele pronunciou foi... o seu nome”.

“Ouvi um suspiro leve e, então, o meu coração parou, mortalmente paralisado por um grito terrível e exultante, pelo grito de um triunfo inconcebível e por uma dor inexprimível. ‘Eu sabia... eu tinha toda certeza!’... Ela sabia. Ela tinha certeza. Eu a ouvi chorar; ela tinha escondido o seu rosto nas mãos. Parecia para mim que toda a casa iria desmoronar antes que eu pudesse fugir, que o firmamento cairia sobre a minha cabeça. Mas nada aconteceu. O firmamento não cai assim por tão pouco. Ele cairia, imagino, se eu tivesse dado a Kurtz a justiça que lhe cabia? Ele não tinha dito que ele desejava apenas a justiça? Mas eu não pude. Eu não pude dizer aquilo para ela. Teria sido por demais sombrio... por demais sombrio afinal...”

Marlow parou e se sentou distante de nós, indistinto e em silêncio, na posição de um Buda em meditação. Por um tempo, ninguém se moveu. “Perdemos a primeira maré baixa”, disse o Diretor, de repente. Ergui minha cabeça. O mar ao longe estava bloqueado por uma barreira de nuvens negras e o tranquilo canal, que levava aos mais longínquos confins do mundo, fluía sombrio sob um céu nebuloso... parecendo guiar para dentro do imenso coração das trevas.

FINIS

HEART OF THE DARKNESS

Author's Note

The three stories in this volume lay no claim to unity of artistic purpose. The only bond between them is that of the time in which they were written. They belong to the period immediately following the publication of the "*Nigger of the Narcissus*," and pre-ceding the first conception of "*Nostramo*," two books which, it seems to me, stand apart and by themselves in the body of my work. It is also the period during which I contributed to *Maga*; a period dominated by "Lord Jim" and associated in my grateful memory with the late Mr. William Blackwood's encouraging and helpful kindness.

"Youth" was not my first contribution to *Maga*. It was the second. But that story marks the first appearance in the world of the man Marlow, with whom my relations have grown very intimate in the course of years. The origins of that gentleman (nobody as far as I know had ever hinted that he was anything but that) – his origins have been the subject of some literary speculation of, I am glad to say, a friendly nature.

One would think that I am the proper person to throw a light on the matter; but in truth I find that it isn't so easy. It is pleasant to remember that nobody had charged him with fraudulent purposes or looked down on him as a charlatan; but apart from that he was supposed to be all sorts of things: a clever screen, a mere device, a "personator," a familiar spirit, a whispering "dæmon." I myself have been suspected of a meditated plan for his capture.

That is not so. I made no plans. The man Marlow and I came together in the casual manner of those health-resort acquaintances which sometimes ripen into friendships. This one has ripened. For all his assertiveness in matters of opinion he is not an intrusive person. He haunts my hours of solitude, when, in silence, we lay our heads together in great comfort and harmony; but as we part at the end of a tale I am never sure that it may not be for the last time. Yet I don't think that either of us would care much to survive the other. In his case, at any rate, his occupation would be gone and he would suffer from that extinction, because I suspect him of some vanity. I don't mean vanity in the Solomonian sense. Of all my people he's the one that has never been a vexation to my spirit. A most discreet, understanding man...

Even before appearing in book-form "Youth" was very well received. It lies on me to confess at last, and this is as good a place for it as another, that I have been all my life -- all my two lives -- the spoiled adopted child of Great Britain and even of the Empire; for it was Australia that gave me my first command. I break out into this declaration not because of a lurking tendency to megalomania, but, on the contrary, as a man who has no very notable illusions about himself. I follow the instincts of vain-glory and humility natural to all mankind. For it can hardly be denied that it is not their own deserts that men are most proud of, but rather of their prodigious luck, of their marvellous fortune: of that in their lives for which thanks and sacrifices must be offered on the altars of the inscrutable gods.

"Heart of Darkness" also received a certain amount of notice from the

first; and of its origins this much may be said: it is well known that curious men go prying into all sorts of places (where they have no business) and come out of them with all kinds of spoil. This story, and one other, not in this volume, are all the spoil I brought out from the centre of Africa, where, really, I had no sort of business. More ambitious in its scope and longer in the telling, "Heart of Darkness" is quite as authentic in fundamentals as "Youth." It is, obviously, written in another mood. I won't characterize the mood precisely, but anybody can see that it is anything but the mood of wistful regret, of reminiscent tenderness.

One more remark may be added. "Youth" is a feat of memory. It is a record of experience; but that experience, in its facts, in its inwardness and in its outward colouring, begins and ends in myself. "Heart of Darkness" is experience, too; but it is experience pushed a little (and only very little) beyond the actual facts of the case for the perfectly legitimate, I believe, purpose of bringing it home to the minds and bosoms of the readers. There it was no longer a matter of sincere colouring. It was like another art altogether. That sombre theme had to be given a sinister resonance, a tonality of its own, a continued vibration that, I hoped, would hang in the air and dwell on the ear after the last note had been struck.

After saying so much there remains the last tale of the book, still untouched. "The End of the Tether" is a story of sea-life in a rather special way; and the most intimate thing I can say of it is this; that having lived that life fully, amongst its men, its thoughts and sensations, I have found it possible, without the slightest misgiving, in all sincerity of heart and peace of conscience, to conceive the existence of Captain Whalley's personality and to relate the manner of his end. This statement acquires some force from the circumstance that the pages of that story – a fair half of the book – are also the product of experience. That experience belongs (like "Youth's") to the time before I ever thought of putting pen to paper. As to its "reality," that is for the readers to determine. One had to pick up one's facts here and there. More skill would have made them more real and the whole composition more interesting. But here we are approaching the veiled region of artistic values which it would be improper and indeed dangerous for me to enter. I have looked over the proofs, have corrected a misprint or two, have changed a word or two--and that's all. It is not very likely that I shall ever read "The End of the Tether" again. No more need be said. It accords best with my feelings to part from Captain Whalley in affectionate silence.

J. C.

1917

The Nellie, a cruising yawl, swung to her anchor without a flutter of the sails, and was at rest. The flood had made, the wind was nearly calm, and being bound down the river, the only thing for it was to come to and wait for the turn of the tide.

The sea-reach of the Thames stretched before us like the beginning of an interminable waterway. In the offing the sea and the sky were welded together without a joint, and in the luminous space the tanned sails of the barges drifting up with the tide seemed to stand still in red clusters of canvas sharply peaked, with gleams of varnished sprits. A haze rested on the low shores that ran out to sea in vanishing flatness. The air was dark above Gravesend, and farther back still seemed condensed into a mournful gloom, brooding motionless over the biggest, and the greatest, town on earth.

The Director of Companies was our captain and our host. We four affectionately watched his back as he stood in the bows looking to seaward. On the whole river there was nothing that looked half so nautical. He resembled a pilot, which to a seaman is trustworthiness personified. It was difficult to realize his work was not out there in the luminous estuary, but behind him, within the brooding gloom.

Between us there was, as I have already said somewhere, the bond of the sea. Besides holding our hearts together through long periods of separation, it had the effect of making us tolerant of each other's yarns – and even convictions. The Lawyer – the best of old fellows – had, because of his many years and many virtues, the only cushion on deck, and was lying on the only rug. The Accountant had brought out already a box of dominoes, and was toying architecturally with the bones. Marlow sat cross-legged right aft, leaning against the mizzen-mast. He had sunken cheeks, a yellow complexion, a straight back, an ascetic aspect, and, with his arms dropped, the palms of hands outwards, resembled an idol. The Director, satisfied the anchor had good hold, made his way aft and sat down amongst us. We exchanged a few words lazily. Afterwards there was silence on board the yacht. For some reason or other we did not begin that game of dominoes. We felt meditative, and fit for nothing but placid staring. The day was ending in a serenity of still and exquisite brilliance. The water shone pacifically; the sky, without a speck, was a benign immensity of unstained light; the very mist on the Essex marshes was like a gauzy and radiant fabric, hung from the wooded rises inland, and draping the low shores in diaphanous folds. Only the gloom to the west, brooding over the upper reaches, became more somber every minute, as if angered by the approach of the sun.

And at last, in its curved and imperceptible fall, the sun sank low, and from glowing white changed to a dull red without rays and without heat, as if about to go out suddenly, stricken to death by the touch of that gloom brooding over a crowd of men.

Forthwith a change came over the waters, and the serenity became less brilliant but more profound. The old river in its broad reach rested unruffled at the decline of day, after ages of good service done to the race that peopled its banks, spread out in the tranquil dignity of a waterway leading to the uttermost ends of

the earth. We looked at the venerable stream not in the vivid flush of a short day that comes and departs for ever, but in the august light of abiding memories. And indeed nothing is easier for a man who has, as the phrase goes, “followed the sea” with reverence and affection, than to evoke the great spirit of the past upon the lower reaches of the Thames. The tidal current runs to and fro in its unceasing service, crowded with memories of men and ships it had borne to the rest of home or to the battles of the sea. It had known and served all the men of whom the nation is proud, from Sir Francis Drake to Sir John Franklin, knights all, titled and untitled – the great knights-errant of the sea. It had borne all the ships whose names are like jewels flashing in the night of time, from the Golden Hind returning with her round flanks full of treasure, to be visited by the Queen’s Highness and thus pass out of the gigantic tale, to the Erebus and Terror, bound on other conquests – and that never returned. It had known the ships and the men. They had sailed from Deptford, from Greenwich, from Erith – the adventurers and the settlers; kings’ ships and the ships of men on ‘Change; captains, admirals, the dark “interlopers” of the Eastern trade, and the commissioned “generals” of East India fleets. Hunters for gold or pursuers of fame, they all had gone out on that stream, bearing the sword, and often the torch, messengers of the might within the land, bearers of a spark from the sacred fire. What greatness had not floated on the ebb of that river into the mystery of an unknown earth!... The dreams of men, the seed of commonwealths, the germs of empires.

The sun set; the dusk fell on the stream, and lights began to appear along the shore. The Chapman lighthouse, a three-legged thing erect on a mud-flat, shone strongly. Lights of ships moved in the fairway – a great stir of lights going up and going down. And farther west on the upper reaches the place of the monstrous town was still marked ominously on the sky, a brooding gloom in sunshine, a lurid glare under the stars.

“And this also,” said Marlow suddenly, “has been one of the dark places of the earth.”

He was the only man of us who still “followed the sea.” The worst that could be said of him was that he did not represent his class. He was a seaman, but he was a wanderer, too, while most seamen lead, if one may so express it, a sedentary life. Their minds are of the stay-at-home order, and their home is always with them – the ship; and so is their country – the sea. One ship is very much like another, and the sea is always the same. In the immutability of their surroundings the foreign shores, the foreign faces, the changing immensity of life, glide past, veiled not by a sense of mystery but by a slightly disdainful ignorance; for there is nothing mysterious to a seaman unless it be the sea itself, which is the mistress of his existence and as inscrutable as Destiny. For the rest, after his hours of work, a casual stroll or a casual spree on shore suffices to unfold for him the secret of a whole continent, and generally he finds the secret not worth knowing. The yarns of seamen have a direct simplicity, the whole meaning of which lies within the shell of a cracked nut. But Marlow was not typical (if his propensity to spin yarns be excepted), and to him the meaning of an episode was not inside like a kernel but outside, enveloping the tale which brought it out only as a glow brings out a haze, in the likeness of one of these misty halos that sometimes are made visible by the spectral illumination of moonshine.

His remark did not seem at all surprising. It was just like Marlow. It was accepted in silence. No one took the trouble to grunt even; and presently he said, very slow –

"I was thinking of very old times, when the Romans first came here, nineteen hundred years ago – the other day... Light came out of this river since – you say Knights? Yes; but it is like a running blaze on a plain, like a flash of lightning in the clouds. We live in the flicker – may it last as long as the old earth keeps rolling! But darkness was here yesterday. Imagine the feelings of a commander of a fine – what d'ye call 'em? – trireme in the Mediterranean, ordered suddenly to the north; run overland across the Gauls in a hurry; put in charge of one of these craft the legionaries, – a wonderful lot of handy men they must have been too – used to build, apparently by the hundred, in a month or two, if we may believe what we read. Imagine him here – the very end of the world, a sea the color of lead, a sky the color of smoke, a kind of ship about as rigid as a concertina – and going up this river with stores, or orders, or what you like. Sandbanks, marshes, forests, savages, – precious little to eat fit for a civilized man, nothing but Thames water to drink No Falernian wine here, no going ashore. Here and there a military camp lost in a wilderness, like a needle in a bundle of hay – cold, fog, tempests, disease, exile, and death, – death skulking in the air, in the water, in the bush. They must have been dying like flies here. Oh yes – he did it. Did it very well, too, no doubt, and without thinking much about it either, except afterwards to brag of what he had gone through in his time, perhaps. They were men enough to face the darkness. And perhaps he was cheered by keeping his eye on a chance of promotion to the fleet at Ravenna by – and-by, if he had good friends in Rome and survived the awful climate. Or think of a decent young citizen in a toga – perhaps too much dice, you know – coming out here in the train of some prefect, or tax-gatherer, or trader even, to mend his fortunes. Land in a swamp, march through the woods, and in some inland post feel the savagery, the utter savagery, had closed round him, – all that mysterious life of the wilderness that stirs in the forest, in the jungles, in the hearts of wild men. There's no initiation either into such mysteries. He has to live in the midst of the incomprehensible, which is also detestable. And it has a fascination, too, that goes to work upon him. The fascination of the abomination – you know. Imagine the growing regrets, the longing to escape, the powerless disgust, the surrender, the hate."

He paused.

"Mind," he began again, lifting one arm from the elbow, the palm of the hand outwards, so that, with his legs folded before him, he had the pose of a Buddha preaching in European clothes and without a lotus-flower – "Mind, none of us would feel exactly like this. What saves us is efficiency – the devotion to efficiency. But these chaps were not much account, really. They were no colonists; their administration was merely a squeeze, and nothing more, I suspect. They were conquerors, and for that you want only brute force – nothing to boast of, when you have it, since your strength is just an accident arising from the weakness of others. They grabbed what they could get for the sake of what was to be got. It was just robbery with violence, aggravated murder on a great scale, and men going at it blind – as is very proper for those who tackle a darkness. The conquest of the earth, which mostly means the taking it away from those who have a different complexion or slightly flatter noses than ourselves, is not a pretty thing when you look into it too much. What redeems it is the idea only. An idea at the back of it; not a sentimental pretense but an idea; and an unselfish belief in the idea – something you can set up, and bow down before, and offer a sacrifice to..."

He broke off. Flames glided in the river, small green flames, red flames, white flames, pursuing, overtaking, joining, crossing each other – then separating slowly or hastily. The traffic of the great city went on in the deepening night upon the sleepless river. We looked on, waiting patiently – there was nothing else to do till the end of the flood; but it was only after a long silence, when he said, in a hesitating voice, “I suppose you fellows remember I did once turn fresh-water sailor for a bit,” that we knew we were fated, before the ebb began to run, to hear about one of Marlow’s inconclusive experiences.

“I don’t want to bother you much with what happened to me personally,” he began, showing in this remark the weakness of many tellers of tales who seem so often unaware of what their audience would best like to hear; “yet to understand the effect of it on me you ought to know how I got out there, what I saw, how I went up that river to the place where I first met the poor chap. It was the farthest point of navigation and the culminating point of my experience. It seemed somehow to throw a kind of light on everything about me – and into my thoughts. It was somber enough too – and pitiful – not extraordinary in any way – not very clear either. No, not very clear. And yet it seemed to throw a kind of light.

“I had then, as you remember, just returned to London after a lot of Indian Ocean, Pacific, China Seas – a regular dose of the East – six years or so, and I was loafing about, hindering you fellows in your work and invading your homes, just as though I had got a heavenly mission to civilize you. It was very fine for a time, but after a bit I did get tired of resting. Then I began to look for a ship – I should think the hardest work on earth. But the ships wouldn’t even look at me. And I got tired of that game too.

“Now when I was a little chap I had a passion for maps. I would look for hours at South America, or Africa, or Australia, and lose myself in all the glories of exploration. At that time there were many blank spaces on the earth, and when I saw one that looked particularly inviting on a map (but they all look that) I would put my finger on it and say, ‘When I grow up I will go there.’ The North Pole was one of these places, I remember. Well, I haven’t been there yet, and shall not try now. The glamour’s off. Other places were scattered about the Equator, and in every sort of latitude all over the two hemispheres. I have been in some of them, and... well, we won’t talk about that. But there was one yet – the biggest, the most blank, so to speak – that I had a hankering after.

“True, by this time it was not a blank space any more. It had got filled since my boyhood with rivers and lakes and names. It had ceased to be a blank space of delightful mystery – a white patch for a boy to dream gloriously over. It had become a place of darkness. But there was in it one river especially, a mighty big river, that you could see on the map, resembling an immense snake uncoiled, with its head in the sea, its body at rest curving afar over a vast country, and its tail lost in the depths of the land. And as I looked at the map of it in a shop-window, it fascinated me as a snake would a bird – a silly little bird. Then I remembered there was a big concern, a Company for trade on that river. Dash it all! I thought to myself, they can’t trade without using some kind of craft on that lot of fresh water – steamboats! Why shouldn’t I try to get charge of one? I went on along Fleet Street, but could not shake off the idea. The snake had charmed me.

“You understand it was a Continental concern, that Trading society; but I

have a lot of relations living on the Continent, because it's cheap and not so nasty as it looks, they say.

"I am sorry to own I began to worry them. This was already a fresh departure for me. I was not used to get things that way, you know. I always went my own road and on my own legs where I had a mind to go. I wouldn't have believed it of myself; but, then – you see – I felt somehow I must get there by hook or by crook. So I worried them. The men said 'My dear fellow,' and did nothing. Then – would you believe it? – I tried the women. I, Charlie Marlow, set the women to work – to get a job. Heavens! Well, you see, the notion drove me. I had an aunt, a dear enthusiastic soul. She wrote: 'It will be delightful. I am ready to do anything, anything for you. It is a glorious idea. I know the wife of a very high personage in the Administration, and also a man who has lots of influence with, &c., &c. She was determined to make no end of fuss to get me appointed skipper of a river steamboat, if such was my fancy.

"I got my appointment – of course; and I got it very quick. It appears the Company had received news that one of their captains had been killed in a scuffle with the natives. This was my chance, and it made me the more anxious to go. It was only months and months afterwards, when I made the attempt to recover what was left of the body, that I heard the original quarrel arose from a misunderstanding about some hens. Yes, two black hens. Fresleven – that was the fellow's name, a Dane – thought himself wronged somehow in the bargain, so he went ashore and started to hammer the chief of the village with a stick. Oh, it didn't surprise me in the least to hear this, and at the same time to be told that Fresleven was the gentlest, quietest creature that ever walked on two legs. No doubt he was; but he had been a couple of years already out there engaged in the noble cause, you know, and he probably felt the need at last of asserting his self-respect in some way. Therefore he whacked the old nigger mercilessly, while a big crowd of his people watched him, thunderstruck, till some man, – I was told the chief's son, – in desperation at hearing the old chap yell, made a tentative jab with a spear at the white man – and of course it went quite easy between the shoulder-blades. Then the whole population cleared into the forest, expecting all kinds of calamities to happen, while, on the other hand, the steamer Fresleven commanded left also in a bad panic, in charge of the engineer, I believe. Afterwards nobody seemed to trouble much about Fresleven's remains, till I got out and stepped into his shoes. I couldn't let it rest, though; but when an opportunity offered at last to meet my predecessor, the grass growing through his ribs was tall enough to hide his bones. They were all there. The supernatural being had not been touched after he fell. And the village was deserted, the huts gaped black, rotting, all askew within the fallen enclosures. A calamity had come to it, sure enough. The people had vanished. Mad terror had scattered them, men, women, and children, through the bush, and they had never returned. What became of the hens I don't know either. I should think the cause of progress got them, anyhow. However, through this glorious affair I got my appointment, before I had fairly begun to hope for it.

"I flew around like mad to get ready, and before forty-eight hours I was crossing the Channel to show myself to my employers, and sign the contract. In a very few hours I arrived in a city that always makes me think of a whited sepulcher. Prejudice no doubt. I had no difficulty in finding the Company's offices. It was the biggest thing in the town, and everybody I met was full of it. They were going to run an over-sea empire, and make no end of coin by trade.

"A narrow and deserted street in deep shadow, high houses, innumerable windows with venetian blinds, a dead silence, grass sprouting between the stones, imposing carriage archways right and left, immense double doors standing ponderously ajar. I slipped through one of these cracks, went up a swept and ungarnished staircase, as arid as a desert, and opened the first door I came to. Two women, one fat and the other slim, sat on straw-bottomed chairs, knitting black wool. The slim one got up and walked straight at me – still knitting with downcast eyes – and only just as I began to think of getting out of her way, as you would for a somnambulist, stood still, and looked up. Her dress was as plain as an umbrella-cover, and she turned round without a word and preceded me into a waiting-room. I gave my name, and looked about. Deal table in the middle, plain chairs all round the walls, on one end a large shining map, marked with all the colors of a rainbow. There was a vast amount of red – good to see at any time, because one knows that some real work is done in there, a deuce of a lot of blue, a little green, smears of orange, and, on the East Coast, a purple patch, to show where the jolly pioneers of progress drink the jolly lager-beer. However, I wasn't going into any of these. I was going into the yellow. Dead in the center. And the river was there – fascinating – deadly – like a snake. Ough! A door opened, a white-haired secretarial head, but wearing a compassionate expression, appeared, and a skinny forefinger beckoned me into the sanctuary. Its light was dim, and a heavy writing-desk squatted in the middle. From behind that structure came out an impression of pale plumpness in a frock-coat. The great man himself. He was five feet six, I should judge, and had his grip on the handle-end of ever so many millions. He shook hands, I fancy, murmured vaguely, was satisfied with my French. Bon voyage.

"In about forty-five seconds I found myself again in the waiting-room with the compassionate secretary, who, full of desolation and sympathy, made me sign some document. I believe I undertook amongst other things not to disclose any trade secrets. Well, I am not going to.

"I began to feel slightly uneasy. You know I am not used to such ceremonies, and there was something ominous in the atmosphere. It was just as though I had been let into some conspiracy – I don't know – something not quite right; and I was glad to get out. In the outer room the two women knitted black wool feverishly. People were arriving, and the younger one was walking back and forth introducing them. The old one sat on her chair. Her flat cloth slippers were propped up on a foot-warmer, and a cat reposed on her lap. She wore a starched white affair on her head, had a wart on one cheek and silver-rimmed spectacles hung on the tip of her nose. She glanced at me above the glasses. The swift and indifferent placidity of that look troubled me. Two youths with foolish and cheery countenances were being piloted over, and she threw at them the same quick glance of unconcerned wisdom. She seemed to know all about them and about me too. An eerie feeling came over me. She seemed uncanny and fateful. Often far away there I thought of these two, guarding the door of Darkness, knitting black wool as for a warm pall, one introducing, introducing continuously to the unknown, the other scrutinizing the cheery and foolish faces with unconcerned old eyes. Ave! Old knitter of black wool. Morituri te salutant. Not many of those she looked at ever saw her again – not half, by a long way.

"There was yet a visit to the doctor. 'A simple formality,' assured me the secretary, with an air of taking an immense part in all my sorrows. Accordingly a young chap wearing his hat over the left eyebrow, some clerk I suppose, – there

must have been clerks in the business, though the house was as still as a house in a city of the dead, – came from somewhere up–stairs, and led me forth. He was shabby and careless, with ink–stains on the sleeves of his jacket, and his cravat was large and billowy, under a chin shaped like the toe of an old boot. It was a little too early for the doctor, so I proposed a drink, and thereupon he developed a vein of joviality. As we sat over our vermouths he glorified the Company's business, and by–and–by I expressed casually my surprise at him not going out there. He became very cool and collected all at once. 'I am not such a fool as I look, quoth Plato to his disciples,' he said sententiously, emptied his glass with great resolution, and we rose.

"The old doctor felt my pulse, evidently thinking of something else the while. 'Good, good for there,' he mumbled, and then with a certain eagerness asked me whether I would let him measure my head. Rather surprised, I said Yes, when he produced a thing like calipers and got the dimensions back and front and every way, taking notes carefully. He was an unshaven little man in a threadbare coat like a gaberdine, with his feet in slippers, and I thought him a harmless fool. 'I always ask leave, in the interests of science, to measure the crania of those going out there,' he said. 'And when they come back, too?' I asked. 'Oh, I never see them,' he remarked; 'and, moreover, the changes take place inside, you know.' He smiled, as if at some quiet joke. 'So you are going out there. Famous. Interesting too.' He gave me a searching glance, and made another note. 'Ever any madness in your family?' he asked, in a matter–of–fact tone. I felt very annoyed. 'Is that question in the interests of science too?' 'It would be,' he said, without taking notice of my irritation, 'interesting for science to watch the mental changes of individuals, on the spot, but ...' 'Are you an alienist?' I interrupted. 'Every doctor should be – a little,' answered that original, imperturbably. 'I have a little theory which you Messieurs who go out there must help me to prove. This is my share in the advantages my country shall reap from the possession of such a magnificent dependency. The mere wealth I leave to others. Pardon my questions, but you are the first Englishman coming under my observation...' I hastened to assure him I was not in the least typical. 'If I were,' said I, 'I wouldn't be talking like this with you.' 'What you say is rather profound, and probably erroneous,' he said, with a laugh. 'Avoid irritation more than exposure to the sun. Adieu. How do you English say, eh? Good–by. Ah! Good–by. Adieu. In the tropics one must before everything keep calm'... He lifted a warning forefinger... 'Du calme, du calme. Adieu.'

"One thing more remained to do – say good–by to my excellent aunt. I found her triumphant. I had a cup of tea – the last decent cup of tea for many days – and in a room that most soothingly looked just as you would expect a lady's drawing–room to look, we had a long quiet chat by the fireside. In the course of these confidences it became quite plain to me I had been represented to the wife of the high dignitary, and goodness knows to how many more people besides, as an exceptional and gifted creature – a piece of good fortune for the Company – a man you don't get hold of every day. Good heavens! and I was going to take charge of a two–penny–halfpenny river–steamboat with a penny whistle attached! It appeared, however, I was also one of the Workers, with a capital – you know. Something like an emissary of light, something like a lower sort of apostle. There had been a lot of such rot let loose in print and talk just about that time, and the excellent woman, living right in the rush of all that humbug, got carried off her feet. She talked about 'weaning those ignorant millions from their

horrid ways,'till, upon my word, she made me quite uncomfortable. I ventured to hint that the Company was run for profit.

"You forget, dear Charlie, that the laborer is worthy of his hire," she said, brightly. It's queer how out of touch with truth women are. They live in a world of their own, and there had never been anything like it, and never can be. It is too beautiful altogether, and if they were to set it up it would go to pieces before the first sunset. Some confounded fact we men have been living contentedly with ever since the day of creation would start up and knock the whole thing over.

"After this I got embraced, told to wear flannel, be sure to write often, and so on – and I left. In the street – I don't know why – a queer feeling came to me that I was an impostor. Odd thing that I, who used to clear out for any part of the world at twenty-four hours' notice, with less thought than most men give to the crossing of a street, had a moment – I won't say of hesitation, but of startled pause, before this commonplace affair. The best way I can explain it to you is by saying that, for a second or two, I felt as though, instead of going to the center of a continent, I were about to set off for the center of the earth.

"I left in a French steamer, and she called in every blamed port they have out there, for, as far as I could see, the sole purpose of landing soldiers and custom-house officers. I watched the coast. Watching a coast as it slips by the ship is like thinking about an enigma. There it is before you – smiling, frowning, inviting, grand, mean, insipid, or savage, and always mute with an air of whispering, 'Come and find out.' This one was almost featureless, as if still in the making, with an aspect of monotonous grimness. The edge of a colossal jungle, so dark-green as to be almost black, fringed with white surf, ran straight, like a ruled line, far, far away along a blue sea whose glitter was blurred by a creeping mist. The sun was fierce, the land seemed to glisten and drip with steam. Here and there grayish-whitish specks showed up, clustered inside the white surf, with a flag flying above them perhaps. Settlements some centuries old, and still no bigger than pin-heads on the untouched expanse of their background. We pounded along, stopped, landed soldiers; went on, landed custom-house clerks to levy toll in what looked like a God-forsaken wilderness, with a tin shed and a flag-pole lost in it; landed more soldiers – to take care of the custom-house clerks, presumably. Some, I heard, got drowned in the surf; but whether they did or not, nobody seemed particularly to care. They were just flung out there, and on we went. Every day the coast looked the same, as though we had not moved; but we passed various places – trading places – with names like Gran' Bassam Little Popo, names that seemed to belong to some sordid farce acted in front of a sinister backcloth. The idleness of a passenger, my isolation amongst all these men with whom I had no point of contact, the oily and languid sea, the uniform somberness of the coast, seemed to keep me away from the truth of things, within the toil of a mournful and senseless delusion. The voice of the surf heard now and then was a positive pleasure, like the speech of a brother. It was something natural, that had its reason, that had a meaning. Now and then a boat from the shore gave one a momentary contact with reality. It was paddled by black fellows. You could see from afar the white of their eyeballs glistening. They shouted, sang; their bodies streamed with perspiration; they had faces like grotesque masks – these chaps; but they had bone, muscle, a wild vitality, an intense energy of movement, that was as natural and true as the surf along their coast. They wanted no excuse for being there. They were a great comfort to look at. For a time I would feel I belonged still to a world of straightforward facts; but the feeling would not last long.

Something would turn up to scare it away. Once, I remember, we came upon a man-of-war anchored off the coast. There wasn't even a shed there, and she was shelling the bush. It appears the French had one of their wars going on thereabouts. Her ensign dropped limp like a rag; the muzzles of the long eight-inch guns stuck out all over the low hull; the greasy, slimy swell swung her up lazily and let her down, swaying her thin masts. In the empty immensity of earth, sky, and water, there she was, incomprehensible, firing into a continent. Pop, would go one of the eight-inch guns; a small flame would dart and vanish, a little white smoke would disappear, a tiny projectile would give a feeble screech – and nothing happened. Nothing could happen. There was a touch of insanity in the proceeding, a sense of lugubrious drollery in the sight; and it was not dissipated by somebody on board assuring me earnestly there was a camp of natives – he called them enemies! – hidden out of sight somewhere.

“We gave her her letters (I heard the men in that lonely ship were dying of fever at the rate of three a day) and went on. We called at some more places with farcical names, where the merry dance of death and trade goes on in a still and earthy atmosphere as of an overheated catacomb; all along the formless coast bordered by dangerous surf, as if Nature herself had tried to ward off intruders; in and out of rivers, streams of death in life, whose banks were rotting into mud, whose waters, thickened into slime, invaded the contorted mangroves, that seemed to writhe at us in the extremity of an impotent despair. Nowhere did we stop long enough to get a particularized impression, but the general sense of vague and oppressive wonder grew upon me. It was like a weary pilgrimage amongst hints for nightmares.

“It was upward of thirty days before I saw the mouth of the big river. We anchored off the seat of the government. But my work would not begin till some two hundred miles farther on. So as soon as I could I made a start for a place thirty miles higher up.

“I had my passage on a little sea-going steamer. Her captain was a Swede, and knowing me for a seaman, invited me on the bridge. He was a young man, lean, fair, and morose, with lanky hair and a shuffling gait. As we left the miserable little wharf, he tossed his head contemptuously at the shore. ‘Been living there?’ he asked. I said, ‘Yes.’ ‘Fine lot these government chaps – are they not?’ he went on, speaking English with great precision and considerable bitterness. ‘It is funny what some people will do for a few francs a month. I wonder what becomes of that kind when it goes up country?’ I said to him I expected to see that soon. ‘So-o-o!’ he exclaimed. He shuffled athwart, keeping one eye ahead vigilantly. ‘Don’t be too sure,’ he continued. ‘The other day I took up a man who hanged himself on the road. He was a Swede, too.’ ‘Hanged himself! Why, in God’s name?’ I cried. He kept on looking out watchfully. ‘Who knows? The sun too much for him, or the country perhaps.’

“At last we opened a reach. A rocky cliff appeared, mounds of turned-up earth by the shore, houses on a hill, others, with iron roofs, amongst a waste of excavations, or hanging to the declivity. A continuous noise of the rapids above hovered over this scene of inhabited devastation. A lot of people, mostly black and naked, moved about like ants. A jetty projected into the river. A blinding sunlight drowned all this at times in a sudden recrudescence of glare. ‘There’s your Company’s station,’ said the Swede, pointing to three wooden barrack-like structures on the rocky slope. ‘I will send your things up. Four boxes did you say? So. Farewell.’

"I came upon a boiler wallowing in the grass, then found a path leading up the hill. It turned aside for the bowlders, and also for an undersized railway-truck lying there on its back with its wheels in the air. One was off. The thing looked as dead as the carcass of some animal. I came upon more pieces of decaying machinery, a stack of rusty rails. To the left a clump of trees made a shady spot, where dark things seemed to stir feebly. I blinked, the path was steep. A horn tooted to the right, and I saw the black people run. A heavy and dull detonation shook the ground, a puff of smoke came out of the cliff, and that was all. No change appeared on the face of the rock. They were building a railway. The cliff was not in the way or anything; but this objectless blasting was all the work going on.

"A slight clinking behind me made me turn my head. Six black men advanced in a file, toiling up the path. They walked erect and slow, balancing small baskets full of earth on their heads, and the clink kept time with their footsteps. Black rags were wound round their loins, and the short ends behind wagged to and fro like tails. I could see every rib, the joints of their limbs were like knots in a rope; each had an iron collar on his neck, and all were connected together with a chain whose bights swung between them, rhythmically clinking. Another report from the cliff made me think suddenly of that ship of war I had seen firing into a continent. It was the same kind of ominous voice; but these men could by no stretch of imagination be called enemies. They were called criminals, and the outraged law, like the bursting shells, had come to them, an insoluble mystery from over the sea. All their meager breasts panted together, the violently dilated nostrils quivered, the eyes stared stonily uphill. They passed me within six inches, without a glance, with that complete, deathlike indifference of unhappy savages. Behind this raw matter one of the reclaimed, the product of the new forces at work, strolled despondently, carrying a rifle by its middle. He had a uniform jacket with one button off, and seeing a white man on the path, hoisted his weapon to his shoulder with alacrity. This was simple prudence, white men being so much alike at a distance that he could not tell who I might be. He was speedily reassured, and with a large, white, rascally grin, and a glance at his charge, seemed to take me into partnership in his exalted trust. After all, I also was a part of the great cause of these high and just proceedings.

"Instead of going up, I turned and descended to the left. My idea was to let that chain-gang get out of sight before I climbed the hill. You know I am not particularly tender; I've had to strike and to fend off. I've had to resist and to attack sometimes – that's only one way of resisting – without counting the exact cost, according to the demands of such sort of life as I had blundered into. I've seen the devil of violence, and the devil of greed, and the devil of hot desire; but, by all the stars! these were strong, lusty, red-eyed devils, that swayed and drove men – men, I tell you. But as I stood on this hillside, I foresaw that in the blinding sunshine of that land I would become acquainted with a flabby, pretending, weak-eyed devil of a rapacious and pitiless folly. How insidious he could be, too, I was only to find out several months later and a thousand miles farther. For a moment I stood appalled, as though by a warning. Finally I descended the hill, obliquely, towards the trees I had seen.

"I avoided a vast artificial hole somebody had been digging on the slope, the purpose of which I found it impossible to divine. It wasn't a quarry or a sandpit, anyhow. It was just a hole. It might have been connected with the philanthropic desire of giving the criminals something to do. I don't know. Then I

nearly fell into a very narrow ravine, almost no more than a scar in the hillside. I discovered that a lot of imported drainage-pipes for the settlement had been tumbled in there. There wasn't one that was not broken. It was a wanton smash-up. At last I got under the trees. My purpose was to stroll into the shade for a moment; but no sooner within than it seemed to me I had stepped into a gloomy circle of some Inferno. The rapids were near, and an uninterrupted, uniform, headlong, rushing noise filled the mournful stillness of the grove, where not a breath stirred, not a leaf moved, with a mysterious sound – as though the tearing pace of the launched earth had suddenly become audible.

“Black shapes crouched, lay, sat between the trees, leaning against the trunks, clinging to the earth, half coming out, half effaced within the dim light, in all the attitudes of pain, abandonment, and despair. Another mine on the cliff went off, followed by a slight shudder of the soil under my feet. The work was going on. The work! And this was the place where some of the helpers had withdrawn to die.

“They were dying slowly – it was very clear. They were not enemies, they were not criminals, they were nothing earthly now, – nothing but black shadows of disease and starvation, lying confusedly in the greenish gloom. Brought from all the recesses of the coast in all the legality of time contracts, lost in uncongenial surroundings, fed on unfamiliar food, they sickened, became inefficient, and were then allowed to crawl away and rest. These moribund shapes were free as air – and nearly as thin. I began to distinguish the gleam of eyes under the trees. Then, glancing down, I saw a face near my hand. The black bones reclined at full length with one shoulder against the tree, and slowly the eyelids rose and the sunken eyes looked up at me, enormous and vacant, a kind of blind, white flicker in the depths of the orbs, which died out slowly. The man seemed young – almost a boy – but you know with them it's hard to tell. I found nothing else to do but to offer him one of my good Swede's ship's biscuits I had in my pocket. The fingers closed slowly on it and held – there was no other movement and no other glance. He had tied a bit of white worsted round his neck – Why? Where did he get it? Was it a badge – an ornament – a charm – a propitiatory act? Was there any idea at all connected with it? It looked startling round his black neck, this bit of white thread from beyond the seas.

“Near the same tree two more bundles of acute angles sat with their legs drawn up. One, with his chin propped on his knees, stared at nothing, in an intolerable and appalling manner: his brother phantom rested its forehead, as if overcome with a great weariness; and all about others were scattered in every pose of contorted collapse, as in some picture of a massacre or a pestilence. While I stood horror-struck, one of these creatures rose to his hands and knees, and went off on all-fours towards the river to drink. He lapped out of his hand, then sat up in the sunlight, crossing his shins in front of him, and after a time let his woolly head fall on his breastbone.

“I didn't want any more loitering in the shade, and I made haste towards the station. When near the buildings I met a white man, in such an unexpected elegance of get-up that in the first moment I took him for a sort of vision. I saw a high starched collar, white cuffs, a light alpaca jacket, snowy trousers, a clear necktie, and varnished boots. No hat. Hair parted, brushed, oiled, under a green-lined parasol held in a big white hand. He was amazing, and had a penholder behind his ear.

"I shook hands with this miracle, and I learned he was the Company's chief accountant, and that all the bookkeeping was done at this station. He had come out for a moment, he said, 'to get a breath of fresh air.' The expression sounded wonderfully odd, with its suggestion of sedentary desk-life. I wouldn't have mentioned the fellow to you at all, only it was from his lips that I first heard the name of the man who is so indissolubly connected with the memories of that time. Moreover, I respected the fellow. Yes; I respected his collars, his vast cuffs, his brushed hair. His appearance was certainly that of a hairdresser's dummy; but in the great demoralization of the land he kept up his appearance. That's backbone. His starched collars and got-up shirt-fronts were achievements of character. He had been out nearly three years; and, later on, I could not help asking him how he managed to sport such linen. He had just the faintest blush, and said modestly, 'I've been teaching one of the native women about the station. It was difficult. She had a distaste for the work.' This man had verily accomplished something. And he was devoted to his books, which were in apple-pie order.

"Everything else in the station was in a muddle, — heads, things, buildings. Strings of dusty niggers with splay feet arrived and departed; a stream of manufactured goods, rubbishy cottons, beads, and brass-wire set into the depths of darkness, and in return came a precious trickle of ivory.

"I had to wait in the station for ten days — an eternity. I lived in a hut in the yard, but to be out of the chaos I would sometimes get into the accountant's office. It was built of horizontal planks, and so badly put together that, as he bent over his high desk, he was barred from neck to heels with narrow strips of sunlight. There was no need to open the big shutter to see. It was hot there too; big flies buzzed fiendishly, and did not sting, but stabbed. I sat generally on the floor, while, of faultless appearance (and even slightly scented), perching on a high stool, he wrote, he wrote. Sometimes he stood up for exercise. When a truckle-bed with a sick man (some invalided agent from up-country) was put in there, he exhibited a gentle annoyance. 'The groans of this sick person,' he said, 'distract my attention. And without that it is extremely difficult to guard against clerical errors in this climate.'

"One day he remarked, without lifting his head, 'In the interior you will no doubt meet Mr. Kurtz.' On my asking who Mr. Kurtz was, he said he was a first-class agent; and seeing my disappointment at this information, he added slowly, laying down his pen, 'He is a very remarkable person.' Further questions elicited from him that Mr. Kurtz was at present in charge of a trading post, a very important one, in the true ivory-country, at 'the very bottom of there. Sends in as much ivory as all the others put together...' He began to write again. The sick man was too ill to groan. The flies buzzed in a great peace.

"Suddenly there was a growing murmur of voices and a great tramping of feet. A caravan had come in. A violent babble of uncouth sounds burst out on the other side of the planks. All the carriers were speaking together, and in the midst of the uproar the lamentable voice of the chief agent was heard 'giving it up' tearfully for the twentieth time that day... He rose slowly. 'What a frightful row,' he said. He crossed the room gently to look at the sick man, and returning, said to me, 'He does not hear.' 'What! Dead?' I asked, startled. 'No, not yet,' he answered, with great composure. Then, alluding with a toss of the head to the tumult in the station-yard, 'When one has got to make correct entries, one comes to hate those savages — hate them to the death.' He remained thoughtful for a moment. 'When you see Mr. Kurtz,' he went on, 'tell him from me that

everything here' – he glanced at the desk – 'is very satisfactory. I don't like to write to him – with those messengers of ours you never know who may get hold of your letter – at that Central Station.' He stared at me for a moment with his mild, bulging eyes. 'Oh, he will go far, very far,' he began again. 'He will be a somebody in the Administration before long. They, above – the Council in Europe, you know – mean him to be.'

"He turned to his work. The noise outside had ceased, and presently in going out I stopped at the door. In the steady buzz of flies the homeward-bound agent was lying flushed and insensible; the other, bent over his books, was making correct entries of perfectly correct transactions; and fifty feet below the doorstep I could see the still tree-tops of the grove of death.

"Next day I left that station at last, with a caravan of sixty men, for a two-hundred-mile tramp.

"No use telling you much about that. Paths, paths, everywhere; a stamped-in network of paths spreading over the empty land, through long grass, through burnt grass, through thickets, down and up chilly ravines, up and down stony hills ablaze with heat; and a solitude, a solitude, nobody, not a hut. The population had cleared out a long time ago. Well, if a lot of mysterious niggers armed with all kinds of fearful weapons suddenly took to traveling on the road between Deal and Gravesend, catching the yokels right and left to carry heavy loads for them, I fancy every farm and cottage thereabouts would get empty very soon. Only here the dwellings were gone too. Still I passed through several abandoned villages. There's something pathetically childish in the ruins of grass walls. Day after day, with the stamp and shuffle of sixty pair of bare feet behind me, each pair under a 60-lb. load. Camp, cook, sleep, strike camp, march. Now and then a carrier dead in harness, at rest in the long grass near the path, with an empty water-gourd and his long staff lying by his side. A great silence around and above. Perhaps on some quiet night the tremor of far-off drums, sinking, swelling, a tremor vast, faint; a sound weird, appealing, suggestive, and wild – and perhaps with as profound a meaning as the sound of bells in a Christian country. Once a white man in an unbuttoned uniform, camping on the path with an armed escort of lank Zanzibaris, very hospitable and festive – not to say drunk. Was looking after the upkeep of the road, he declared. Can't say I saw any road or any upkeep, unless the body of a middle-aged negro, with a bullet-hole in the forehead, upon which I absolutely stumbled three miles farther on, may be considered as a permanent improvement. I had a white companion too, not a bad chap, but rather too fleshy and with the exasperating habit of fainting on the hot hillsides, miles away from the least bit of shade and water. Annoying, you know, to hold your own coat like a parasol over a man's head while he is coming-to. I couldn't help asking him once what he meant by coming there at all. 'To make money, of course. What do you think?' he said, scornfully. Then he got fever, and had to be carried in a hammock slung under a pole. As he weighed sixteen stone I had no end of rows with the carriers. They jibbed, ran away, sneaked off with their loads in the night – quite a mutiny. So, one evening, I made a speech in English with gestures, not one of which was lost to the sixty pairs of eyes before me, and the next morning I started the hammock off in front all right. An hour afterwards I came upon the whole concern wrecked in a bush – man, hammock, groans, blankets, horrors. The heavy pole had skinned his poor nose. He was very anxious for me to kill somebody, but there wasn't the shadow of a carrier near. I remembered the old doctor, – 'It would be interesting for science to watch the

mental changes of individuals, on the spot.' I felt I was becoming scientifically interesting. However, all that is to no purpose. On the fifteenth day I came in sight of the big river again, and hobbled into the Central Station. It was on a backwater surrounded by scrub and forest, with a pretty border of smelly mud on one side, and on the three others inclosed by a crazy fence of rushes. A neglected gap was all the gate it had, and the first glance at the place was enough to let you see the flabby devil was running that show. White men with long staves in their hands appeared languidly from amongst the buildings, strolling up to take a look at me, and then retired out of sight somewhere. One of them, a stout, excitable chap with black mustaches, informed me with great volubility and many digressions, as soon as I told him who I was, that my steamer was at the bottom of the river. I was thunderstruck. What, how, why? Oh, it was 'all right.' The 'manager himself' was there. All quite correct. 'Everybody had behaved splendidly! splendidly!' – 'you must,' he said in agitation, 'go and see the general manager at once. He is waiting!'

"I did not see the real significance of that wreck at once. I fancy I see it now, but I am not sure – not at all. Certainly the affair was too stupid – when I think of it – to be altogether natural. Still... But at the moment it presented itself simply as a confounded nuisance. The steamer was sunk. They had started two days before in a sudden hurry up the river with the manager on board, in charge of some volunteer skipper, and before they had been out three hours they tore the bottom out of her on stones, and she sank near the south bank. I asked myself what I was to do there, now my boat was lost. As a matter of fact, I had plenty to do in fishing my command out of the river. I had to set about it the very next day. That, and the repairs when I brought the pieces to the station, took some months.

"My first interview with the manager was curious. He did not ask me to sit down after my twenty-mile walk that morning. He was commonplace in complexion, in features, in manners, and in voice. He was of middle size and of ordinary build. His eyes, of the usual blue, were perhaps remarkably cold, and he certainly could make his glance fall on one as trenchant and heavy as an ax. But even at these times the rest of his person seemed to disclaim the intention. Otherwise there was only an indefinable, faint expression of his lips, something stealthy – a smile – not a smile – I remember it, but I can't explain. It was unconscious, this smile was, though just after he had said something it got intensified for an instant. It came at the end of his speeches like a seal applied on the words to make the meaning of the commonest phrase appear absolutely inscrutable. He was a common trader, from his youth up employed in these parts – nothing more. He was obeyed, yet he inspired neither love nor fear, nor even respect. He inspired uneasiness. That was it! Uneasiness. Not a definite mistrust – just uneasiness – nothing more. You have no idea how effective such a... a... faculty can be. He had no genius for organizing, for initiative, or for order even. That was evident in such things as the deplorable state of the station. He had no learning, and no intelligence. His position had come to him – why? Perhaps because he was never ill... He had served three terms of three years out there... Because triumphant health in the general rout of constitutions is a kind of power in itself. When he went home on leave he rioted on a large scale – pompously. Jack ashore – with a difference – in externals only. This one could gather from his casual talk. He originated nothing, he could keep the routine going – that's all. But

he was great. He was great by this little thing that it was impossible to tell what could control such a man. He never gave that secret away. Perhaps there was nothing within him. Such a suspicion made one pause – for out there there were no external checks. Once when various tropical diseases had laid low almost every ‘agent’ in the station, he was heard to say, ‘Men who come out here should have no entrails.’ He sealed the utterance with that smile of his, as though it had been a door opening into a darkness he had in his keeping. You fancied you had seen things – but the seal was on. When annoyed at meal-times by the constant quarrels of the white men about precedence, he ordered an immense round table to be made, for which a special house had to be built. This was the station’s mess-room. Where he sat was the first place – the rest were nowhere. One felt this to be his unalterable conviction. He was neither civil nor uncivil. He was quiet. He allowed his ‘boy’ – an overfed young negro from the coast – to treat the white men, under his very eyes, with provoking insolence.

“He began to speak as soon as he saw me. I had been very long on the road. He could not wait. Had to start without me. The up-river stations had to be relieved. There had been so many delays already that he did not know who was dead and who was alive, and how they got on – and so on, and so on. He paid no attention to my explanations, and, playing with a stick of sealing-wax, repeated several times that the situation was ‘very grave, very grave.’ There were rumors that a very important station was in jeopardy, and its chief, Mr. Kurtz, was ill. Hoped it was not true. Mr. Kurtz was... I felt weary and irritable. Hang Kurtz, I thought. I interrupted him by saying I had heard of Mr. Kurtz on the coast. ‘Ah! So they talk of him down there,’ he murmured to himself. Then he began again, assuring me Mr. Kurtz was the best agent he had, an exceptional man, of the greatest importance to the Company; therefore I could understand his anxiety. He was, he said, ‘very, very uneasy.’ Certainly he fidgeted on his chair a good deal, exclaimed, ‘Ah, Mr. Kurtz!’ broke the stick of sealing-wax and seemed dumbfounded by the accident. Next thing he wanted to know ‘how long it would take to’ ... I interrupted him again. Being hungry, you know, and kept on my feet too, I was getting savage. ‘How could I tell,’ I said. ‘I hadn’t even seen the wreck yet – some months, no doubt.’ All this talk seemed to me so futile. ‘Some months,’ he said. ‘Well, let us say three months before we can make a start. Yes. That ought to do the affair.’ I flung out of his hut (he lived all alone in a clay hut with a sort of veranda) muttering to myself my opinion of him. He was a chattering idiot. Afterwards I took it back when it was borne in upon me startlingly with what extreme nicety he had estimated the time requisite for the ‘affair.’

“I went to work the next day, turning, so to speak, my back on that station. In that way only it seemed to me I could keep my hold on the redeeming facts of life. Still, one must look about sometimes; and then I saw this station, these men strolling aimlessly about in the sunshine of the yard. I asked myself sometimes what it all meant. They wandered here and there with their absurd long staves in their hands, like a lot of faithless pilgrims bewitched inside a rotten fence. The word ‘ivory’ rang in the air, was whispered, was sighed. You would think they were praying to it. A taint of imbecile rapacity blew through it all, like a whiff

from some corpse. By Jove! I've never seen anything so unreal in my life. And outside, the silent wilderness surrounding this cleared speck on the earth struck me as something great and invincible, like evil or truth, waiting patiently for the passing away of this fantastic invasion.

"Oh, these months! Well, never mind. Various things happened. One evening a grass shed full of calico, cotton prints, beads, and I don't know what else, burst into a blaze so suddenly that you would have thought the earth had opened to let an avenging fire consume all that trash. I was smoking my pipe quietly by my dismantled steamer, and saw them all cutting capers in the light, with their arms lifted high, when the stout man with mustaches came tearing down to the river, a tin pail in his hand, assured me that everybody was 'behaving splendidly, splendidly,' dipped about a quart of water and tore back again. I noticed there was a hole in the bottom of his pail.

"I strolled up. There was no hurry. You see the thing had gone off like a box of matches. It had been hopeless from the very first. The flame had leaped high, driven everybody back, lighted up everything – and collapsed. The shed was already a heap of embers glowing fiercely. A nigger was being beaten near by. They said he had caused the fire in some way; be that as it may, he was screeching most horribly. I saw him, later on, for several days, sitting in a bit of shade looking very sick and trying to recover himself: afterwards he arose and went out – and the wilderness without a sound took him into its bosom again. As I approached the glow from the dark I found myself at the back of two men, talking. I heard the name of Kurtz pronounced, then the words, 'take advantage of this unfortunate accident.' One of the men was the manager. I wished him a good evening. 'Did you ever see anything like it – eh? it is incredible,' he said, and walked off. The other man remained. He was a first-class agent, young, gentlemanly, a bit reserved, with a forked little beard and a hooked nose. He was stand-offish with the other agents, and they on their side said he was the manager's spy upon them. As to me, I had hardly ever spoken to him before. We got into talk, and by–and–by we strolled away from the hissing ruins. Then he asked me to his room, which was in the main building of the station. He struck a match, and I perceived that this young aristocrat had not only a silver-mounted dressing-case but also a whole candle all to himself. Just at that time the manager was the only man supposed to have any right to candles. Native mats covered the clay walls; a collection of spears, assegais, shields, knives was hung up in trophies. The business intrusted to this fellow was the making of bricks – so I had been informed; but there wasn't a fragment of a brick anywhere in the station, and he had been there more than a year – waiting. It seems he could not make bricks without something, I don't know what – straw maybe. Anyways, it could not be found there, and as it was not likely to be sent from Europe, it did not appear clear to me what he was waiting for. An act of special creation perhaps. However, they were all waiting – all the sixteen or twenty pilgrims of them – for something; and upon my word it did not seem an uncongenial occupation, from the way they took it, though the only thing that ever came to them was disease – as far as I could see. They beguiled the time by backbiting and intriguing against each other

in a foolish kind of way. There was an air of plotting about that station, but nothing came of it, of course. It was as unreal as everything else – as the philanthropic pretense of the whole concern, as their talk, as their government, as their show of work. The only real feeling was a desire to get appointed to a trading-post where ivory was to be had, so that they could earn percentages. They intrigued and slandered and hated each other only on that account, – but as to effectually lifting a little finger – oh, no. By heavens! there is something after all in the world allowing one man to steal a horse while another must not look at a halter. Steal a horse straight out. Very well. He has done it. Perhaps he can ride. But there is a way of looking at a halter that would provoke the most charitable of saints into a kick.

“I had no idea why he wanted to be sociable, but as we chatted in there it suddenly occurred to me the fellow was trying to get at something – in fact, pumping me. He alluded constantly to Europe, to the people I was supposed to know there – putting leading questions as to my acquaintances in the sepulchral city, and so on. His little eyes glittered like mica discs – with curiosity, – though he tried to keep up a bit of superciliousness. At first I was astonished, but very soon I became awfully curious to see what he would find out from me. I couldn’t possibly imagine what I had in me to make it worth his while. It was very pretty to see how he baffled himself, for in truth my body was full of chills, and my head had nothing in it but that wretched steamboat business. It was evident he took me for a perfectly shameless prevaricator. At last he got angry, and to conceal a movement of furious annoyance, he yawned. I rose. Then I noticed a small sketch in oils, on a panel, representing a woman, draped and blindfolded, carrying a lighted torch. The background was somber – almost black. The movement of the woman was stately, and the effect of the torchlight on the face was sinister.

“It arrested me, and he stood by civilly, holding a half-pint champagne bottle (medical comforts) with the candle stuck in it. To my question he said Mr. Kurtz had painted this – in this very station more than a year ago – while waiting for means to go to his trading-post. ‘Tell me, pray,’ said I, ‘who is this Mr. Kurtz?’

“The chief of the Inner Station,’ he answered in a short tone, looking away. ‘Much obliged,’ I said, laughing. ‘And you are the brickmaker of the Central Station. Everyone knows that.’ He was silent for a while. ‘He is a prodigy,’ he said at last. ‘He is an emissary of pity, and science, and progress, and devil knows what else. We want,’ he began to declaim suddenly, ‘for the guidance of the cause intrusted to us by Europe, so to speak, higher intelligence, wide sympathies, a singleness of purpose.’ ‘Who says that?’ I asked. ‘Lots of them,’ he replied. ‘Some even write that; and so *he* comes here, a special being, as you ought to know.’ ‘Why ought I to know?’ I interrupted, really surprised. He paid no attention. ‘Yes. To-day he is chief of the best station, next year he will be assistant-manager, two years more and ... but I dare say you know what he will be in two years’ time. You are of the new gang – the gang of virtue. The same people who sent him specially also recommended you. Oh, don’t say no. I’ve my own eyes to trust.’ Light dawned upon me. My dear aunt’s influential acquaintances were producing

an unexpected effect upon that young man. I nearly burst into a laugh. 'Do you read the Company's confidential correspondence?' I asked. He hadn't a word to say. It was great fun. 'When Mr. Kurtz,' I continued severely, 'is General Manager, you won't have the opportunity.'

"He blew the candle out suddenly, and we went outside. The moon had risen. Black figures strolled about listlessly, pouring water on the glow, whence proceeded a sound of hissing; steam ascended in the moonlight, the beaten nigger groaned somewhere. 'What a row the brute makes!' said the indefatigable man with the mustaches, appearing near us. 'Serve him right. Transgression – punishment – bang! Pitiless, pitiless. That's the only way. This will prevent all conflagrations for the future. I was just telling the manager...' He noticed my companion, and became crestfallen all at once. 'Not in bed yet,' he said, with a kind of servile heartiness; 'it's so natural. Ha! Danger – agitation.' He vanished. I went on to the river-side, and the other followed me. I heard a scathing murmur at my ear, 'Heap of muffs – go to.' The pilgrims could be seen in knots gesticulating, discussing. Several had still their staves in their hands. I verily believe they took these sticks to bed with them. Beyond the fence the forest stood up spectrally in the moonlight, and through the dim stir, through the faint sounds of that lamentable courtyard, the silence of the land went home to one's very heart, – its mystery, its greatness, the amazing reality of its concealed life. The hurt nigger moaned feebly somewhere near by, and then fetched a deep sigh that made me mend my pace away from there. I felt a hand introducing itself under my arm. 'My dear sir,' said the fellow, 'I don't want to be misunderstood, and especially by you, who will see Mr. Kurtz long before I can have that pleasure. I wouldn't like him to get a false idea of my disposition...'

"I let him run on, this *papier-mache* Mephistopheles, and it seemed to me that if I tried I could poke my forefinger through him, and would find nothing inside but a little loose dirt, maybe. He, don't you see, had been planning to be assistant-manager by-and-by under the present man, and I could see that the coming of that Kurtz had upset them both not a little. He talked precipitately, and I did not try to stop him. I had my shoulders against the wreck of my steamer, hauled up on the slope like a carcass of some big river animal. The smell of mud, of primeval mud, by Jove! was in my nostrils, the high stillness of primeval forest was before my eyes; there were shiny patches on the black creek. The moon had spread over everything a thin layer of silver – over the rank grass, over the mud, upon the wall of matted vegetation standing higher than the wall of a temple, over the great river I could see through a somber gap glittering, glittering, as it flowed broadly by without a murmur. All this was great, expectant, mute, while the man jabbered about himself. I wondered whether the stillness on the face of the immensity looking at us two were meant as an appeal or as a menace. What were we who had strayed in here? Could we handle that dumb thing, or would it handle us? I felt how big, how confoundedly big, was that thing that couldn't talk, and perhaps was deaf as well. What was in there? I could see a little ivory coming out from there, and I had heard Mr. Kurtz was in there. I had heard enough about it too – God knows! Yet somehow it didn't bring any image with it –

no more than if I had been told an angel or a fiend was in there. I believed it in the same way one of you might believe there are inhabitants in the planet Mars. I knew once a Scotch sailmaker who was certain, dead sure, there were people in Mars. If you asked him for some idea how they looked and behaved, he would get shy and mutter something about 'walking on all-fours.' If you as much as smiled, he would – though a man of sixty – offer to fight you. I would not have gone so far as to fight for Kurtz, but I went for him near enough to a lie. You know I hate, detest, and can't bear a lie, not because I am straighter than the rest of us, but simply because it appalls me. There is a taint of death, a flavor of mortality in lies, – which is exactly what I hate and detest in the world – what I want to forget. It makes me miserable and sick, like biting something rotten would do. Temperament, I suppose. Well, I went near enough to it by letting the young fool there believe anything he liked to imagine as to my influence in Europe. I became in an instant as much of a pretense as the rest of the bewitched pilgrims. This simply because I had a notion it somehow would be of help to that Kurtz whom at the time I did not see – you understand. He was just a word for me. I did not see the man in the name any more than you do. Do you see him? Do you see the story? Do you see anything? It seems to me I am trying to tell you a dream – making a vain attempt, because no relation of a dream can convey the dream-sensation, that commingling of absurdity, surprise, and bewilderment in a tremor of struggling revolt, that notion of being captured by the incredible which is of the very essence of dreams..."

He was silent for a while.

"...No, it is impossible; it is impossible to convey the life-sensation of any given epoch of one's existence, – that which makes its truth, its meaning – its subtle and penetrating essence. It is impossible. We live, as we dream – alone..."

He paused again as if reflecting, then added – "Of course in this you fellows see more than I could then. You see me, whom you know..."

It had become so pitch dark that we listeners could hardly see one another. For a long time already he, sitting apart, had been no more to us than a voice. There was not a word from anybody. The others might have been asleep, but I was awake. I listened, I listened on the watch for the sentence, for the word, that would give me the clew to the faint uneasiness inspired by this narrative that seemed to shape itself without human lips in the heavy night-air of the river.

"...Yes – I let him run on," Marlow began again, "and think what he pleased about the powers that were behind me. I did! And there was nothing behind me! There was nothing but that wretched, old, mangled steamboat I was leaning against, while he talked fluently about 'the necessity for every man to get on.' 'And when one comes out here, you conceive, it is not to gaze at the moon.' Mr. Kurtz was a 'universal genius,' but even a genius would find it easier to work with 'adequate tools – intelligent men.' He did not make bricks – why, there was a physical impossibility in the way – as I was well aware; and if he did secretarial work for the manager, it was because 'no sensible man rejects wantonly the confidence of his superiors.' Did I see it? I saw it. What more did I want? What I

really wanted was rivets, by heaven! Rivets. To get on with the work – to stop the hole. Rivets I wanted. There were cases of them down at the coast – cases – piled up – burst – split! You kicked a loose rivet at every second step in that station yard on the hillside. Rivets had rolled into the groove of death. You could fill your pockets with rivets for the trouble of stooping down – and there wasn't one rivet to be found where it was wanted. We had plates that would do, but nothing to fasten them with. And every week the messenger, a lone negro, letter-bag on shoulder and staff in hand, left our station for the coast. And several times a week a coast caravan came in with trade goods, – ghastly glazed calico that made you shudder only to look at it, glass beads value about a penny a quart, confounded spotted cotton handkerchiefs. And no rivets. Three carriers could have brought all that was wanted to set that steamboat afloat.

“He was becoming confidential now, but I fancy my unresponsive attitude must have exasperated him at last, for he judged it necessary to inform me he feared neither God nor devil, let alone any mere man. I said I could see that very well, but what I wanted was a certain quantity of rivets – and rivets were what really Mr. Kurtz wanted, if he had only known it. Now letters went to the coast every week.. ‘My dear sir,’ he cried, ‘I write from dictation.’ I demanded rivets. There was a way – for an intelligent man. He changed his manner; became very cold, and suddenly began to talk about a hippopotamus; wondered whether sleeping on board the steamer (I stuck to my salvage night and day) I wasn't disturbed. There was an old hippo that had the bad habit of getting out on the bank and roaming at night over the station grounds. The pilgrims used to turn out in a body and empty every rifle they could lay hands on at him. Some even had sat up o' nights for him. All this energy was wasted, though. ‘That animal has a charmed life,’ he said; ‘but you can say this only of brutes in this country. No man – you apprehend me? – no man here bears a charmed life.’ He stood there for a moment in the moonlight with his delicate hooked nose set a little askew, and his mica eyes glittering without a wink, then, with a curt Good night, he strode off. I could see he was disturbed and considerably puzzled, which made me feel more hopeful than I had been for days. It was a great comfort to turn from that chap to my influential friend, the battered, twisted, ruined, tin-pot steamboat. I clambered on board. She rang under my feet like an empty Huntley & Palmer biscuit-tin kicked along a gutter; she was nothing so solid in make, and rather less pretty in shape, but I had expended enough hard work on her to make me love her. No influential friend would have served me better. She had given me a chance to come out a bit – to find out what I could do. No, I don't like work. I had rather laze about and think of all the fine things that can be done. I don't like work – no man does – but I like what is in the work, – the chance to find yourself. Your own reality – for yourself, not for others – what no other man can ever know. They can only see the mere show, and never can tell what it really means.

“I was not surprised to see somebody sitting aft, on the deck, with his legs dangling over the mud. You see I rather chummed with the few mechanics there were in that station, whom the other pilgrims naturally despised – on account of their imperfect manners, I suppose. This was the foreman – a boiler-maker by

trade – a good worker. He was a lank, bony, yellow-faced man, with big intense eyes. His aspect was worried, and his head was as bald as the palm of my hand; but his hair in falling seemed to have stuck to his chin, and had prospered in the new locality, for his beard hung down to his waist. He was a widower with six young children (he had left them in charge of a sister of his to come out there), and the passion of his life was pigeon-flying. He was an enthusiast and a connoisseur. He would rave about pigeons. After work hours he used sometimes to come over from his hut for a talk about his children and his pigeons; at work, when he had to crawl in the mud under the bottom of the steamboat, he would tie up that beard of his in a kind of white serviette he brought for the purpose. It had loops to go over his ears. In the evening he could be seen squatted on the bank rinsing that wrapper in the creek with great care, then spreading it solemnly on a bush to dry.

“I slapped him on the back and shouted, ‘We shall have rivets!’ He scrambled to his feet exclaiming ‘No! Rivets!’ as though he couldn’t believe his ears. Then in a low voice, ‘You... eh?’ I don’t know why we behaved like lunatics. I put my finger to the side of my nose and nodded mysteriously. ‘Good for you!’ he cried, snapped his fingers above his head, lifting one foot. I tried a jig. We capered on the iron deck. A frightful clatter came out of that hulk, and the virgin forest on the other bank of the creek sent it back in a thundering roll upon the sleeping station. It must have made some of the pilgrims sit up in their hovels. A dark figure obscured the lighted doorway of the manager’s hut, vanished, then, a second or so after, the doorway itself vanished too. We stopped, and the silence driven away by the stamping of our feet flowed back again from the recesses of the land. The great wall of vegetation, an exuberant and entangled mass of trunks, branches, leaves, boughs, festoons, motionless in the moonlight, was like a rioting invasion of soundless life, a rolling wave of plants, piled up, crested, ready to topple over the creek, to sweep every little man of us out of his little existence. And it moved not. A deadened burst of mighty splashes and snorts reached us from afar, as though an ichthyosaurus had been taking a bath of glitter in the great river. ‘After all,’ said the boiler-maker in a reasonable tone, ‘why shouldn’t we get the rivets?’ Why not, indeed! I did not know of any reason why we shouldn’t. ‘They’ll come in three weeks,’ I said confidently.

“But they didn’t. Instead of rivets there came an invasion, an infliction, a visitation. It came in sections during the next three weeks, each section headed by a donkey carrying a white man in new clothes and tan shoes, bowing from that elevation right and left to the impressed pilgrims. A quarrelsome band of footsore sulky niggers trod on the heels of the donkeys; a lot of tents, camp-stools, tin boxes, white cases, brown bales would be shot down in the courtyard, and the air of mystery would deepen a little over the muddle of the station. Five such installments came, with their absurd air of disorderly flight with the loot of innumerable outfit shops and provision stores, that, one would think, they were lugging, after a raid, into the wilderness for equitable division. It was an inextricable mess of things decent in themselves but that human folly made look like the spoils of thieving.

“This devoted band called itself the Eldorado Exploring Expedition, and I believe they were sworn to secrecy. Their talk, however, was the talk of sordid buccaneers: it was reckless without hardihood, greedy without audacity, and cruel without courage; there was not an atom of foresight or of serious intention in the whole batch of them, and they did not seem aware these things are wanted for the work of the world. To tear treasure out of the bowels of the land was their desire, with no more moral purpose at the back of it than there is in burglars breaking into a safe. Who paid the expenses of the noble enterprise I don't know; but the uncle of our manager was leader of that lot.

“In exterior he resembled a butcher in a poor neighborhood, and his eyes had a look of sleepy cunning. He carried his fat paunch with ostentation on his short legs, and during the time his gang infested the station spoke to no one but his nephew. You could see these two roaming about all day long with their heads close together in an everlasting confab.

“I had given up worrying myself about the rivets. One's capacity for that kind of folly is more limited than you would suppose. I said Hang! – and let things slide. I had plenty of time for meditation, and now and then I would give some thought to Kurtz. I wasn't very interested in him. No. Still, I was curious to see whether this man, who had come out equipped with moral ideas of some sort, would climb to the top after all, and how he would set about his work when there.”

"One evening as I was lying flat on the deck of my steamboat, I heard voices approaching – and there were the nephew and the uncle strolling along the bank. I laid my head on my arm again, and had nearly lost myself in a doze, when somebody said in my ear, as it were: 'I am as harmless as a little child, but I don't like to be dictated to. Am I the manager – or am I not? I was ordered to send him there. It's incredible.' ... I became aware that the two were standing on the shore alongside the forepart of the steamboat, just below my head. I did not move; it did not occur to me to move: I was sleepy. 'It is unpleasant,' grunted the uncle. 'He has asked the Administration to be sent there,' said the other, 'with the idea of showing what he could do; and I was instructed accordingly. Look at the influence that man must have. Is it not frightful?' They both agreed it was frightful, then made several bizarre remarks: 'Make rain and fine weather – one man – the Council – by the nose' – bits of absurd sentences that got the better of my drowsiness, so that I had pretty near the whole of my wits about me when the uncle said, 'The climate may do away with this difficulty for you. Is he alone there?' 'Yes,' answered the manager; 'he sent his assistant down the river with a note to me in these terms: "Clear this poor devil out of the country, and don't bother sending more of that sort. I had rather be alone than have the kind of men you can dispose of with me." It was more than a year ago. Can you imagine such impudence!' 'Anything since then?' asked the other, hoarsely. 'Ivory,' jerked the nephew; 'lots of it – prime sort – lots – most annoying, from him.' 'And with that?' questioned the heavy rumble. 'Invoice,' was the reply fired out, so to speak. Then silence. They had been talking about Kurtz.

"I was broad awake by this time, but, lying perfectly at ease, remained still, having no inducement to change my position. 'How did that ivory come all this way?' growled the elder man, who seemed very vexed. The other explained that it had come with a fleet of canoes in charge of an English half-caste clerk Kurtz had with him; that Kurtz had apparently intended to return himself, the station being by that time bare of goods and stores, but after coming three hundred miles, had suddenly decided to go back, which he started to do alone in a small dug-out with four paddlers, leaving the half-caste to continue down the river with the ivory. The two fellows there seemed astounded at anybody attempting such a thing. They were at a loss for an adequate motive. As to me, I seemed to see Kurtz for the first time. It was a distinct glimpse: the dug-out, four paddling savages, and the lone white man turning his back suddenly on the headquarters, on relief, on thoughts of home – perhaps; setting his face towards the depths of the wilderness, towards his empty and desolate station. I did not know the motive. Perhaps he was just simply a fine fellow who stuck to his work for its own sake. His name, you understand, had not been pronounced once. He was 'that man.' The half-caste, who, as far as I could see, had conducted a difficult trip with great prudence and pluck, was invariably alluded to as 'that scoundrel.' The 'scoundrel' had reported that the 'man' had been very ill – had

recovered imperfectly... The two below me moved away then a few paces, and strolled back and forth at some little distance. I heard: 'Military post – doctor – two hundred miles – quite alone now – unavoidable delays – nine months – no news – strange rumors.' They approached again, just as the manager was saying, 'No one, as far as I know, unless a species of wandering trader – a pestilential fellow, snapping ivory from the natives.' Who was it they were talking about now? I gathered in snatches that this was some man supposed to be in Kurtz's district, and of whom the manager did not approve. 'We will not be free from unfair competition till one of these fellows is hanged for an example,' he said. 'Certainly,' grunted the other; 'get him hanged! Why not? Anything – anything can be done in this country. That's what I say; nobody here, you understand, *here*, can endanger your position. And why? You stand the climate – you outlast them all. The danger is in Europe; but there before I left I took care to – ' They moved off and whispered, then their voices rose again. 'The extraordinary series of delays is not my fault. I did my possible.' The fat man sighed, 'Very sad.' 'And the pestiferous absurdity of his talk,' continued the other; 'he bothered me enough when he was here. "Each station should be like a beacon on the road towards better things, a center for trade of course, but also for humanizing, improving, instructing." Conceive you – that ass! And he wants to be manager! No, it's – ' Here he got choked by excessive indignation, and I lifted my head the least bit. I was surprised to see how near they were – right under me. I could have spat upon their hats. They were looking on the ground, absorbed in thought. The manager was switching his leg with a slender twig: his sagacious relative lifted his head. 'You have been well since you came out this time?' he asked. The other gave a start. 'Who? I? Oh! Like a charm – like a charm. But the rest – oh, my goodness! All sick. They die so quick too, that I haven't the time to send them out of the country – it's incredible!' 'H'm. Just so,' grunted the uncle. 'Ah! my boy, trust to this – I say, trust to this.' I saw him extend his short flipper of an arm for a gesture that took in the forest, the creek, the mud, the river, – seemed to beckon with a dishonoring flourish before the sunlit face of the land a treacherous appeal to the lurking death, to the hidden evil, to the profound darkness of its heart. It was so startling that I leaped to my feet and looked back at the edge of the forest, as though I had expected an answer of some sort to that black display of confidence. You know the foolish notions that come to one sometimes. The high stillness confronted these two figures with its ominous patience, waiting for the passing away of a fantastic invasion.

"They swore aloud together – out of sheer fright, I believe – then pretending not to know anything of my existence, turned back to the station. The sun was low; and leaning forward side by side, they seemed to be tugging painfully uphill their two ridiculous shadows of unequal length, that trailed behind them slowly over the tall grass without bending a single blade.

"In a few days the Eldorado Expedition went into the patient wilderness, that closed upon it as the sea closes over a diver. Long afterwards the news came that all the donkeys were dead. I know nothing as to the fate of the less valuable animals. They, no doubt, like the rest of us, found what they deserved. I did not

inquire. I was then rather excited at the prospect of meeting Kurtz very soon. When I say very soon I mean it comparatively. It was just two months from the day we left the creek when we came to the bank below Kurtz's station.

"Going up that river was like traveling back to the earliest beginnings of the world, when vegetation rioted on the earth and the big trees were kings. An empty stream, a great silence, an impenetrable forest. The air was warm, thick, heavy, sluggish. There was no joy in the brilliance of sunshine. The long stretches of the waterway ran on, deserted, into the gloom of overshadowed distances. On silvery sandbanks hippos and alligators sunned themselves side by side. The broadening waters flowed through a mob of wooded islands; you lost your way on that river as you would in a desert, and butted all day long against shoals, trying to find the channel, till you thought yourself bewitched and cut off for ever from everything you had known once – somewhere – far away – in another existence perhaps. There were moments when one's past came back to one, as it will sometimes when you have not a moment to spare to yourself; but it came in the shape of an unrestful and noisy dream, remembered with wonder amongst the overwhelming realities of this strange world of plants, and water, and silence. And this stillness of life did not in the least resemble a peace. It was the stillness of an implacable force brooding over an inscrutable intention. It looked at you with a vengeful aspect. I got used to it afterwards; I did not see it any more; I had no time. I had to keep guessing at the channel; I had to discern, mostly by inspiration, the signs of hidden banks; I watched for sunken stones; I was learning to clap my teeth smartly before my heart flew out, when I shaved by a fluke some infernal sly old snag that would have ripped the life out of the tin-pot steamboat and drowned all the pilgrims; I had to keep a look-out for the signs of dead wood we could cut up in the night for next day's steaming. When you have to attend to things of that sort, to the mere incidents of the surface, the reality – the reality, I tell you – fades. The inner truth is hidden – luckily, luckily. But I felt it all the same; I felt often its mysterious stillness watching me at my monkey tricks, just as it watches you fellows performing on your respective tight-ropes for – what is it? half-a-crown a tumble –"

"Try to be civil, Marlow," growled a voice, and I knew there was at least one listener awake besides myself.

"I beg your pardon. I forgot the headache which makes up the rest of the price. And indeed what does the price matter, if the trick be well done? You do your tricks very well. And I didn't do badly either, since I managed not to sink that steamboat on my first trip. It's a wonder to me yet. Imagine a blindfolded man set to drive a van over a bad road. I sweated and shivered over that business considerably, I can tell you. After all, for a seaman, to scrape the bottom of the thing that's supposed to float all the time under his care is the unpardonable sin. No one may know of it, but you never forget the thump – eh? A blow on the very heart. You remember it, you dream of it, you wake up at night and think of it – years after – and go hot and cold all over. I don't pretend to say that steamboat floated all the time. More than once she had to wade for a bit, with twenty

cannibals splashing around and pushing. We had enlisted some of these chaps on the way for a crew. Fine fellows – cannibals – in their place. They were men one could work with, and I am grateful to them. And, after all, they did not eat each other before my face: they had brought along a provision of hippo–meat which went rotten, and made the mystery of the wilderness stink in my nostrils. Phoo! I can sniff it now. I had the manager on board and three or four pilgrims with their staves – all complete. Sometimes we came upon a station close by the bank, clinging to the skirts of the unknown, and the white men rushing out of a tumble–down hovel, with great gestures of joy and surprise and welcome, seemed very strange, – had the appearance of being held there captive by a spell. The word ivory would ring in the air for a while – and on we went again into the silence, along empty reaches, round the still bends, between the high walls of our winding way, reverberating in hollow claps the ponderous beat of the stern–wheel. Trees, trees, millions of trees, massive, immense, running up high; and at their foot, hugging the bank against the stream, crept the little begrimed steamboat, like a sluggish beetle crawling on the floor of a lofty portico. It made you feel very small, very lost, and yet it was not altogether depressing, that feeling. After all, if you were small, the grimy beetle crawled on – which was just what you wanted it to do. Where the pilgrims imagined it crawled to I don't know. To some place where they expected to get something, I bet! For me it crawled toward Kurtz – exclusively; but when the steam–pipes started leaking we crawled very slow. The reaches opened before us and closed behind, as if the forest had stepped leisurely across the water to bar the way for our return. We penetrated deeper and deeper into the heart of darkness. It was very quiet there. At night sometimes the roll of drums behind the curtain of trees would run up the river and remain sustained faintly, as if hovering in the air high over our heads, till the first break of day. Whether it meant war, peace, or prayer we could not tell. The dawns were heralded by the descent of a chill stillness; the woodcutters slept, their fires burned low; the snapping of a twig would make you start. We were wanderers on a prehistoric earth, on an earth that wore the aspect of an unknown planet. We could have fancied ourselves the first of men taking possession of an accursed inheritance, to be subdued at the cost of profound anguish and of excessive toil. But suddenly, as we struggled round a bend, there would be a glimpse of rush walls, of peaked grass–roofs, a burst of yells, a whirl of black limbs, a mass of hands clapping, of feet stamping, of bodies swaying, of eyes rolling, under the droop of heavy and motionless foliage. The steamer toiled along slowly on the edge of a black and incomprehensible frenzy. The prehistoric man was cursing us, praying to us, welcoming us – who could tell? We were cut off from the comprehension of our surroundings; we glided past like phantoms, wondering and secretly appalled, as sane men would be before an enthusiastic outbreak in a madhouse. We could not understand, because we were too far and could not remember, because we were traveling in the night of first ages, of those ages that are gone, leaving hardly a sign – and no memories.

“The earth seemed unearthly. We are accustomed to look upon the shackled form of a conquered monster, but there – there you could look at a thing

monstrous and free. It was unearthly, and the men were – No, they were not inhuman. Well, you know, that was the worst of it – this suspicion of their not being inhuman. It would come slowly to one. They howled, and leaped, and spun, and made horrid faces; but what thrilled you was just the thought of their humanity – like yours – the thought of your remote kinship with this wild and passionate uproar. Ugly. Yes, it was ugly enough; but if you were man enough you would admit to yourself that there was in you just the faintest trace of a response to the terrible frankness of that noise, a dim suspicion of there being a meaning in it which you – you so remote from the night of first ages – could comprehend. And why not? The mind of man is capable of anything – because everything is in it, all the past as well as all the future. What was there after all? Joy, fear, sorrow, devotion, valor, rage – who can tell? – but truth – truth stripped of its cloak of time. Let the fool gape and shudder – the man knows, and can look on without a wink. But he must at least be as much of a man as these on the shore. He must meet that truth with his own true stuff – with his own inborn strength. Principles? Principles won't do. Acquisitions, clothes, pretty rags – rags that would fly off at the first good shake. No; you want a deliberate belief. An appeal to me in this fiendish row – is there? Very well; I hear; I admit, but I have a voice too, and for good or evil mine is the speech that cannot be silenced. Of course, a fool, what with sheer fright and fine sentiments, is always safe. Who's that grunting? You wonder I didn't go ashore for a howl and a dance? Well, no – I didn't. Fine sentiments, you say? Fine sentiments, be hanged! I had no time. I had to mess about with white-lead and strips of woollen blanket helping to put bandages on those leaky steam-pipes – I tell you. I had to watch the steering, and circumvent those snags, and get the tin-pot along by hook or by crook. There was surface-truth enough in these things to save a wiser man. And between whiles I had to look after the savage who was fireman. He was an improved specimen; he could fire up a vertical boiler. He was there below me, and, upon my word, to look at him was as edifying as seeing a dog in a parody of breeches and a feather hat, walking on his hind-legs. A few months of training had done for that really fine chap. He squinted at the steam-gauge and at the water-gauge with an evident effort of intrepidity – and he had filed teeth too, the poor devil, and the wool of his pate shaved into queer patterns, and three ornamental scars on each of his cheeks. He ought to have been clapping his hands and stamping his feet on the bank, instead of which he was hard at work, a thrall to strange witchcraft, full of improving knowledge. He was useful because he had been instructed; and what he knew was this – that should the water in that transparent thing disappear, the evil spirit inside the boiler would get angry through the greatness of his thirst, and take a terrible vengeance. So he sweated and fired up and watched the glass fearfully (with an impromptu charm, made of rags, tied to his arm, and a piece of polished bone, as big as a watch, stuck flatways through his lower lip), while the wooded banks slipped past us slowly, the short noise was left behind, the interminable miles of silence – and we crept on, towards Kurtz. But the snags were thick, the water was treacherous and shallow, the boiler seemed indeed to have a sulky devil in it, and thus neither that fireman nor I had any time to peer into our creepy thoughts.

“Some fifty miles below the Inner Station we came upon a hut of reeds, an inclined and melancholy pole, with the unrecognizable tatters of what had been a flag of some sort flying from it, and a neatly stacked woodpile. This was unexpected. We came to the bank, and on the stack of firewood found a flat piece of board with some faded pencil-writing on it. When deciphered it said: ‘Wood for you. Hurry up. Approach cautiously.’ There was a signature, but it was illegible – not Kurtz – a much longer word. ‘Hurry up.’ Where? Up the river? ‘Approach cautiously.’ We had not done so. But the warning could not have been meant for the place where it could be only found after approach. Something was wrong above. But what – and how much? That was the question. We commented adversely upon the imbecility of that telegraphic style. The bush around said nothing, and would not let us look very far, either. A torn curtain of red twill hung in the doorway of the hut, and flapped sadly in our faces. The dwelling was dismantled; but we could see a white man had lived there not very long ago. There remained a rude table – a plank on two posts; a heap of rubbish reposed in a dark corner, and by the door I picked up a book. It had lost its covers, and the pages had been thumbed into a state of extremely dirty softness; but the back had been lovingly stitched afresh with white cotton thread, which looked clean yet. It was an extraordinary find. Its title was, ‘An Inquiry into some Points of Seamanship,’ by a man Tower, Towson – some such name – Master in his Majesty’s Navy. The matter looked dreary reading enough, with illustrative diagrams and repulsive tables of figures, and the copy was sixty years old. I handled this amazing antiquity with the greatest possible tenderness, lest it should dissolve in my hands. Within, Towson or Towser was inquiring earnestly into the breaking strain of ships’ chains and tackle, and other such matters. Not a very enthralling book; but at the first glance you could see there a singleness of intention, an honest concern for the right way of going to work, which made these humble pages, thought out so many years ago, luminous with another than a professional light. The simple old sailor, with his talk of chains and purchases, made me forget the jungle and the pilgrims in a delicious sensation of having come upon something unmistakably real. Such a book being there was wonderful enough; but still more astounding were the notes penciled in the margin, and plainly referring to the text. I couldn’t believe my eyes! They were in cipher! Yes, it looked like cipher. Fancy a man lugging with him a book of that description into this nowhere and studying it – and making notes – in cipher at that! It was an extravagant mystery.

“I had been dimly aware for some time of a worrying noise, and when I lifted my eyes I saw the wood-pile was gone, and the manager, aided by all the pilgrims, was shouting at me from the river-side. I slipped the book into my pocket. I assure you to leave off reading was like tearing myself away from the shelter of an old and solid friendship.

“I started the lame engine ahead. ‘It must be this miserable trader – this intruder,’ exclaimed the manager, looking back malevolently at the place we had left. ‘He must be English,’ I said. ‘It will not save him from getting into trouble if he is not careful,’ muttered the manager darkly. I observed with assumed

innocence that no man was safe from trouble in this world.

“The current was more rapid now, the steamer seemed at her last gasp, the stern-wheel flopped languidly, and I caught myself listening on tiptoe for the next beat of the boat, for in sober truth I expected the wretched thing to give up every moment. It was like watching the last flickers of a life. But still we crawled. Sometimes I would pick out a tree a little way ahead to measure our progress towards Kurtz by, but I lost it invariably before we got abreast. To keep the eyes so long on one thing was too much for human patience. The manager displayed a beautiful resignation. I fretted and fumed and took to arguing with myself whether or no I would talk openly with Kurtz; but before I could come to any conclusion it occurred to me that my speech or my silence, indeed any action of mine, would be a mere futility. What did it matter what anyone knew or ignored? What did it matter who was manager? One gets sometimes such a flash of insight. The essentials of this affair lay deep under the surface, beyond my reach, and beyond my power of meddling.

“Towards the evening of the second day we judged ourselves about eight miles from Kurtz’s station. I wanted to push on; but the manager looked grave, and told me the navigation up there was so dangerous that it would be advisable, the sun being very low already, to wait where we were till next morning. Moreover, he pointed out that if the warning to approach cautiously were to be followed, we must approach in daylight – not at dusk, or in the dark. This was sensible enough. Eight miles meant nearly three hours’ steaming for us, and I could also see suspicious ripples at the upper end of the reach. Nevertheless, I was annoyed beyond expression at the delay, and most unreasonably too, since one night more could not matter much after so many months. As we had plenty of wood, and caution was the word, I brought up in the middle of the stream. The reach was narrow, straight, with high sides like a railway cutting. The dusk came gliding into it long before the sun had set. The current ran smooth and swift, but a dumb immobility sat on the banks. The living trees, lashed together by the creepers and every living bush of the undergrowth, might have been changed into stone, even to the slenderest twig, to the lightest leaf. It was not sleep – it seemed unnatural, like a state of trance. Not the faintest sound of any kind could be heard. You looked on amazed, and began to suspect yourself of being deaf – then the night came suddenly, and struck you blind as well. About three in the morning some large fish leaped, and the loud splash made me jump as though a gun had been fired. When the sun rose there was a white fog, very warm and clammy, and more blinding than the night. It did not shift or drive; it was just there, standing all round you like something solid. At eight or nine, perhaps, it lifted as a shutter lifts. We had a glimpse of the towering multitude of trees, of the immense matted jungle, with the blazing little ball of the sun hanging over it – all perfectly still – and then the white shutter came down again, smoothly, as if sliding in greased grooves. I ordered the chain, which we had begun to heave in, to be paid out again. Before it stopped running with a muffled rattle, a cry, a very loud cry, as of infinite desolation, soared slowly in the opaque air. It ceased. A complaining clamor, modulated in savage discords, filled our ears. The sheer unexpectedness

of it made my hair stir under my cap. I don't know how it struck the others: to me it seemed as though the mist itself had screamed, so suddenly, and apparently from all sides at once, did this tumultuous and mournful uproar arise. It culminated in a hurried outbreak of almost intolerably excessive shrieking, which stopped short, leaving us stiffened in a variety of silly attitudes, and obstinately listening to the nearly as appalling and excessive silence. 'Good God! What is the meaning - ?' stammered at my elbow one of the pilgrims, - a little fat man, with sandy hair and red whiskers, who wore side-spring boots, and pink pyjamas tucked into his socks. Two others remained open-mouthed a whole minute, then dashed into the little cabin, to rush out incontinently and stand darting scared glances, with Winchester's at 'ready' in their hands. What we could see was just the steamer we were on, her outlines blurred as though she had been on the point of dissolving, and a misty strip of water, perhaps two feet broad, around her - and that was all. The rest of the world was nowhere, as far as our eyes and ears were concerned. Just nowhere. Gone, disappeared; swept off without leaving a whisper or a shadow behind.

"I went forward, and ordered the chain to be hauled in short, so as to be ready to trip the anchor and move the steamboat at once if necessary. 'Will they attack?' whispered an awed voice. 'We will all be butchered in this fog,' murmured another. The faces twitched with the strain, the hands trembled slightly, the eyes forgot to wink. It was very curious to see the contrast of expressions of the white men and of the black fellows of our crew, who were as much strangers to that part of the river as we, though their homes were only eight hundred miles away. The whites, of course greatly discomposed, had besides a curious look of being painfully shocked by such an outrageous row. The others had an alert, naturally interested expression; but their faces were essentially quiet, even those of the one or two who grinned as they hauled on the chain. Several exchanged short, grunting phrases, which seemed to settle the matter to their satisfaction. Their headman, a young, broad-chested black, severely draped in dark-blue fringed cloths, with fierce nostrils and his hair all done up artfully in oily ringlets, stood near me. 'Aha!' I said, just for good fellowship's sake. 'Catch 'im,' he snapped, with a bloodshot widening of his eyes and a flash of sharp teeth - 'catch 'im. Give 'im to us.' 'To you, eh?' I asked; 'what would you do with them?' 'Eat 'im!' he said curtly, and, leaning his elbow on the rail, looked out into the fog in a dignified and profoundly pensive attitude. I would no doubt have been properly horrified, had it not occurred to me that he and his chaps must be very hungry: that they must have been growing increasingly hungry for at least this month past. They had been engaged for six months (I don't think a single one of them had any clear idea of time, as we at the end of countless ages have. They still belonged to the beginnings of time - had no inherited experience to teach them as it were), and of course, as long as there was a piece of paper written over in accordance with some farcical law or other made down the river, it didn't enter anybody's head to trouble how they would live. Certainly they had brought with them some rotten hippo-meat, which couldn't have lasted very long, anyway, even if the pilgrims hadn't, in the midst of a shocking hullabaloo, thrown a considerable quantity of it

overboard. It looked like a high-handed proceeding; but it was really a case of legitimate self-defense. You can't breathe dead hippo waking, sleeping, and eating, and at the same time keep your precarious grip on existence. Besides that, they had given them every week three pieces of brass wire, each about nine inches long; and the theory was they were to buy their provisions with that currency in river-side villages. You can see how *that* worked. There were either no villages, or the people were hostile, or the director, who like the rest of us fed out of tins, with an occasional old he-goat thrown in, didn't want to stop the steamer for some more or less recondite reason. So, unless they swallowed the wire itself, or made loops of it to snare the fishes with, I don't see what good their extravagant salary could be to them. I must say it was paid with a regularity worthy of a large and honorable trading company. For the rest, the only thing to eat – though it didn't look eatable in the least – I saw in their possession was a few lumps of some stuff like half-cooked dough, of a dirty lavender color, they kept wrapped in leaves, and now and then swallowed a piece of, but so small that it seemed done more for the looks of the thing than for any serious purpose of sustenance. Why in the name of all the gnawing devils of hunger they didn't go for us – they were thirty to five – and have a good tuck in for once, amazes me now when I think of it. They were big powerful men, with not much capacity to weigh the consequences, with courage, with strength, even yet, though their skins were no longer glossy and their muscles no longer hard. And I saw that something restraining, one of those human secrets that baffle probability, had come into play there. I looked at them with a swift quickening of interest – not because it occurred to me I might be eaten by them before very long, though I own to you that just then I perceived – in a new light, as it were – how unwholesome the pilgrims looked, and I hoped, yes, I positively hoped, that my aspect was not so – what shall I say? – so – unappetizing: a touch of fantastic vanity which fitted well with the dream-sensation that pervaded all my days at that time. Perhaps I had a little fever too. One can't live with one's finger everlastingly on one's pulse. I had often 'a little fever,' or a little touch of other things – the playful paw-strokes of the wilderness, the preliminary trifling before the more serious onslaught which came in due course. Yes; I looked at them as you would on any human being, with a curiosity of their impulses, motives, capacities, weaknesses, when brought to the test of an inexorable physical necessity. Restraint! What possible restraint? Was it superstition, disgust, patience, fear – or some kind of primitive honor? No fear can stand up to hunger, no patience can wear it out, disgust simply does not exist where hunger is; and as to superstition, beliefs, and what you may call principles, they are less than chaff in a breeze. Don't you know the devilry of lingering starvation, its exasperating torment, its black thoughts, its somber and brooding ferocity? Well, I do. It takes a man all his inborn strength to fight hunger properly. It's really easier to face bereavement, dishonor, and the perdition of one's soul – than this kind of prolonged hunger. Sad, but true. And these chaps too had no earthly reason for any kind of scruple. Restraint! I would just as soon have expected restraint from a hyena prowling amongst the corpses of a battlefield. But there was the fact facing me – the fact dazzling, to be seen, like the foam on the depths of the sea, like a

ripple on an unfathomable enigma, a mystery greater – when I thought of it – than the curious, inexplicable note of desperate grief in this savage clamor that had swept by us on the river-bank, behind the blind whiteness of the fog.

“Two pilgrims were quarreling in hurried whispers as to which bank ‘Left.’ ‘No, no; how can you? Right, right, of course.’ ‘It is very serious,’ said the manager’s voice behind me; ‘I would be desolated if anything should happen to Mr. Kurtz before we came up.’ I looked at him, and had not the slightest doubt he was sincere. He was just the kind of man who would wish to preserve appearances. That was his restraint. But when he muttered something about going on at once, I did not even take the trouble to answer him. I knew, and he knew, that it was impossible. Were we to let go our hold of the bottom, we would be absolutely in the air – in space. We wouldn’t be able to tell where we were going to – whether up or down stream, or across – till we fetched against one bank or the other, – and then we wouldn’t know at first which it was. Of course I made no move. I had no mind for a smash-up. You couldn’t imagine a more deadly place for a shipwreck. Whether drowned at once or not, we were sure to perish speedily in one way or another. ‘I authorize you to take all the risks,’ he said, after a short silence. ‘I refuse to take any,’ I said shortly; which was just the answer he expected, though its tone might have surprised him. ‘Well, I must defer to your judgment. You are captain,’ he said, with marked civility. I turned my shoulder to him in sign of my appreciation, and looked into the fog. How long would it last? It was the most hopeless look-out. The approach to this Kurtz grubbing for ivory in the wretched bush was beset by as many dangers as though he had been an enchanted princess sleeping in a fabulous castle. ‘Will they attack, do you think?’ asked the manager, in a confidential tone.

“I did not think they would attack, for several obvious reasons. The thick fog was one. If they left the bank in their canoes they would get lost in it, as we would be if we attempted to move. Still, I had also judged the jungle of both banks quite impenetrable – and yet eyes were in it, eyes that had seen us. The river-side bushes were certainly very thick; but the undergrowth behind was evidently penetrable. However, during the short lift I had seen no canoes anywhere in the reach – certainly not abreast of the steamer. But what made the idea of attack inconceivable to me was the nature of the noise – of the cries we had heard. They had not the fierce character boding of immediate hostile intention. Unexpected, wild, and violent as they had been, they had given me an irresistible impression of sorrow. The glimpse of the steamboat had for some reason filled those savages with unrestrained grief. The danger, if any, I expounded, was from our proximity to a great human passion let loose. Even extreme grief may ultimately vent itself in violence – but more generally takes the form of apathy...

“You should have seen the pilgrims stare! They had no heart to grin, or even to revile me; but I believe they thought me gone mad – with fright, maybe. I delivered a regular lecture. My dear boys, it was no good bothering. Keep a look-out? Well, you may guess I watched the fog for the signs of lifting as a cat watches a mouse; but for anything else our eyes were of no more use to us than

if we had been buried miles deep in a heap of cotton-wool. It felt like it too – choking, warm, stifling. Besides, all I said, though it sounded extravagant, was absolutely true to fact. What we afterwards alluded to as an attack was really an attempt at repulse. The action was very far from being aggressive – it was not even defensive, in the usual sense: it was undertaken under the stress of desperation, and in its essence was purely protective.

“It developed itself, I should say, two hours after the fog lifted, and its commencement was at a spot, roughly speaking, about a mile and a half below Kurtz’s station. We had just floundered and flopped round a bend, when I saw an islet, a mere grassy hummock of bright green, in the middle of the stream. It was the only thing of the kind; but as we opened the reach more, I perceived it was the head of a long sandbank, or rather of a chain of shallow patches stretching down the middle of the river. They were discolored, just awash, and the whole lot was seen just under the water, exactly as a man’s backbone is seen running down the middle of his back under the skin. Now, as far as I did see, I could go to the right or to the left of this. I didn’t know either channel, of course. The banks looked pretty well alike, the depth appeared the same; but as I had been informed the station was on the west side, I naturally headed for the western passage.

“No sooner had we fairly entered it than I became aware it was much narrower than I had supposed. To the left of us there was the long uninterrupted shoal, and to the right a high, steep bank heavily overgrown with bushes. Above the bush the trees stood in serried ranks. The twigs overhung the current thickly, and from distance to distance a large limb of some tree projected rigidly over the stream. It was then well on in the afternoon, the face of the forest was gloomy, and a broad strip of shadow had already fallen on the water. In this shadow we steamed up – very slowly, as you may imagine. I sheered her well inshore – the water being deepest near the bank, as the sounding-pole informed me.

“One of my hungry and forbearing friends was sounding in the bows just below me. This steamboat was exactly like a decked scow. On the deck there were two little teak-wood houses, with doors and windows. The boiler was in the fore-end, and the machinery right astern. Over the whole there was a light roof, supported on stanchions. The funnel projected through that roof, and in front of the funnel a small cabin built of light planks served for a pilot-house. It contained a couch, two camp-stools, a loaded Martini-Henry leaning in one corner, a tiny table, and the steering-wheel. It had a wide door in front and a broad shutter at each side. All these were always thrown open, of course. I spent my days perched up there on the extreme fore-end of that roof, before the door. At night I slept, or tried to, on the couch. An athletic black belonging to some coast tribe, and educated by my poor predecessor, was the helmsman. He sported a pair of brass earrings, wore a blue cloth wrapper from the waist to the ankles, and thought all the world of himself. He was the most unstable kind of fool I had ever seen. He steered with no end of a swagger while you were by; but if he lost sight of you, he became instantly the prey of an abject funk, and would let that cripple of a steamboat get the upper hand of him in a minute.

"I was looking down at the sounding-pole, and feeling much annoyed to see at each try a little more of it stick out of that river, when I saw my poleman give up the business suddenly, and stretch himself flat on the deck, without even taking the trouble to haul his pole in. He kept hold on it though, and it trailed in the water. At the same time the fireman, whom I could also see below me, sat down abruptly before his furnace and ducked his head. I was amazed. Then I had to look at the river mighty quick, because there was a snag in the fairway. Sticks, little sticks, were flying about – thick they were whizzing before my nose, dropping below me, striking behind me against my pilot-house. All this time the river, the shore, the woods, were very quiet – perfectly quiet. I could only hear the heavy splashing thump of the stern-wheel and the patter of these things. We cleared the snag clumsily. Arrows, by Jove! We were being shot at! I stepped in quickly to close the shutter on the land side. That fool-helmsman, his hands on the spokes, was lifting his knees high, stamping his feet, champing his mouth, like a reined-in horse. Confound him! And we were staggering within ten feet of the bank. I had to lean right out to swing the heavy shutter, and I saw a face amongst the leaves on the level with my own, looking at me very fierce and steady; and then suddenly, as though a veil had been removed from my eyes, I made out, deep in the tangled gloom, naked breasts, arms, legs, glaring eyes, – the bush was swarming with human limbs in movement, glistening, of bronze color. The twigs shook, swayed, and rustled, the arrows flew out of them, and then the shutter came to. 'Steer her straight,' I said to the helmsman. He held his head rigid, face forward; but his eyes rolled, he kept on lifting and setting down his feet gently, his mouth foamed a little. 'Keep quiet!' I said in a fury. I might just as well have ordered a tree not to sway in the wind. I darted out. Below me there was a great scuffle of feet on the iron deck; confused exclamations; a voice screamed, 'Can you turn back?' I caught shape of a V-shaped ripple on the water ahead. What? Another snag! A fusillade burst out under my feet. The pilgrims had opened with their Winchesters, and were simply squirting lead into that bush. A deuce of a lot of smoke came up and drove slowly forward. I swore at it. Now I couldn't see the ripple or the snag either. I stood in the doorway, peering, and the arrows came in swarms. They might have been poisoned, but they looked as though they wouldn't kill a cat. The bush began to howl. Our wood-cutters raised a warlike whoop; the report of a rifle just at my back deafened me. I glanced over my shoulder, and the pilot-house was yet full of noise and smoke when I made a dash at the wheel. The fool-nigger had dropped everything, to throw the shutter open and let off that Martini-Henry. He stood before the wide opening, glaring, and I yelled at him to come back, while I straightened the sudden twist out of that steamboat. There was no room to turn even if I had wanted to, the snag was somewhere very near ahead in that confounded smoke, there was no time to lose, so I just crowded her into the bank – right into the bank, where I knew the water was deep.

"We tore slowly along the overhanging bushes in a whirl of broken twigs and flying leaves. The fusillade below stopped short, as I had foreseen it would when the squirts got empty. I threw my head back to a glinting whizz that traversed the pilot-house, in at one shutter-hole and out at the other. Looking past

that mad helmsman, who was shaking the empty rifle and yelling at the shore, I saw vague forms of men running bent double, leaping, gliding, distinct, incomplete, evanescent. Something big appeared in the air before the shutter, the rifle went overboard, and the man stepped back swiftly, looked at me over his shoulder in an extraordinary, profound, familiar manner, and fell upon my feet. The side of his head hit the wheel twice, and the end of what appeared a long cane clattered round and knocked over a little camp-stool. It looked as though after wrenching that thing from somebody ashore he had lost his balance in the effort. The thin smoke had blown away, we were clear of the snag, and looking ahead I could see that in another hundred yards or so I would be free to sheer off, away from the bank; but my feet felt so very warm and wet that I had to look down. The man had rolled on his back and stared straight up at me; both his hands clutched that cane. It was the shaft of a spear that, either thrown or lunged through the opening, had caught him in the side just below the ribs; the blade had gone in out of sight, after making a frightful gash; my shoes were full; a pool of blood lay very still, gleaming dark-red under the wheel; his eyes shone with an amazing luster. The fusillade burst out again. He looked at me anxiously, gripping the spear like something precious, with an air of being afraid I would try to take it away from him. I had to make an effort to free my eyes from his gaze and attend to the steering. With one hand I felt above my head for the line of the steam-whistle, and jerked out screech after screech hurriedly. The tumult of angry and warlike yells was checked instantly, and then from the depths of the woods went out such a tremulous and prolonged wail of mournful fear and utter despair as may be imagined to follow the flight of the last hope from the earth. There was a great commotion in the bush; the shower of arrows stopped, a few dropping shots rang out sharply – then silence, in which the languid beat of the stern-wheel came plainly to my ears. I put the helm hard a-starboard at the moment when the pilgrim in pink pyjamas, very hot and agitated, appeared in the doorway. ‘The manager sends me – ‘ he began in an official tone, and stopped short. ‘Good God!’ he said, glaring at the wounded man.

“We two whites stood over him, and his lustrous and inquiring glance enveloped us both. I declare it looked as though he would presently put to us some question in an understandable language; but he died without uttering a sound, without moving a limb, without twitching a muscle. Only in the very last moment, as though in response to some sign we could not see, to some whisper we could not hear, he frowned heavily, and that frown gave to his black death-mask an inconceivably somber, brooding, and menacing expression. The luster of inquiring glance faded swiftly into vacant glassiness. ‘Can you steer?’ I asked the agent eagerly. He looked very dubious; but I made a grab at his arm, and he understood at once I meant him to steer whether or no. To tell you the truth, I was morbidly anxious to change my shoes and socks. ‘He is dead,’ murmured the fellow, immensely impressed. ‘No doubt about it,’ said I, tugging like mad at the shoe-laces. ‘And, by the way, I suppose Mr. Kurtz is dead as well by this time.’

“For the moment that was the dominant thought. There was a sense of extreme disappointment, as though I had found out I had been striving after something altogether without a substance. I couldn’t have been more disgusted if I had traveled all this way for the sole purpose of talking with Mr. Kurtz. Talking

with... I flung one shoe overboard, and became aware that that was exactly what I had been looking forward to – a talk with Kurtz. I made the strange discovery that I had never imagined him as doing, you know, but as discoursing. I didn't say to myself, 'Now I will never see him,' or 'Now I will never shake him by the hand,' but, 'Now I will never hear him.' The man presented himself as a voice. Not of course that I did not connect him with some sort of action. Hadn't I been told in all the tones of jealousy and admiration that he had collected, bartered, swindled, or stolen more ivory than all the other agents together? That was not the point. The point was in his being a gifted creature, and that of all his gifts the one that stood out pre-eminently, that carried with it a sense of real presence, was his ability to talk, his words – the gift of expression, the bewildering, the illuminating, the most exalted and the most contemptible, the pulsating stream of light, or the deceitful flow from the heart of an impenetrable darkness.

"The other shoe went flying unto the devil-god of that river. I thought, 'By Jove! it's all over. We are too late; he has vanished – the gift has vanished, by means of some spear, arrow, or club. I will never hear that chap speak after all,' – and my sorrow had a startling extravagance of emotion, even such as I had noticed in the howling sorrow of these savages in the bush. I couldn't have felt more of lonely desolation somehow, had I been robbed of a belief or had missed my destiny in life... Why do you sigh in this beastly way, somebody? Absurd? Well, absurd. Good Lord! mustn't a man ever – Here, give me some tobacco"...

There was a pause of profound stillness, then a match flared, and Marlow's lean face appeared, worn, hollow, with downward folds and dropped eyelids, with an aspect of concentrated attention; and as he took vigorous draws at his pipe, it seemed to retreat and advance out of the night in the regular flicker of the tiny flame. The match went out.

"Absurd!" he cried. "This is the worst of trying to tell... Here you all are, each moored with two good addresses, like a hulk with two anchors, a butcher round one corner, a policeman round another, excellent appetites, and temperature normal – you hear – normal from year's end to year's end. And you say, Absurd! Absurd be – exploded! Absurd! My dear boys, what can you expect from a man who out of sheer nervousness had just flung overboard a pair of new shoes. Now I think of it, it is amazing I did not shed tears. I am, upon the whole, proud of my fortitude. I was cut to the quick at the idea of having lost the inestimable privilege of listening to the gifted Kurtz. Of course I was wrong. The privilege was waiting for me. Oh yes, I heard more than enough. And I was right, too. A voice. He was very little more than a voice. And I heard – him – it – this voice – other voices – all of them were so little more than voices – and the memory of that time itself lingers around me, impalpable, like a dying vibration of one immense jabber, silly, atrocious, sordid, savage, or simply mean, without any kind of sense. Voices, voices – even the girl herself – now –"

He was silent for a long time.

"I laid the ghost of his gifts at last with a lie," he began suddenly. "Girl! What? Did I mention a girl? Oh, she is out of it – completely. They – the women, I mean – are out of it – should be out of it. We must help them to stay in that beautiful world of their own, lest ours gets worse. Oh, she had to be out of it. You should have heard the disinterested body of Mr. Kurtz saying, 'My Intended.' You would have perceived directly then how completely she was out of it. And the lofty frontal bone of Mr. Kurtz! They say the hair goes on growing sometimes,

but this – ah specimen, was impressively bald. The wilderness had patted him on the head, and, behold, it was like a ball – an ivory ball; it had caressed him, and – lo! – he had withered; it had taken him, loved him, embraced him, got into his veins, consumed his flesh, and sealed his soul to its own by the inconceivable ceremonies of some devilish initiation. He was its spoiled and pampered favorite. Ivory? I should think so. Heaps of it, stacks of it. The old mud shanty was bursting with it. You would think there was not a single tusk left either above or below the ground in the whole country. ‘Mostly fossil,’ the manager had remarked disparagingly. It was no more fossil than I am; but they call it fossil when it is dug up. It appears these niggers do bury the tusks sometimes – but evidently they couldn’t bury this parcel deep enough to save the gifted Mr. Kurtz from his fate. We filled the steamboat with it, and had to pile a lot on the deck. Thus he could see and enjoy as long as he could see, because the appreciation of this favor had remained with him to the last. You should have heard him say, ‘My ivory.’ Oh yes, I heard him. ‘My Intended, my ivory, my station, my river, my – ‘ everything belonged to him. It made me hold my breath in expectation of hearing the wilderness burst into a prodigious peal of laughter that would shake the fixed stars in their places. Everything belonged to him – but that was a trifle. The thing was to know what he belonged to, how many powers of darkness claimed him for their own. That was the reflection that made you creepy all over. It was impossible – it was not good for one either – trying to imagine. He had taken a high seat amongst the devils of the land – I mean literally. You can’t understand. How could you? – with solid pavement under your feet, surrounded by kind neighbors ready to cheer you or to fall on you, stepping delicately between the butcher and the policeman, in the holy terror of scandal and gallows and lunatic asylums – how can you imagine what particular region of the first ages a man’s untrammelled feet may take him into by the way of solitude – utter solitude without a policeman – by the way of silence, utter silence, where no warning voice of a kind neighbor can be heard whispering of public opinion? These little things make all the great difference. When they are gone you must fall back upon your own innate strength, upon your own capacity for faithfulness. Of course you may be too much of a fool to go wrong – too dull even to know you are being assaulted by the powers of darkness. I take it, no fool ever made a bargain for his soul with the devil: the fool is too much of a fool, or the devil too much of a devil – I don’t know which. Or you may be such a thunderingly exalted creature as to be altogether deaf and blind to anything but heavenly sights and sounds. Then the earth for you is only a standing place – and whether to be like this is your loss or your gain I won’t pretend to say. But most of us are neither one nor the other. The earth for us is a place to live in, where we must put up with sights, with sounds, with smells too, by Jove! – breathe dead hippo, so to speak, and not be contaminated. And there, don’t you see? Your strength comes in, the faith in your ability for the digging of unostentatious holes to bury the stuff in – your power of devotion, not to yourself, but to an obscure, back-breaking business. And that’s difficult enough. Mind, I am not trying to excuse or even explain – I am trying to account to myself for – for – Mr. Kurtz – for the shade of Mr. Kurtz. This initiated wraith from the back of Nowhere honored me with its amazing confidence before it vanished altogether. This was because it could speak English to me. The original Kurtz had been educated partly in England, and – as he was good enough to say himself – his sympathies were in the right place. His mother was half-English, his father was half-French. All Europe contributed to the making of Kurtz; and by-and-by I learned that, most appropriately, the International

Society for the Suppression of Savage Customs had intrusted him with the making of a report, for its future guidance. And he had written it too. I've seen it. I've read it. It was eloquent, vibrating with eloquence, but too high-strung, I think. Seventeen pages of close writing he had found time for! But this must have been before his – let us say – nerves, went wrong, and caused him to preside at certain midnight dances ending with unspeakable rites, which – as far as I reluctantly gathered from what I heard at various times – were offered up to him – do you understand? – to Mr. Kurtz himself. But it was a beautiful piece of writing. The opening paragraph, however, in the light of later information, strikes me now as ominous. He began with the argument that we whites, from the point of development we had arrived at, 'must necessarily appear to them [savages] in the nature of supernatural beings – we approach them with the might as of a deity,' and so on, and so on. 'By the simple exercise of our will we can exert a power for good practically unbounded,' &c., &c. From that point he soared and took me with him. The peroration was magnificent, though difficult to remember, you know. It gave me the notion of an exotic Immensity ruled by an august Benevolence. It made me tingle with enthusiasm. This was the unbounded power of eloquence – of words – of burning noble words. There were no practical hints to interrupt the magic current of phrases, unless a kind of note at the foot of the last page, scrawled evidently much later, in an unsteady hand, may be regarded as the exposition of a method. It was very simple, and at the end of that moving appeal to every altruistic sentiment it blazed at you, luminous and terrifying, like a flash of lightning in a serene sky: 'Exterminate all the brutes!' The curious part was that he had apparently forgotten all about that valuable postscriptum, because, later on, when he in a sense came to himself, he repeatedly entreated me to take good care of 'my pamphlet' (he called it), as it was sure to have in the future a good influence upon his career. I had full information about all these things, and, besides, as it turned out, I was to have the care of his memory. I've done enough for it to give me the indisputable right to lay it, if I choose, for an everlasting rest in the dust-bin of progress, amongst all the sweepings and, figuratively speaking, all the dead cats of civilization. But then, you see, I can't choose. He won't be forgotten. Whatever he was, he was not common. He had the power to charm or frighten rudimentary souls into an aggravated witch-dance in his honor; he could also fill the small souls of the pilgrims with bitter misgivings: he had one devoted friend at least, and he had conquered one soul in the world that was neither rudimentary nor tainted with self-seeking. No; I can't forget him, though I am not prepared to affirm the fellow was exactly worth the life we lost in getting to him. I missed my late helmsman awfully, – I missed him even while his body was still lying in the pilot-house. Perhaps you will think it passing strange this regret for a savage who was no more account than a grain of sand in a black Sahara. Well, don't you see, he had done something, he had steered; for months I had him at my back – a help – an instrument. It was a kind of partnership. He steered for me – I had to look after him, I worried about his deficiencies, and thus a subtle bond had been created, of which I only became aware when it was suddenly broken. And the intimate profundity of that look he gave me when he received his hurt remains to this day in my memory – like a claim of distant kinship affirmed in a supreme moment.

"Poor fool! If he had only left that shutter alone. He had no restraint, no restraint – just like Kurtz – a tree swayed by the wind. As soon as I had put on a dry pair of slippers, I dragged him out, after first jerking the spear out of his side, which operation I confess I performed with my eyes shut tight. His heels leaped

together over the little door-step; his shoulders were pressed to my breast; I hugged him from behind desperately. Oh! he was heavy, heavy; heavier than any man on earth, I should imagine. Then without more ado I tipped him overboard. The current snatched him as though he had been a wisp of grass, and I saw the body roll over twice before I lost sight of it for ever. All the pilgrims and the manager were then congregated on the awning-deck about the pilot-house, chattering at each other like a flock of excited magpies, and there was a scandalized murmur at my heartless promptitude. What they wanted to keep that body hanging about for I can't guess. Embalm it, maybe. But I had also heard another, and a very ominous, murmur on the deck below. My friends the wood-cutters were likewise scandalized, and with a better show of reason – though I admit that the reason itself was quite inadmissible. Oh, quite! I had made up my mind that if my late helmsman was to be eaten, the fishes alone should have him. He had been a very second-rate helmsman while alive, but now he was dead he might have become a first-class temptation, and possibly cause some startling trouble. Besides, I was anxious to take the wheel, the man in pink pyjamas showing himself a hopeless duffer at the business.

“This I did directly the simple funeral was over. We were going half-speed, keeping right in the middle of the stream, and I listened to the talk about me. They had given up Kurtz, they had given up the station; Kurtz was dead, and the station had been burnt – and so on – and so on. The red-haired pilgrim was beside himself with the thought that at least this poor Kurtz had been properly revenged. ‘Say! We must have made a glorious slaughter of them in the bush. Eh? What do you think? Say?’ He positively danced, the bloodthirsty little gingery beggar. And he had nearly fainted when he saw the wounded man! I could not help saying, ‘You made a glorious lot of smoke, anyhow.’ I had seen, from the way the tops of the bushes rustled and flew, that almost all the shots had gone too high. You can’t hit anything unless you take aim and fire from the shoulder; but these chaps fired from the hip with their eyes shut. The retreat, I maintained – and I was right – was caused by the screeching of the steam-whistle. Upon this they forgot Kurtz, and began to howl at me with indignant protests.

“The manager stood by the wheel murmuring confidentially about the necessity of getting well away down the river before dark at all events, when I saw in the distance a clearing on the river-side and the outlines of some sort of building. ‘What’s this?’ I asked. He clapped his hands in wonder. ‘The station!’ he cried. I edged in at once, still going half-speed.

“Through my glasses I saw the slope of a hill interspersed with rare trees and perfectly free from undergrowth. A long decaying building on the summit was half buried in the high grass; the large holes in the peaked roof gaped black from afar; the jungle and the woods made a background. There was no inclosure or fence of any kind; but there had been one apparently, for near the house half-a-dozen slim posts remained in a row, roughly trimmed, and with their upper ends ornamented with round carved balls. The rails, or whatever there had been between, had disappeared. Of course the forest surrounded all that. The river-bank was clear, and on the water-side I saw a white man under a hat like a cart-wheel beckoning persistently with his whole arm. Examining the edge of the forest above and below, I was almost certain I could see movements – human forms gliding here and there. I steamed past prudently, then stopped the engines and let her drift down. The man on the shore began to shout, urging us to land. ‘We have been attacked,’ screamed the manager. ‘I know – I know. It’s all right,’

yelled back the other, as cheerful as you please. 'Come along. It's all right. I am glad.'

"His aspect reminded me of something I had seen – something funny I had seen somewhere. As I maneuvered to get alongside, I was asking myself, 'What does this fellow look like?' Suddenly I got it. He looked like a harlequin. His clothes had been made of some stuff that was brown holland probably, but it was covered with patches all over, with bright patches, blue, red, and yellow, – patches on the back, patches on front, patches on elbows, on knees; colored binding round his jacket, scarlet edging at the bottom of his trousers; and the sunshine made him look extremely gay and wonderfully neat withal, because you could see how beautifully all this patching had been done. A beardless, boyish face, very fair, no features to speak of, nose peeling, little blue eyes, smiles and frowns chasing each other over that open countenance like sunshine and shadow on a windswept plain. 'Look out, captain!' he cried; 'there's a snag lodged in here last night.' What! Another snag? I confess I swore shamefully. I had nearly holed my cripple, to finish off that charming trip. The harlequin on the bank turned his little pug nose up to me. 'You English?' he asked, all smiles. 'Are you?' I shouted from the wheel. The smiles vanished, and he shook his head as if sorry for my disappointment. Then he brightened up. 'Never mind!' he cried encouragingly. 'Are we in time?' I asked. 'He is up there,' he replied, with a toss of the head up the hill, and becoming gloomy all of a sudden. His face was like the autumn sky, overcast one moment and bright the next.

"When the manager, escorted by the pilgrims, all of them armed to the teeth, had gone to the house, this chap came on board. 'I say, I don't like this. These natives are in the bush,' I said. He assured me earnestly it was all right. 'They are simple people,' he added; 'well, I am glad you came. It took me all my time to keep them off.' 'But you said it was all right,' I cried. 'Oh, they meant no harm,' he said; and as I stared he corrected himself, 'Not exactly.' Then vivaciously, 'My faith, your pilot-house wants a clean up!' In the next breath he advised me to keep enough steam on the boiler to blow the whistle in case of any trouble. 'One good screech will do more for you than all your rifles. They are simple people,' he repeated. He rattled away at such a rate he quite overwhelmed me. He seemed to be trying to make up for lots of silence, and actually hinted, laughing, that such was the case. 'Don't you talk with Mr. Kurtz?' I said. 'You don't talk with that man – you listen to him,' he exclaimed with severe exaltation. 'But now – ' He waved his arm, and in the twinkling of an eye was in the uttermost depths of despondency. In a moment he came up again with a jump, possessed himself of both my hands, shook them continuously, while he gabbled: 'Brother sailor ... honor ... pleasure ... delight ... introduce myself ... Russian ... son of an arch-priest ... Government of Tambov ... What? Tobacco! English tobacco; the excellent English tobacco! Now, that's brotherly. Smoke? Where's a sailor that does not smoke?'

"The pipe soothed him, and gradually I made out he had run away from school, had gone to sea in a Russian ship; ran away again; served some time in English ships; was now reconciled with the arch-priest. He made a point of that. 'But when one is young one must see things, gather experience, ideas; enlarge the mind.' 'Here!' I interrupted. 'You can never tell! Here I have met Mr. Kurtz,' he said, youthfully solemn and reproachful. I held my tongue after that. It appears he had persuaded a Dutch trading-house on the coast to fit him out with stores and goods, and had started for the interior with a light heart, and no more idea of what

would happen to him than a baby. He had been wandering about that river for nearly two years alone, cut off from everybody and everything. 'I am not so young as I look. I am twenty-five,' he said. 'At first old Van Shuyten would tell me to go to the devil,' he narrated with keen enjoyment; 'but I stuck to him, and talked and talked, till at last he got afraid I would talk the hind-leg off his favorite dog, so he gave me some cheap things and a few guns, and told me he hoped he would never see my face again. Good old Dutchman, Van Shuyten. I've sent him one small lot of ivory a year ago, so that he can't call me a little thief when I get back. I hope he got it. And for the rest I don't care. I had some wood stacked for you. That was my old house. Did you see?'

"I gave him Towson's book. He made as though he would kiss me, but restrained himself. 'The only book I had left, and I thought I had lost it,' he said, looking at it ecstatically. 'So many accidents happen to a man going about alone, you know. Canoes get upset sometimes – and sometimes you've got to clear out so quick when the people get angry.' He thumbed the pages. 'You made notes in Russian?' I asked. He nodded. 'I thought they were written in cipher,' I said. He laughed, then became serious. 'I had lots of trouble to keep these people off,' he said. 'Did they want to kill you?' I asked. 'Oh no!' he cried, and checked himself. 'Why did they attack us?' I pursued. He hesitated, then said shamefacedly, 'They don't want him to go.' 'Don't they?' I said, curiously. He nodded a nod full of mystery and wisdom. 'I tell you,' he cried, 'this man has enlarged my mind.' He opened his arms wide, staring at me with his little blue eyes that were perfectly round."

III

"I looked at him, lost in astonishment. There he was before me, in motley, as though he had absconded from a troupe of mimes, enthusiastic, fabulous. His very existence was improbable, inexplicable, and altogether bewildering. He was an insoluble problem. It was inconceivable how he had existed, how he had succeeded in getting so far, how he had managed to remain – why he did not instantly disappear. 'I went a little farther,' he said, 'then still a little farther – till I had gone so far that I don't know how I'll ever get back. Never mind. Plenty time. I can manage. You take Kurtz away quick – quick – I tell you.' The glamour of youth enveloped his particolored rags, his destitution, his loneliness, the essential desolation of his futile wanderings. For months – for years – his life hadn't been worth a day's purchase; and there he was gallantly, thoughtlessly alive, to all appearance indestructible solely by the virtue of his few years and of his unreflecting audacity. I was seduced into something like admiration – like envy. Glamour urged him on, glamour kept him unscathed. He surely wanted nothing from the wilderness but space to breathe in and to push on through. His need was to exist, and to move onwards at the greatest possible risk, and with a maximum of privation. If the absolutely pure, uncalculating, unpractical spirit of adventure had ever ruled a human being, it ruled this be-patched youth. I almost envied him the possession of this modest and clear flame. It seemed to have consumed all thought of self so completely, that, even while he was talking to you, you forgot that it was he – the man before your eyes – who had gone through these things. I did not envy him his devotion to Kurtz, though. He had not meditated over it. It came to him, and he accepted it with a sort of eager fatalism. I must say that to me it appeared about the most dangerous thing in every way he had come upon so far.

"They had come together unavoidably, like two ships becalmed near each other, and lay rubbing sides at last. I suppose Kurtz wanted an audience, because on a certain occasion, when encamped in the forest, they had talked all night, or more probably Kurtz had talked. 'We talked of everything,' he said, quite transported at the recollection. 'I forgot there was such a thing as sleep. The night did not seem to last an hour. Everything! Everything! ... Of love too.' 'Ah, he talked to you of love!' I said, much amused. 'It isn't what you think,' he cried, almost passionately. 'It was in general. He made me see things – things.'

"He threw his arms up. We were on deck at the time, and the headman of my wood-cutters, lounging near by, turned upon him his heavy and glittering eyes. I looked around, and I don't know why, but I assure you that never, never before, did this land, this river, this jungle, the very arch of this blazing sky, appear to me so hopeless and so dark, so impenetrable to human thought, so pitiless to human weakness. 'And, ever since, you have been with him, of course?' I said.

"On the contrary. It appears their intercourse had been very much

broken by various causes. He had, as he informed me proudly, managed to nurse Kurtz through two illnesses (he alluded to it as you would to some risky feat), but as a rule Kurtz wandered alone, far in the depths of the forest. 'Very often coming to this station, I had to wait days and days before he would turn up,' he said. 'Ah, it was worth waiting for! – sometimes.' 'What was he doing? exploring or what?' I asked. 'Oh yes, of course,' he had discovered lots of villages, a lake too – he did not know exactly in what direction; it was dangerous to inquire too much – but mostly his expeditions had been for ivory. 'But he had no goods to trade with by that time,' I objected. 'There's a good lot of cartridges left even yet,' he answered, looking away. 'To speak plainly, he raided the country,' I said. He nodded. 'Not alone, surely!' He muttered something about the villages round that lake. 'Kurtz got the tribe to follow him, did he?' I suggested. He fidgeted a little. 'They adored him,' he said. The tone of these words was so extraordinary that I looked at him searchingly. It was curious to see his mingled eagerness and reluctance to speak of Kurtz. The man filled his life, occupied his thoughts, swayed his emotions. 'What can you expect?' he burst out; 'he came to them with thunder and lightning, you know – and they had never seen anything like it – and very terrible. He could be very terrible. You can't judge Mr. Kurtz as you would an ordinary man. No, no, no! Now – just to give you an idea – I don't mind telling you, he wanted to shoot me too one day – but I don't judge him.' 'Shoot you!' I cried. 'What for?' 'Well, I had a small lot of ivory the chief of that village near my house gave me. You see I used to shoot game for them. Well, he wanted it, and wouldn't hear reason. He declared he would shoot me unless I gave him the ivory and then cleared out of the country, because he could do so, and had a fancy for it, and there was nothing on earth to prevent him killing whom he jolly well pleased. And it was true too. I gave him the ivory. What did I care! But I didn't clear out. No, no. I couldn't leave him. I had to be careful, of course, till we got friendly again for a time. He had his second illness then. Afterwards I had to keep out of the way; but I didn't mind. He was living for the most part in those villages on the lake. When he came down to the river, sometimes he would take to me, and sometimes it was better for me to be careful. This man suffered too much. He hated all this, and somehow he couldn't get away. When I had a chance I begged him to try and leave while there was time; I offered to go back with him. And he would say yes, and then he would remain; go off on another ivory hunt; disappear for weeks; forget himself amongst these people – forget himself – you know.' 'Why! he's mad,' I said. He protested indignantly. Mr. Kurtz couldn't be mad. If I had heard him talk, only two days ago, I wouldn't dare hint at such a thing... I had taken up my binoculars while we talked and was looking at the shore, sweeping the limit of the forest at each side and at the back of the house. The consciousness of there being people in that bush, so silent, so quiet – as silent and quiet as the ruined house on the hill – made me uneasy. There was no sign on the face of nature of this amazing tale that was not so much told as suggested to me in desolate exclamations, completed by shrugs, in interrupted phrases, in hints ending in deep sighs. The woods were unmoved, like a mask – heavy, like the closed door of a prison – they looked with their air of hidden knowledge, of patient expectation, of unapproachable silence. The Russian was

explaining to me that it was only lately that Mr. Kurtz had come down to the river, bringing along with him all the fighting men of that lake tribe. He had been absent for several months – getting himself adored, I suppose – and had come down unexpectedly, with the intention to all appearance of making a raid either across the river or down stream. Evidently the appetite for more ivory had got the better of the – what shall I say? – less material aspirations. However he had got much worse suddenly. ‘I heard he was lying helpless, and so I came up – took my chance,’ said the Russian. ‘Oh, he is bad, very bad.’ I directed my glass to the house. There were no signs of life, but there was the ruined roof, the long mud wall peeping above the grass, with three little square window-holes, no two of the same size; all this brought within reach of my hand, as it were. And then I made a brusque movement, and one of the remaining posts of that vanished fence leaped up in the field of my glass. You remember I told you I had been struck at the distance by certain attempts at ornamentation, rather remarkable in the ruinous aspect of the place. Now I had suddenly a nearer view, and its first result was to make me throw my head back as if before a blow. Then I went carefully from post to post with my glass, and I saw my mistake. These round knobs were not ornamental but symbolic; they were expressive and puzzling, striking and disturbing – food for thought and also for the vultures if there had been any looking down from the sky; but at all events for such ants as were industrious enough to ascend the pole. They would have been even more impressive, those heads on the stakes, if their faces had not been turned to the house. Only one, the first I had made out, was facing my way. I was not so shocked as you may think. The start back I had given was really nothing but a movement of surprise. I had expected to see a knob of wood there, you know. I returned deliberately to the first I had seen – and there it was, black, dried, sunken, with closed eyelids, – a head that seemed to sleep at the top of that pole, and, with the shrunken dry lips showing a narrow white line of the teeth, was smiling too, smiling continuously at some endless and jocose dream of that eternal slumber.

“I am not disclosing any trade secrets. In fact the manager said afterwards that Mr. Kurtz’s methods had ruined the district. I have no opinion on that point, but I want you clearly to understand that there was nothing exactly profitable in these heads being there. They only showed that Mr. Kurtz lacked restraint in the gratification of his various lusts, that there was something wanting in him – some small matter which, when the pressing need arose, could not be found under his magnificent eloquence. Whether he knew of this deficiency himself I can’t say. I think the knowledge came to him at last – only at the very last. But the wilderness had found him out early, and had taken on him a terrible vengeance for the fantastic invasion. I think it had whispered to him things about himself which he did not know, things of which he had no conception till he took counsel with this great solitude – and the whisper had proved irresistibly fascinating. It echoed loudly within him because he was hollow at the core... I put down the glass, and the head that had appeared near enough to be spoken to seemed at once to have leaped away from me into inaccessible distance.

“The admirer of Mr. Kurtz was a bit crestfallen. In a hurried, indistinct

voice he began to assure me he had not dared to take these – say, symbols – down. He was not afraid of the natives; they would not stir till Mr. Kurtz gave the word. His ascendancy was extraordinary. The camps of these people surrounded the place, and the chiefs came every day to see him. They would crawl... ‘I don’t want to know anything of the ceremonies used when approaching Mr. Kurtz,’ I shouted. Curious, this feeling that came over me that such details would be more intolerable than those heads drying on the stakes under Mr. Kurtz’s windows. After all, that was only a savage sight, while I seemed at one bound to have been transported into some lightless region of subtle horrors, where pure, uncomplicated savagery was a positive relief, being something that had a right to exist – obviously – in the sunshine. The young man looked at me with surprise. I suppose it did not occur to him Mr. Kurtz was no idol of mine. He forgot I hadn’t heard any of these splendid monologues on, what was it? on love, justice, conduct of life – or what not. If it had come to crawling before Mr. Kurtz, he crawled as much as the veriest savage of them all. I had no idea of the conditions, he said: these heads were the heads of rebels. I shocked him excessively by laughing. Rebels! What would be the next definition I was to hear? There had been enemies, criminals, workers – and these were rebels. Those rebellious heads looked very subdued to me on their sticks. ‘You don’t know how such a life tries a man like Kurtz,’ cried Kurtz’s last disciple. ‘Well, and you?’ I said. ‘I! I! I am a simple man. I have no great thoughts. I want nothing from anybody. How can you compare me to ...?’ His feelings were too much for speech, and suddenly he broke down. ‘I don’t understand,’ he groaned. ‘I’ve been doing my best to keep him alive, and that’s enough. I had no hand in all this. I have no abilities. There hasn’t been a drop of medicine or a mouthful of invalid food for months here. He was shamefully abandoned. A man like this, with such ideas. Shamefully! Shamefully! I – I – haven’t slept for the last ten nights...’

“His voice lost itself in the calm of the evening. The long shadows of the forest had slipped down hill while we talked, had gone far beyond the ruined hovel, beyond the symbolic row of stakes. All this was in the gloom, while we down there were yet in the sunshine, and the stretch of the river abreast of the clearing glittered in a still and dazzling splendor, with a murky and over-shadowed bend above and below. Not a living soul was seen on the shore. The bushes did not rustle.

“Suddenly round the corner of the house a group of men appeared, as though they had come up from the ground. They waded waist-deep in the grass, in a compact body, bearing an improvised stretcher in their midst. Instantly, in the emptiness of the landscape, a cry arose whose shrillness pierced the still air like a sharp arrow flying straight to the very heart of the land; and, as if by enchantment, streams of human beings – of naked human beings – with spears in their hands, with bows, with shields, with wild glances and savage movements, were poured into the clearing by the dark-faced and pensive forest. The bushes shook, the grass swayed for a time, and then everything stood still in attentive immobility.

"Now, if he does not say the right thing to them we are all done for," said the Russian at my elbow. The knot of men with the stretcher had stopped too, half-way to the steamer, as if petrified. I saw the man on the stretcher sit up, lank and with an uplifted arm, above the shoulders of the bearers. 'Let us hope that the man who can talk so well of love in general will find some particular reason to spare us this time,' I said. I resented bitterly the absurd danger of our situation, as if to be at the mercy of that atrocious phantom had been a dishonoring necessity. I could not hear a sound, but through my glasses I saw the thin arm extended commandingly, the lower jaw moving, the eyes of that apparition shining darkly far in its bony head that nodded with grotesque jerks. Kurtz – Kurtz – that means short in German – don't it? Well, the name was as true as everything else in his life – and death. He looked at least seven feet long. His covering had fallen off, and his body emerged from it pitiful and appalling as from a winding-sheet. I could see the cage of his ribs all astir, the bones of his arm waving. It was as though an animated image of death carved out of old ivory had been shaking its hand with menaces at a motionless crowd of men made of dark and glittering bronze. I saw him open his mouth wide – it gave him a weirdly voracious aspect, as though he had wanted to swallow all the air, all the earth, all the men before him. A deep voice reached me faintly. He must have been shouting. He fell back suddenly. The stretcher shook as the bearers staggered forward again, and almost at the same time I noticed that the crowd of savages was vanishing without any perceptible movement of retreat, as if the forest that had ejected these beings so suddenly had drawn them in again as the breath is drawn in a long aspiration.

"Some of the pilgrims behind the stretcher carried his arms – two shot-guns, a heavy rifle, and a light revolver-carbine – the thunderbolts of that pitiful Jupiter. The manager bent over him murmuring as he walked beside his head. They laid him down in one of the little cabins – just a room for a bed-place and a camp-stool or two, you know. We had brought his belated correspondence, and a lot of torn envelopes and open letters littered his bed. His hand roamed feebly amongst these papers. I was struck by the fire of his eyes and the composed languor of his expression. It was not so much the exhaustion of disease. He did not seem in pain. This shadow looked satiated and calm, as though for the moment it had had its fill of all the emotions.

"He rustled one of the letters, and looking straight in my face said, 'I am glad.' Somebody had been writing to him about me. These special recommendations were turning up again. The volume of tone he emitted without effort, almost without the trouble of moving his lips, amazed me. A voice! a voice! It was grave, profound, vibrating, while the man did not seem capable of a whisper. However, he had enough strength in him – factitious no doubt – to very nearly make an end of us, as you shall hear directly.

"The manager appeared silently in the doorway; I stepped out at once and he drew the curtain after me. The Russian, eyed curiously by the pilgrims, was staring at the shore. I followed the direction of his glance.

"Dark human shapes could be made out in the distance, flitting

indistinctly against the gloomy border of the forest, and near the river two bronze figures, leaning on tall spears, stood in the sunlight under fantastic headdresses of spotted skins, warlike and still in statuesque repose. And from right to left along the lighted shore moved a wild and gorgeous apparition of a woman.

"She walked with measured steps, draped in striped and fringed cloths, treading the earth proudly, with a slight jingle and flash of barbarous ornaments. She carried her head high; her hair was done in the shape of a helmet; she had brass leggings to the knee, brass wire gauntlets to the elbow, a crimson spot on her tawny cheek, innumerable necklaces of glass beads on her neck; bizarre things, charms, gifts of witch-men, that hung about her, glittered and trembled at every step. She must have had the value of several elephant tusks upon her. She was savage and superb, wild-eyed and magnificent; there was something ominous and stately in her deliberate progress. And in the hush that had fallen suddenly upon the whole sorrowful land, the immense wilderness, the colossal body of the fecund and mysterious life seemed to look at her, pensive, as though it had been looking at the image of its own tenebrous and passionate soul.

"She came abreast of the steamer, stood still, and faced us. Her long shadow fell to the water's edge. Her face had a tragic and fierce aspect of wild sorrow and of dumb pain mingled with the fear of some struggling, half-shaped resolve. She stood looking at us without a stir and like the wilderness itself, with an air of brooding over an inscrutable purpose. A whole minute passed, and then she made a step forward. There was a low jingle, a glint of yellow metal, a sway of fringed draperies, and she stopped as if her heart had failed her. The young fellow by my side growled. The pilgrims murmured at my back. She looked at us all as if her life had depended upon the unswerving steadiness of her glance. Suddenly she opened her bared arms and threw them up rigid above her head, as though in an uncontrollable desire to touch the sky, and at the same time the swift shadows darted out on the earth, swept around on the river, gathering the steamer into a shadowy embrace. A formidable silence hung over the scene.

"She turned away slowly, walked on, following the bank, and passed into the bushes to the left. Once only her eyes gleamed back at us in the dusk of the thickets before she disappeared.

"If she had offered to come aboard I really think I would have tried to shoot her," said the man of patches, nervously. "I had been risking my life every day for the last fortnight to keep her out of the house. She got in one day and kicked up a row about those miserable rags I picked up in the storeroom to mend my clothes with. I wasn't decent. At least it must have been that, for she talked like a fury to Kurtz for an hour, pointing at me now and then. I don't understand the dialect of this tribe. Luckily for me, I fancy Kurtz felt too ill that day to care, or there would have been mischief. I don't understand... No – it's too much for me. Ah, well, it's all over now."

"At this moment I heard Kurtz's deep voice behind the curtain, 'Save me! – save the ivory, you mean. Don't tell me. Save *me*! Why, I've had to save you. You are interrupting my plans now. Sick! Sick! Not so sick as you would like

to believe. Never mind. I'll carry my ideas out yet – I will return. I'll show you what can be done. You with your little peddling notions – you are interfering with me. I will return. I ...'

"The manager came out. He did me the honor to take me under the arm and lead me aside. 'He is very low, very low,' he said. He considered it necessary to sigh, but neglected to be consistently sorrowful. 'We have done all we could for him – haven't we? But there is no disguising the fact, Mr. Kurtz has done more harm than good to the Company. He did not see the time was not ripe for vigorous action. Cautiously, cautiously – that's my principle. We must be cautious yet. The district is closed to us for a time. Deplorable! Upon the whole, the trade will suffer. I don't deny there is a remarkable quantity of ivory – mostly fossil. We must save it, at all events – but look how precarious the position is – and why? Because the method is unsound.' 'Do you,' said I, looking at the shore, 'call it "unsound method"?' 'Without doubt,' he exclaimed, hotly. 'Don't you?' ... 'No method at all,' I murmured after a while. 'Exactly,' he exulted. 'I anticipated this. Shows a complete want of judgment. It is my duty to point it out in the proper quarter.' 'Oh,' said I, 'that fellow – what's his name?' – the brickmaker, will make a readable report for you.' He appeared confounded for a moment. It seemed to me I had never breathed an atmosphere so vile, and I turned mentally to Kurtz for relief – positively for relief. 'Nevertheless I think Mr. Kurtz is a remarkable man,' I said with emphasis. He started, dropped on me a cold heavy glance, said very quietly, 'He was,' and turned his back on me. My hour of favor was over; I found myself lumped along with Kurtz as a partisan of methods for which the time was not ripe: I was unsound! Ah! but it was something to have at least a choice of nightmares.

"I had turned to the wilderness really, not to Mr. Kurtz, who, I was ready to admit, was as good as buried. And for a moment it seemed to me as if I also were buried in a vast grave full of unspeakable secrets. I felt an intolerable weight oppressing my breast, the smell of the damp earth, the unseen presence of victorious corruption, the darkness of an impenetrable night... The Russian tapped me on the shoulder. I heard him mumbling and stammering something about 'brother seaman – couldn't conceal – knowledge of matters that would affect Mr. Kurtz's reputation.' I waited. For him evidently Mr. Kurtz was not in his grave; I suspect that for him Mr. Kurtz was one of the immortals. 'Well!' said I at last, 'speak out. As it happens, I am Mr. Kurtz's friend – in a way.'

"He stated with a good deal of formality that had we not been 'of the same profession,' he would have kept the matter to himself without regard to consequences. 'He suspected there was an active ill-will towards him on the part of these white men that – ' 'You are right,' I said, remembering a certain conversation I had overheard. 'The manager thinks you ought to be hanged.' He showed a concern at this intelligence which amused me at first. 'I had better get out of the way quietly,' he said, earnestly. 'I can do no more for Kurtz now, and they would soon find some excuse. What's to stop them? There's a military post three hundred miles from here.' 'Well, upon my word,' said I, 'perhaps you had

better go if you have any friends amongst the savages near by.' 'Plenty,' he said. 'They are simple people – and I want nothing, you know.' He stood biting his lips, then: 'I don't want any harm to happen to these whites here, but of course I was thinking of Mr. Kurtz's reputation – but you are a brother seaman and – ' 'All right,' said I, after a time. 'Mr. Kurtz's reputation is safe with me.' I did not know how truly I spoke.

"He informed me, lowering his voice, that it was Kurtz who had ordered the attack to be made on the steamer. 'He hated sometimes the idea of being taken away – and then again... But I don't understand these matters. I am a simple man. He thought it would scare you away – that you would give it up, thinking him dead. I could not stop him. Oh, I had an awful time of it this last month.' 'Very well,' I said. 'He is all right now.' 'Ye-e-es,' he muttered, not very convinced apparently. 'Thanks,' said I; 'I shall keep my eyes open.' 'But quiet – eh?' he urged, anxiously. 'It would be awful for his reputation if anybody here – ' I promised a complete discretion with great gravity. 'I have a canoe and three black fellows waiting not very far. I am off. Could you give me a few Martini-Henry cartridges?' I could, and did, with proper secrecy. He helped himself, with a wink at me, to a handful of my tobacco. 'Between sailors – you know – good English tobacco.' At the door of the pilot-house he turned round – 'I say, haven't you a pair of shoes you could spare?' He raised one leg. 'Look' The soles were tied with knotted strings sandal-wise under his bare feet. I rooted out an old pair, at which he looked with admiration before tucking it under his left arm. One of his pockets (bright red) was bulging with cartridges, from the other (dark blue) peeped 'Towson's Inquiry,' &c., &c. He seemed to think himself excellently well equipped for a renewed encounter with the wilderness. 'Ah! I'll never, never meet such a man again. You ought to have heard him recite poetry – his own too it was, he told me. Poetry!' He rolled his eyes at the recollection of these delights. 'Oh, he enlarged my mind!' 'Goodby,' said I. He shook hands and vanished in the night. Sometimes I ask myself whether I had ever really seen him – whether it was possible to meet such a phenomenon! ...

"When I woke up shortly after midnight his warning came to my mind with its hint of danger that seemed, in the starred darkness, real enough to make me get up for the purpose of having a look round. On the hill a big fire burned, illuminating fitfully a crooked corner of the station-house. One of the agents with a picket of a few of our blacks, armed for the purpose, was keeping guard over the ivory; but deep within the forest, red gleams that wavered, that seemed to sink and rise from the ground amongst confused columnar shapes of intense blackness, showed the exact position of the camp where Mr. Kurtz's adorers were keeping their uneasy vigil. The monotonous beating of a big drum filled the air with muffled shocks and a lingering vibration. A steady droning sound of many men chanting each to himself some weird incantation came out from the black, flat wall of the woods as the humming of bees comes out of a hive, and had a strange narcotic effect upon my half-awake senses. I believe I dozed off leaning over the rail, till an abrupt burst of yells, an overwhelming outbreak of a pent-up and mysterious frenzy, woke me up in a bewildered wonder. It was cut short all at

once, and the low droning went on with an effect of audible and soothing silence. I glanced casually into the little cabin. A light was burning within, but Mr. Kurtz was not there.

"I think I would have raised an outcry if I had believed my eyes. But I didn't believe them at first – the thing seemed so impossible. The fact is I was completely unnerved by a sheer blank fright, pure abstract terror, unconnected with any distinct shape of physical danger. What made this emotion so overpowering was – how shall I define it? – the moral shock I received, as if something altogether monstrous, intolerable to thought and odious to the soul, had been thrust upon me unexpectedly. This lasted of course the merest fraction of a second, and then the usual sense of commonplace, deadly danger, the possibility of a sudden onslaught and massacre, or something of the kind, which I saw impending, was positively welcome and composing. It pacified me, in fact, so much, that I did not raise an alarm.

"There was an agent buttoned up inside an ulster and sleeping on a chair on deck within three feet of me. The yells had not awakened him; he snored very slightly; I left him to his slumbers and leaped ashore. I did not betray Mr. Kurtz – it was ordered I should never betray him – it was written I should be loyal to the nightmare of my choice. I was anxious to deal with this shadow by myself alone, – and to this day I don't know why I was so jealous of sharing with anyone the peculiar blackness of that experience.

"As soon as I got on the bank I saw a trail – a broad trail through the grass. I remember the exultation with which I said to myself, 'He can't walk – he is crawling on all-fours – I've got him.' The grass was wet with dew. I strode rapidly with clenched fists. I fancy I had some vague notion of falling upon him and giving him a drubbing. I don't know. I had some imbecile thoughts. The knitting old woman with the cat obtruded herself upon my memory as a most improper person to be sitting at the other end of such an affair. I saw a row of pilgrims squirting lead in the air out of Winchesters held to the hip. I thought I would never get back to the steamer, and imagined myself living alone and unarmed in the woods to an advanced age. Such silly things – you know. And I remember I confounded the beat of the drum with the beating of my heart, and was pleased at its calm regularity.

"I kept to the track though – then stopped to listen. The night was very clear: a dark blue space, sparkling with dew and starlight, in which black things stood very still. I thought I could see a kind of motion ahead of me. I was strangely cocksure of everything that night. I actually left the track and ran in a wide semicircle (I verily believe chuckling to myself) so as to get in front of that stir, of that motion I had seen – if indeed I had seen anything. I was circumventing Kurtz as though it had been a boyish game.

"I came upon him, and, if he had not heard me coming, I would have fallen over him too, but he got up in time. He rose, unsteady, long, pale, indistinct, like a vapor exhaled by the earth, and swayed slightly, misty and silent before me; while at my back the fires loomed between the trees, and the murmur of

many voices issued from the forest. I had cut him off cleverly; but when actually confronting him I seemed to come to my senses, I saw the danger in its right proportion. It was by no means over yet. Suppose he began to shout? Though he could hardly stand, there was still plenty of vigor in his voice. 'Go away – hide yourself,' he said, in that profound tone. It was very awful. I glanced back. We were within thirty yards from the nearest fire. A black figure stood up, strode on long black legs, waving long black arms, across the glow. It had horns – antelope horns, I think – on its head. Some sorcerer, some witch-man, no doubt: it looked fiend-like enough. 'Do you know what you are doing?' I whispered. 'Perfectly,' he answered, raising his voice for that single word: it sounded to me far off and yet loud, like a hail through a speaking-trumpet. 'If he makes a row we are lost,' I thought to myself. This clearly was not a case for fisticuffs, even apart from the very natural aversion I had to beat that Shadow – this wandering and tormented thing. 'You will be lost,' I said – 'utterly lost.' One gets sometimes such a flash of inspiration, you know. I did say the right thing, though indeed he could not have been more irretrievably lost than he was at this very moment, when the foundations of our intimacy were being laid – to endure – to endure – even to the end – even beyond.

"I had immense plans," he muttered irresolutely. 'Yes,' said I; 'but if you try to shout I'll smash your head with – ' There was not a stick or a stone near. 'I will throttle you for good,' I corrected myself. 'I was on the threshold of great things,' he pleaded, in a voice of longing, with a wistfulness of tone that made my blood run cold. 'And now for this stupid scoundrel – ' 'Your success in Europe is assured in any case,' I affirmed, steadily. I did not want to have the throttling of him, you understand – and indeed it would have been very little use for any practical purpose. I tried to break the spell – the heavy, mute spell of the wilderness – that seemed to draw him to its pitiless breast by the awakening of forgotten and brutal instincts, by the memory of gratified and monstrous passions. This alone, I was convinced, had driven him out to the edge of the forest, to the bush, towards the gleam of fires, the throb of drums, the drone of weird incantations; this alone had beguiled his unlawful soul beyond the bounds of permitted aspirations. And, don't you see, the terror of the position was not in being knocked on the head – though I had a very lively sense of that danger too – but in this, that I had to deal with a being to whom I could not appeal in the name of anything high or low. I had, even like the niggers, to invoke him – himself his own exalted and incredible degradation. There was nothing either above or below him, and I knew it. He had kicked himself loose of the earth. Confound the man! he had kicked the very earth to pieces. He was alone, and I before him did not know whether I stood on the ground or floated in the air. I've been telling you what we said – repeating the phrases we pronounced, – but what's the good? They were common everyday words, – the familiar, vague sounds exchanged on every waking day of life. But what of that? They had behind them, to my mind, the terrific suggestiveness of words heard in dreams, of phrases spoken in nightmares. Soul! If anybody had ever struggled with a soul, I am the man. And I wasn't arguing with a lunatic either. Believe me or not, his intelligence was

perfectly clear – concentrated, it is true, upon himself with horrible intensity, yet clear; and therein was my only chance – barring, of course, the killing him there and then, which wasn't so good, on account of unavoidable noise. But his soul was mad. Being alone in the wilderness, it had looked within itself, and, by heavens! I tell you, it had gone mad. I had – for my sins, I suppose – to go through the ordeal of looking into it myself. No eloquence could have been so withering to one's belief in mankind as his final burst of sincerity. He struggled with himself, too. I saw it, – I heard it. I saw the inconceivable mystery of a soul that knew no restraint, no faith, and no fear, yet struggling blindly with itself. I kept my head pretty well; but when I had him at last stretched on the couch, I wiped my forehead, while my legs shook under me as though I had carried half a ton on my back down that hill. And yet I had only supported him, his bony arm clasped round my neck – and he was not much heavier than a child.

“When next day we left at noon, the crowd, of whose presence behind the curtain of trees I had been acutely conscious all the time, flowed out of the woods again, filled the clearing, covered the slope with a mass of naked, breathing, quivering, bronze bodies. I steamed up a bit, then swung down-stream, and two thousand eyes followed the evolutions of the splashing, thumping, fierce river-demon beating the water with its terrible tail and breathing black smoke into the air. In front of the first rank, along the river, three men, plastered with bright red earth from head to foot, strutted to and fro restlessly. When we came abreast again, they faced the river, stamped their feet, nodded their horned heads, swayed their scarlet bodies; they shook towards the fierce river-demon a bunch of black feathers, a mangy skin with a pendent tail – something that looked like a dried gourd; they shouted periodically together strings of amazing words that resembled no sounds of human language; and the deep murmurs of the crowd, interrupted suddenly, were like the response of some satanic litany.

“We had carried Kurtz into the pilot-house: there was more air there. Lying on the couch, he stared through the open shutter. There was an eddy in the mass of human bodies, and the woman with helmeted head and tawny cheeks rushed out to the very brink of the stream. She put out her hands, shouted something, and all that wild mob took up the shout in a roaring chorus of articulated, rapid, breathless utterance.

“Do you understand this?” I asked.

“He kept on looking out past me with fiery, longing eyes, with a mingled expression of wistfulness and hate. He made no answer, but I saw a smile, a smile of indefinable meaning, appear on his colorless lips that a moment after twitched convulsively. ‘Do I not?’ he said slowly, gasping, as if the words had been torn out of him by a supernatural power.

“I pulled the string of the whistle, and I did this because I saw the pilgrims on deck getting out their rifles with an air of anticipating a jolly lark. At the sudden screech there was a movement of abject terror through that wedged mass of bodies. ‘Don’t! Don’t you frighten them away,’ cried someone on deck disconsolately. I pulled the string time after time. They broke and ran, they

leaped, they crouched, they swerved, they dodged the flying terror of the sound. The three red chaps had fallen flat, face down on the shore, as though they had been shot dead. Only the barbarous and superb woman did not so much as flinch, and stretched tragically her bare arms after us over the somber and glittering river.

“And then that imbecile crowd down on the deck started their little fun, and I could see nothing more for smoke.

“The brown current ran swiftly out of the heart of darkness, bearing us down towards the sea with twice the speed of our upward progress; and Kurtz’s life was running swiftly too, ebbing, ebbing out of his heart into the sea of inexorable time. The manager was very placid, he had no vital anxieties now, he took us both in with a comprehensive and satisfied glance: the ‘affair’ had come off as well as could be wished. I saw the time approaching when I would be left alone of the party of ‘unsound method.’ The pilgrims looked upon me with disfavor. I was, so to speak, numbered with the dead. It is strange how I accepted this unforeseen partnership, this choice of nightmares forced upon me in the tenebrous land invaded by these mean and greedy phantoms.

“Kurtz discoursed. A voice! a voice! It rang deep to the very last. It survived his strength to hide in the magnificent folds of eloquence the barren darkness of his heart. Oh, he struggled! he struggled! The wastes of his weary brain were haunted by shadowy images now – images of wealth and fame revolving obsequiously round his unextinguishable gift of noble and lofty expression. My Intended, my station, my career, my ideas – these were the subjects for the occasional utterances of elevated sentiments. The shade of the original Kurtz frequented the bedside of the hollow sham, whose fate it was to be buried presently in the mold of primeval earth. But both the diabolic love and the unearthly hate of the mysteries it had penetrated fought for the possession of that soul satiated with primitive emotions, avid of lying fame, of sham distinction, of all the appearances of success and power.

“Sometimes he was contemptibly childish. He desired to have kings meet him at railway-stations on his return from some ghastly Nowhere, where he intended to accomplish great things. ‘You show them you have in you something that is really profitable, and then there will be no limits to the recognition of your ability,’ he would say. ‘Of course you must take care of the motives – right motives – always.’ The long reaches that were like one and the same reach, monotonous bends that were exactly alike, slipped past the steamer with their multitude of secular trees looking patiently after this grimy fragment of another world, the forerunner of change, of conquest, of trade, of massacres, of blessings. I looked ahead – piloting. ‘Close the shutter,’ said Kurtz suddenly one day; ‘I can’t bear to look at this.’ I did so. There was a silence. ‘Oh, but I will wring your heart yet!’ he cried at the invisible wilderness.

“We broke down – as I had expected – and had to lie up for repairs at the head of an island. This delay was the first thing that shook Kurtz’s confidence. One morning he gave me a packet of papers and a photograph, – the lot tied together

with a shoe-string. 'Keep this for me,' he said. 'This noxious fool' (meaning the manager) 'is capable of prying into my boxes when I am not looking.' In the afternoon I saw him. He was lying on his back with closed eyes, and I withdrew quietly, but I heard him mutter, 'Live rightly, die, die ...' I listened. There was nothing more. Was he rehearsing some speech in his sleep, or was it a fragment of a phrase from some newspaper article? He had been writing for the papers and meant to do so again, 'for the furthering of my ideas. It's a duty.'

"His was an impenetrable darkness. I looked at him as you peer down at a man who is lying at the bottom of a precipice where the sun never shines. But I had not much time to give him, because I was helping the engine-driver to take to pieces the leaky cylinders, to straighten a bent connecting-rod, and in other such matters. I lived in an infernal mess of rust, filings, nuts, bolts, spanners, hammers, ratchet-drills – things I abominate, because I don't get on with them. I tended the little forge we fortunately had aboard; I toiled wearily in a wretched scrap-heap – unless I had the shakes too bad to stand.

"One evening coming in with a candle I was startled to hear him say a little tremulously, 'I am lying here in the dark waiting for death.' The light was within a foot of his eyes. I forced myself to murmur, 'Oh, nonsense!' and stood over him as if transfixed.

"Anything approaching the change that came over his features I have never seen before, and hope never to see again. Oh, I wasn't touched. I was fascinated. It was as though a veil had been rent. I saw on that ivory face the expression of somber pride, of ruthless power, of craven terror – of an intense and hopeless despair. Did he live his life again in every detail of desire, temptation, and surrender during that supreme moment of complete knowledge? He cried in a whisper at some image, at some vision, – he cried out twice, a cry that was no more than a breath –

"The horror! The horror!"

"I blew the candle out and left the cabin. The pilgrims were dining in the mess-room, and I took my place opposite the manager, who lifted his eyes to give me a questioning glance, which I successfully ignored. He leaned back, serene, with that peculiar smile of his sealing the unexpressed depths of his meanness. A continuous shower of small flies streamed upon the lamp, upon the cloth, upon our hands and faces. Suddenly the manager's boy put his insolent black head in the doorway, and said in a tone of scathing contempt –

"Mistah Kurtz – he dead."

"All the pilgrims rushed out to see. I remained, and went on with my dinner. I believe I was considered brutally callous. However, I did not eat much. There was a lamp in there – light, don't you know – and outside it was so beastly, beastly dark. I went no more near the remarkable man who had pronounced a judgment upon the adventures of his soul on this earth. The voice was gone. What else had been there? But I am of course aware that next day the pilgrims buried something in a muddy hole.

“And then they very nearly buried me.

“However, as you see, I did not go to join Kurtz there and then. I did not. I remained to dream the nightmare out to the end, and to show my loyalty to Kurtz once more. Destiny. My destiny! Droll thing life is – that mysterious arrangement of merciless logic for a futile purpose. The most you can hope from it is some knowledge of yourself – that comes too late – a crop of unextinguishable regrets. I have wrestled with death. It is the most unexciting contest you can imagine. It takes place in an impalpable grayness, with nothing underfoot, with nothing around, without spectators, without clamor, without glory, without the great desire of victory, without the great fear of defeat, in a sickly atmosphere of tepid skepticism, without much belief in your own right, and still less in that of your adversary. If such is the form of ultimate wisdom, then life is a greater riddle than some of us think it to be. I was within a hair’s-breadth of the last opportunity for pronouncement, and I found with humiliation that probably I would have nothing to say. This is the reason why I affirm that Kurtz was a remarkable man. He had something to say. He said it. Since I had peeped over the edge myself, I understand better the meaning of his stare, that could not see the flame of the candle, but was wide enough to embrace the whole universe, piercing enough to penetrate all the hearts that beat in the darkness. He had summed up – he had judged. ‘The horror!’ He was a remarkable man. After all, this was the expression of some sort of belief; it had candor, it had conviction, it had a vibrating note of revolt in its whisper, it had the appalling face of a glimpsed truth – the strange commingling of desire and hate. And it is not my own extremity I remember best – a vision of grayness without form filled with physical pain, and a careless contempt for the evanescence of all things – even of this pain itself. No! It is his extremity that I seem to have lived through. True, he had made that last stride, he had stepped over the edge, while I had been permitted to draw back my hesitating foot. And perhaps in this is the whole difference; perhaps all the wisdom, and all truth, and all sincerity, are just compressed into that inappreciable moment of time in which we step over the threshold of the invisible. Perhaps! I like to think my summing-up would not have been a word of careless contempt. Better his cry – much better. It was an affirmation, a moral victory paid for by innumerable defeats, by abominable terrors, by abominable satisfactions. But it was a victory! That is why I have remained loyal to Kurtz to the last, and even beyond, when a long time after I heard once more, not his own voice, but the echo of his magnificent eloquence thrown to me from a soul as translucently pure as a cliff of crystal.

“No, they did not bury me, though there is a period of time which I remember mistily, with a shuddering wonder, like a passage through some inconceivable world that had no hope in it and no desire. I found myself back in the sepulchral city resenting the sight of people hurrying through the streets to filch a little money from each other, to devour their infamous cookery, to gulp their unwholesome beer, to dream their insignificant and silly dreams. They trespassed upon my thoughts. They were intruders whose knowledge of life was to me an irritating pretense, because I felt so sure they could not possibly know

the things I knew. Their bearing, which was simply the bearing of commonplace individuals going about their business in the assurance of perfect safety, was offensive to me like the outrageous flauntings of folly in the face of a danger it is unable to comprehend. I had no particular desire to enlighten them, but I had some difficulty in restraining myself from laughing in their faces, so full of stupid importance. I dare say I was not very well at that time. I tottered about the streets – there were various affairs to settle – grinning bitterly at perfectly respectable persons. I admit my behavior was inexcusable, but then my temperature was seldom normal in these days. My dear aunt's endeavors to 'nurse up my strength' seemed altogether beside the mark. It was not my strength that wanted nursing, it was my imagination that wanted soothing. I kept the bundle of papers given me by Kurtz, not knowing exactly what to do with it. His mother had died lately, watched over, as I was told, by his Intended. A clean-shaved man, with an official manner and wearing gold-rimmed spectacles, called on me one day and made inquiries, at first circuitous, afterwards suavely pressing, about what he was pleased to denominate certain 'documents.' I was not surprised, because I had had two rows with the manager on the subject out there. I had refused to give up the smallest scrap out of that package, and I took the same attitude with the spectacled man. He became darkly menacing at last, and with much heat argued that the Company had the right to every bit of information about its 'territories.' And, said he, 'Mr. Kurtz's knowledge of unexplored regions must have been necessarily extensive and peculiar – owing to his great abilities and to the deplorable circumstances in which he had been placed: therefore' – I assured him Mr. Kurtz's knowledge, however extensive, did not bear upon the problems of commerce or administration. He invoked then the name of science. 'It would be an incalculable loss if,' &c., &c. I offered him the report on the 'Suppression of Savage Customs,' with the postscriptum torn off. He took it up eagerly, but ended by sniffing at it with an air of contempt. 'This is not what we had a right to expect,' he remarked. 'Expect nothing else,' I said. 'There are only private letters.' He withdrew upon some threat of legal proceedings, and I saw him no more; but another fellow, calling himself Kurtz's cousin, appeared two days later, and was anxious to hear all the details about his dear relative's last moments. Incidentally he gave me to understand that Kurtz had been essentially a great musician. 'There was the making of an immense success,' said the man, who was an organist, I believe, with lank gray hair flowing over a greasy coat-collar. I had no reason to doubt his statement; and to this day I am unable to say what was Kurtz's profession, whether he ever had any – which was the greatest of his talents. I had taken him for a painter who wrote for the papers, or else for a journalist who could paint – but even the cousin (who took snuff during the interview) could not tell me what he had been – exactly. He was a universal genius – on that point I agreed with the old chap, who thereupon blew his nose noisily into a large cotton handkerchief and withdrew in senile agitation, bearing off some family letters and memoranda without importance. Ultimately a journalist anxious to know something of the fate of his 'dear colleague' turned up. This visitor informed me Kurtz's proper sphere ought to have been politics 'on the popular side.' He had furry straight eyebrows, bristly hair cropped short, an eye-glass on a broad ribbon, and, becoming

expansive, confessed his opinion that Kurtz really couldn't write a bit – 'but heavens! how that man could talk! He electrified large meetings. He had faith – don't you see? – he had the faith. He could get himself to believe anything – anything. He would have been a splendid leader of an extreme party.' 'What party?' I asked. 'Any party,' answered the other. 'He was an – an – extremist.' Did I not think so? I assented. Did I know, he asked, with a sudden flash of curiosity, 'what it was that had induced him to go out there?' 'Yes,' said I, and forthwith handed him the famous Report for publication, if he thought fit. He glanced through it hurriedly, mumbling all the time, judged 'it would do,' and took himself off with this plunder.

"Thus I was left at last with a slim packet of letters and the girl's portrait. She struck me as beautiful – I mean she had a beautiful expression. I know that the sunlight can be made to lie too, yet one felt that no manipulation of light and pose could have conveyed the delicate shade of truthfulness upon those features. She seemed ready to listen without mental reservation, without suspicion, without a thought for herself. I concluded I would go and give her back her portrait and those letters myself. Curiosity? Yes; and also some other feeling perhaps. All that had been Kurtz's had passed out of my hands: his soul, his body, his station, his plans, his ivory, his career. There remained only his memory and his Intended – and I wanted to give that up too to the past, in a way, – to surrender personally all that remained of him with me to that oblivion which is the last word of our common fate. I don't defend myself. I had no clear perception of what it was I really wanted. Perhaps it was an impulse of unconscious loyalty, or the fulfillment of one of these ironic necessities that lurk in the facts of human existence. I don't know. I can't tell. But I went.

"I thought his memory was like the other memories of the dead that accumulate in every man's life, – a vague impress on the brain of shadows that had fallen on it in their swift and final passage; but before the high and ponderous door, between the tall houses of a street as still and decorous as a well-kept alley in a cemetery, I had a vision of him on the stretcher, opening his mouth voraciously, as if to devour all the earth with all its mankind. He lived then before me; he lived as much as he had ever lived – a shadow insatiable of splendid appearances, of frightful realities; a shadow darker than the shadow of the night, and draped nobly in the folds of a gorgeous eloquence. The vision seemed to enter the house with me – the stretcher, the phantom-bearers, the wild crowd of obedient worshipers, the gloom of the forests, the glitter of the reach between the murky bends, the beat of the drum, regular and muffled like the beating of a heart – the heart of a conquering darkness. It was a moment of triumph for the wilderness, an invading and vengeful rush which, it seemed to me, I would have to keep back alone for the salvation of another soul. And the memory of what I had heard him say afar there, with the horned shapes stirring at my back, in the glow of fires, within the patient woods, those broken phrases came back to me, were heard again in their ominous and terrifying simplicity. I remembered his abject pleading, his abject threats, the colossal scale of his vile desires, the meanness, the torment, the tempestuous anguish of his soul. And later on I seemed to see his collected languid manner, when he said one day, 'This lot of ivory now is really mine. The Company did not pay for it. I collected it myself at a very great personal risk I am afraid they will try to claim it as theirs though. H'm. It is a difficult case. What do you think I ought to do – resist? Eh? I want no

more than justice.'... He wanted no more than justice – no more than justice. I rang the bell before a mahogany door on the first floor, and while I waited he seemed to stare at me out of the glassy panel – stare with that wide and immense stare embracing, condemning, loathing all the universe. I seemed to hear the whispered cry, 'The horror! The horror!'

"The dusk was falling. I had to wait in a lofty drawing-room with three long windows from floor to ceiling that were like three luminous and bedraped columns. The bent gilt legs and backs of the furniture shone in indistinct curves. The tall marble fireplace had a cold and monumental whiteness. A grand piano stood massively in a corner, with dark gleams on the flat surfaces like a somber and polished sarcophagus. A high door opened – closed. I rose.

"She came forward, all in black, with a pale head, floating towards me in the dusk. She was in mourning. It was more than a year since his death, more than a year since the news came; she seemed as though she would remember and mourn for ever. She took both my hands in hers and murmured, 'I had heard you were coming.' I noticed she was not very young – I mean not girlish. She had a mature capacity for fidelity, for belief, for suffering. The room seemed to have grown darker, as if all the sad light of the cloudy evening had taken refuge on her forehead. This fair hair, this pale visage, this pure brow, seemed surrounded by an ashy halo from which the dark eyes looked out at me. Their glance was guileless, profound, confident, and trustful. She carried her sorrowful head as though she were proud of that sorrow, as though she would say, 'I – I alone know how to mourn for him as he deserves. But while we were still shaking hands, such a look of awful desolation came upon her face that I perceived she was one of those creatures that are not the playthings of Time. For her he had died only yesterday. And, by Jove! the impression was so powerful that for me too he seemed to have died only yesterday – nay, this very minute. I saw her and him in the same instant of time – his death and her sorrow – I saw her sorrow in the very moment of his death. Do you understand? I saw them together – I heard them together. She had said, with a deep catch of the breath, 'I have survived;' while my strained ears seemed to hear distinctly, mingled with her tone of despairing regret, the summing-up whisper of his eternal condemnation. I asked myself what I was doing there, with a sensation of panic in my heart as though I had blundered into a place of cruel and absurd mysteries not fit for a human being to behold. She motioned me to a chair. We sat down. I laid the packet gently on the little table, and she put her hand over it... 'You knew him well,' she murmured, after a moment of mourning silence.

"Intimacy grows quick out there,' I said. 'I knew him as well as it is possible for one man to know another.'

"And you admired him,' she said. 'It was impossible to know him and not to admire him. Was it?'

"He was a remarkable man,' I said, unsteadily. Then before the appealing fixity of her gaze, that seemed to watch for more words on my lips, I went on, 'It was impossible not to –'

"Love him,' she finished eagerly, silencing me into an appalled dumbness. 'How true! how true! But when you think that no one knew him so well as I! I had all his noble confidence. I knew him best.'

"You knew him best,' I repeated. And perhaps she did. But with every

word spoken the room was growing darker, and only her forehead, smooth and white, remained illumined by the unextinguishable light of belief and love.

"'You were his friend,' she went on. 'His friend,' she repeated, a little louder. 'You must have been, if he had given you this, and sent you to me. I feel I can speak to you – and oh! I must speak. I want you – you who have heard his last words – to know I have been worthy of him... It is not pride... Yes! I am proud to know I understood him better than anyone on earth – he told me so himself. And since his mother died I have had no one – no one – to – to –'

"I listened. The darkness deepened. I was not even sure whether he had given me the right bundle. I rather suspect he wanted me to take care of another batch of his papers which, after his death, I saw the manager examining under the lamp. And the girl talked, easing her pain in the certitude of my sympathy; she talked as thirsty men drink. I had heard that her engagement with Kurtz had been disapproved by her people. He wasn't rich enough or something. And indeed I don't know whether he had not been a pauper all his life. He had given me some reason to infer that it was his impatience of comparative poverty that drove him out there.

"... Who was not his friend who had heard him speak once?' she was saying. 'He drew men towards him by what was best in them.' She looked at me with intensity. 'It is the gift of the great,' she went on, and the sound of her low voice seemed to have the accompaniment of all the other sounds, full of mystery, desolation, and sorrow, I had ever heard – the ripple of the river, the sighing of the trees swayed by the wind, the murmurs of wild crowds, the faint ring of incomprehensible words cried from afar, the whisper of a voice speaking from beyond the threshold of an eternal darkness. 'But you have heard him! You know!' she cried.

"'Yes, I know,' I said with something like despair in my heart, but bowing my head before the faith that was in her, before that great and saving illusion that shone with an unearthly glow in the darkness, in the triumphant darkness from which I could not have defended her – from which I could not even defend myself.

"'What a loss to me – to us!' – she corrected herself with beautiful generosity; then added in a murmur, 'To the world.' By the last gleams of twilight I could see the glitter of her eyes, full of tears – of tears that would not fall.

"'I have been very happy – very fortunate – very proud,' she went on. 'Too fortunate. Too happy for a little while. And now I am unhappy for – for life.'

"She stood up; her fair hair seemed to catch all the remaining light in a glimmer of gold. I rose too.

"'And of all this,' she went on, mournfully, 'of all his promise, and of all his greatness, of his generous mind, of his noble heart, nothing remains – nothing but a memory. You and I –'

"'We shall always remember him,' I said, hastily.

"'No!' she cried. 'It is impossible that all this should be lost – that such a life should be sacrificed to leave nothing – but sorrow. You know what vast plans he had. I knew of them too – I could not perhaps understand, – but others knew of them. Something must remain. His words, at least, have not died.'

"'His words will remain,' I said.

“‘And his example,’ she whispered to herself. ‘Men looked up to him, – his goodness shone in every act. His example – ‘

“‘True,’ I said; ‘his example too. Yes, his example. I forgot that.’

“‘But I do not. I cannot – I cannot believe – not yet. I cannot believe that I shall never see him again, that nobody will see him again, never, never, never.’

“She put out her arms as if after a retreating figure, stretching them black and with clasped pale hands across the fading and narrow sheen of the window. Never see him! I saw him clearly enough then. I shall see this eloquent phantom as long as I live, and I shall see her too, a tragic and familiar Shade, resembling in this gesture another one, tragic also, and bedecked with powerless charms, stretching bare brown arms over the glitter of the infernal stream, the stream of darkness. She said suddenly very low, ‘He died as he lived.’

“‘His end,’ said I, with dull anger stirring in me, ‘was in every way worthy of his life.’

“‘And I was not with him,’ she murmured. My anger subsided before a feeling of infinite pity.

“‘Everything that could be done – ‘ I mumbled.

“‘Ah, but I believed in him more than anyone on earth – more than his own mother, more than – himself. He needed me! Me! I would have treasured every sigh, every word, every sign, every glance.’

“‘I felt like a chill grip on my chest. ‘Don’t,’ I said, in a muffled voice.

“‘Forgive me. I – I – have mourned so long in silence – in silence... You were with him – to the last? I think of his loneliness. Nobody near to understand him as I would have understood. Perhaps no one to hear...’

“‘To the very end,’ I said, shakily. ‘I heard his very last words...’
I stopped in a fright.

“‘Repeat them,’ she said in a heart-broken tone. ‘I want – I want – something – something – to – to live with.’

“‘I was on the point of crying at her, ‘Don’t you hear them?’ The dusk was repeating them in a persistent whisper all around us, in a whisper that seemed to swell menacingly like the first whisper of a rising wind. ‘The horror! The horror!’

“‘His last word – to live with,’ she murmured. ‘Don’t you understand I loved him – I loved him – I loved him!’

“‘I pulled myself together and spoke slowly.

“‘The last word he pronounced was – your name.’

“‘I heard a light sigh, and then my heart stood still, stopped dead short by an exulting and terrible cry, by the cry of inconceivable triumph and of unspeakable pain. ‘I knew it – I was sure!’ ... She knew. She was sure. I heard her weeping; she had hidden her face in her hands. It seemed to me that the house would collapse before I could escape, that the heavens would fall upon my head. But nothing happened. The heavens do not fall for such a trifle. Would they have fallen, I wonder, if I had rendered Kurtz that justice which was his due? Hadn’t he said he wanted only justice? But I couldn’t. I could not tell her. It would have been too dark – too dark altogether...”

Marlow ceased, and sat apart, indistinct and silent, in the pose of a meditating Buddha. Nobody moved for a time. "We have lost the first of the ebb," said the Director, suddenly. I raised my head. The offing was barred by a black bank of clouds, and the tranquil waterway leading to the uttermost ends of the earth flowed somber under an overcast sky – seemed to lead into the heart of an immense darkness.

JOSEPH CONRAD

3 de dezembro de 1857 – 3 de agosto de 1924

Joseph Conrad, nome de nome de batismo de Józef Teodor Nałecz Korzeniowski (Berdyczew, 3 de dezembro de 1857 – Bishoppoune, 3 de agosto de 1924), foi um escritor britânico de origem polonesa.

Joseph Conrad foi educado na Polônia ocupada pelo Império Russo. Seu pai, um aristocrata empobrecido de Nałecz, foi escritor e militante armado, sendo preso por suas atividades revolucionárias pelas autoridades russas e condenado a trabalhos forçados na Sibéria. Pouco depois, sua mãe morreu de tuberculose no exílio, e também seu pai quatro anos depois, apesar de ter sido autorizado a voltar à Cracóvia. Destas traumáticas experiências de menino durante a ocupação russa é possível que Conrad derivasse temas contra o colonialismo como no romance “O Coração das Trevas”.

Foi colocado sob os cuidados de seu tio, figura mais cautelosa do que qualquer um de seus pais, a que não obstante permitiu que Conrad viajasse à Marselha e começasse sua carreira como marinheiro, aos 17 anos. Aos 21 anos tinha aprendido inglês, língua na qual mais tarde escreveu com excelência. Conseguiu, depois de várias tentativas, passar no exame de capitão e finalmente conseguiu a nacionalidade britânica em 1884.

Conrad viveu uma vida cheia de aventuras, entrando em conspirações e se envolvendo no contrabando de armas políticas, que mais tarde fariam parte dos relatos de um de seus romances “A Flecha de Ouro”. Aparentemente, ele teve um caso amoroso desastroso que o mergulhou em desespero. Uma viagem pela costa da Colômbia forneceria material para “Nostromo”, nome do primeiro imediato do navio e que se tornou o modelo para que Conrad o transformasse no herói do romance.

Em 1878, Conrad foi ferido no peito em um duelo em Marselha, que ele diria a seu tio que havia sido uma tentativa fracassada de suicídio. Em 1878, passou a servir em um barco britânico para evitar o serviço militar russo, embarcando com destino a Constantinopla antes de seu retorno ao Lowestoft, seu primeiro desembarque na Grã-Bretanha.

Muitas das obras de Conrad se centram em marinheiros e no mar e nas relações entre colonizados e colonizadores, bem como sobre as relações opressivas de intriga e espionagem no romance “O Agente Secreto”.

Sua última obra publicada em vida foi “The Rover”, de 1923, onde conta a história de Peyrol, um pirata que decide se reabilitar.

Dos romances de Conrad, “Lord Jim” e “Nostromo” são os mais famosos e os mais lidos, tanto no meio acadêmico quanto junto ao público em geral. “O Agente Secreto” e “Sob os olhos ocidentais” também são considerados

pela crítica especializada como dois de seus melhores livros. Provavelmente o trabalho mais influente de Conrad continue a ser “O Coração das Trevas”, romance que descreve a viagem pela escuridão da psique humana. Esta obra ainda ressoa entre os leitores modernos após obter ampla notoriedade com a adaptação para o cinema através do filme de Francis Ford Coppola, “Apocalypse Now”, mesmo com a transposição do local da trama do romance, do interior da África, do século XIX, para a Guerra do Vietnã.

Conrad era um homem sujeito a crises emocionais de depressão, insegurança e pessimismo, disciplinando o seu temperamento romântico com um julgamento moral impiedoso. Como artista, ele aspirava a fama, o que pode-se ser observado em seu prefácio ao romance “O Negro Abordo do Narcisso”, publicado em 1897, “pelo poder da palavra escrita, faço-o ouvir, faço-o sentir... antes de tudo, faço-o ver. Isso, e apenas isso, é o que importa afinal. Se eu conseguir, você deve se encontrar justamente lá com todos os seus temores e desejos: o encorajamento, o consolo, o medo e o charme, tudo que talvez você procure, e, talvez, também, vislumbre na verdade para a qual você tenha se esquecido”.

Conrad se mostrou em muitas de suas obras em prosa com a fluência de um poeta impressionista de primeira ordem: assim, por exemplo, no tribunal de Patna apresenta cenas evocativas; em “Lord Jim”, descreve a melancolia da personagem; cenas repletas de loucura como as “de um elefante louco” na canhoneira de “O Coração das Trevas”; ressonâncias verbais e conceituais nas páginas de “Nostromo” e de “O Negro Abordo do Narcisso”.

Viveu em Londres e, posteriormente, perto do condado de Kent, onde veio a falecer aos 67 anos, vitimado por um ataque cardíaco.

O filósofo Bertrand Russell, que veio conhecê-lo logo após sua chegada à Inglaterra, tinha verdadeiro fascínio por sua obra, em especial, “O Coração das Trevas”. O grau de amizade foi tal que Russell batizou um de seus filhos com o nome “Conrad”.